

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**COPAGRIL: UMA ANÁLISE DO COOPERATIVISMO NO OESTE DO PARANÁ**

**ARNO ALEXANDRE GERKE**

**ORIENTADOR: LANDO ROGÉRIO KROETZ**

**CURITIBA — 1992**

ARNO ALEXANDRE GERKE

COPAGRIL: UMA ANÁLISE DO COOPERATIVISMO NO EXTREMO-OESTE  
DO PARANÁ

Dissertação apresentada ao Curso  
de Pós-Graduação de História da  
Universidade Federal do Paraná,  
como requisito parcial à obtenção  
do grau de Mestre.

CURITIBA

1992

COPAGRIL: UMA ANÁLISE DO COOPERATIVISMO NO EXTREMO-OESTE DO PARANÁ

por

ARNO ALEXANDRE GERKE

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre do Curso de Pós-Graduação de História, pela Comissão formada pelos professores.

Orientador:

---

DR. LANDO ROGÉRIO KROETZ

Professor

---

DR. SÉRGIO ODILON NADALIN

Professor

---

DRA. SILVIA MARIA PEREIRA DE ARAÚJO

Professora

CURITIBA - PR

## DEDICAÇÃO

Dedico este trabalho, em primeiro lugar, para Deus e, em segundo lugar, para minha família, à minha esposa Oli, aos meus filhos Harraldo, Adriane, Dorian, Claus e Ingo, aos meus netos Rafael e Martina e a todos os colegas professores.

#### AGRADECIMENTOS

Minha gratidão aos meus colegas de Curso, aos Professores, especialmente ao Orientador LANDO ROGÉRIO KROETZ, à Coordenação, aos bibliotecários, pela atenção e estímulo, à Organização das Cooperativas do Paraná, ao Governo do Estado, ao Núcleo Regional de Educação de Toledo e à UNIOESTE/FACIMAR, pela possibilidade de fazer o curso, e ao PICD/CAPES.

## SUMÁRIO

LISTA DE MAPAS.....	I
LISTA DE ABREVIATURAS.....	II
LISTA DE GRÁFICOS.....	III
LISTAS DE QUADROS.....	IV
RESUMO.....	V
INTRODUÇÃO.....	01
I - A MARCHA PARA OESTE.....	13
1.1 - O quadro natural.....	15
1.2 - O primeiro contato com europeus.....	20
1.3 - As reduções jesuíticas.....	22
1.4 - A presença estrangeira.....	26
1.5 - A colônia militar de Foz do Iguaçu.....	28
1.6 - Obrages e mensus.....	30
1.7 - A presença inglesa.....	35
1.8 - A colonização.....	38
1.9 - O município de Marechal Cândido Rondon.....	44

II - AGRICULTURA TRADICIONAL.....	48
2.1 - Os pioneiros.....	51
2.2 - O duro dia a dia.....	57
2.3 - A crise.....	61
III - A GÊNESE COOPERATIVISTA.....	65
3.1 - O Associonismo.....	68
3.2 - Os Pioneiros de Rochdale.....	72
3.3 - O cooperativismo.....	74
3.4 - As cooperativas pelos continentes.....	77
3.4.1- Cooperativismo na Alemanha.....	80
3.4.2 - O cooperativismo em Cuba.....	83
3.4.3 - Na Índia.....	86
3.4.4 - Israel, o país de muitas cooperativas.....	87
3.4.5 - Os ejidos do México.....	91
3.4.6 - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.....	94
3.5 - O cooperativismo no Brasil.....	96
3.6 - O cooperativismo do Paraná.....	103
3.7 - PIC - Programa Iguacu de Cooperativas.....	111
3.8 - COPAGRIL - Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda...	116
3.8.1 - A fundação.....	120
3.8.2 - O início.....	123
3.8.3 - Altos e baixos.....	127
3.8.4 - A recuperação.....	132
3.8.5 - A consolidação.....	138
IV - A REVOLUÇÃO VERDE.....	143
4.1 - A devastação.....	149
4.2 - O binômio soja e trigo.....	152
4.3 - A diversificação.....	156
4.4 - A agroindustrialização.....	159

V - AS CONTRADIÇÕES.....	165
5.1 - A empresa.....	165
5.2 - A expansão.....	170
5.3 - A COPAGRIL e o princípios cooperativistas.....	174
5.4 - O associado.....	192
CONCLUSÃO.....	206
SUMARY.....	211
GLOSSÁRIO.....	212
FONTES DE PESQUISA.....	217
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	219
OBRAS CITADAS .....	219
OBRAS CONSULTADAS.....	224
ENTREVISTAS.....	228



## LISTA DE ABREVIATURAS

AACC	Associação Atlética Cultural Copagril
ACARPA	Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná
ACI	Aliança de Cooperativas Internacional
ACJC	Associação de Clubes de Jovens Cooperativistas
AGF	Aquisição do Governo Federal
AGRÁRIA	Cooperativa Agrária Mista Entre Rios LTDA
AMCL	Associação Municipal dos Criadores de Leite
AMS	Associação Municipal de Suinocultores
BATAVO	Cooperativa Agro-pecuária Batavo LTDA
BNCC	Banco Nacional de Crédito Cooperativo
BRDE	Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul
CAC	Cooperativa Agrícola Cotia
CAIS	Complexo Agroindustrial
CAMDUL	Cooperativa Agrícola Mista Duovizinhense Ltda
CAMILAS	Cooperativa Agropecuária Mista de Laranjeiros do Sul Ltda
CAMPAL	Cooperativa Mista Agrícola de Palotina Ltda
CAPEG	Cooperativa Agropecuária Guarany Ltda
CASTROLANDA	Sociedade Cooperativa Castrolanda Ltda
CECEPAR	Comissão Estadual de Comitês Educativos
CECOOP	Coordenação de Cooperativismo
CENTRALNORTE	Cooperativa Central Agropecuária do Norte do Paraná Ltda
CEPAL	Comissão Econômica para América Latina
CFCR	Contribuição Federal Constitucional Rural
CCLFL	Cooperativa Central de Laticínios do Paraná Ltda

CFP	Companhia de Financiamento da Produção
CIBRAZEM	Companhia Brasileira de Armazenamento
CIROSA	Comércio e Indústria Rondonense de óleos S/A
CNC	Conselho Nacional de Cooperativismo
COAGRO	Cooperativa Agropecuária Capanema Ltda
COAMAR	Cooperativa dos Produtores de Cana e Consumidores de Álcool Margaridense Ltda
COAMO	Cooperativa Agropecuária Morraoense Ltda
COAP	Cooperativa Agropecuária Fiquiri Ltda
COCAMAR	Cooperativa de Cafeicultores e Agropecuaristas de Maringá-Ltda
COCAF	Cooperativa Central Agropecuária do Paraná Ltda
COASUL	Cooperativa Agropecuária do Sudoeste Ltda
COCARI	Cooperativa de Cafeicultores de Mandaguari Ltda
COCPM	Comissão de Organização de Cooperativas de Produção de Mate
COMFRABEL	Cooperativa Mista Francisco Beltrão Ltda
CONFEPAR	Confederação das Cooperativas Centrais Agropecuária do Paraná Ltda
COOPERSABAD	Cooperativa Agropecuária Sabadi Ltda
COOPERSUL	Cooperativa Central Agropecuária dos Campos Gerais Ltda
COOPERVALE	Cooperativa Agrícola Mista do Vale do Piquiri Ltda
COOPSUL	Cooperativa dos Produtores Rurais do Mato Grosso do Sul Ltda
COPACOL	Cooperativa Agrícola Consolata Ltda
COPAGRIL	Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda
COPAGRO	Cooperativa Agropecuária Mista do Oeste Ltda
COTREFAL	Cooperativa Agrícola Três Fronteiras Ltda
COTRIGUAÇU	Cooperativa Central Regional Iguaçú Ltda
CPD	Centro de Processamento de Dados
CREDILADO	Cooperativa de Crédito Rural
CTRIN	Comissão de Trigo Nacional

DAC	Departamento de Assistência de Cooperativas
DACS	Departamento de Assistência ao Cooperativismo
EGF	Empréstimo do Governo Federal
EMATER	Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FAEP	Federação da Agricultura do Estado do Paraná
FATES	Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social
FCGR	Fundo de Capitalização de Giro Rotativo
GETSOP	Grupo Executivo de Terras do Sudoeste e Oeste do Paraná
IBC	Instituto Brasileiro do Café
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INCRA	Instituto Brasileiro de Colonização e Reforma Agrária
INDA	Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário
MARIPÁ	Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A.
NORCOOP	Projeto de Cooperativismo do Norte do Paraná
OCB	Organização das Cooperativas do Brasil
OCEPAR	Organização das Cooperativas do Paraná
ORGASOL	Organização Agrocomercial Industrial do Oeste Ltda
PIC	Projeto Iguacu de Cooperativas
PIDCOOP	Projeto Integrado de Desenvolvimento de Cooperativas
PLANATE	Plano Nacional de Assistência Técnica às Cooperativas
PND	Plano Nacional de Desenvolvimento
PROAGRO	Programa de Garantia de Atividades Agropecuárias
SEAG	Secretaria de Estado da Agricultura
SUDCOPP	Cooperativa Central Agropecuária do Sudoeste Ltda
SULCOOP	Projeto Centro-Sul de Cooperativas
UBS	Unidade de Beneficiamento de Sementes
USAID	Agência Norte-americana de Desenv. Internacional
VBC	Valor Básico do Custeio

WITMARSUM

Cooperativa Agropecuária Witmarsum Ltda

## LISTA DE MAPAS

no	TÍTULO	PG.No
01	- PARANÁ, EXTREMO E MARECHAL CÂNDIDO RONDON.....	16
02	- PARANÁ: QUADRO NATURAL.....	18
03	- SETE QUEDAS.....	21
04	- PRIMEIROS CONTATOS EUROPEUS.....	23
05	- REDUÇÕES JESUÍTICAS.....	25
06	- PRINCIPAIS OBRAGES NO OESTE DO PARANÁ.....	32
07	- FAZENDA BRITÂNIA - CIA. DE MADERAS DEL ALTO PARANÁ....	34
08	- PARTE DA FAZENDA BRITÂNIA - MARIPÁ.....	42
09	- MUNICÍPIO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON.....	47
10	- COOPERATIVAS DO PARANÁ.....	110
11	- PRIC. PROJETO IGUAÇU DE COOPERATIVAS.....	115
12	- ÁREA DE AÇÃO DA COPAGRIL.....	130

## LISTA DOS GRÁFICOS

Nº	TÍTULO	Pg.
01	MÉDIA DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS.....	52
02	POPULAÇÃO RURAL E URBANA DE MARECHAL CANDIDO RONDON.....	54
03	SITUAÇÃO DA AGRICULTURA EM 1956.....	56
04	SITUAÇÃO DA SUINOCULTURA.....	63
05	COOPERATIVAS PELOS CONTINENTES.....	78
06	COOPERATIVAS NA ALEMANHA.....	82
07	COOPERATIVISMO EM CUBA.....	85
08	COOPERATIVISMO EM ISRAEL.....	90
09	COOPERATIVISMO NO MÉXICO.....	93
10	COLETIVISMO NA UNIÃO SOVIÉTICA.....	97
11	COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS BRASILEIRAS.....	101
12	PARTICIPAÇÃO NA AGROINDÚSTRIA.....	104
13	PARTICIPAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO PARANÁ.....	112
14	CENTRAIS DE COOPERATIVAS.....	117
15	COOPAGRIL - FUNDAÇÃO.....	122
16	SITUAÇÃO AGRICULTURA NO BRASIL.....	145
17	EVOLUÇÃO FUNDIÁRIA.....	148
18	PARTICIPAÇÃO NA COMERCIALIZAÇÃO.....	162
19	ASSOCIADOS QUE DEIXARAM A COOPAGRIL.....	177
20	ESTADOS EM QUE SE FIXARAM.....	179
21	PRESENCAS DOS ASSOCIADOS NAS ASSEMBLÉIAS GERAIS.....	181
22	PRESENCAS DE ENTIDADES NAS ASSEMBLÉIAS DA COOPAGRIL.....	183
23	RESULTADOS DAS SOBRAS DA COOPAGRIL.....	188

23	RESULTADOS DAS SOBRAS DA COOPAGRIL.....	188
24	PRÓ-LABORE DO DIRETOR PRESIDENTE DA COPAGRIL.....	191
25	MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS DOS ASSOCIADOS DA COPAGRIL.....	194
26	SITUAÇÃO DOS ASSOCIADOS DA COPAGRIL.....	196
27	DÍVIDAS DOS ASSOCIADOS DA COPAGRIL.....	198
28	COMPARAÇÃO DO MAQUINÁRIO E EQUIPAMENTOS COM O VALOR EM SALÁRIO MÍNIMO.....	201

## LISTA DE QUADROS

Nº	TÍTULO	PG
01	EVOLUÇÃO DO QUADRO SOCIAL, FUNCIONAL E DE ASSISTÊNCIA AGROPECUÁRIA .....	167
02	EVOLUÇÃO DA CAPACIDADE FÍSICA DA COPAGRIL ..	173
03	QUADRO EVOLUTIVO DA AGROINDUSTRIALIZAÇÃO ..	175
04	QUADRO EVOLUTIVO DA PRODUÇÃO .....	204
05	QUADRO EVOLUTIVO DA COMERCIALIZAÇÃO DE INSUMOS .....	205



## RESUMO

A região do Extremo-Oeste do Paraná foi colonizada por pequenas e médias propriedades. Nas primeiras duas décadas, praticou-se uma agricultura tradicional e a suinocultura. O surgimento das cooperativas modificaram as relações de comercialização e de produção no setor rural. Houve um período de pré-cooperativismo. A primeira cooperativa moderna foi a dos Pioneiros de Rochdale. Posteriormente, formou-se a doutrina cooperativista, baseada na ajuda mútua e na solidariedade. Este tipo de organização está presente em todos os continentes. As cooperativas de produção integral que se destacam são os kibbutz, ejidos e kolkhozes. No Brasil, este movimento tomou impulso com a imigração européia. Teve fases bem distintas. Houve excessiva intervenção estatal. Atualmente, estão na trilha da autogestão. As cooperativas do Paraná tiveram uma periodização semelhante com a produção da época. Dividiu-se a atuação das mesmas em projetos distintos e delimitou-se a atuação de cada uma. O Sudoeste e o Oeste do Paraná compreendem o Projeto Iguazu de Cooperativas. Neste contexto está incluso a Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda. Teve poucos membros na sua fundação e a maioria não era de agricultores de ofício. A primeira administração procurou dar a infra-estrutura física para o empreendimento. A segunda iniciou com boas expectativas, mas entrou em grandes dificuldades financeiras. A terceira teve o trabalho de recuperar a credibilidade. Por fim, consolidou-se a sociedade. A modernização da agricultura teve resultados nefastos no seu início. Mais tarde, houve uma recuperação da policultura. A COPAGRIL teve uma expansão maior que seus associados. A aplicação dos princípios cooperativistas tem acertos e desvios. Os associados, que eram simples colonos, transformaram-se em empresários rurais.

## INTRODUÇÃO

O cooperativismo tem sido objeto de investigação por parte de muitos interessados pelos problemas da produção agrícola e do consumo. Este sistema alcançou o Brasil no setor agrário no início dos anos vinte (já existia há meio século), introduzido pelos imigrantes.

O Brasil teve, ao longo de sua história, uma base econômica alicerçada no setor agropecuário. A experiência cooperativista neste setor já completava sete décadas, mas só tomou impulso no início dos anos de 1970, carregada com as vicissitudes desta época.

A dependência da economia nacional de produtos industrializados oriundos do exterior, em contrapartida com a exportação de sua produção primária, fez com que muitos adeptos do nacional-desenvolvimentismo sustentassem o ideal da implantação de uma indústria que suprisse o mercado nacional. A formação do parque industrial tornou-se, com o tempo, o maior da América Latina, embora dependente do capital externo, mas a atividade agropecuária não teve a mesma evolução. Havia necessidade de modernização para formar um mercado consumidor mais amplo e fornecer um excedente de mão-de-obra, necessária para o setor secundário.

Muitos estudiosos do assunto sugeriram a modernização agropecuária por meio das cooperativas. Todavia, as concepções da cooperativa de produção apresentavam contrastes violentos com as con-

cepções da cooperativa de produção integral. Os kibbutz de Israel, que têm uma vida comunitária plena, diferem da cooperativa estudada neste trabalho, que visa apenas à comercialização dos produtos.

Na década de 1970, o capitalismo internacional, aliado ao governo militar do Brasil, encontrou, em parte, a solução para o atraso agropecuário, em algumas regiões, pela adoção de cooperativas agropecuárias, que foram os veículos da modernização da agricultura, da eliminação dos intermediários na comercialização e do aumento da capacidade de armazenamento. A consequência foi a absorção do pacote tecnológico, tornando a agricultura dependente de máquinas e equipamentos, da utilização de insumos modernos, como fertilizantes químicos, herbicidas, fungicidas e inseticidas, e de sementes selecionadas oriundos de empresas transnacionais. A produção agrícola visava suprir o mercado externo e não se preocupava com a subsistência da maioria da população. O produtor rural tornou-se subordinado aos fornecedores de tecnologia e aos sistemas financeiros, além de não prover a sua própria subsistência.

O Extremo-Oeste do Paraná foi a última microrregião a ser ocupada e colonizada, sendo o palco mais evidente desta experiência, que é análoga em outras regiões do estado e do Brasil.

A estrutura da microrregião foi sempre baseada no setor primário, a agropecuária, que encontrou um solo fértil, um relevo plano, um clima propício e um elemento humano experiente. O grande transtorno era as péssimas condições de transporte, recebendo melhorias, como a ligação asfáltica, somente a partir da década de 70. O transporte ferroviário está a trezentos quilômetros e a navegação fluvial, devido à falta de organização do sistema deste tipo de transporte, ainda não teve êxito.

O Extremo-Oeste teve uma conjuntura no início dos anos de 50 até fins dos anos 60 que neste trabalho foi denominado de agricultura tradicional, formada por pequenas propriedades, sustentada pelo trabalho familiar, baseada na policultura e suino-

cultura, produzindo para a subsistência e o suprimento do mercado local e regional. Nesta fase, o produtor rural caracterizava-se como lavrador, era auto-suficiente na condução de sua atividade e possuía uma condição social semelhante aos outros lavradores. A comercialização de sua produção era feita pelos comerciantes, que, em troca, traziam de centros próximos os suprimentos de que os agricultores necessitavam.

No início da década de 70, houve uma grande alteração nesta conjuntura, que coincidiu com a adoção de cooperativas agropecuárias de maneira compulsória. Este período foi denominado de "Revolução Verde", a fase da modernização da agricultura. O trabalho familiar foi muitas vezes substituído pela contratação de mão-de-obra permanente e/ou temporária. O que permanecia, e permanece, é a pequena e média propriedade. Uma enorme diferença na situação econômica e social começou a aparecer entre os produtores rurais. Parte dos lavradores transformaram-se em empresários rurais bem-sucedidos, com maquinário e implementos próprios e conseguindo bons preços no mercado externo para seus produtos. A outra parte tornou-se dependente, principalmente do maquinário destes primeiros, e não teve o mesmo desenvolvimento. A policultura deu lugar a uma monocultura comercial.

A região estudada tem, em quase todas as sedes municipais, cooperativas agropecuárias que influíram na produção agropecuária, na comercialização da produção dos associados, na venda de insumos e, mais tarde, nas atividades industriais, trazendo alterações sócio-econômicas, políticas e culturais.

O presente estudo visa entender a ocupação da região Oeste e a implantação fundiária baseada na pequena propriedade, com a manutenção através da mão-de-obra familiar, e verificar as alterações ocorridas com a criação e evolução da COPAGRIL<sup>1</sup> durante os

---

<sup>1</sup> COPAGRIL. Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda, com sede em Marechal Cândido Rondon, fundada em 09 de agosto de 1970, conforme ata da Assembléia Geral Extraordinária nº 01, de 09.08.1970.

anos de 1970 a 1990. Com o advento do cooperativismo no setor agropecuário, ocorreram profundas transformações nesta atividade. A conseqüente atuação do capitalismo, o aprofundamento ideológico, filosófico e sua especificidade ajudaram a expandir o crescimento da empresa neste período. A vinculação do valor do produto rural à aquisição de máquinas e equipamentos pelos agropecuaristas foi também analisada, assim como as aplicações práticas dos princípios cooperativistas junto ao corpo de associados.

Também procura analisar de que forma a fundação e a organização da cooperativa, aliada ao sistema de comercialização dos produtos e insumos, bem como a vinculação dos associados à empresa e os incentivos governamentais decorrentes, constituem uma alternativa camuflada de sedimentar o sistema capitalista no setor agrícola. Tomando por base a organização de uma empresa, amparada em um modelo comunitário associativo, a cooperativa implica na sedimentação de uma ideologia que investe, em última análise, na exploração da mão-de-obra e do capital agrícola<sup>2</sup>.

Para ser melhor aceita, vale-se de uma ideologia mistificadora: fomentar um programa de assistencialismo aos produtores. Através da associação de funcionários, de clubes de jovens cooperativistas, de clubes de mães, de associações esportivas e culturais, difundiu seu ideário assistencial. Entretanto, sob o prisma econômico, o que conta, na verdade, é a cotação dos produtos em alta nos mercados. Tal cotação coloca os pequenos proprietários à mercê dos interesses de grupos econômicos<sup>3</sup>.

Numa região formada essencialmente de pequenas propriedades, a cooperativa criou uma estrutura de compra e venda de produtos rurais que, monopolizando a comercialização de determinados

---

<sup>2</sup> RIOS, Givando Sá Leitão. *O que é cooperativismo?* São Paulo, Brasiliense, 1989. p. 52

<sup>3</sup> DENARDI, Reni Antônio. *O papel das cooperativas do FIC no desenvolvimento do Oeste do Paraná.* Curitiba, Deser. 1991, p. 23

produtos cotados no mercado internacional, desestruturou a organização agrícola familiar dos pequenos proprietários.

Analisar, de forma específica, como se organiza esse processo constitui a temática deste trabalho.

O estudo pretende abranger as seguintes etapas:

a) da colonização do município até a fundação das cooperativas na região (1950-1970);

b) do surgimento das cooperativas até os dias atuais (1970-1990).

Entre os objetivos, está o conhecimento da teoria doutrinária-ideológica e a legislação que sustenta o funcionamento das cooperativas atuantes em vários setores da economia, mais acen- tuadamente na agricultura, e verificar contradições que existem entre a teoria e a prática; pesquisar a formação fundiária do Bra- sil ao longo do tempo, a formação do sistema latifundiário e que tipo de mutações a pequena propriedade sofreu com a implantação das cooperativas; fazer uma análise dos serviços prestados pela COFAGRIL, seu real significado, a distribuição das sobras e a par- ticipação dos associados no processo decisório, assim como as moti- vações que sedimentam este processo; verificar a metamorfose eco- nômica, social, técnica e cultural advinda da ação da cooperativa, observando se ela realmente visa ao progresso generalizado ou se apenas serve ao capital e à exploração da mão-de-obra agrícola.

Este trabalho inicia sua análise a partir da década de 50. Nesta época, começou a colonização da região de Marechal Cândido Rondon e de municípios vizinhos através de agricultores oriundos dos estados sulinos, introduzidos por uma colonizadora gaúcha, que adquiriu a fazenda Britânia de uma empresa inglesa, subdividin- do-a em colônias e vendendo-as a pequenos produtores com o objeti- vo de ter uma produção interna voltada para o mercado nacional e não só para o mercado regional.

No início de 1970, em toda região Oeste e Sudoeste do Para- ná, surgiram várias cooperativas agropecuárias, inicialmente com o

objetivo de comercializar a produção. Junto com estas associações, houve uma crescente modernização da agricultura, com maciço financiamento, com juros subsidiados, de tratores, semeadeiras, pulverizadores, colheitadeiras e outros implementos agrícolas.

Muitas coisas mudaram. Os agricultores, que antes se ocupavam da suinocultura e da agricultura de subsistência, plantando milho, mandioca e outras culturas, possuindo pomares, hortas e jardim, passaram, com a mecanização, que os desocupava por largo período durante o ano, provocando até mesmo mudanças nos costumes familiares, a produzir soja e trigo, a fim de poderem competir no complexo jogo do mercado internacional.

Muitos colonos transferiram suas residências para a cidade e sedes distritais, dirigindo-se à lavoura somente conforme a necessidade. Pomares hortas e jardins foram erradicados e substituídos por plantações destinadas, principalmente, à exportação. Mesmo com toda a moderna mecanização, a renda por hectare no começo de década de noventa diminuiu em relação à renda por hectare em meados da década de setenta.

A relação habitante do meio urbano/habitante do meio rural também sofreu transformações drásticas com a mecanização. Em 1970, havia um habitante do meio urbano para cada cinco do meio rural. No fim da década, esta relação tornou-se equivalente.

A Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda - COFAGRIL, de Marechal Cândido Rondon, iniciou suas atividades timidamente com construções pacatas para as sedes administrativas e instalação de silos para armazenamento, inicialmente alugados. Atualmente, suas instalações ocupam extensas áreas, tanto nas cidades quanto nos dez distritos do município-sede onde se localiza, com imponentes administrações, gigantescos armazéns e graneleiros, com secadores, sofisticados meios de comunicação e várias centenas de funcionários.

Alargaram as suas fronteiras para as sedes distritais, para outros municípios e até para outros estados, seja pela incorpora-

ção de cooperativas menores, seja pela aquisição de empresas comerciais.

As atividades da cooperativa se diversificaram. Aos poucos, foi comercializando insumos, sementes, peças agrícolas, implementos agrícolas. Mais tarde, começou a comercializar produtos veterinários, eletrodomésticos e a inaugurar supermercados que formam na atualidade, uma verdadeira rede, que atende aos associados e à população em geral.

Em certo momento, a COPAGRIL assumiu setores de agroindustrialização, ora isoladamente, ora por centrais de cooperativas, como laticínios, frigoríficos, ração de animais, fiação de seda e de algodão e o beneficiamento de óleo vegetal.

Os serviços oferecidos por estas empresas cooperativas se multiplicaram. Dezenas de agrônomos, técnicos agrícolas, veterinários e outros especialistas foram contratados, prestando assistência técnica, agrícola, veterinária, educacional e publicitária.

Também a população dos municípios se alterou. Muitos venderam suas pequenas propriedades, insuficientes para a mecanização, outros foram indenizados pela Itaipu Binacional e emigraram para outras regiões, como o Centro-Oeste, o Norte, o Nordeste e para outro país, o Paraguai, onde são chamados de brasiguaios. Estes emigrantes criaram também as suas cooperativas, fundaram cidades e colonizaram estas regiões.

Com a modernização da agricultura apareceram dois novos personagens: os bóias-frias e os saqueiros, imprescindíveis para a nova conjuntura, mas socialmente inferiorizados perante os demais que se dedicam às atividades agrícolas.

A necessidade de analisar o processo de modificação operado na organização das propriedades rurais e suas conseqüências, decorrentes da ação cooperativista, justifica o presente estudo.

A problemática é verificar o papel que as cooperativas exercem no Extremo-Oeste do Paraná e os contrastes existentes entre o discurso e a prática, dando destaque maior à COPAGRIL.



Com a finalidade de compreender as conseqüências da modernização da agricultura, chega-se às seguintes hipóteses: 1) as cooperativas foram usadas para desestruturar a propriedade familiar existente; 2) proporcionaram a alteração sócio-econômica entre os lavradores e 3) impuseram ao produtor rural uma submissão ao mercado externo e ao sistema financeiro.

Apesar da teoria de uma empresa coletiva, com objetivos comunitários, na realidade, a cooperativa apresenta semelhanças com as firmas puramente comerciais pelo relacionamento com seus funcionários, clientes, fornecedores e condições do mercado.

Existe grande discrepância entre a filosofia e doutrina cooperativista e o resultado concreto.

Esta dissertação deu especial atenção para os meios de produção, os resultados das culturas e o rendimento por área na região do Extremo-Oeste do Paraná. Também deu-se especial atenção às mudanças do meio ambiente, às novas técnicas agrícolas, às novas culturas que surgiram e ao efeito surtido na exploração da mão-de-obra local, quando da substituição da agricultura tradicional pela mecanizada. Também deu-se especial atenção às mudanças do meio ambiente, às novas técnicas agrícolas, às novas culturas que surgiram e ao efeito surtido na exploração da mão-de-obra local, quando da substituição da agricultura tradicional pela mecanizada.

Através de um levantamento dos livros ata, relatórios da diretoria, das fichas cadastrais dos associados e do controle da entrega da produção e da realização de entrevistas, conseguiu-se ter um quadro de todos estes aspectos, acima citados.

Foram ainda estudados a condição sócio-econômica dos associados e os aspectos jurídico-políticos que permitiram a expansão das cooperativas e a diversificação de suas atividades.

A ocorrência dessas modificações constitui a linha mestra do trabalho, sendo ainda enfocada a articulação dos processos econômicos e sociais, justificando-se, deste modo, o presente estudo.

Foram utilizadas a técnica qualitativa, através de documen-

tação disponível, como relatórios das diretorias, mensagens dos dirigentes, discursos, entrevistas e referências bibliográficas, e a quantitativa, pela utilização de dados extraídos de várias fontes: IBGE, IPARDES, SEAB, EMATER/ACARPA, OCEPAR e COPAGRIL, sendo, para tanto, elaborados quadros e gráficos.

Os dados da produção, da existência de máquinas e equipamentos dos vários setores da cooperativa foram demonstrados em números absolutos, em porcentagem, quando os dados eram proporcionais, e as unidades monetárias foram transformadas em valor de salário mínimo, para melhor compreensão atual.

Foram igualmente elaborados mapas para ilustrar a ocupação regional, que teve como consequência uma situação fundiária de pequenas propriedades, e também a distribuição das cooperativas e do PIC em nosso estado, especificando-se a área de atuação da COPAGRIL.

Os dados básicos da movimentação financeira da cooperativa foram extraídos dos relatórios da diretoria, de seus balanços e também dos bancos de dados elaborados pela EMATER.

As fontes primárias para o estudo foram, portanto, os livros e documentos da cooperativa, bem como os relatórios anuais, as fichas cadastrais dos associados e o controle da produção. As fontes secundárias foram os relatórios estatísticos do IBGE, da EMATER, do IPARDES, da EMATER/ACARPA, da OCEPAR e da COPAGRIL, os boletins informativos da cooperativa para os associados e de origem diversa, como a imprensa local e estadual.

O desenvolvimento técnico-científico contextual da COPAGRIL foi embasado na crítica histórica através dos documentos analisados. Quanto à autenticidade, ou crítica externa, das informações do material coletado na COPAGRIL, salienta-se que não foi utilizado o material informativo destinado aos associados, que serviu apenas como referência para checar os dados oficiais existentes. Foram analisadas a documentação de domínio público da cooperativa e a de manuseio interno.

A realização da abordagem crítica da documentação interna, que tem como objetivo a veracidade do documento, ou a crítica interna, não apresentou nenhum problema. Inclusive, os aspectos referentes à hermenêutica não apresentaram grandes dificuldades porque a linguagem utilizada era acessível, não havendo obstáculos de interpretação.

Realizou-se um intenso levantamento bibliográfico em bibliotecas oficiais e particulares, entre as quais a da SEAB, a da UFPR (Economia, Ciências Agrárias e Ciências Humanas), a da OCEPAR, a Biblioteca Pública do Paraná (Seção Paranaense), a da COPAGRIL, a da FACIMAR e a Biblioteca Municipal de Marechal Cândido Rondon, para se chegar ao conhecimento dos princípios ideológicos que norteiam o cooperativismo, dos problemas agrícolas e fundiários e de princípios de economia política e para entender qual a motivação que levou ao surgimento das cooperativas, bem como sua introdução no Brasil, no estado do Paraná e na região Oeste deste estado<sup>4</sup>.

O desdobramento concreto do arrolamento de dados e bibliográfico trouxe alguns problemas e provocou algumas decisões. Entre elas, afastar-se o quanto possível da elaboração de juízos de valor, porque tem como consequência a debilidade intelectual, e também de preconceitos, porque desvirtuam qualquer resultado.

Por se tratar de História Econômica, mais especificamente de uma empresa, procurou-se enquadrá-la na vida cotidiana dos seus principais personagens para averiguar o alcance de seu objetivo.

Conhecendo-se a realidade do passado, será mais certo o futuro. Para erigir uma sociedade duradoura, deve-se evitar os erros do passado e apossar-se dos seus acertos. Neste panorama se enquadra o cooperativismo.

As entrevistas não foram transcritas literalmente para evi-

---

<sup>4</sup> Bibliografia total: obras relacionadas 164; obras citadas: 87; consultadas: 77.

tar certos constrangimentos, porque o linguajar corrente ou era portunhol, alemão, ou um misto de alemão e português, português com tendências regionais, o que causaria certamente problemas posteriores.

Como Catão, que, na sua história de Roma, omitia sistematicamente os nomes dos autores dos grandes feitos, tributando apenas elogios impessoais aos soldados e estadistas, assim eliminou-se o quanto possível os nomes individuais, porque os que vivem nesta região sabem quem fez o que e os demais não teriam qualquer vantagem se fossem nominados. Os heróis, se realmente existem, são os produtores rurais, os funcionários e os que prestam assistência técnica à agricultura e à pecuária.

A subordinação do agricultor às exigências do mercado e às necessidades de aquisição de insumos para a manutenção desta atividade e a consequência que isto traz para a maioria da população nacional, principalmente a contradição entre a teoria e a prática da atividade cooperativista, é o tema da maioria dos autores que estuda este assunto. Buscou-se ver como analisam este assunto e a que conclusão chegam.

Neste trabalho houve várias dificuldades, principalmente no que se refere ao quantificável monetário, em virtude das várias mudanças de moeda neste período. Não havia condições de uso de uma moeda estrangeira que desse uma dimensão exata do valor pecuniário atual. A tentativa de usar o salário-mínimo no que foi possível deve ser aquilatado com maior profundidade, uma vez que este também sofreu alterações com o tempo. Foram, também, encontradas dificuldades no arrolamento de dados com a indisponibilidade dos livros que desapareceram com a troca de diretoria da cooperativa, como o livro de atas da diretoria, e também o acesso às fichas cadastrais, que contêm informações confidenciais dos proprietários rurais. Após provar que só havia interesse em fazer um levantamento geral, prova dada com a demonstração do levantamento de dados constantes no arquivo inativo, e que não havia interesse nos as-

suntos particulares dos colonos, foram dadas todas as condições para a utilização do fichário atualizado dos associados.

Dividiu-se o trabalho em cinco capítulos, além da conclusão. O primeiro capítulo visa localizar o espaço geográfico, verificar as fases da ocupação do Extremo-Oeste do Paraná e a origem da divisão fundiária existente - a pequena propriedade.

O segundo é o estudo do início da colonização e seu desdobramento, da homogeneidade dos produtores rurais e do desembocamento da crise, que tornou inviável esta conjuntura, e a caracterização da atividade econômica dominante e da mão-de-obra existente.

O terceiro, além da história da fundamentação das idéias cooperativistas, analisa a origem do cooperativismo, a constituição da primeira cooperativa moderna e a evolução do cooperativismo como doutrina econômica, analisando ainda a implantação das cooperativas no Brasil, no Paraná, o Programa Iguacu de Cooperativas e a COPAGRIL.

O quarto trata da substituição da agricultura tradicional pela moderna, da desestruturação da pequena propriedade baseada na mão-de-obra familiar, do direcionamento das atividades para o mercado e a exportação e da heterogeneidade que se consolidou no meio rural.

O último capítulo analisa as contradições do cooperativismo, o mecanismo da comercialização dos produtores rurais e o comportamento dos associados. Fez-se ainda uma avaliação da aplicação dos princípios cooperativistas na COPAGRIL.

I A MARCHA PARA O OESTE

## I A MARCHA PARA O OESTE

Para se compreender melhor a evolução econômica do Extremo-Oeste do Paraná, é necessário avaliar o ambiente natural e as etapas da ocupação regional.

"A Geografia é a irmã gêmea e o segundo olho da história", máxima da sabedoria grega a qual já estabelecia que a história é inseparável da geografia para lhe dar embasamento quanto ao espaço<sup>1</sup>.

Ao se defrontar com a estrutura fundiária atual, formada por pequenas e médias propriedades - colônias (dez alqueires) e chácaras (um a dois alqueires) - faz-se mister conhecer a razão desta situação. Além de espoliação extrativa das obrages, a região conviveu com a colonização através de uma empresa, até moldar-se a composição atual.

A região tinha, inicialmente, seu sustentáculo na agricultura tradicional e na suinocultura. Em certo momento, surgem as cooperativas agropecuárias, ocorrendo a metamorfose para uma agricultura moderna.

Foi precoce o contato da civilização européia com esta região, habitada por selvícolas de diferentes tribos. Despontava como uma região que seria facilmente desbravada, mas acontecimen-

---

<sup>1</sup> BESSELER, José van den. Introdução aos Estudos Históricos. São Paulo E.P.U. Editora Pedagógico e Universitária Ltda 1974. p. 253

tos imprevistos e as condições naturais adiaram até meados do nosso século a colonização.

O Paraná Tradicional - o Litoral e Primeiro Planalto - conheceu a fase de ouro, de efêmera duração e ínfimos resultados. Mais tarde, o tropeirismo, que ligou nosso estado ao Rio Grande do Sul e a São Paulo, alcançou o Segundo Planalto - os Campos Gerais. Caminhos foram abertos por onde as tropas passavam, a partir de seus pousos surgiram cidades e, com as invernadas, muitas fazendas se estabeleceram. Este período teve seu momento de glória, chegando a durar dois séculos. Enquanto tudo isto acontecia nas outras regiões, o Oeste do Paraná estava plenamente esquecido<sup>2</sup>.

A existência da araucária, associada à erva-mate, novamente estabeleceu um período de prosperidade no Primeiro e Segundo Planaltos. A erva-mate, usada no chimarrão, costume divulgado pelos jesuítas, era vendida nos pampas do Rio Grande do Sul e exportada para a Frata. Esta exploração econômica deu origem a muitas cooperativas, que sumiram com o enfraquecimento desta atividade.

A madeira de pinho, valorizada a partir da Primeira Guerra Mundial, era, a princípio, explorada ao longo das ferrovias. Posteriormente, com outros meios de transportes, penetrou mais no interior. A devastação impiedosa, porém, diminuiu drasticamente a quantidade desta madeira, relegando sua extração a um segundo plano<sup>3</sup>.

Enquanto a colonização do Norte do Paraná estava a pleno vapor, o Extremo-Oeste era um lugar esquecido. As ferrovias, que cortavam grande parte do estado, não chegaram até hoje a esta

---

<sup>2</sup> WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná. 6a. Ed. Curitiba. Editora Gráfica Vicentina, 1988. P.104

<sup>3</sup> WACHOWICZ, p. 204



região. A paralisação das obras, proibidas pelo governo da época por razões externas, e a passagem da Coluna Prestes quebrou, aos poucos, este isolamento. A presença da iniciativa particular de colonização fez com que, enfim, esta região aparecesse no contexto nacional.

#### 1.1 - O quadro natural

Encravado na parte mais ocidental do estado do Paraná, o Extremo-Oeste encontra-se entre o rio Iguazu, ao Sul, e o rio Piquiri, ao Norte, afluentes do rio Paraná. Este rio também faz a fronteira, ao Oeste, com o Paraguai. Estende-se, ao Leste, por mais de uma centena de quilômetros, sem que haja um acidente natural. (Mapa 01)

Atualmente, dezenas de municípios ocupam esta região. Alguns destacam-se entre os maiores em população ou pujança econômica, o que dá a esta região grande importância para o estado.

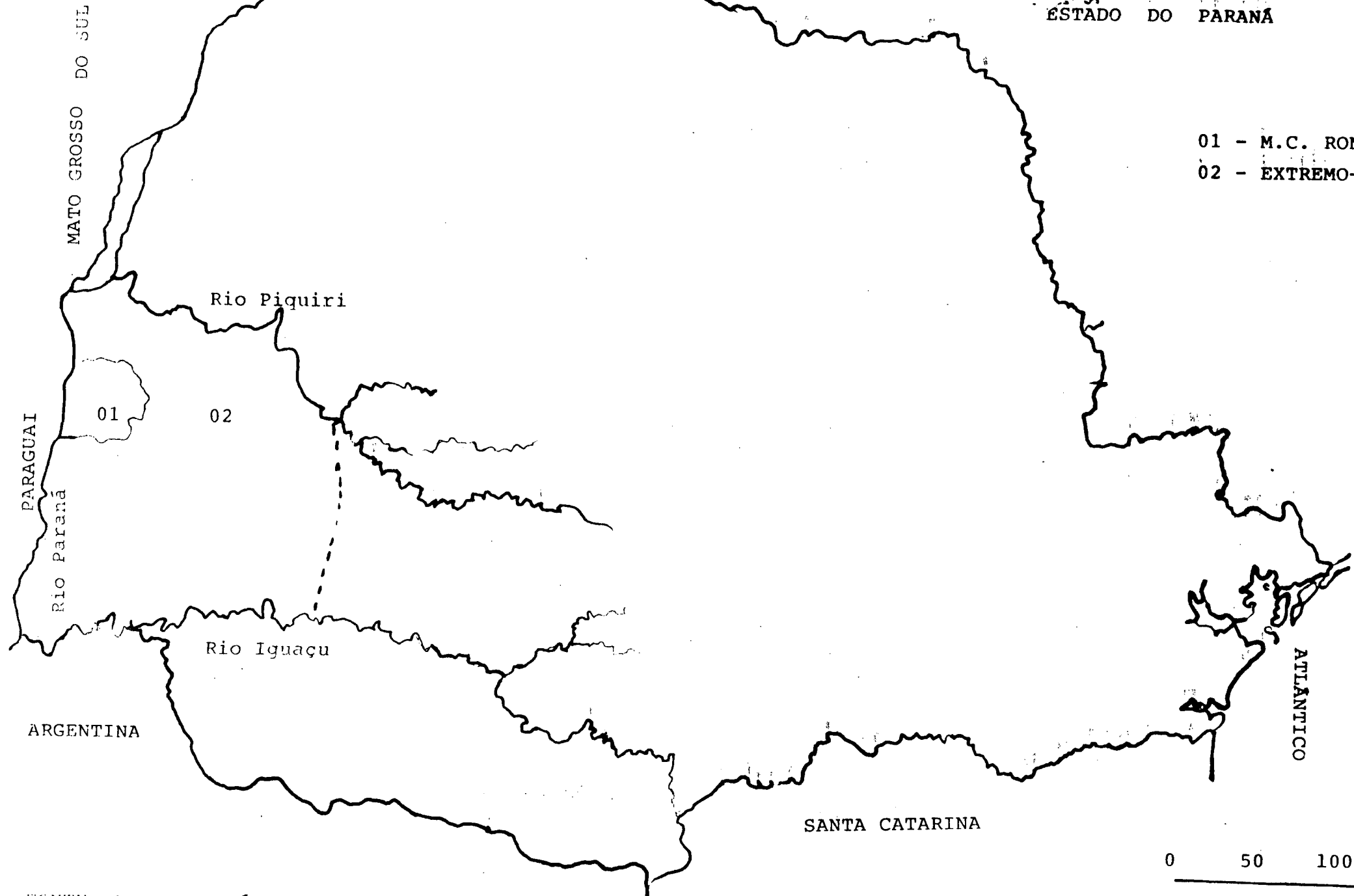
Tem na extremidade meridional as Cataratas do Iguazu, uma beleza natural indescritível, que atrai turistas de todo Brasil e também de outros países. Na extremidade setentrional, estão as Sete Quedas, alagadas no início da década passada com a construção da Usina Binacional de Itaipu.

O relevo regional integra-se ao Terceiro Planalto paranaense, designado igualmente de Planalto do rio Paraná. Suas altitudes enquadram-se entre trezentos e oitocentos metros, descendente nas imediações do rio Paraná. Encontram-se formas levemente onduladas de relevo, que permitem um aproveitamento quase total da agricultura, inclusive da mecanizada.

A hidrografia desta região pertence, na sua totalidade, à

ESTADO DO PARANÁ

- 01 - M.C. RONDON
- 02 - EXTREMO-OESTE



FONTE: ATLAS HISTÓRICO DO ESTADO DO PARANÁ

bacia Platina. O rio Paraná é o grande expoente. Tinha vários quilômetros de largura que se afunilavam repentinamente para apresentar um espetáculo gigantesco, as Sete Quedas. Depois, estreitava-se no seu leito, ficando com uma a duas centenas de metros de largura de águas revoltas, cheias de redemoinhos, que seguiam por dezenas de quilômetros, à jusante, impossibilitando qualquer navegação. Abaixo dos primeiros portos fluviais, a rapidez das águas não permitia a navegação a vela, mas apenas a navegação a vapor, até a foz do rio Iguaçú, onde se alargava aos poucos. Fora do território nacional, suas águas se tornam mais tranquilas. (Mapa 02)

Todos os rios da região são de planalto. O rio Piquiri, que corre mais ao Norte, desemboca acima das Sete Quedas. Os demais - Guaçu, São Francisco Falso, São Francisco Verdadeiro - tinham significativas quedas d'água, próximas à confluência com o rio Paraná, o que impedia qualquer navegação a partir do rio do qual eram tributários.

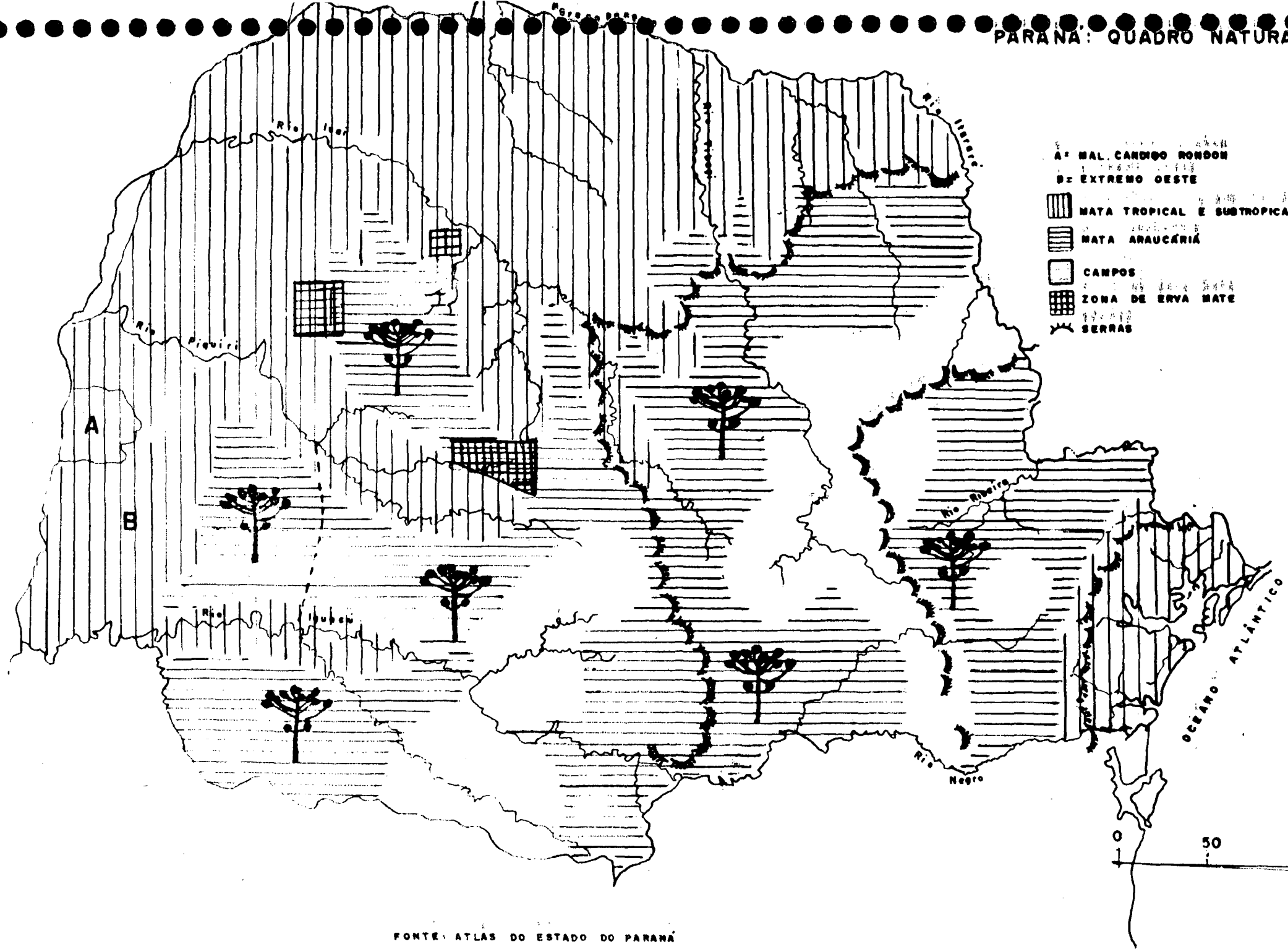
Igualmente, o rio Iguaçú, que tem suas nascentes na Serra do Mar, segue o rumo oeste até desaguar no Paraná. Próximo à sua foz, surgem as cataratas, com aspecto maravilhoso, mas representando um empecilho para a navegação.

Os solos da região originaram-se de derrames vulcânicos na era Mesozóica, formando o basalto. Este derramamento resultou na formação da terra roxa, classificada como "Latosolo Roxo"<sup>4</sup>, extremamente apropriada para a agricultura, uma vez que não necessita da correção de acidez, sendo excepcionalmente fértil e exigindo menor dosagem de fertilizantes do que outros solos.

O clima subtropical úmido possui estações bem definidas, com verão quente e ocorrências de geadas no inverno. As chuvas são bem distribuídas, sem estações secas. A região está muito sujeita à infiltração de massas de ar frio da frente polar, que provocam

---

<sup>4</sup> PARANÁ, Governo. Atlas do Estado do Paraná. Curitiba. Departamento de Imprensa Oficial do Estado, 1987, p.17



FONTE: ATLAS DO ESTADO DO PARANÁ

chuvas e geadas, estas últimas prejudiciais à agricultura<sup>5</sup>.

A vegetação era tipicamente de matas subtropicais, designada de mata do rio Paraná<sup>6</sup>. Era uma mata fechada, com árvores de tamanho avantajado e ótimas madeiras de lei como ipê (lapacho), cedro, peroba (palorosa), canafístula, angico, pau-marfim (guatambu), canjarana, cabriúva, canela e outras. A existência de palmitos tornava as terras ainda mais procuradas por lavradores, mas a penetração era dificultada pelo grande número de taquaras e vegetação rasteira.

Nas partes mais elevadas do planalto, já distante do rio Paraná e afluentes, surgia a mata de Araucária, formada de pinheiro, canela e imbuia, geralmente associados a ervais, embora também surgissem outros tipos de vegetação nesta região ou próxima a ela. A cobertura vegetal com toda sua exuberância foi devastada para dar lugar à agricultura e pecuária. Uma pequena parte está preservada no Parque Nacional do Iguaçu.

Quanto à fauna, os relatos de antigos viajantes<sup>7</sup> destacavam a presença de animais selvagens de razoável porte, como antas, queixadas, veados, pacas, cotias, entre outros, e um grande número de aves e peixes.

Toda esta região pertencia, até o fim da primeira década do século XX, ao município de Guarapuava. Mais tarde, foi criada a Vila Iguaçu, atual município de Foz do Iguaçu, que abrangia as terras dos rios Iguaçu e Fiquiri.

Na década de cinquenta, dois novos municípios foram fundados: Cascavel e Toledo. No decênio posterior, mais de uma dezena de novos municípios foram criados. Entre eles, Marechal Cândido Rondon.

<sup>5</sup> DORFHUND, Luiza P. Geografia e História do Paraná. São Paulo, Editora Brasil, 1963. P. 42

<sup>6</sup> AZEVEDO, Aroldo de. As Regiões Brasileiras. São Paulo, Nacional, 1968. P. 200.

<sup>7</sup> FRANCO, Arthur Martins. Recordações de Viagens ao Alto Paraná. Curitiba UFPRS, 1968, p. 14

Neste quadro natural, está incluído, portanto, o município de Marechal Cândido Rondon, que se limita com a República do Paraguai e com os municípios de Toledo, Santa Helena, Palotina, Terra Roxa e Guaíra. A atividade econômica está voltada à agricultura, à pecuária e à agroindústria, que surgiu em meados dos anos setenta<sup>6</sup>.

#### 1.2 - O primeiro contato com europeus

A região Oeste, como todo o Brasil, era habitada por nativos da nação Tupi-guarani e também Jês-tapuia<sup>7</sup>, destacando-se os caingangues, conhecidos por coroados.

Havia um caminho indígena, o Feabiru, que iniciava no litoral e ligava por terra o Atlântico ao Pacífico. Na segunda década do século XVI, Aleixo Garcia, um naufrago da armada espanhola de João de Solis, juntamente com outros, penetraram neste caminho e percorreram a região na foz do rio Piquiri, ou seja, acima das Sete Quedas (Mapa 03). Foram, portanto, os primeiros europeus a conhecerem esta grandiosa obra da natureza. Informados que adiante havia um rico império, atravessaram, com várias centenas de índios que se juntaram ao grupo, o rio Paraguai, a região do Chaco e alcançaram a região andina. Lá, foram presenteados por nativos com objetos de ouro e prata<sup>8</sup>.

No regresso, foram trucidados por selvícolas nas imediações do Paraguai. Os que conseguiram se salvar desta expedição, levaram a notícia e alguns objetos para o seu comandante, João de Solis.

---

<sup>6</sup> SAATKAMP, Venilda. Desafios, Lutas e Conquistas. Cascavel. ASSOESTE, 1985 p.66

<sup>7</sup> SILVA, Oscar e outros. Toledo e sua História. Caxias do Sul, Universidade, 1988. P. 25

<sup>8</sup> LEVENE, Ricardo. História das Américas. São Paulo. Gráfica Editora Brasileira, 1965. P. 142.

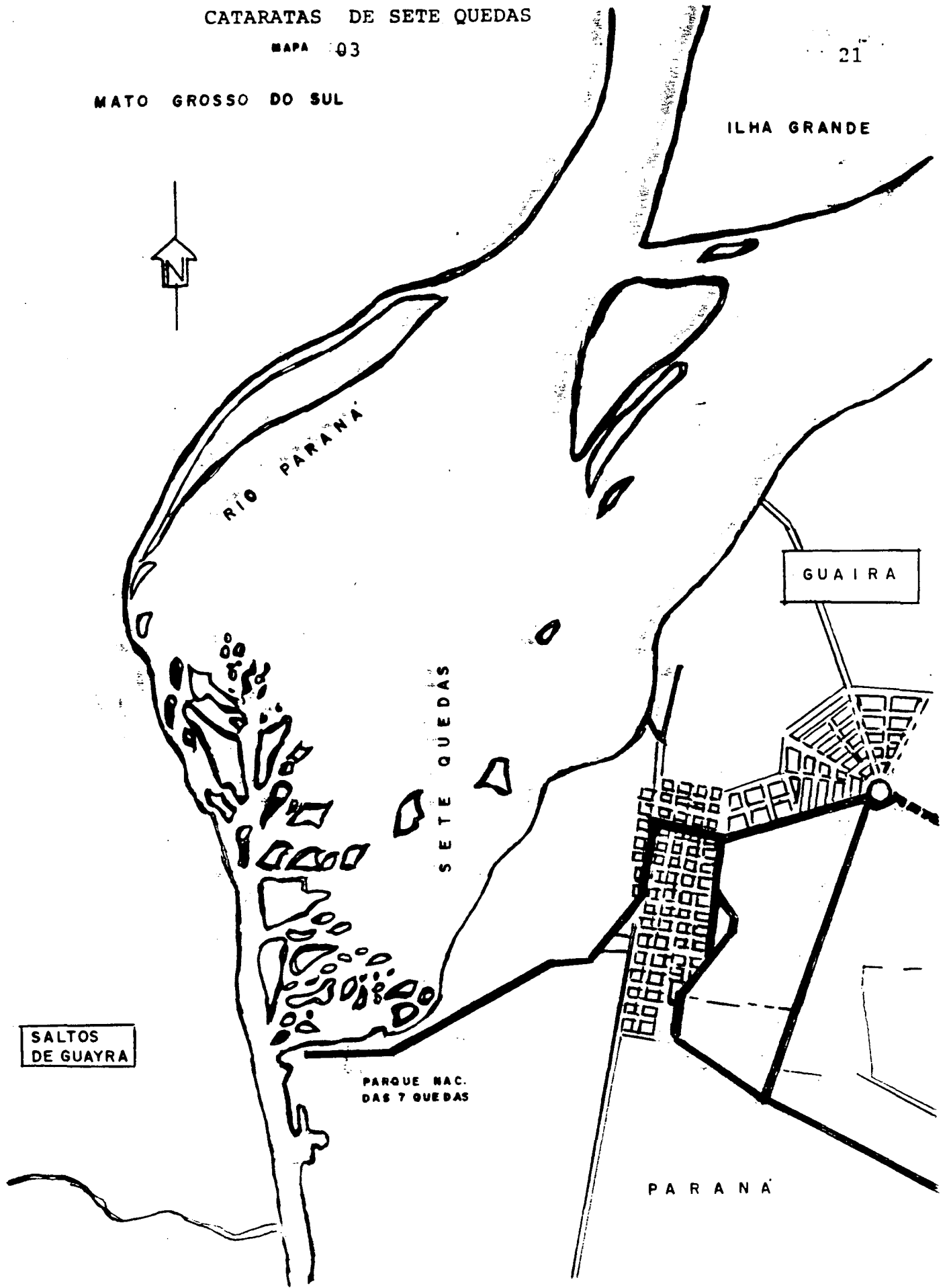
CATARATAS DE SETE QUEDAS

MAPA 03

MATO GROSSO DO SUL

21

ILHA GRANDE



SALTOS DE GUAYRA

PARQUE NAC. DAS 7 QUEDAS

GUAIRA

PARANA

0 1 2 Km

Vinte anos após este primeiro contato, Alvar Nuñez Cabeza de Vaca partiu do litoral catarinense e, seguindo trilhas indígenas em direção noroeste, encontrou também o caminho do Peabiru, na cabeceira do Rio Piquiri. Tomou a direção sudoeste até alcançar as Cataratas do Iguacu e a foz deste rio, seguindo com sua expedição até a capital do Paraguai<sup>11</sup>. (Mapa 04)

Os europeus travaram assim um precoce conhecimento destas duas quedas de água que tanto maravilharam os seus visitantes e que o fariam até nossos dias se as Sete Quedas não tivesse sido absorvidas pelo reservatório de Itaipu.

Esta região pertencia à Espanha antes do continente sul-americano ser descoberto e, como tal, houve a iniciativa oficial espanhola para ocupá-la. Em meados do século XVI, enviados do governo espanhol fundaram a vila de Ontiveiros às margens do rio Paraná. Pouco tempo depois, foi abandonada e transferida para as proximidades da foz do rio Piquiri, na margem esquerda do rio Paraná<sup>12</sup>, recebendo, então, o nome de Ciudad Real del Guayra. Ainda sob a iniciativa oficial, no último quartel deste século, espanhóis fundaram a Vila Rica do Espírito Santo, às margens de um subafluente do rio Paraná (Mapa 04). Após a fundação de Vila Rica, esgotaram-se os interesses oficiais nesta região, o que daria lugar à penetração de grupos religiosos.

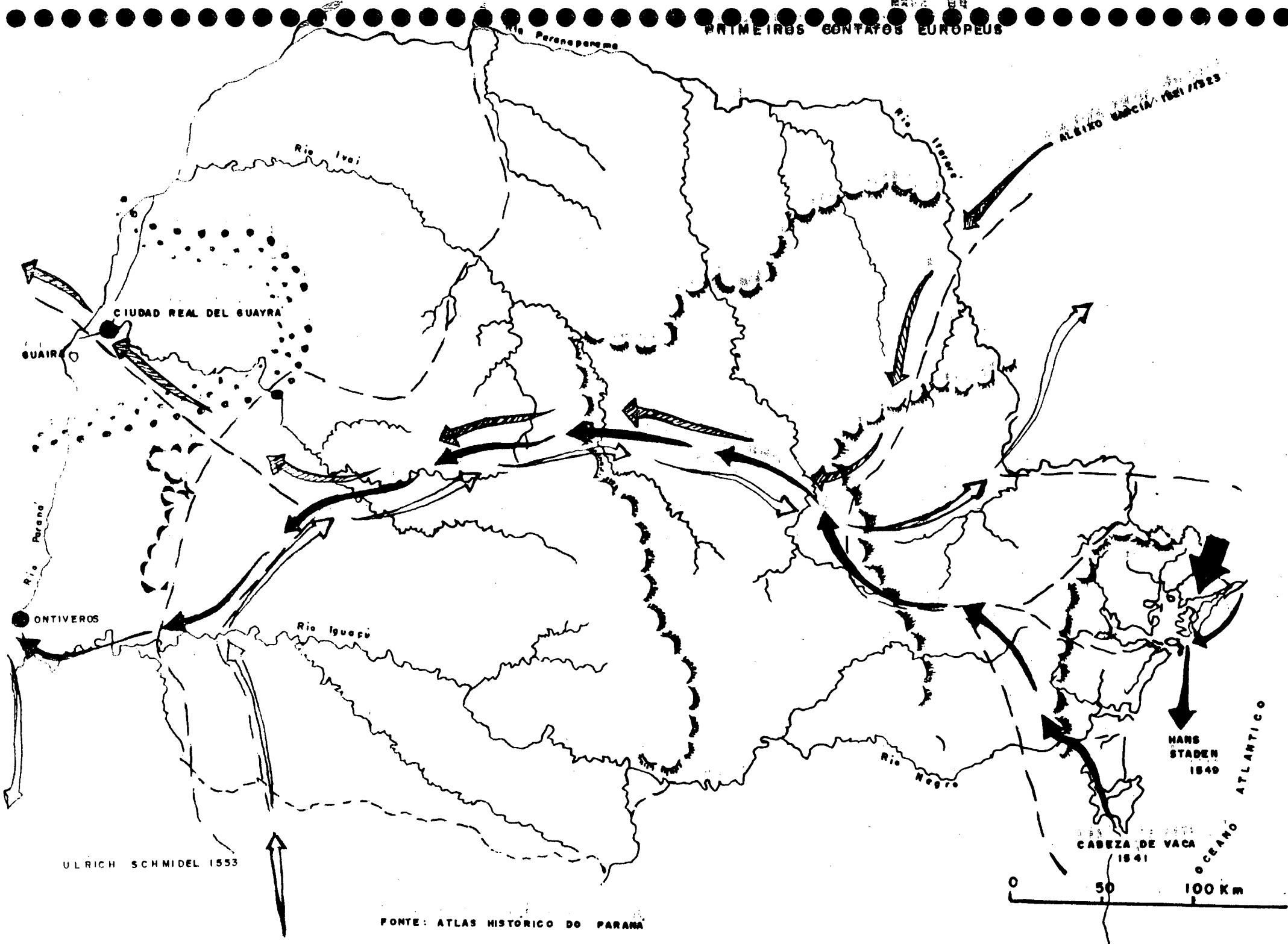
### 1.3 - As reduções jesuíticas

Os espanhóis praticavam em seus territórios de ocupação e colonização o sistema de "encomiendas", que não foi bem aceito

<sup>11</sup> CARDOSO, Jayme Antônio & WESPHALEN, Cecília Maria. Curitiba. Atlas Histórico do Paraná. Curitiba. UFPR p.9

<sup>12</sup> BLANSKY, Teutônio Aguedo. Paraná Geográfico e Histórico. Curitiba. Arco-Iris, s/d/ - p. 70 pelos nativos da





ULRICH SCHMIDEL 1553

FONTE: ATLAS HISTÓRICO DO PARANÁ

0 50 100 KM

HANS STADEN 1549

CABEZA DE VACA 1541

ALEXIO GARCIA 1523

pelos nativos da região de Guayra<sup>13</sup>. O objetivo deste sistema era a dominação de nativos para a exploração da mão-de-obra, sem qualquer remuneração.

O governo espanhol estimulou, então, a presença de missões religiosas, preferindo os jesuítas. O objetivo era tornar os indígenas pacíficos por meio da catequese e adaptá-los às condições de vida dos europeus.

A criação da província jesuítica de Guayra deu margem ao surgimento de mais de uma dezena de outras reduções, que se localizavam geralmente às margens dos rios Tibagi, Parapanema, Iguacu, e seus afluentes, e no rio Paraná (Mapa 05). Ali, os indígenas era reunidos, sendo permitido aos caciques continuar a exercer a autoridade tribal, embora sob a supervisão de clérigos desta ordem.

Os jesuítas tiveram uma admirável organização. Os nativos tinham o uso comunal das propriedades. A lavoura, constituída principalmente de milho e mandioca, era coletiva e a criação de gado, comunitária<sup>14</sup>.

Este sistema sócio-econômico - com a presença da propriedade comunitária e de uma atividade agropastoril, extrativa e artesanal, onde o interesse geral era colocado acima do privado, praticando-se largamente a cooperação, principal característica das cooperativas - encontrou de pronto a oposição de espanhóis e portugueses, que teimavam em prejudicar o trabalho dos jesuítas.

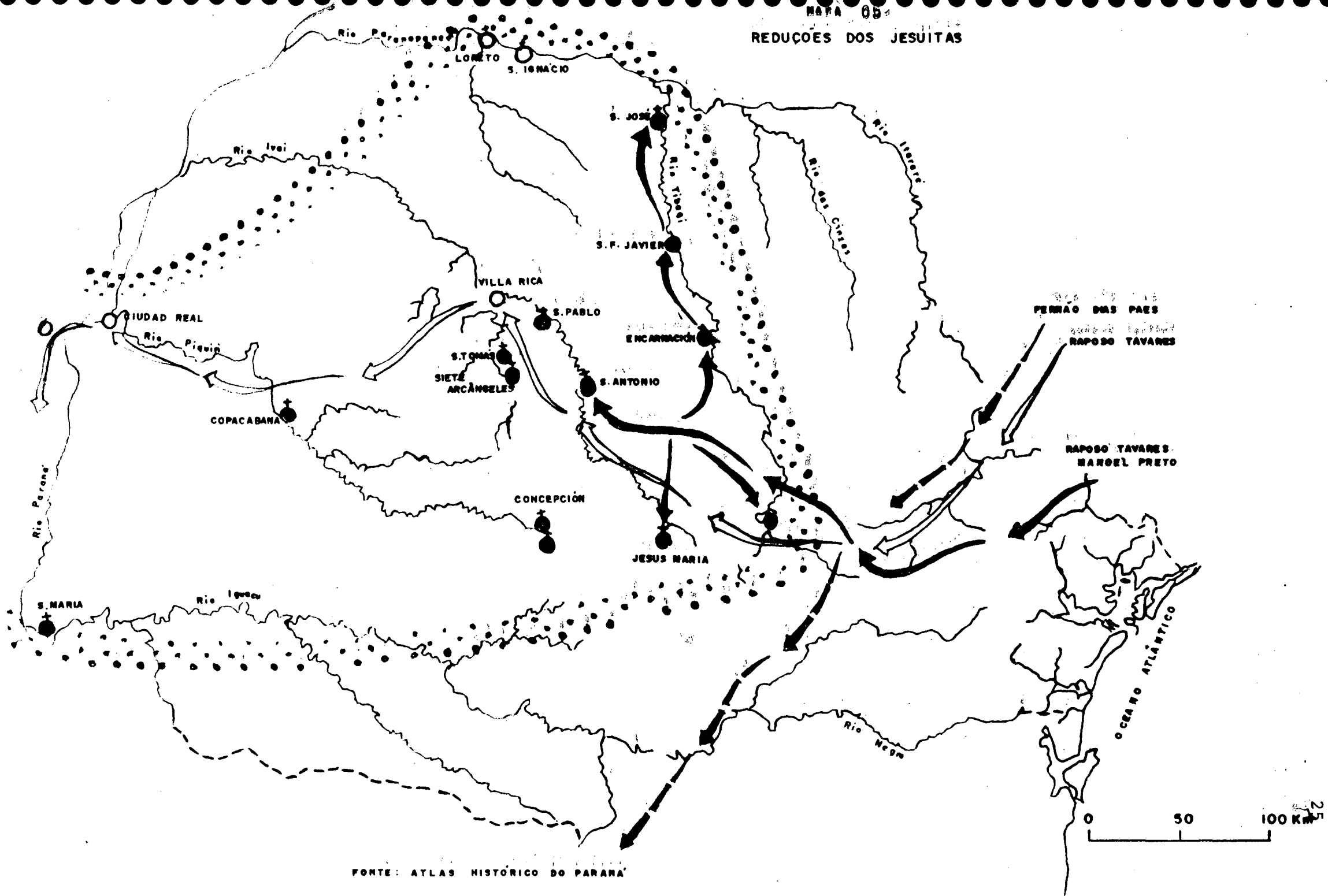
A existência de um grande número de indígenas mansos e habilitados para o trabalho aguçou a cobiça dos bandeirantes paulistas, que atacaram estas reduções, aprisionaram os nativos domesticados e os conduziram para atividades produtivas em outras regiões do Brasil.

---

<sup>13</sup> PARANÁ, Governo. Atlas do Estado do Paraná. Curitiba. Departamento de Imprensa Oficial do Estado 1987 p.30

<sup>14</sup> PARANÁ, Governo. Atlas do Estado do Paraná. P.37

MAPA 004  
REDUÇÕES DOS JESUITAS



FONTE: ATLAS HISTÓRICO DO PARANÁ

Foram em vão as reclamações dos religiosos, nesta época, sob o domínio espanhol. Não tendo eco, ante o risco de uma total destruição, resolveram abandonar estas reduções, que tinham como sede a Ciudad Real del Guayra, e se dirigiram para outras terras, levando o remanescente dos selvícolas.

Sem a presença dos indígenas civilizados, diminuiu o interesse dos predadores paulistas e um vazio instalou-se no Extremo-Oeste do Paraná. Aos poucos, os caminhos indígenas, como o de Peabiru e suas ramificações desapareceram por falta de uso. A impossibilidade de navegação do rio Paraná nesta época teve como consequência o abandono desta região por vários séculos.

Os tratados de Madri e Santo Ildefonso, entre Portugal e Espanha, definiram as fronteiras do Oeste no rio Paraná, mas a situação não se alterou quanto à ocupação e à colonização.

Um século e meio depois dos ataques dos bandeirantes e da retirada dos jesuítas com os seus protegidos, ocorreram expedições até a foz do rio Iguaçu e as Sete Quedas, mas sem resultados práticos<sup>15</sup>.

#### 1.4 - A presença estrangeira

Em virtude da dificuldade de comunicação fluvial do rio Paraná e de seus afluentes, da cobertura de uma vegetação florestal fechada e da inexistência de vias de comunicação terrestre, o Extremo-Oeste não participou das atividades do tropeirismo e nem da exploração de erva-mate. Esteve esquecido por parte dos brasileiros.

Depois da Guerra do Paraguai, começaram a chegar as empresas estrangeiras, na grande maioria argentinas. As obras,

---

<sup>15</sup> CARDOSO & WESPHALEN. P. 56

que se localizavam principalmente às margens dos rios, tinham o interesse de explorar as riquezas naturais da região<sup>16</sup>.

O Brasil tivera um sistema fundiário, nos primeiros séculos, baseado nas sesmarias, que foi abolido na época da sua independência. Em meados do século XIX, foi aprovada a "Lei da Terra", que impedia a doação de terras e fixava que a aquisição de propriedade seria por compra. O governo republicano, por sua vez, estabeleceu que todas as terras devolutas seriam da responsabilidade dos governos estaduais para fazerem concessões ou vendas.

A chamada obrage foi uma exploração típica das regiões cobertas de matas tropicais em território argentino ou paraguaio, que empregava uma mão-de-obra paraguaia, os mensus, peões que eram pagos mensalmente, mas que eram semi-escravizados pelo sistema operante.

O interesse fundamental de um obragero não era a colonização em regime de pequena ou média propriedade, nem o povoamento de suas vastas regiões. O objetivo principal era a extração da erva-mate, nativa do estado do Paraná, bem como de madeiras. Este sistema penetrou de forma natural e espontânea pelas margens do rio Paraná. Os principais obrageros eram argentinos, que tinham um grande mercado consumidor de erva-mate e facilidade de comunicação pelo rio<sup>17</sup>.

Já nas últimas décadas do século XIX, detectaram-se as primeiras penetrações dessas frentes extrativas no Extremo-Oeste do Paraná: um território desabitado, sem a presença brasileira e sem nenhuma fiscalização. Enfim, era um lugar propício à penetração do sistema de obrage, chegando a um total de vinte<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> WACHOWICZ. p. 227 a 231

<sup>17</sup> SILVA, P.36

<sup>18</sup> WACHOWICZ. Obrages, Mensus e Colonos. Curitiba. Gráfica Vicentina.P. 46

Localizavam-se à margem esquerda do rio Paraná, onde tinham seus portos e faziam o transporte com barcos de suas próprias empresas. (Mapa 04)

Em troca da passagem de navios brasileiros pelo rio Paraná para a província do Mato Grosso, os barcos argentinos tinham a permissão de navegar este rio até próximo às Sete Quedas, isto desde os meados do século XIX.

Nesta época, ocorreu também a presença da canhoneira *Mearim*, movida a vapor, pertencente à Marinha brasileira.

#### 1.5 - A colônia militar de Foz do Iguaçu

Os últimos gabinetes do governo parlamentarista da monarquia foram informados do abandono oficial e militar do Oeste Paranaense, onde os brasileiros só chegavam a três por cento da população. Os idiomas usados eram o guarani e o castelhano<sup>19</sup>, a moeda em circulação era o peso argentino e as embarcações que singravam o rio Paraná eram vapores das obrages. Preocupado com esta situação, o conselheiro João Alfredo nomeou uma comissão encarregada de criar a Colônia Militar do Iguaçu, pois a região Oeste era uma zona estratégica.

O centro das operações desta comissão era Guarapuava. Fazia-se necessário abrir um caminho terrestre. Para tanto, formou-se um grupo de trabalho de quatorze homens, que iniciou a abertura de uma picada. Após algumas léguas de difícil marcha, perceberam que a região já estava sendo explorada por estrangeiros, pois encontraram um acampamento de ervateiros paraguaios e argentinos que extraíam e contrabandeavam a erva-mate. Este grupo de trabalho não pôde completar seu objetivo,

---

<sup>19</sup> PAWELKE, Joachim. Ficando rico no Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon. S/Editor. 1970. P. 28

frustrado pelas condições climáticas, sendo o regresso inevitável.

Nos últimos meses de Monarquia, organizou-se uma segunda expedição integrada por militares, operários e tropeiros. Alguns levaram até família. Partiram de Guarapuava, pela picada já aberta, alcançaram a região de Chagu, chamada de "Boca do Sertão", onde já havia um posto de abastecimento<sup>80</sup>. Ultrapassaram a região de Catanduvas para completar a missão da primeira expedição. Após mais de dois meses de marcha, e já estando no governo republicano, alcançaram a foz do rio Iguazu, onde levantaram o primeiro acampamento. A dificuldade de abastecimento de água motivou a mudança para o local onde atualmente se encontra a cidade.

Os integrantes da colônia militar pouco alteraram a situação regional. Não imprimiram costumes e leis brasileiras, mas, ao contrário, tiveram que se moldar aos exploradores estrangeiros, tornando-se seus "cúmplices", porquanto dependessem deles para o abastecimento e sobrevivência.

A diretoria da colônia militar expedia títulos provisórios de posse de terra para quem os requeresse, mesmo que fossem estrangeiros. Assim se formaram a maioria das propriedades, desde pequenos proprietários de abastecimento da colônia militar até os grandes latifundiários<sup>81</sup>.

Após existir por mais de duas décadas, esta colônia militar foi extinta e seu território integrado ao município de Guarapuava. Assim, o governo do estado teve que instalar uma coletoria para arrecadar os seus tributos. Os integrantes que tomaram posse nesta coletoria saíram de Curitiba e foram até Uruguaiana - RS. De lá seguiram até Fosadas, na Argentina. Todo

<sup>80</sup> PAWLKE. P. 32

<sup>81</sup> WESPHALEN, Cecília Maria & BALHAMA, Altiva p. Departamento de História. Boletim n.º Curitiba. UFPR,

este percurso foi feito através de ferrovias. Completaram o percurso em embarcações dos obrageros<sup>82</sup>.

Depois disso, foi criado o município Vila do Iguacu, mais tarde Foz do Iguacu, que integrava toda a região, do rio Iguacu até o Piquiri.

#### 1.6 - Obrages e Mensus

A partir do começo do século XX, tiveram início grandes concessões de terra na região pelo governo do Estado para obrageros argentinos. Sobressaíram-se as destinadas a Domingos Barthe, Nuñez Y Gibaja, Empresa Matte Laranjeiras e Júlio Thomas Allica<sup>83</sup>.

O argentino Domingos Barthe, juntamente com diversos sócios e com seus filhos, conseguiu várias concessões. Uma das obrages abrangia o atual município de Santa Helena, onde foi construído um porto particular. Extraía-se nesta obrage a erva-mate e madeira, que eram transportadas pelos seus navios até o Prata.

Igualmente, havia a obrage de Nuñez Y Gibaja, proprietários da Fazenda Lopeí, com cinquenta e três mil hectares, entre os municípios de Toledo e Cascavel. Estas terras ficavam distantes do rio Paraná e, por esta razão, foi aberto um caminho até este rio, onde possuíam o porto Doze de Outubro. Por este porto, exportavam principalmente a erva-mate. O destino era Posadas, sede da empresa. Entre a fazenda e o porto, adquiriram cinco lotes de duzentos hectares cada um. Nestas áreas, instalaram seus pousos, onde armazenavam seus produtos. O pouso mais distante do rio Paraná foi escolhido, posteriormente, para sede da cidade de

---

<sup>82</sup> FRANCO. p.54

<sup>83</sup> WACHOWICZ. p. 229



Toledo, nome de um feitor desta obra. (Mapa 06)

Mais ao norte, no atual município de Guaira, instalou-se a Empresa Matte Laranjeiras, que obteve também concessões temporárias para explorar a erva-mate e madeiras no Mato Grosso. A dificuldade de escoamento pelo rio Paraguai fez com que os interesses se voltassem para o rio Paraná. (Mapa 05)

A impossibilidade de navegação entre Guaira e Porto Mendes para exportar seus produtos oriundos do Mato Grosso resultou na compra de material ferroviário de uma companhia inglesa da região. Esta ferrovia, que tinha trilhos de bitola reduzida (60 cm) e uma extensão de sessenta e oito quilômetros, foi concluída em 1917. A viagem Guaira-Porto Mendes durava seis horas<sup>64</sup>. Doze anos após sua inauguração, uma resolução do Governo do Estado tornou o tráfego da ferrovia público<sup>65</sup>.

Em 1945, o governo federal desapropriou a ferrovia e suas instalações e também propriedades urbanas e rurais pertencentes a empresa Matte Laranjeiras. Estas últimas foram integradas ao Serviço Nacional da Bacia do Prata<sup>66</sup>.

Grande destaque se dá, nas obras históricas regionais, para a obra de Júlio Thomaz Allica, militar, engenheiro e agrimensor argentino que visitou esta região no limiar do século XX e, quatro anos depois, instalou-se à margem do rio Paraná. Mandou construir o porto Artazza e instalar zorras, vagonetes sobre trilhos para descer e subir a enorme barranca do rio a fim de descarregar e carregar os produtos dos navios<sup>67</sup>.

<sup>64</sup> SOARES, Juana Santa Cruz. Obrage de Allica. 24.04.1992, Filha de Severino Santa Cruz e Del Rosário Santa Cruz, adotada pelo tio Júlio Thomas Allica. Guaira-PR

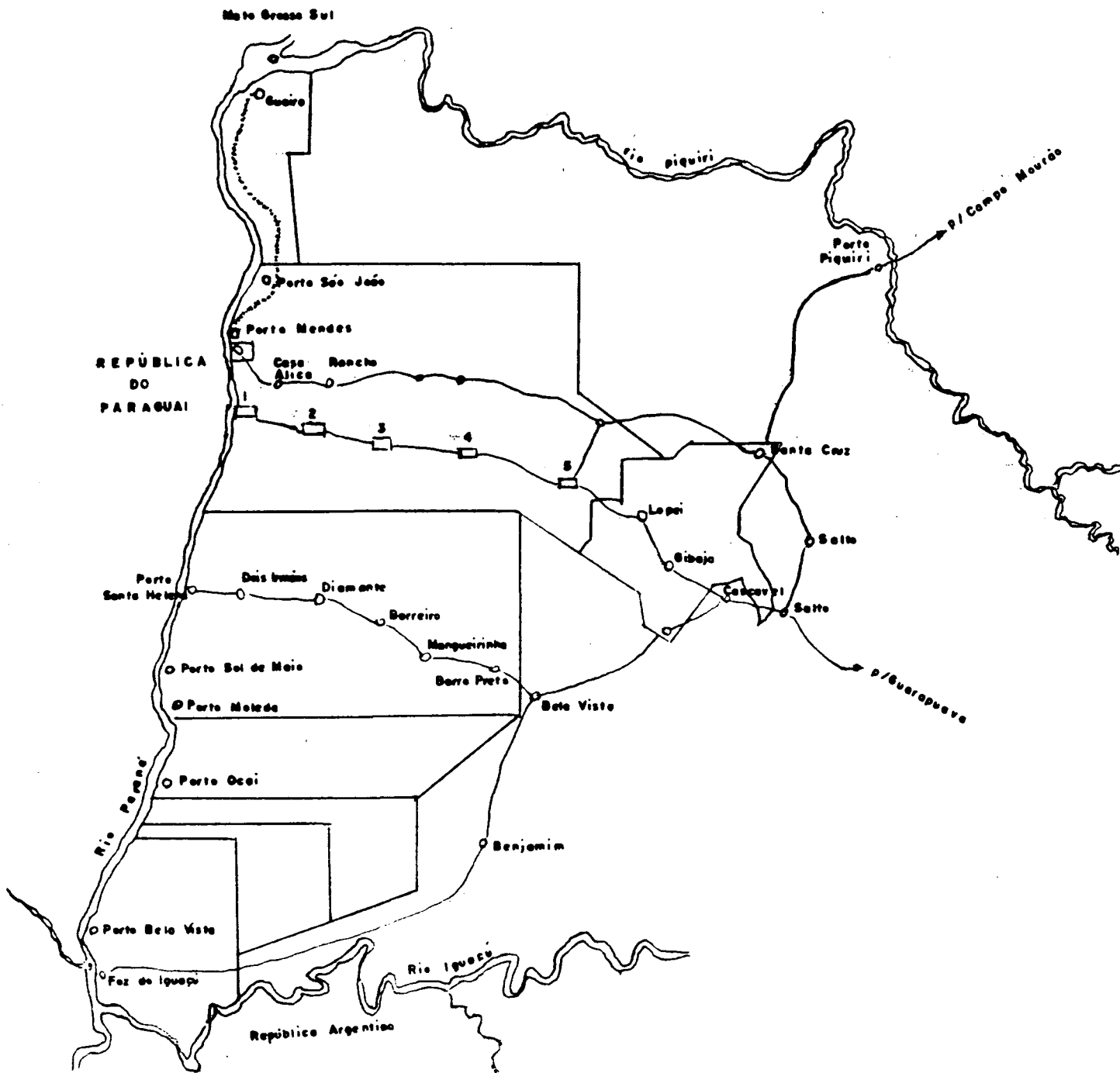
<sup>65</sup> KROETZ, Lando Rogério. As estradas de ferro do paraná: 1880-1940. São Paulo. Tese de Doutorado P.112 e 113

<sup>66</sup> SAATKAMP, p. 33

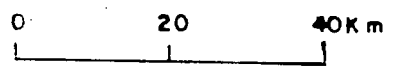
<sup>67</sup> LOPES, Severiano. As Obrages. Neto de Feliciano Lopes, capataz de Júlio Thomas Allica. Entrevista em Marechal Cândido Rondon, em 21.03.1992.

MAPA 05

PRINCIPAIS OBRAGES NO OESTE DO PARANÁ



FONTE: OBRAGES MENSUS E COLONOS



Na sua propriedade, havia uma grande residência de alvenaria, uma usina hidrelétrica, instalada a partir do represamento de um pequeno rio. Nesta represa, havia grande quantidade de peixes e aves. Além dessas instalações, havia ainda um engenho de arroz, um pombal e residências para os mensus. Tinha numerosa criação de gado bovino, suíno, ovino e caprino, reservando uma área de sua obrage a lavoura de subsistência.

A principal atividade desta obrage era a extração da erva-mate, que era exportada para a capital argentina sem beneficiamento. Este produto era embarcado em navios que, semanalmente, subiam o rio Paraná até chegar a Buenos Aires. A exportação de erva-mate alcançou duas mil e quinhentas arrobas no total. Exportava também madeiras em toras, que eram conduzidas até o Prata e, amarradas umas às outras, formando jangadas, atiradas ao rio Paraná, utilizando-se, dali por diante, de três lanchas.

Allica possuía ainda uma propriedade pequena, de quinhentos alqueires, dentro da Fazenda Britânia (Mapa 07). Conseguiu a titulação provisória graças aos serviços prestados a oficiais militares da Colônia Militar de Foz do Iguacu (mandou acompanhá-los na visita às Sete Quedas). A propriedade das terras foi confirmada posteriormente por escritura definitiva<sup>66</sup>.

Dividiu a sua área de exploração, que excedia, em muito, a sua propriedade, em quatro centrais administrativas. A mais distante, na região de Campo Mourão, foi designada de Central Administrativa Santa Cruz e administrada pelo seu cunhado<sup>67</sup>.

A atividade extrativa abrangia uma área muito extensa e era muito dispersa, pois a erva-mate não se concentrava num lugar só.

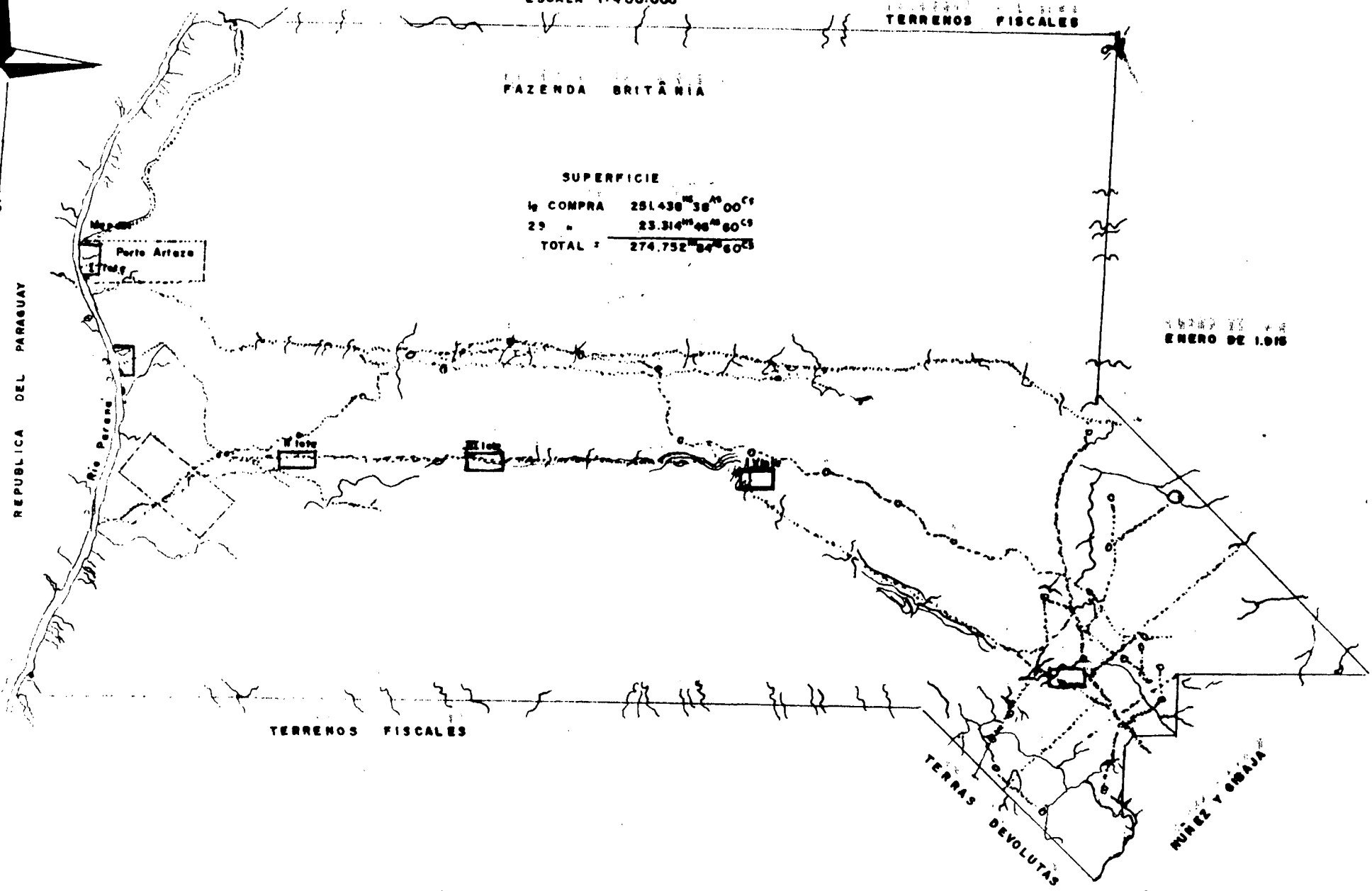
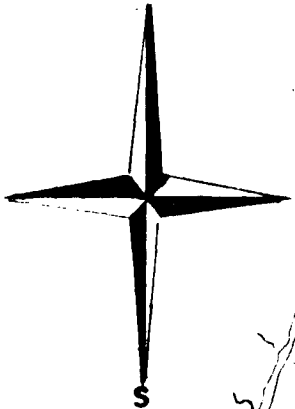
Para tirar os ramos dos ervais, os mensus necessitavam de facções; para derrubar árvores, de machados. Nove caminhões, além

<sup>66</sup> REGISTRO DE IMÓVEIS; Livro 3-B, Fl. 152, n. 3508. Toledo, em 28.09.60.

<sup>67</sup> SILVA, p. 37

# COMPANIA DE MADERAS DEL ALTO PARANA

MUNICIPIO DE GUARAPUAVA  
Estado de Parana  
BRASIL  
ESCALA 1:400.000



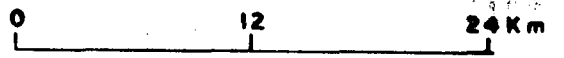
SUPERFICIE

4 COMPRA	251.438 <sup>m</sup> 38 <sup>m</sup> 00 <sup>cs</sup>
29 "	23.314 <sup>m</sup> 46 <sup>m</sup> 60 <sup>cs</sup>
<b>TOTAL :</b>	<b>274.752<sup>m</sup> 84<sup>m</sup> 60<sup>cs</sup></b>

ENERO DE 1916

REPUBLICA DEL PARAGUAY

FONTE: MUSEU HISTORICO DE TOLEDO



de vários carroções, estavam disponíveis para o transporte destes produtos até o porto<sup>30</sup>.

A mão-de-obra utilizada pelas obras eram os mensus. Recrutados no Paraguai, eram duramente tratados e alimentados somente de locro<sup>31</sup>, feito de milho para canjica e carne. O obragero era protegido de possíveis revoltas pelos "pajens" (guarda-costas) armados de Winchester e revólveres.

A decadência desta obra ocorreu com a passagem da Coluna Prestes. Numerosos rebeldes permaneceram meses na região. Combatidos pelas tropas legalistas comandadas pelo General Rondon, dirigiram-se a Porto Mendes. Antes de passar para o Paraguai, instalara-se na obra de Allica e consumiram tudo o que nela havia.

A obra não conseguiu se recuperar totalmente deste episódio. À invasão dos rebeldes, seguiu-se o assassinato do cunhado que administrava a Central Administrativa Santa Cruz e, mais tarde, a morte de Allica, acometido de úlcera. A viúva e a única herdeira, que era, ao mesmo tempo, sobrinha e enteada, permaneceram ainda por vinte anos na obra. Começaram, então, a vender as terras e a se mudar da região.

Mas a Coluna Prestes não trouxe somente prejuízos. A partir de sua passagem foi instalada uma linha telegráfica, que ia de Porto Mendes a Catanduvas, sendo acompanhada por uma picada<sup>32</sup>.

#### 1.7 - A presença inglesa

A Revolução Industrial começou na Inglaterra, em meados do

---

<sup>30</sup> SILVA. p. 37

<sup>31</sup> FRANCO. p. 56

<sup>32</sup> PAHELKE. P. 36

século XVII, alastrando-se, mais tarde, para outros países da Europa. Este desenvolvimento econômico aboliu o mercantilismo e o pacto colonial. Em consequência, o liberalismo econômico impôs-se a todas as nações.

Os ingleses tinham grande interesse na independência política das colônias latino-americanas, pois eliminariam as metrópoles como intermediárias do comércio. Tiveram também seus interesses na Guerra do Paraguai, país que se tornara auto-suficiente em todos os sentidos e prejudicaria o interesse industrial inglês.

Os interesses dos empresários ingleses voltaram-se, naturalmente, também para o Brasil, mais ainda para a região do Prata, onde desalojaram, os portugueses de seu comércio<sup>33</sup>.

O grande mercado consumidor de erva-mate que representava o Prata e também o Chile e o sucesso relativo das obras despertaram o interesse de ingleses residentes em Buenos Aires em penetrar no oeste paranaense.

Tiveram a aliança de oficiais da Colônia Militar de Foz do Iguacu e, também neste tempo, adquiriram uma vasta área de duzentos e cinquenta e um mil hectares. Formaram a Compañia de Maderas del Alto Paraná, uma sociedade anônima com sede em Buenos Aires, constituída com um capital social de seiscentos mil pesos, divididos em lotes de seis mil ações<sup>34</sup>. Mais tarde, adquiriram mais vinte e três mil hectares, formando uma vasta área que designaram de "Fazenda Britânia". Na barra do rio São Francisco Falso, instalaram o porto Britânia e também as zorras. (Mapa 06)

Os estatutos que constituíram esta sociedade, formada, em sua grande maioria, por ingleses residentes na capital portenha e por acionistas de Londres, apresentavam como objetivos, além da

<sup>33</sup> LEVENE, P. 394

<sup>34</sup> NIEDENHAUER, Ondy Hélio. Assim nasceu Toledo. Toledo-PR

aquisição de uma enorme área de terra, a exploração de madeiras, de erva-mate e de minerais, a colonização, arrendamento e partilhamento da fazenda, constituição de povoações, abertura de estradas, instalação de portos, moinhos, serrarias, fornos, fábricas e exploração da navegação do rio Paraná<sup>95</sup>.

Esta empresa, ao se defrontar com a realidade da floresta subtropical, de difícil penetração, rapidamente abandonou seu projeto de colonização, substituindo-o pela depredação espoliativa das obras e extração das riquezas locais<sup>96</sup>.

Mesmo assim, esta companhia instalou uma serraria, abriu estradas, construiu moradias para seus peões paraguaios, depósitos, escola e prédio para administração (este com material importado).

Na área norte da fazenda, encontraram a mata da araucária. Mandaram derrubá-la e, em toras, arrastaram a madeira em carretões até o rio Paraná. Tinham a intenção de juntar as toras em jangadas para depois conduzi-las até o Prata. Todavia, a madeira do pinheiro verde, jogada às águas do rio, submergiu e não voltou mais à tona. Este fato aguçou a superstição dos peões, que se negavam a fazer este serviço com medo de maldição<sup>97</sup>.

Tiveram, por isto, de abandonar o projeto de construir uma ferrovia de setenta quilômetros, que iria da região dos pinheiros ao porto Britânia. Venderam todo o material ferroviário à Empresa Matte Laranjeiras, que a construiu entre Porto Mendes e Guaira.

Além da extração de madeiras e erva-mate, os ingleses introduziram o capim cidreira na região e aproveitaram a laranjeira-apepu, que é nativa, para fazer essência para fixação

<sup>95</sup> ESTATUTOS. Companhia de Madeiras del Alto Paraná. Buenos Aires. Apresentado por David Carneiro & Cia, em 12.09.1906. Objetivos.

<sup>96</sup> NIEDENHAUER. P. 5

<sup>97</sup> PAWELKE. p. 37

de perfume, chegando a exportá-la.

Desmataram uma grande área de terra para fazer pastagens e mandaram plantar uma vasta área de ervais, ao todo noventa mil pés, para aproveitar com maior facilidade este produto.

Dividiram uma área próxima à barra do Rio Branco em pequenas propriedades, chácaras, que venderam aos seus empregados, um total de quarenta famílias. Os serviços prestados seriam usados como parte do pagamento. Quando os ingleses venderam a fazenda, fizeram a ressalva deste compromisso, que foi cumprido pela sucessora.

A Coluna Prestes e também as tropas legalistas expuseram a situação da região Oeste para a opinião pública, falando da presença estrangeira, da situação de miséria, abandono, violência dos habitantes e da exploração das obrages, sistema que foi abolido após as denúncias feitas aos jornais e livros.

Os argentinos foram aos poucos embora, pois começaram suas próprias plantações de ervais a fim de eliminar a dependência externa, paralisando-se, desta maneira, quase por completo a exportação e contrabando de erva-mate.

O governo provisório da Revolução de 1930 decretou a proibição da existência de empresas estrangeiras na região de fronteira, o que obrigou os ingleses a abandonarem as suas atividades na região Oeste.

#### 1.8 - A colonização

Com as notícias do abandono do Oeste do Paraná, em virtude da proibição, por parte do governo federal, das atividades das empresas estrangeiras e da situação internacional, e visando a efetiva ocupação territorial, foi criado, em 1943, o Território do Iguacu, que teria um governo militar. Sua capital se localizaria em



Laranjeiras do Sul. O próprio presidente da República visitou a região e foi solenamente recepcionado em Guaira<sup>36</sup>.

O fim do Estado Novo e a conseqüente redemocratização do país puseram fim a esta divisão administrativa, mas, em alguns momentos voltava a despontar o sonho do surgimento do estado do Iguacu.

Depois da Segunda Guerra Mundial, todas as atividades econômicas das antigas obras paralisaram, em virtude da autosuficiência argentina em erva-mate e da proibição governamental. A notícia da existência de uma grande área à venda, a Fazenda Britânia, despertou o interesse de comerciantes gaúchos, principalmente porque o preço era muito convidativo.

Dois interessados nesta transação visitaram esta região. Conheceram a fazenda, seu porto, suas instalações e previram a viabilidade e a vantagem de adquirir esta área. Em treze de abril de mil novecentos e quarenta seis, formaram a Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A, mais conhecida por MARIPÁ<sup>37</sup>, com sede em Porto Alegre.

O principal objetivo era adquirir a Fazenda Britânia, com todas instalações e benfeitorias, da Companhia de Maderas del Alto Paraná, com sede em Buenos Aires. Pagaram dezoito milhões e quinhentos mil cruzeiros.<sup>38</sup>

A Maripá visava à extração de madeira e erva-mate para comercialização e exportação; à colonização e comércio de terras; ao desenvolvimento da agricultura, pecuária e comércio em geral; e à participação em ramos comerciais e industriais com terceiros. O capital social desta sociedade anônima era de dezesseis milhões de cruzeiros, divididos em um mil e seiscentas ações, vendidas a mais de quarenta acionistas. A grande maioria era de descendência

---

<sup>36</sup> NIEDERHAUER. P. 07

<sup>37</sup> MARIPÁ. Endereço Telegráfico da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A.

<sup>38</sup> ESTATUTO SOCIAL. Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A. Porto Alegre. Reg.

alemã e italiana<sup>41</sup>.

O mandato dos administradores da empresa durava três anos, e a administração era formada por um diretor-gerente, que necessariamente deveria morar na propriedade, e dois diretores comerciais.

Muito interessante era a divisão dos lucros desta sociedade. Em parte idêntica à da companhia inglesa, fixando uma porcentagem aos diretores e outra para o fundo de reserva. Mas a Maripá se diferenciava por distribuir cinco por cento do total dos lucros aos empregados.

Os primeiros diretores da Maripá, logo ao iniciarem suas atividades, previram a criação de uma sede urbana para sua filial, que seria instalada no antigo pouso perto do riacho que tinha o nome de Toledo.

Para instalar a empresa na região Oeste, trouxeram, a princípio, trabalhadores do Rio Grande do Sul. Os primeiros trabalhadores chegaram depois de uma longa viagem do interior gaúcho até Cascavel. Partir desta localidade e chegar até a fazenda foi uma odisséia. Ao longo da linha telegráfica que ligava Cascavel a Porto Mendes havia uma picada, sendo esta percorrida pelo caminhão lotado com os trabalhadores gaúchos. Dias estafantes de viagem se seguiram, até porque tiveram de alargar a picada para a passagem do caminhão. Quando chegaram ao local determinado, ergueram o acampamento.

Uma das primeiras medidas da administração foi a abertura da estrada. Adquiriram tratores de esteiras e uma motoniveladora. Aproveitaram as antigas picadas de obras que cortavam esta fazenda e alargaram-nas para possibilitar o tráfego de reboques e jipes de Toledo a Porto Britânia.

A próxima etapa era a divisão e medição realizada pelos

---

<sup>41</sup> OBERG, Kalervo & JABINE, Thomas. Toledo. Um município da Fronteira Oeste do Paraná. Rio de Janeiro, 1962.

agrimensores contratados. Eram bem conhecidas pela direção da empresa as "colônias" na região de imigração do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, que tinham vinte e cinco hectares<sup>48</sup>, medida também adotada na nova região.

Os agrimensores dividiram toda a fazenda em cinquenta perímetros. Previram as futuras concentrações urbanas e procuraram limitar os lotes rurais nos inúmeros córregos que cortam a região, ao menos de um lado. Ao redor das vilas e cidades previstas, demarcaram chácaras, de um a dois alqueires, destinadas para pequenos proprietários, que produziriam para a subsistência dos habitantes urbanos. (Mapa 08)

Nos locais destinados à urbanização, demarcaram ruas, avenidas, praças, locais públicos e quadras. Todas as quadras tinham uma dimensão de cem por cem metros, equivalente, portanto, a um hectare. Cada uma tinha doze lotes urbanos, dez do mesmo tamanho e dois maiores. Após o primeiro ano de existência da Maripá, foram construídas as primeiras serrarias, uma oficina, uma ferraria, uma carpintaria, uma olaria e foi fundada a primeira casa de comércio<sup>49</sup>.

No ano seguinte, iniciaram-se as primeiras vendas de terras e de madeiras, sendo que estas provinham das próprias serrarias ou das que tinham alguma participação.

Muitos têm indagado por que a colonizadora dividiu esta área em pequenas propriedades: chácaras e colônias. A resposta está na certeza que seus dirigentes, homens de negócio experientes, tinham de que conseguiriam um lucro maior na comercialização de pequenas áreas do que na de grandes áreas.

As primeiras vendas de colônias conseguiram um preço cinco vezes superior ao preço da aquisição. Havia, além disso, o lucro

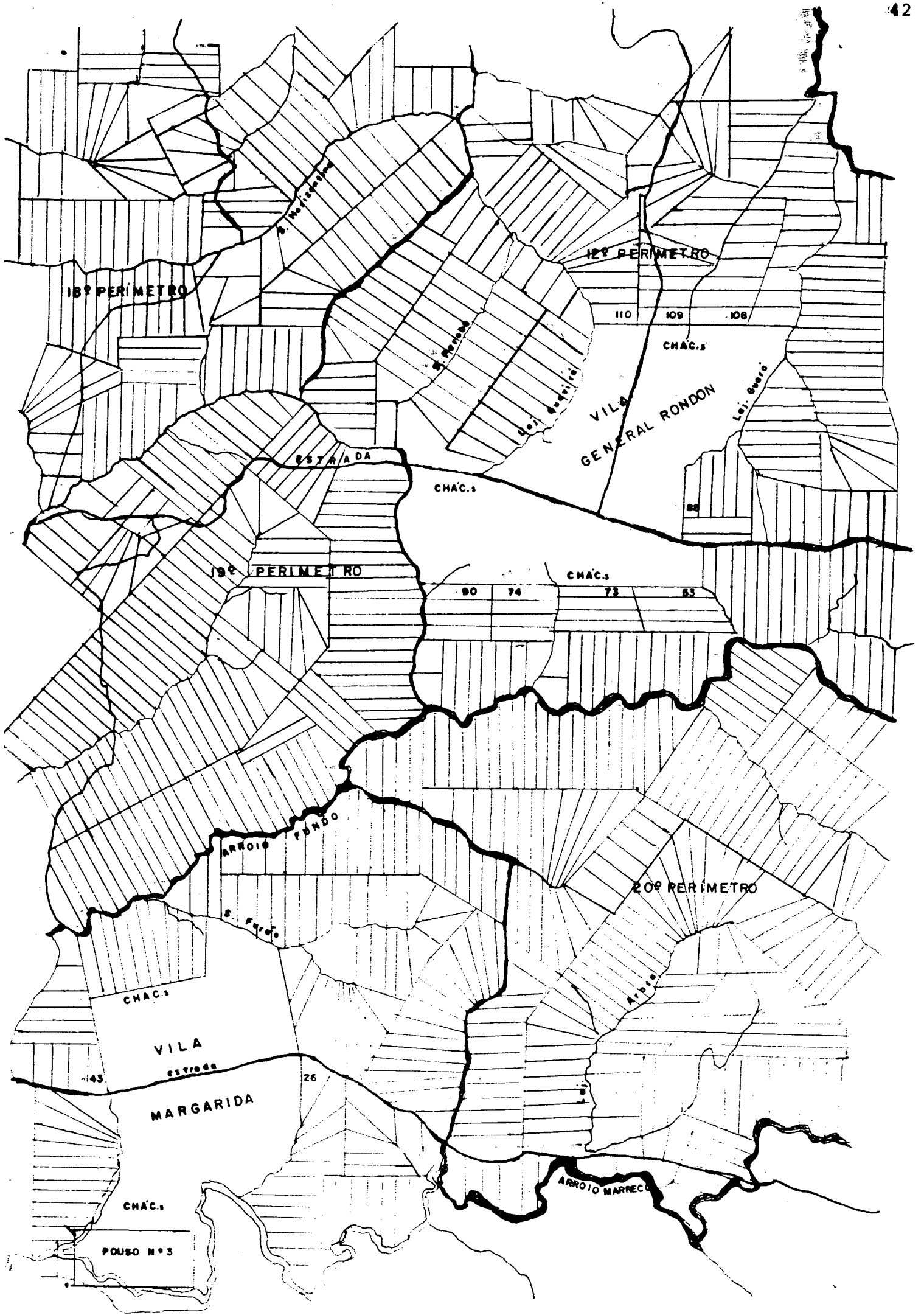
<sup>48</sup> NIEDENHAUER. Plano de Colonização da Maripá. Toledo, Miniografado. 1970. Edições SSR. 1960. P. 32

<sup>49</sup> NIEDENHAUER. P. 12 já sem a madeira que interessava à Colonizadora, esta assinava um contrato adicional.

**PARTE DA FAZENDA BRITANIA**

MAPA 08

42



FORTE MARIPA



da venda das madeiras que extraíam. O valor da terra subia constantemente e em pouco tempo alcançou um preço dez vezes superior ao inicial.

Os contratos de venda reservavam à Empresa a extração da madeira: pinho, cedro, ipê e amendoim eram retirados antes da entrega da terra ao comprador. Muitas vezes, a aquisição ocorria antes da demarcação. O comprador poderia, por exemplo, assinar um contrato onde constasse a área de dez alqueires sem saber a localização de sua propriedade, que era demarcada posteriormente.

A colonizadora procurou agentes no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, de preferência comerciantes, para vender estas colônias. Estes corretores tinham a sua região de recrutamento, bem como sua área de venda. Recebiam uma comissão de treze por cento em cada negócio realizado.

Foi muito fácil vender estas terras no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, pois havia um excedente de agricultores nestes estados, principalmente na zona de colonização de italianos e alemães, com muitos minifúndios, formados devido à excessiva repartição de terras. De imediato, estes agricultores tiveram interesse nestas terras de excelente solo e na região de bom clima e futuro promissor. Com a venda de suas pequenas propriedades no Sul, conseguiram comprar uma área maior no Oeste Paranaense e, além dos preços acessíveis, tinham o direito de parcelar os pagamentos.

Não havia nenhuma recomendação aos corretores quanto à origem ou etnia dos compradores. Cada um procurava formar caravanas nos locais de sua região, com caminhões cobertos por lonas, tentando encontrar os propensos compradores. Estes recebiam a promessa de, caso adquirissem terras, serem dispensados do custo da viagem. Não havia limitação de quantidade de colônias ou chácaras a vender. Embora houvesse excessões, a grande maioria comprava uma ou duas áreas, porque não tinha disponibilidade

financeira para especular com terras de que necessitavam para sua sobrevivência<sup>44</sup>.

Assim, em meados da década de cinquenta, mais de setenta por cento das colônias e chácaras estavam vendidas<sup>45</sup>.

A Maripá também ajudou a organizar as localidades, vilas e cidades, através da doação de lotes urbanos, madeiras e telhas para construção de templos, escolas e clubes, sem fazer diferença social e religiosa. Mas sempre havia o pano de fundo, que era o interesse eleitoral. Os candidatos geralmente saíam dos quadros da colonizadora e tinham, na maioria das vezes, eleição garantida em todos os níveis.

O segundo diretor-gerente da empresa, que era dinâmico, extrovertido e visionário, moldou a Maripá ao seu temperamento. Isso desagradou a alguns acionistas e provocou constantes crises na empresa.

No início da década de sessenta, as atividades de colonização da Maripá chegaram praticamente ao fim. Aos acionistas pagou-se o equivalente à sua parte no capital da empresa em terras. Estas propriedades foram vendidas pelos mesmos, por intermédio dos corretores existentes<sup>46</sup>.

### 1.9 - O município de Marechal Cândido Rondon

A fazenda Britânia tinha uma extensão de setenta e oito quilômetros, sentido Norte-Sul, formando um retângulo. Na parte central desta enorme área, localizava-se a atual cidade de

<sup>44</sup> WINTER, Waldi. A colonizadora Maripá. Marechal Cândido Rondon, 17.04.1992. Era responsável pelas vendas de terras em Marechal Cândido Rondon e Nova Santa Rosa

<sup>45</sup> OBERG & JABINE. P. 18

<sup>46</sup> NIEDENHAUER, Ondy Hélio. A colonização da Maripá. Toledo 18.10.1982. Entrevista. Projeto Memória de Marechal Cândido Rondon, à Professora Venilda Saatkamp.

Marechal Cândido Rondon, a "menina dos olhos" do principal dirigente da Maripá<sup>47</sup>.

Além da vila General Rondon, antigo nome do município de Marechal Cândido Rondon, mais doze outras foram previstas e criadas. Toledo ficava bem a Sudeste desta fazenda. Era intenção da administração da colonizadora criar naquele local a sede de sua empresa. Um prédio foi construído para este fim, mas uma grande geada, em meados de cinquenta, pôs fim a muitos sonhos e teve uma repercussão muito negativa em todos os sentidos, alterando muitos planos. O prédio ficou vazio por muito tempo, e mais tarde, doado para sede da administração municipal. General Rondon, prevista para um grande centro, foi diminuída de tamanho no seu loteamento urbano. Muitos lotes urbanos foram demarcados como chácaras.

A princípio, o distrito de General Rondon estava subordinado, administrativa e juridicamente a Toledo, que se tornara município no início da década de cinquenta.<sup>48</sup>

Em vinte e cinco de julho de mil novecentos e sessenta, pela lei número quatro mil duzentos e quarenta e cinco, o distrito de General Rondon, este nome foi uma homenagem ao comandante dos que lutaram contra a Coluna Prestes, tornou-se município. Marechal Cândido Rondon, o nome atual, alterado para atualizar a patente militar de seu patrono, foi desmembrado de Toledo (São Clemente, que foi um distrito de Marechal Cândido Rondon, atualmente pertencente ao município de Santa Helena, foi desmembrado de Foz do Iguaçu). Mais tarde, com a criação de outros municípios, que receberam parte do território de Marechal Cândido Rondon, e a inundação do lago de Itaipu, restou uma área de um mil e quarenta quilômetros quadrados.

---

<sup>47</sup> LAMB. Arlindo Alberto. Município de Marechal Cândido Rondon. Marechal Cândido Rondon, 22.10.1982 Entrevista ao Projeto Memória de Marechal Cândido Rondon, em 22.10.1982. quilômetros, sentido Leste-Oeste, e trinta e oito

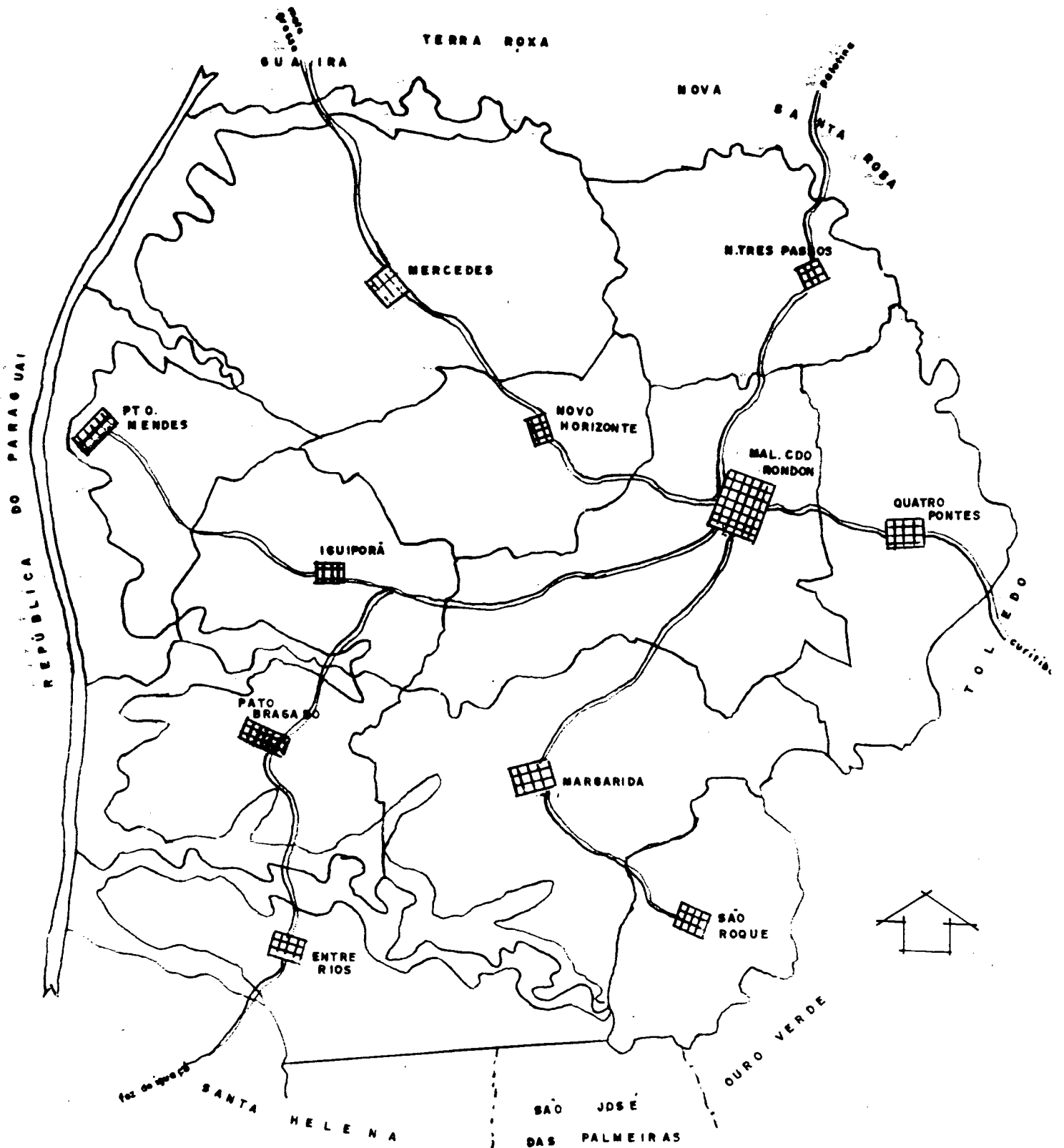
<sup>48</sup> PARANÁ, Estado. Decreto Lei n. 16. De 06 de junho de 1953.

Possui, atualmente, dez distritos (Mapa 09), todos ligados à sede municipal por rodovias asfaltadas. Dez anos depois da criação do município, foi elevado à situação de comarca.

Na sua área rural, existem sete mil, duzentos e oitenta e oito propriedades rurais. Nenhuma é latifúndio.



MUNICIPIO DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON



FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL

0 8 16 Km

## II AGRICULTURA TRADICIONAL

Pertencendo ao setor primário da economia, a agricultura desempenha uma função básica em todos os ramos de atividade. Segundo Caio Prado Júnior, ela é o "nervo econômico da civilização"<sup>1</sup>.

A agropecuária é a atividade econômica que trata com seres vivos, sendo pois, de grande risco, porque depende de muitos fatores alheios à vontade do produtor. A indústria e o comércio transformam e distribuem estes produtos. Pela sua importância, a maioria dos governos dos países dá muita atenção ao setor primário da economia, que recebe subsídios para um melhor desenvolvimento.

Dentro das várias divisões que se aplicam à agricultura, uma bem razoável, quanto ao seu estágio tecnológico, é a classificação em: agricultura primitiva, tradicional e moderna.

A agricultura primitiva depende de instrumentos simples desde o plantio até a colheita, com grande preponderância do trabalho manual. Seu maior objetivo é a subsistência do seu grupo. Não aplica muito técnicas novas na melhoria de sua produção. Um exemplo deste tipo de agricultura era a praticada pelos nativos supervisionados pelos jesuítas na Província Jesuítica del Guayra, no Oeste do Paraná.

A agricultura tradicional difere bastante da primeira. Os produtores rurais usam algumas máquinas e equipamentos e o trabalho manual, ainda que praticado, tem importância secundária. A produção destina-se para seu próprio sustento, e para o mercado consu-

---

<sup>1</sup> PRADO JUNIOR, Caio - Formação Econômica do Brasil. São Paulo - Brasiliense, 1959, p. 112.

midor, quer regional ou nacional, onde são vendidos seus excedentes. Era a atividade mercante nos dois primeiros decênios da vida econômica do atual município de Marechal Cândido Rondon.

Necessita esta modalidade de agricultura de um número razoável de braços humanos para alcançar os seus objetivos. As famílias, geralmente, são numerosas e todos os seus elementos dedicam-se aos afazeres rurais, embora sem uma remuneração específica para cada indivíduo.

O termo tradicional refere-se, não tanto à mecanização parcial de suas atividades, mas à ausência de rotação de culturas, de semente selecionada, de conservação de solo, de adubação verde, de análise de solos, de adubação química. Usa ainda técnicas primitivas como a coivara, praticada pelos nativos, que consiste em derrubar e queimar a mata.

A agricultura moderna apresenta condições tecnológicas avançadas. A sua produção destina-se para fins comerciais e industriais. Não dá a primazia para o mercado interno. Tornou-se predominante nas duas últimas décadas, através da atuação das cooperativas agropecuárias nesta região.

Um problema da análise da agricultura nacional é a existência ou não do camponês brasileiro. Segundo os estudiosos, a sua figura só parece com o imigrante. É o pequeno proprietário ou trabalhador rural não proprietário que produzem para suprir as necessidades dos centros urbanos<sup>7</sup>.

A situação fundiária é fundamental para a averiguação da agricultura. Desde o início da colonização portuguesa, o Brasil era caracterizado pelo latifúndio e pela monocultura extrovertida. A pequena e média propriedade, na época, era exceção à regra, tanto que muitos historiadores afirmam que a colonização só fora possível

---

<sup>7</sup> PRADO JUNIOR, Caio. Revolução Brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1968, p. 369

pela grande propriedade<sup>3</sup>.

A mão-de-obra usada por estes latifundiários era, durante a Colônia e o Império, o braço escravo. A terra era doada conforme o número de escravos. Assim, um pequeno número de pessoas apropriou-se de vastas porções de terras, muito além de suas necessidades.

Em meados do século dezenove, com a mudança da legislação, a única maneira possível de adquirir terras tornou-se a compra. Enquanto o governo dos Estados Unidos doava a todo imigrante que queria dedicar-se à agropecuária sessenta e nove hectares de terra<sup>4</sup>, em nosso país, o mesmo tinha que pagar, ainda que recebesse algum prazo, os vinte cinco hectares que lhe eram destinados. Por esta razão, a maioria dos imigrantes europeus preferia as terras norte-americanas, com clima semelhante aos seus países de origem.

Ainda existe o aspecto do direito de propriedade. Só é proprietário de seu estabelecimento o que tem escritura pública de sua área de exploração e não aquele que de fato está trabalhando e ocupando esta extensão<sup>5</sup>.

Mais feliz do que outras regiões foi a região do Extremo-Oeste do Paraná, que teve a sua colonização feita por pequenas propriedades, as chácaras e colônias, que se mantiveram estáveis ao longo do tempo. Pelo censo agropecuário do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado neste município, a média tem-se elevado com tendência de pequena alta a partir de 1970.

Interessante é averiguar a média do tamanho dos estabelecimentos rurais e comparar o estado do Paraná com o restante do Brasil. O Paraná é o quarto estado na classificação entre os de menores propriedades rurais da Federação, em 1970. Enquanto o País tinha uma média de duzentos e setenta hectares na década de vinte, o

<sup>3</sup> FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil - São Paulo, nacional, 1974 p. 249

<sup>4</sup> CONTADOR, Cláudio Roberto. Tecnologia e Desenvolvimento Agrário. Rio de Janeiro, IPEA, 1973. P.67

<sup>5</sup> GANCHO, Cândida Vilares e outras. A posse da Terra. São Paulo Ática, 1991. P. Paraná ultrapassava um pouco os se

tenta hectares, para alcançar as menores médias no censo de setenta, elevando-se o tamanho médio depois disso, embora sem grandes disparates. O mesmo acontece com o município de Marechal Cândido Rondon. (Gráfico 1-A, B e C)

O tipo de agricultura que se praticava neste município até o fim da década de setenta exigia um grande número de habitantes fixos em seus estabelecimentos agrícolas. Assim, para cada habitante urbano havia cinco no meio rural, para se igualar atualmente. No município vizinho de Toledo e no restante do estado do Paraná, existem, atualmente, cinco habitantes no meio urbano para cada habitante rural (Gráfico 02).

## 2.1 - Os Pioneiros

Segundo alguns historiadores, os colonos foram "expulsos" das zonas de colonização do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em virtude dos minifúndios que se formaram, inviabilizando a sobrevivência econômica dos lavradores<sup>6</sup>. Este termo "expulso" é um tanto exagerado, uma vez que os colonos deixaram suas regiões de origem voluntariamente, pensando na construção de uma nova vida. Um destes colonos, ao ser indagado porque deixara a região de Concórdia, estado de Santa Catarina, respondeu que lá só existia "pirambeira e pedras"<sup>7</sup>, enquanto no Oeste paranaense havia um relevo plano e um solo fértil, o que não existia na antiga região<sup>8</sup>. Outros responderam que "queriam ter uma vida independente", resposta geralmente dada por jovens que estavam para casar ou recém-casados<sup>9</sup>.

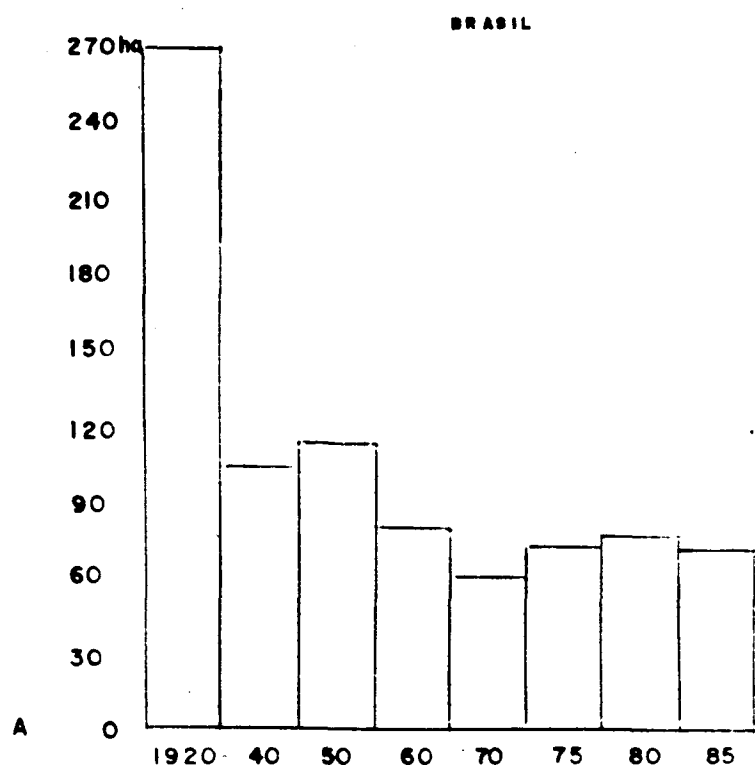
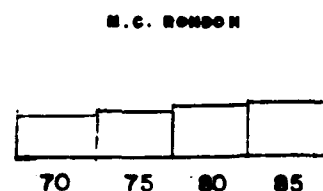
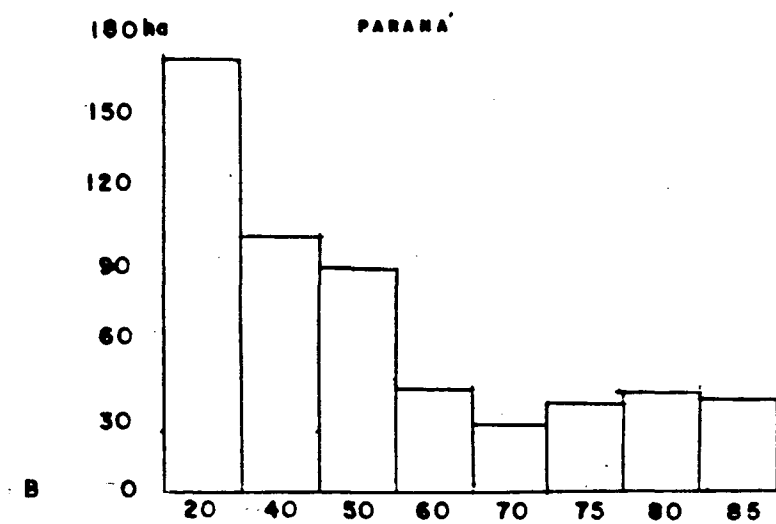
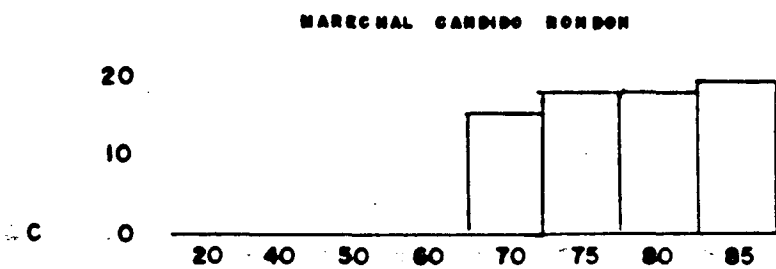
<sup>6</sup> GERMER, Claus Magno. O Progresso Técnico da Agricultura do Paraná. Curitiba, SEAG, 1981, p.33

<sup>7</sup> WEIRICH, Benno. Os primeiros tempos de General Rondon. H.C. Rondon, 1981. Entrevista realizada dia 22.11.81

<sup>8</sup> LAMB, Arlindo Alberto. A colonização do Oeste. Marechal Cândido Rondon, 22.10.82.

<sup>9</sup> ROCKENBACH, Guido. A Coaxulil. O projeto Memória. Marechal Cândido Rondon, 10.07.92.

MEDIA DOS ESTABELECIMENTOS RURAIS DO BRASIL, PARANÁ E MARECHAL CANDIDO RONDON



FONTE: I.B.G.E.

Uma outra razão que animou muitos a virem para esta região foi a inexistência de formigas, tão comum no Extremo-Sul do país. Diziam: "Enquanto no Sul em pleno meio dia fumegavam as formigas ou lhes jogavam formicida, aqui podiam ocupar o tempo em tomar chimarrão ou fazer coisas mais úteis"<sup>10</sup>.

Assim, a colonizadora não precisou fazer propaganda de suas terras, porque foram amplamente divulgadas, até de forma exagerada, pelos visitantes da região. Os corretores de vendas dos lotes rurais organizavam caravanas em caminhões tipo pau-de-arara para os interessados, que, na volta, contavam, entusiasmados, as condições naturais do Extremo-Oeste.

O adquirente de terras, que pagava uma parcela no ato da compra de seu lote rural, voltava à origem e tratava de fazer a mudança para a antiga fazenda Britânia. Depois de se desfazer do que não era essencial, contratava um caminhão para fazer a sua transferência para o novo lar, carregando, além de móveis e utensílios, ferramentas e implementos agrícolas que seriam ocupados para a nova propriedade. Na parte traseira, deixavam espaço para alguns animais, como vacas, porcos, aves e cães de guarda. Os filhos eram alojados entre os pertences da carga, enquanto os pais acompanhavam o motorista na cabine.

Depois de uma viagem prolongada, geralmente pernoitavam em lugares abertos, onde também tratavam os seus animais.

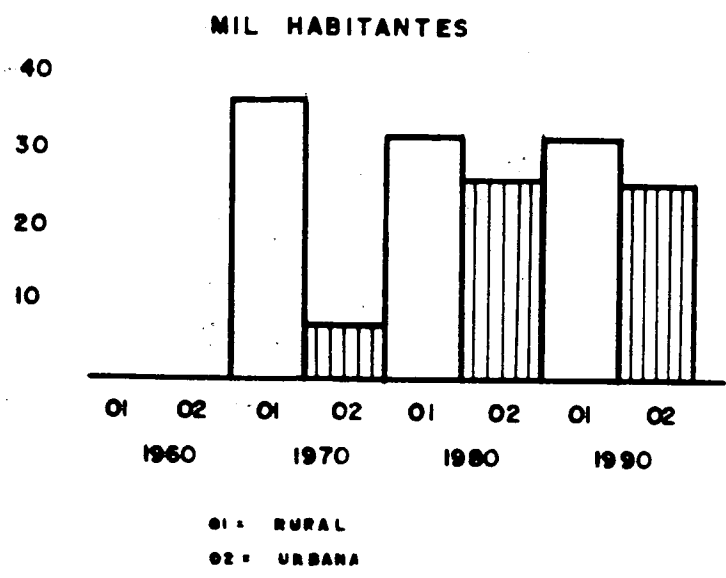
A chegada ao destino era uma festa para os moradores locais, que, de pronto, mesmo que tivessem de andar quilômetros, cooperavam em tudo para a instalação dos recém-chegados.

A Maripá construía barracões para abrigar os novos proprietários, caso sua residência no local definitivo não estivesse pronta. As famílias poderiam permanecer nestes barracões até a conclu-

---

<sup>10</sup> PEDDE, Emílio. A colonização do Oeste de Marechal Cândido Rondon. 15.07.1982.

MARECHAL CANDIDO RONDON  
POPULAÇÃO RURAL E URBANA  
1960 - 1990



FONTE: I.B.G.E.

FONTE: I.B.G.E



são da nova moradia<sup>44</sup>.

As casas eram construídas de tábuas de madeira de lei ou de pinho, adquiridas da colonizadora ou de outras firmas. As telhas vinham da olaria da Maripá. Um paiol e uma pocilga completavam as benfeitorias para a ocupação da propriedade.

A etapa seguinte era a contratação de pessoal para derrubar uma pequena parcela da pesada mata. Eram geralmente contratados os paraguaios que se encontravam na região. Esta tarefa era feita por empreitadas, sendo utilizados machado e a foice.

Uma vez realizada a derrubada da mata, que chegou a trinta por cento até o fim da década de sessenta, esperavam secar as folhagens, realizando então a queimada. Assim começava o plantio das primeiras lavouras para a subsistência e também para a venda ao mercado consumidor (Gráfico 03).

Uma pequena parcela da área era reservada para o poleiro, plantada com gramínea, onde largavam os bovinos, que forneciam aos agricultores o leite e derivados e também a força para mover as carroças e puxar os arados.

Traziam também árvores frutíferas e mudas de flores, que eram plantadas nos pomares e jardins, localizados perto da residência.

As primeiras lavouras seguiam o mesmo esquema das do Sul. Plantavam milho, feijão, arroz e mandioca com sementes trazidas com a mudança. Os primeiros milharais produziram tanto que o milho era deixado nos pés ou amontoado à beira dos caminhos, porque não havia consumidores suficientes na região e os grandes centros ficavam a centenas de quilômetros. Aos poucos, a suinocultura começou a consumir o excedente desta produção.

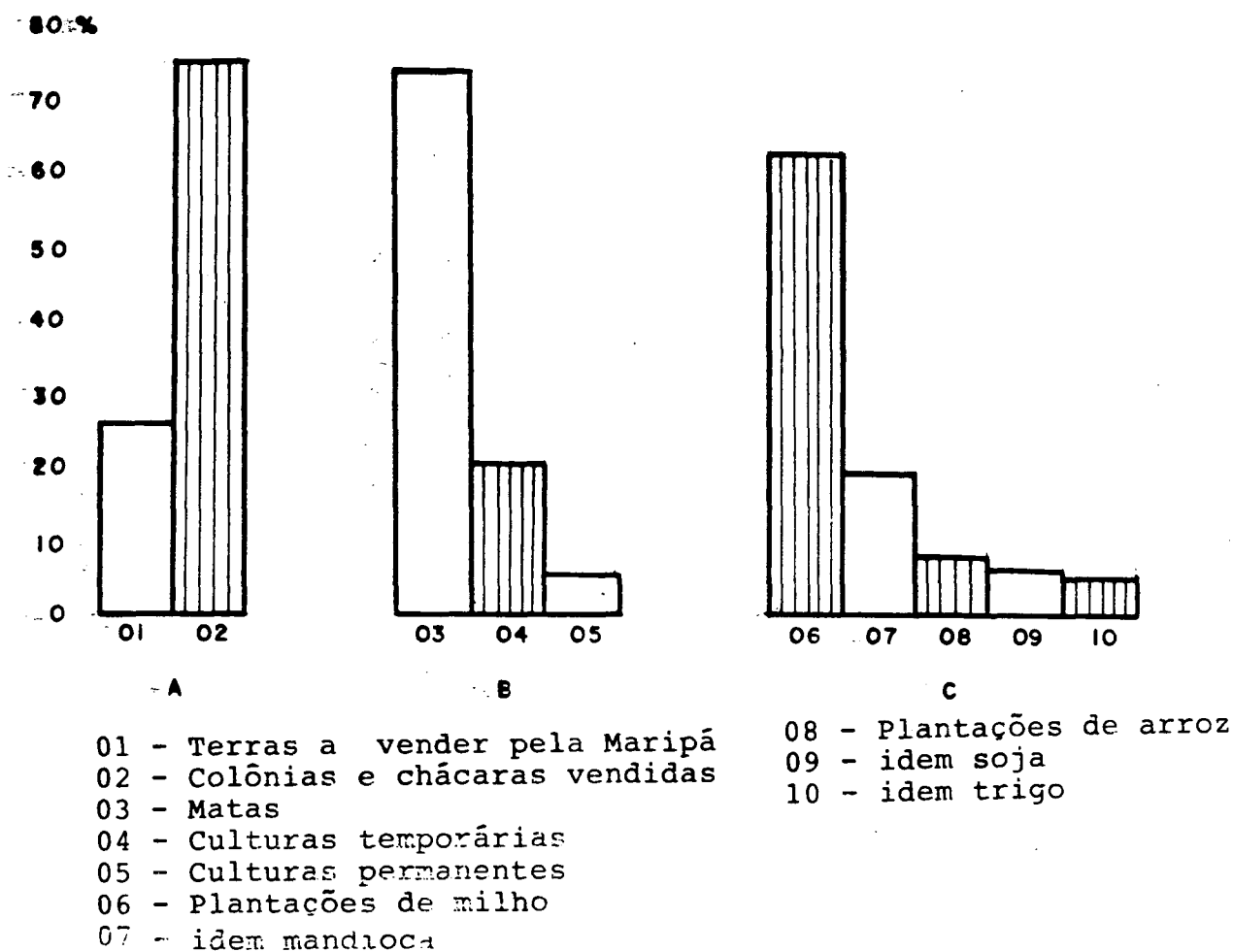
O grande sonho, no início da década de cinquenta, era plantar o café, o novo eldorado, no Oeste do Paraná. Os recém-chegados colonos dedicaram-se afoitamente ao plantio desta cultura perma-

---

<sup>44</sup> NIEDENHAER, Ondy Hélio. Plano de Colonização da Maripá. Toledo. Mimeografado. P.07

MARECHAL CÂNDIDO RONDON

SITUAÇÃO DA AGRICULTURA EM 1956



FONTE: MUNICIPIO DE TOLEDO

nente, ocupando as entrelinhas com plantações anuais. Quando muitos já previam grandes fortunas, eis que, em meados desta década, uma forte geada pôs fim aos cafezais. Alguns colonos insistiram por mais algum tempo<sup>18</sup>, mas a geada nos invernos e a mecanização trouxeram o fim também a estas plantações. Com o fim do plantio do café, a policultura e a criação de suínos tornaram-se a base da economia regional.

Surgiram na região de Toledo e Marechal Cândido Rondon, na década de sessenta, frigoríficos, fruto do trabalho dos pioneiros desta região, que se esforçaram para encontrar acionistas, e conseguiram, aos poucos, levantar estas fábricas. Todavia, estas pessoas que tanto se sacrificaram hoje vêem grandes grupos nacionais dirigindo estas empresas<sup>19</sup>.

## 2.2 - O duro dia a dia

O fracasso da cafeicultura levou os pioneiros a erradicar, aos poucos, os cafezais e a procurar outros produtos que se integrassem na economia nacional.

A solução encontrada foi a policultura, que revitalizou a vida econômica local. Ao contrário da monocultura, a diversificação de atividades e produção permitiu um fluxo constante de recursos para sua sobrevivência e tornou os colonos menos dependente da especulação do mercado.

A pequena propriedade dava sinais positivos na região. Os colonizadores vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, descendentes de alemães, italianos e eslavos, imigrantes que já vieram para produzir o necessário para o abastecimento dos grandes

---

<sup>18</sup> NIEDENHAER, p.09

<sup>19</sup> SILVA, Oscar e Outros. Toledo e sua História. Caxias do Sul, UNIV., 1988 p. 199

centros, corresponderam à expectativa.

Em média, o colono aproveitava para a agricultura e pecuária um terço de sua propriedade. No restante permanecia a mata nativa, o que era muito saudável para a região. Quando havia possibilidade de aumentar a plantação ou o pasto, derrubava-se mais uma parte da floresta<sup>14</sup>.

O pomar, formado por frutíferas temperadas e cítricas já tradicionais da antiga região, teve o acréscimo de outras árvores pouco conhecidas até então, como o mamoeiro, o abacateiro, a mangueira e outras, que enriqueciam as variedades de frutas consumidas.

A vida do colono era movimentada. Ao raiar do dia, todos se levantavam. Reuniam-se, então, na cozinha, local mais frequentado da residência, onde os adultos tomavam o seu chimarrão. Depois todos tomavam o café. A seguir, dirigiam-se ao trabalho. Mesmo que a família fosse numerosa, não faltava atividade para ninguém. As crianças com idade escolar dirigiam-se a uma das centenas de escolas mantidas pela prefeitura. Os demais tratavam a criação e tiravam leite - eram os serviços essenciais - e depois dirigiam-se para a roça, para plantar, capinar ou colher. Uma hora antes do meio dia, a esposa ou uma filha voltava para casa e preparava a refeição. À tarde, repetia-se todo o ritual, agora juntamente com as crianças, até que o serviço estivesse pronto. Voltavam, então para casa e as mulheres preparavam a janta, aproveitando as sobras do meio-dia.

Nos dias de chuva, quando o serviço na roça era impraticável, os colonos se dedicavam a outras atividades, como lascar lenha, tirar a palha das espigas de milho e outras. Aos domingos e feriados, igualmente, o ritmo diminuía, pois só tratavam os animais

<sup>14</sup> OBERG, Kalervo & JABINE, Thomaz. Trabalho em município da Fronteira. Deste do Paraná. Rio de Janeiro.

e tiravam leite.

No início, só trabalhavam com enxada, foice e máquina manual de plantio. Aos poucos, passaram a usar o arado na sua roça. Este equipamento puxado por animais era essencial para o melhor rendimento e aproveitamento das culturas. Na época da queimada, a mata poupada tinha que ser amontoada e os troncos maiores não aproveitados pelas serrarias alinhados num mesmo sentido.

À medida que a suinocultura foi sendo introduzida - o rebanho iniciou-se com algumas cabeças de porcos para a reprodução e consumo e foi aumentando até se tornar destaque nacional-, aumentou também o trabalho da família do colono, uma vez que quase toda a alimentação dos animais era produzida no próprio estabelecimento. Somente o milho, na maioria das vezes, não era todo produzido pelo suinocultor, que adquiria o restante de intermediários que o buscavam em espigas ou grãos nos municípios vizinhos. Além de produzir quase toda a alimentação, o colono precisava alimentar os suínos três vezes ao dia, com milho em espiga, mandioca, lavagem e pasto verde<sup>15</sup>. A lavagem era uma alimentação básica para os suínos tipo Duroc (vermelho) e para o comum. Havia meios tonéis de duzentos litros (este tonéis eram utilizados para o transporte de combustível dos grandes centros para os postos das pequenas localidades, sendo que os danificados eram vendidos aos suinocultores), que eram colocados sobre tijolos e enchidos até a metade com água. Era adicionada, então, a quirera de milho, soja, abóboras, batata-doce e outros produtos, que eram fervidos até estarem bem cozidos. Temperavam a lavagem com sal grosseiro que adquiriam dos comerciantes. Esta alimentação era fornecida, geralmente, ao meio dia<sup>16</sup>.

Outra atividade que se tornaria cotidiana devido à suinocultura era a colheita de mandioca, sempre de dois anos de plantio.

<sup>15</sup> SILVA, P. 158

<sup>16</sup> SAATKAMP, Venilda. Desafios, Lutas e Conquistas. Marechal Cândido Rondon. Assoesle, 1985.p.138

Depois de colhida, era geralmente amontoada em carretinha e transportada para o galpão onde era fornecida, em natura, tanto para os suínos como para as cabeças de gado bovino que o colono pudesse ter.

A suinocultura tornou-se um negócio altamente rentável, principalmente devido a esta quase auto-suficiência da produção de alimentos destinados aos suínos. Uma idéia desta rentabilidade nos dá o fato de que com a engorda e venda de cento e cinquenta suínos o produtor rural podia comprar uma colônia de dez alqueires<sup>17</sup>.

Do outro lado, havia os comerciantes que compravam estes suínos e os transportavam aos frigoríficos de Ponta Grossa, Curitiba, interior de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Para recolher os animais, usavam um caminhão de pequeno porte, a balança com os respectivos pesos e o cocho. Os suínos eram pegos dentro do chiqueiro, uma construção de madeira, sempre elevada em torno de meio metro do solo, deitados de costas dentro do cocho, pesados e jogados na carroceria do veículo. Um lote tinha em média doze animais. Eram então reunidos num depósito maior. Quando se alcançava um número próximo de sessenta, eram carregados em caminhões vistosos, com carrocerias de piso duplo, para o abate.

Depois de um intervalo de alguns dias, o suinocultor recebia o valor combinado do comerciante, recebendo parte do pagamento em mercadorias que precisava para sua sobrevivência.

Aos poucos, alguns agricultores conseguiram elevar o seu padrão de vida. Conseguiram, a partir do começo da década de sessenta, adquirir equipamentos agrícolas que facilitavam o trabalho na propriedade. Os mais importantes eram a trilhadeira e o triturador. O primeiro era usado para trilhar os cereais, extraíndo, inclusive, os grãos da espiga de milho com palka. O motor que movimentava a trilhadeira era também usado no triturador, que transformava o mi-

---

<sup>17</sup> TOHN, Augusto. Os primeiros tempos. Marechal Cândido Rondon. 22.07.82.

lho em quirera, mais facilmente aproveitado pelos animais. Além deste equipamentos, puderam ainda adquirir um veículo motorizado para se locomover até a vila ou cidade.

Era marcante entre os lavradores a homogeneidade sócio-econômica. Tinham a propriedade agrícola do com tamanho padronizado, a colônia de dez alqueires, os meios de produção não apresentavam grandes disparidades, bem como os resultados de sua produção, e o trabalho da família era a mão-de-obra. A maioria dos colonos tinha o direito e a posse de sua pequena área de exploração.

### 2.3 - A Crise

A suinocultura abastecia o mercado nacional daquela época, sendo que os suínos forneciam banha e carne. Nos fins da década de setenta, o suinocultor sentiu a queda do consumo de seus produtos, principalmente a banha que fora mais usada que o óleo de soja (na surdina afirmava-se que o óleo de soja era prejudicial à saúde, que enfraquecia os ossos)<sup>10</sup>.

A principal causa da queda do consumo de banha foi a instalação de algumas fábricas de esmagamento de soja e do refinamento de seu óleo, produto que suplantou os demais no aproveitamento culinário.

Outra causa foi o fato de que os suínos que não eram mais do tipo carne não eram aceitos pelos grandes frigoríficos. Uma nova raça teve de ser introduzida, a "Landrace", originária do Primeiro Mundo. Eram suínos brancos, que continham pouca banha mas muita carne, como era o desejo dos consumidores.

A queda de preços dos suínos do tipo anterior foi vertigi-

---

<sup>10</sup> LANGE, Reinardo. A suinocultura. Marechal Cândido Rondon. 28/04/1992

nosa, sincronizando com a da produção. (Gráfico 04)

Para continuar sua atividade, os suinocultores teriam de mudar suas instalações, substituindo os velhos chiqueiros por modernas pocilgas. A higiene destas pocilgas deveria ser rigorosa, ao contrário das dos suínos do tipo comum. A alimentação dos suínos teria uma grande alteração, pois os antigos alimentos fornecidos aos animais, deveriam ser substituídos pela ração balanceada. Deveriam ter ainda uma assistência veterinária contínua. As velhas criadeiras e reprodutores deveriam ser trocados pelos da nova raça, adquiridos por preços avultados.

As outras atividades agrícolas, igualmente, tiveram a sua rentabilidade econômica diminuída, devido à queda do preço dos produtos.

Os trabalhos manuais na lavoura permitiam que uma pessoa só cultivasse três hectares, o que lhe dava um rendimento mensal inferior a um salário mínimo, valor insuficiente para responder às necessidades de uma família. Mesmo com o arado de tração animal, só poderia revolver um alqueire de terra plana em vinte e quatro dias<sup>17</sup>.

Ocorreu no Brasil uma grande luta, a partir da década de cinquenta, para industrializar o país, para substituir as importações pelos produtos nacionais. Este movimento foi o nacional-desenvolvimentismo. Este ideal, em parte, foi alcançado, ainda que por caminhos tortuosos. Havia uma indústria moderna, porém a agricultura era atrasada<sup>18</sup>.

Além do atraso na agricultura, aumentava cada vez mais o problema do armazenamento da produção e da atuação dos intermediários, que formavam monopólios, sendo os detentores dos lucros deste setor.

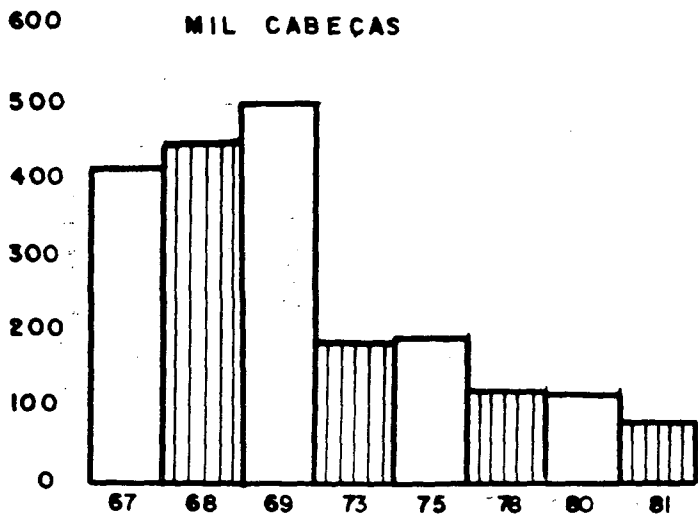
---

<sup>17</sup> GERHER, p. 52

<sup>18</sup> HANTEGA, Guido. Economia Política Brasileira. Petrópolis. Vozes. 1987. P.85



MARECHAL CÂNDIDO RONDON  
SITUAÇÃO DA SUINOCULTURA  
1967 - 1981



FONTE: DESAFIOS, LUTAS E CONQUISTAS

Com a crise dos fins dos anos sessenta, começou um movimento de reação. Os produtores rurais começaram a se reunir, agrupando-se conforme as diversas áreas a que pertenciam.

Os suinocultores resolveram bloquear as estradas, não deixando passar carregamento de suínos e não permitindo, desse modo, que a produção entrasse nos frigoríficos. Mas os resultados deste método não foram os desejados. Os plantadores também tiveram algumas iniciativas, mas nenhuma delas obteve muita repercussão <sup>81</sup>.

Mas na crise, encontram-se idéias e soluções. Nas assembleias dos grupos, os colonos fizeram abaixo-assinados com exposição das principais reclamações para as autoridades públicas e cartas abertas ao Ministério da Agricultura. Os representantes políticos da região também se movimentaram para atenuar a situação.

O governo Federal enviou à região técnicos e especialistas para estudar a situação e propor soluções para esta caótica situação. Uma das opções foi a modernização da agricultura e da pecuária. Outra foi agricultores e pecuaristas se unirem para a formação de cooperativas agropecuárias <sup>82</sup>.

---

<sup>81</sup> HERGENER, Valmor. A história da Copacril. Marechal Cândido Rondon. Monografia 1990. P. 46

<sup>82</sup> HERGENER. p.48

### III A GÊNESE COOPERATIVISTA

### III - A GÊNESE COOPERATIVISTA

As crises, geralmente, provocam alterações estruturais na economia. Foi também devido a uma crise surgiu a primeira cooperativa, mais especificamente, uma de consumo. Em meados do século passado, operários de uma tecelagem inglesa reivindicaram melhores salários através da realização de greve, mas não obtiveram resultados favoráveis. Tiveram de voltar ao trabalho sem ter conseguido qualquer vantagem. Fuseram-se, então, a procurar meios para melhorar sua situação sócio-econômica. Uma das opções foi fundar uma sociedade de ajuda mútua.

O mesmo aconteceu no Extremo-Oeste do Paraná. Quando a atividade econômica entrou em colapso, os colonos tentaram paralisar a movimentação da produção. Uma reação violenta do poder público e as ameaças fizeram-nos desistir do seu intento. Partiram então para uma união de forças para superar os seus problemas.

As cooperativas são sociedades de pessoas. Seus componentes, os que têm quotas de capital social, são designados de associados ou cooperados. Têm por objetivo a ajuda mútua em qualquer setor de atividade econômica, quer na comercialização de seus produtos, quer no seu beneficiamento ou industrialização ou na área de serviços. São sociedades que não visam lucros e que, no fim do exercício, distribuem aos associados o seu excedente ou sobras, pro rata, conforme as operações que cada um manteve, independente da quota-parte que tem.

A cooperativa é uma empresa sui generis. O sócio é, ao mes-

mo tempo, proprietário e usuário.<sup>4</sup>

O que é determinante nas cooperativas é a ajuda mútua, a solidariedade e a cooperação entre os seus membros. Embora a ajuda mútua tenha acompanhado os homens em todos os tempos da história, com estas cooperativas ocorre a sua organização e sistematização.

As principais características destas empresas, além de serem uma sociedade de pessoas, são a variabilidade de capital, o número sem limite de associados, o valor limitado das quotas-parte do capital social, que não pode ser transferido para terceiros, a natureza democrática (as decisões são tomadas em assembléia geral), a distribuição das sobras aos associados conforme as operações de cada um, o direito de cada associado ao voto singular, independente de sua quota-parte, a indivisibilidade do fundo de reserva e a autofiscalização das atividades financeiras da cooperativa pelo conselho fiscal e pelas auditorias.

Existem quatro diferenças principais entre as sociedades de pessoas e as empresas comerciais. A primeira está na finalidade. Enquanto as sociedades de pessoas visam à prestação de serviços, as empresas comerciais visam o lucro. A segunda está na forma de representação. Nas cooperativas, existe a singularidade do voto, que independe do número de quotas. Nas empresas comerciais, a representação é proporcional ao número de ações. A terceira está na existência da falência e da concordata, pois apenas as empresas comerciais valem destes recursos. A quarta está na distribuição dos excedentes. As cooperativas distribuem as sobras conforme os serviços realizados. As empresas comerciais distribuem os lucros proporcionalmente às ações ou quotas dos sócios.

Como todas sociedades, as cooperativas são constituídas por estatutos, a carta-magna, que estabelece seus objetivos, a formação e o mandato dos conselhos de administração e fiscal e fixa

---

<sup>4</sup> ARAÚJO, Silvia Maria P. de. Eles: a cooperativa. Curitiba. Gráfica Projeto. 1982 p.87

normas para as suas atividades.

Como sociedades abertas que são, é vedado às cooperativas qualquer discriminação religiosa, racial ou política.

Algumas idéias do cooperativismo já se manifestavam antes deste sistema atingir uma configuração complexa. Esta fase é chamada de pré-cooperativismo. Nesta época, pessoas tentaram encontrar meios, principalmente através da formação de associações, para auxiliar as pessoas nos desajustes econômicos, que é um dos frutos do liberalismo econômico e do individualismo que se estava implantando nas nações.

Depois destas associações, foram organizadas as primeiras cooperativas modernas. Paradoxalmente, apenas meio século depois surgiu o cooperativismo, isto é, as idéias que impulsionam estas organizações.

Há várias categorias de cooperativas. Existem as cooperativas de primeiro grau ou singulares, as cooperativas de segundo grau ou centrais cooperativas e as de terceiro grau ou confederações. As cooperativas de primeiro grau são sociedades únicas, embora formadas por entrepostos, postos de recebimento e outras divisões. São divididas em cooperativas de produção, de consumo, de crédito, de habitação, de eletrificação rural, de trabalhos, escolares e outras. Entre as de produção, estão classificadas as cooperativas agropecuárias. Estas podem ser integrais, quando englobam toda produção, ou parciais, também chamadas de comercialização. Existem as cooperativas mistas, que têm múltiplas funções, como a COPAGRIL e as demais da região do Extremo-Oeste do Paraná.

As cooperativas de segundo grau são as centrais e federações de cooperativas. São as cooperativas das cooperativas. Algumas delas se unem para explorar determinados ramos de atividades. A SUDCOOP e a COTRIGUAÇU são exemplos deste tipo de empresa no Extremo-Oeste do Paraná.

As cooperativas de terceiro grau são as confederações forma-

das pelas federações, cooperativas centrais e cooperativas singulares dentro de um determinado setor.

As cooperativas de produção agropecuária têm uma classificação interna que as distinguem entre si. As de produção propriamente ditas recebem esta designação para diferenciá-las das cooperativas de consumo, pois na verdade, são apenas empresas coletivas de comercialização de produtos agrícolas e insumos, como, por exemplo, as do Oeste do Paraná. As cooperativas de produção agropecuária integral, como os kibbutz de Israel, ejidos do México e kolkhozes da U.R.S.S., além de comercializarem o produto, são também proprietária das terras colonizadas, participam da produção e dos seus benefícios<sup>2</sup>.

### 3.1 - O Associonismo

O Mercantilismo e a Revolução Industrial trouxeram para alguns países enorme prosperidade. De outro lado, porém, agravaram a desigualdade sócio-econômica para a grande maioria da sociedade, resultante do liberalismo econômico e do individualismo.

Estes problemas sociais fizeram surgir muitas idéias para corrigir estas anomalias. Muitos interessados apresentaram soluções para a melhoria da situação, principalmente, da do proletariado, que, em última análise, mais sofria com a situação.

Este movimento, denominado de socialismo utópico ou espiritual, coincide com o período do pré-cooperativismo ou da divulgação das idéias dos precursores do pré-cooperativismo.

Algumas tentativas concretas como a colônia dos shakers, os falanstérios, Nova Harmonia, ateliers industriais foram efetuadas. Estas experiências não atingiram os objetivos propostos, mas foram

---

<sup>2</sup> LUIZ FILHO, Fabio. As cooperativas e os problemas da Terra. Rio de Janeiro, Mesle, 1962. p. 113.

de grande valia porque deram os fundamentos para o cooperativismo<sup>3</sup>.

A preocupação com a justiça social, distribuição de renda e a propriedade são bem antigas. O filósofo Platão, na sua obra "A República" já alentava a idéia da propriedade coletiva. No seu imaginário, a sociedade distribuir-se-ia em três camadas: os filósofos, os militares e o povo. Os filósofos seriam os governantes os militares, a classe intermediária, com a responsabilidade da segurança e da ordem e os demais; os governados, responsáveis pela produção.

Igualmente, Tomás Morus preconizou uma sociedade onde a produção e a sociedade seriam coletivas. Escolheu, na sua imaginação, um território isolado onde todos iriam trabalhar, sem que houvesse desigualdade social. Ele mesmo chamou sua obra literária de "Utopia", porque seria de difícil execução<sup>4</sup>. Também Bacon, na obra "Nova Atlântica", preocupava-se com estes problemas<sup>5</sup>.

Os precursores do associacionismo foram verdadeiros sonhadores, com o idealismo de criar uma nova sociedade em meio a um capitalismo consolidado, na ânsia de obter a felicidade para o seu próximo.

Entre estes encontram-se Plockboy, John Bellers, Charles Fourier, William King, Philippe Buchez, Saint-Simon, Louis Blanc, Cabet e Robert Owen.

Plockboy previa que o auxílio mútuo, através de associações livres, era necessário para uma vida mais humana. Assim, por meio de uma economia coletiva haveria melhoria da produção e do consumo e uma estrutura democrática na sua administração, com a participação de todos os associados, e evitando-se os intermediários, inúteis para a engrenagem. As vantagens deste sistemas seriam estendi-

<sup>3</sup> CARNEIRO, Palmyes Paixão. *Cooperação*. Belo Horizonte. FUNDEC, 1984, p. 212.

<sup>4</sup> CARNEIRO, p. 215

<sup>5</sup> MORUS, Thomas. *A Utopia*. Rio de Janeiro. Tecnoprint. S.D. P. 170



das para a organização da indústria e da agricultura. As idéias de Plockboy ajudaram muito na programação prática do modelo cooperativo<sup>6</sup>.

Outro idealista foi John Bellers, um quaker, que planejou a organização de colônias cooperativas de trabalho entre seus correligionários. Os principais princípios eram a eliminação dos lucros dos intermediários, a união entre a indústria e agricultura, e a divisão do excedente entre os seus membros da colônia<sup>7</sup>.

Charles Fourier foi um intelectual que teve as suas idéias postas em prática. Embora fosse de origem nobre e abastado (perdeu a sua fortuna na época da Revolução Francesa, preocupou-se com a classe dos humildes e espoliados. Previu a fundação de colônias agrícolas, com economia planificada, trabalho em série e a exclusão de intermediários, chamadas de falanstérios. O trabalho era comunitário, sendo dividido por sexo, havia justiça e harmonia social e o excedente do trabalho era pago em dividendos aos seus membros. A atividade era atraente, porque cada um podia fazer o que mais gostava. Nestas colônias, seriam exercidas várias atividades, desde a agricultura, englobando a produção e o consumo, até o artesanato e o comércio. A aplicação prática do modelo idealizado por Fourier trouxe bons resultados, mas não chegou a durar muito tempo<sup>8</sup>.

William King foi responsável pela edição da revista "O Cooperador", que, por mais de dez anos, divulgou as idéias do trabalho em comum e dos bons resultados que traria para seus integrantes. Apoiava, principalmente, a associação de consumo e queria sua expansão por todos os países<sup>9</sup>.

Também Phelippe Buchez se preocupou com a produção e o con-

---

<sup>6</sup> GAYOTTO, A. M. Formas Práticas de Cooperação e Participação. São Paulo - DEC. 1974. P. 66.

<sup>7</sup> GAYOTTO. P.68 sociação,

<sup>8</sup> LUZ FILHO, Fábio. Teoria e Prática das Sociedades Cooperativistas. Rio de Janeiro Pongetti. 1961 p. 18

<sup>9</sup> GAYOTTO. 76

sumo. Queria a livre associação, sem a interferência do Estado, pois acreditava que este sistema melhorava a situação da classe operária. Os que trabalhassem nas suas associações teriam um ordenado e, no fim do ano, haveria uma distribuição dos excedentes entre os integrantes. Para este teórico, o capital social das associações deveria ser perpétuo, indivisível e inalienável. Buscou criar associações autogestionadas<sup>10</sup>.

Merece destaque ainda Saint-Simon, que afirmava que a associação da produção e do consumo evitaria a exploração do homem pelo homem. faz parte também dos críticos do liberalismo econômico<sup>11</sup>.

Louis Blanc foi o responsável pela criação de associações de trabalho industrial. Era inimigo da livre concorrência, que, na sua opinião, eliminava a fraternidade entre os homens. Louis Blanc, um dos idealistas do socialismo de Estado<sup>12</sup>, pregava a intervenção do governo na economia. Previa o estabelecimento de novas fábricas, com a distribuição equitativa dos lucros, parte para os operários, parte para a fábrica e parte para o Estado. Seus empreendimentos tiveram bons resultados e só fracassaram com as modificações políticas e a falta de crédito.

O maior de todos os associonistas foi Robert Owen. Filho de uma família modesta, teve que começar cedo a trabalhar. Galgou depressa os degraus da empresa em que iniciou as suas atividades. Impressionou-se com a miséria dos operários e começou a tomar medidas práticas e concretas a fim de diminuir a jornada de trabalho e impedir a contratação de crianças. Não tendo o apoio dos demais empresários na sua luta, partiu para empreendimentos sociais, que chegaram a alcançar até o continente americano<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> CARNEIRO, Palmyros Paixão. Cooperativismo. Belo Horizonte - FUNDEC. 1981 p. 91

<sup>11</sup> LUZ. P. 31

<sup>12</sup> LUZ P. 31

<sup>13</sup> CARNEIRO. P. 67

Nos Estados Unidos, fundou as colônias "Nova Harmonia", associações de atividades integrais que visavam à eliminação da concorrência e dos intermediários. Pelo trabalho comum, pretendia melhorar as condições de seus associados. As suas iniciativas não tiveram sucesso, mas inspiraram outros, que corrigiram as falhas e procuraram apresentar melhores resultados.

Em suas obras, previa a associação, precedida por uma educação moral, de todas as classes e de todas as nações. Afirmava que a religião e a família eram os esteios da propriedade individual e que a sua abolição, a inovação dos costumes e a adoção de uma vida comunitária tornariam a vida mais justa.

Para implantar a primeira cooperativa moderna, tomou-se por base as teorias e a prática de Robert Owen. Os resultados destas primeiras cooperativas modernas foram muito positivas.

### 3.2 - Os pioneiros de Rochdale

A primeira cooperativa dos tempos modernos surgiu em 21 de dezembro de 1844, na pequena cidade de Rochdale, nas proximidades do subúrbio de Manchester. Foi fundada por vinte e oito sócios com o objetivo de fornecer artigos para o consumo.

Os fundadores desta entidade eram tecelões e sofriam com os baixos salários. Fizeram, então, uma greve, da qual saíram perdedores. Desanimados, reuniram-se a fim de procurar soluções para as suas dificuldades. Uma delas foi a emigração. Resolveram, por fim, criar uma sociedade que lhes fornecesse produtos de primeira necessidade.

Estes modestos operários, que não tinham nenhum conhecimento de economia política ou ciências sociais, mas que queriam melhorar suas condições de vida reuniram-se e estudaram durante um ano a organização da nova sociedade. Não foram, de maneira nenhuma preci-

pitados Entre eles, havia discípulos de Robert Owen, alguns radicais, outros extremistas. A idéia básica era uma associação que beneficiaria a todos pecuniariamente, melhorando suas condições de sobrevivência. Para fundar esta associação, cada associado, depois de economizar durante um ano, entregou, para formação social da empresa, uma libra esterlina<sup>14</sup>.

Aprovaram a manutenção de um armazém, toad lane (beco do sapo), que venderia aos sócios-usuários os mantimentos e artigos mais consumidos. Fixaram também os princípios que norteariam esta cooperativa, que com pequenas modificações, são adotadas universalmente por estas entidades até os dias de hoje. Destacam-se, entre eles, a distribuição do excedente das suas atividades, pró rata, pelas operações que cada associado tivesse com este armazém. Este princípio fora designado de Howart, em homenagem a Charles Howart que o propôs. Esta era a grande diferença em relação aos outros modelos do associonismo e o motivo do sucesso desta e de todas as cooperativas.

Os pioneiros foram ainda além. Estabeleceram nos seus estatutos que, tão logo fosse possível, construiriam ou adquiririam habitações para os seus membros, manteriam fábricas para dar emprego e melhores salários para os membros das famílias dos associados e também arrendariam terras para o fornecimento de produtos para o seu consumo e para dar emprego aos não tivessem<sup>15</sup>.

Formariam, com seus próprios recursos, uma sociedade completa, não só de consumo, mas de produção e distribuição, com seus próprios recursos, baseada no espírito de solidariedade e equitatividade social.

Com o lema "todos por um e um por todos" se propuseram a incentivar a educação e a idéia cooperativista e apoiar todos os movimentos que surgissem no sentido do cooperativismo.

<sup>14</sup> CARNEIRO. p.33

<sup>15</sup> FERRINHO, Homero. As cooperativas e o Desenvolvimento Rural. São Paulo, Clássica p.33

Esta cooperativa, nos primeiros anos, teve poucos associados, mas rapidamente o seu número cresceu e, depois de um século de existência, o seu quadro social várias dezenas de milhares de associados.

### 3.3 - O cooperativismo

É o processo associativo de homens livres, que aglutinam suas forças com o objetivo de estimular a produção, defender o consumo e eliminar os intermediários na distribuição dos produtos. Visa o desenvolvimento econômico e social e a melhoria do padrão de vida. É a terceira força da sociedade. Para muitos, é a terceira via entre o liberalismo econômico e o socialismo<sup>14</sup>. Na verdade, o cooperativismo foi uma contraposição ao liberalismo econômico, que se fundamenta na livre concorrência e na propriedade individual.

Para o cooperativismo, o homem é o fim e não o meio. A grande meta é satisfazer as necessidades humanas e encontrar a harmonia social, pela renovação social através da cooperação, pelo método associativo, para melhorar o nível de vida e valorizar o trabalho dos associados. O lema do cooperativismo é "a união faz a força".

Está no seu programa a eliminação do lucro e o estabelecimento do justo preço, resultando na democracia econômica.

É também um movimento em que a cada momento é necessário uma nova tomada de decisões. Ocorre, assim, a evolução dos princípios que o fundamentam, a solidariedade humana, a equitatividade social, o respeito do homem pelo homem, o ativismo constante e a educação permanente para conseguir um mundo melhor e mais solidário.

Os erros mais comuns que ocorrem em relação às cooperativas

---

<sup>14</sup> LUZ FILHO, p. 251.

são: a outorgação de uma finalidade política, a excessiva intervenção estatal, a insuficiente coordenação de suas ações, o deficiente conhecimento de sua estrutura e uma prática distante da teoria.

A doutrina cooperativista foi elaborada, como já foi afirmado na introdução deste capítulo, cinquenta anos, após a organização da primeira cooperativa moderna, teve como mentores Charles Gide - professor de Economia Política e fundador da Revista de Estudos Cooperativos -, de tendência liberal, e Beatriz Webb Potter, de tendência estatizante<sup>17</sup>.

O primeiro ganhou destaque ao ser convidado pela Escola de Nimes, França, para fazer o discurso de abertura de um congresso de cooperativismo. Baseou a sua mensagem nos princípios dos Pioneiros de Rochdale, a saber: a livre adesão, a gestão democrática, a neutralidade política, religiosa e racial, a venda por justo preço, o retorno pro rata das sobras referentes às operações, vendas efetuadas somente à vista, juros limitados sobre o valor do capital e desenvolvimento do ensino em todos os níveis<sup>18</sup>.

Posteriormente, estes princípios foram aceitos e oficializados pela Associação Cooperativista Internacional (ACI), que eliminou o princípio de vendas à vista, que ficou sendo válido somente para o consumo. Acrescentou ainda a idéia da colaboração entre as cooperativas em todos os níveis.

Também é de Charles Gide a autoria das doze virtudes do cooperativismo, que são: viver melhor; pagar melhor e à vista; poupar sem sofrimento; suprimir os intermediários, os verdadeiros parasitas da sociedade; evitar o consumo de bebida alcoólica; granjear o interesse das mulheres nas questões sociais; ensino de princípios de economia para o povo a fim de torná-lo apto para auto-gestão; facilitar a todos o acesso à propriedade; reconstruir a propriedade

---

<sup>17</sup> PINHO, Diva Benevides. O que é Cooperativismo. São Paulo, Gráfica da USP, 1962, p. 163

<sup>18</sup> PINHO, Diva B. O que é cooperativismo. São Paulo, Col. Buriti, 1984. P. 23

coletiva como patrimônio cooperativo; estabelecer o justo preço, inclusive do trabalho, eliminar o lucro capitalista; e abolir os conflitos. Haveria uma verdadeira solidariedade entre o capital e o trabalho e entre a produção e o consumo. Acabaria o combate por falta de combatentes<sup>19</sup>.

A idealização da República Cooperativa também é da mesma autoria. Tem, na primeira etapa, a cooperativa de consumo que visa ao abastecimento de seus membros. Na segunda, a industrial, para evitar que seus membros sejam assalariados. Na última, a cooperativa agropecuária, com o objetivo de fornecer as condições de subsistência. Com a eliminação, em todas as etapas, dos intermediários, que são os verdadeiros parasitas, pois retém o lucro, encarecendo os produtos, haveria uma sociedade melhor. No Brasil, houve uma inversão destas etapas da República Cooperativa<sup>20</sup>.

A filosofia cooperativista visa à dignidade individual, estimula os valores humanos dentro de um padrão democrático, enaltece a responsabilidade e a liberdade econômica e evita a opressão do homem pelo seu semelhante. Seria a sociedade ideal, com a prática da ajuda mútua, da solidariedade e da cooperação espontânea.

O pensamento cooperativo é a sistematização das idéias que formam uma unidade contínua. Tem como centro ativo de seus agentes, o homem, senhor determinante e não neutro na sociedade, tendo seu alicerce no respeito do homem pelo homem.

O cooperativismo encontra respaldo na Organização das Nações Unidas que tem, na sua filosofia, a esperança de melhoria para a humanidade. Também a Santa Sé, por meio de várias encíclicas, apoiou o pensamento cooperativo. O cooperativismo encontrou apoio ainda no socialismo cristão e em correntes mais sociais do catolicismo e do protestantismo. Marx e Engels, embora vissem algumas virtudes no

---

<sup>19</sup> CARNEIRO. p. 110

<sup>20</sup> DAC - Dez Lições Básicas da Cooperação. São Paulo, DAC, 1968. p.34

cooperativismo, rejeitaram-no, porque não atendia integralmente ao trabalhador quanto ao valor do seu trabalho<sup>81</sup>.

A bandeira do cooperativismo é o arco-íris, simbolizando a unidade na variedade. A unidade porque todas adotam os mesmos princípios e os mesmos ideais. A variedade porque há diversos setores do cooperativismo, como a produção, o consumo, o crédito.

O símbolo do cooperativismo na América e na Europa são dois pinheiros verdes dentro de um círculo dourado. Este círculo representa o mundo, que tudo contém e tudo abrange. A cor dourada, do círculo, simboliza o sol, fonte de luz e de vida. Os pinheiros em verde escuro, cor das plantas e das folhas, o princípio vital da natureza.

Em outras partes do mundo, o símbolo é a superposição de mãos significa a união de pessoas em torno do mesmo ideal.

Para comemorar o dia do cooperativismo, a ACI fixou o primeiro sábado do mês de julho, uma vez que no mundo a vida em cooperação é essencial.

### 3.4 - As cooperativas pelos continentes

A primeira cooperativa de consumo dos tempos modernos surgiu na Inglaterra, em 1844, mas quase que simultaneamente surgiram as cooperativas de crédito na Alemanha, as cooperativas de indústrias na França e as de agricultura na Suíça.

Em cada país, as cooperativas foram tomando rumos diferentes. Na Itália surgiram as de crédito urbano, idealizadas por Luzzatti; na Escandinávia, as de comercialização, atuantes tanto no setor agrícola como no industrial, e, inclusive, já formando cen-

---

<sup>81</sup> PINHO, Diva Benevides. O que é cooperativismo. São Paulo, OCB, 1976, p.28. na França e as agrícolas na Suíça.

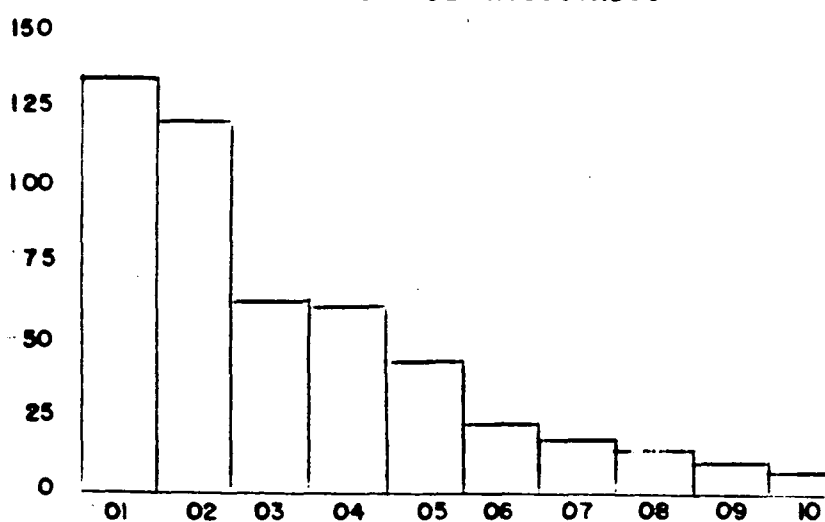


COOPERATIVAS PELOS CONTINENTES

DEZ PAÍSES COM MAIS ASSOCIADOS

ANO DE 1985

MILHÕES DE ASSOCIADOS



- 01 - China
- 02 - Índia
- 03 - U.R.S.S.
- 04 - Estados Unidos
- 05 - Japão
- 06 - Vietnam
- 07 - França
- 08 - Romênia
- 09 - Canadá
- 10 - Reino Unido

FONTE: COOPERATIVISMO MUNDIAL - OCEPAR

trais e federações<sup>88</sup>.

Em alguns países, como Índia e México, os governos encamparam este modelo como ideal político-administrativo, dando ênfase à sua implantação e desenvolvimento.

Também surgiram as cooperativas integrais, como os kibbutz em Israel, os kolkhoses na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, os ejidos no México, onde a propriedade coletiva, o trabalho em comum e a vida comunitária eram adotados<sup>89</sup>.

Os Estados Unidos, baluarte do liberalismo econômico, têm a acentuada presença destas sociedades na agricultura, na comercialização da maior parte do leite e cereais e no crédito rural.

Na América do Sul, além do Brasil, sobressai-se a Argentina, com cooperativas nas variadas áreas, como de produção agrícola, de eletrificação rural, de crédito e de consumo.

Para agregar e orientar estas sociedades, foi fundada a Associação de Cooperativas Internacionais - ACI em 1895, que aprovou e adotou os princípios rochdaleanos como base para seu programa, tendo como objetivo a cooperação entre as cooperativas de todos os lugares. Este organismo tem a filiação de setenta e dois países, inclusive o Brasil.

Existem, atualmente, mais de setecentas mil cooperativas e seiscentos milhões de associados. Setenta e cinco por cento se concentram em dez países da Ásia, na Europa e na América do Norte (Gráfico nº 05).

Na Europa, encontra-se a maior adesão proporcional da população, quase cinquenta por cento, com destaque para a Romênia, a Suécia e a Finlândia. Na América, o Canadá se destaca com trinta e oito por cento da adesão total. Enquanto isto, no Brasil e na Argentina, esta participação está entre três a quatro por cento da

<sup>88</sup> CERNECK, Nilo Urbano. A História e Evolução da Copacol. São Paulo, USP, S. D. Monografia. p. 54 viéticas e os

<sup>89</sup> PINHO, Diva Benevides. O que é cooperativismo. São Paulo, OCB, 1976, p. 32. 85

população<sup>24</sup>.

A China aparece com o maior número de associados, em torno de cento e trinta milhões. Adotou, na agricultura, as comunidades agrícolas. A adoção destas comunidades deve-se à imposição do Estado, mas as propriedades que fazem parte destas comunidades, com a reforma do sistema socialista, passaram, aos poucos, a ser privadas.

No continente africano, o número de cooperativas e de associados ainda é ínfimo. Os países que têm os números mais representativos são Egito, Quênia e Guiné.

Na Oceania, o cooperativismo tem maciça presença na produção de leite e boa presença na indústria de laticínios, carnes e outros.

Para uma melhor compreensão e comparação com o cooperativismo no Brasil, foi feito, nesta dissertação, um breve estudo da situação de países como Alemanha, Cuba, Índia, Israel, México e U.R.S.S..

#### 3.4.1 - Cooperativismo na Alemanha

Pouco tempo depois dos Pioneiros de Rochdale, que fundaram a primeira cooperativa de consumo na Inglaterra, surgiram, na Alemanha, as cooperativas de crédito.

No século dezenove, os camponeses conseguiram a sua liberdade dos grandes proprietários rurais, mas encontraram grandes dificuldades por falta de apoio para as suas atividades.

Diante desta situação de penúria, agravada por colheitas ruins e a conseqüente fome, surgiu a idéia, vinda de um filantropo alemão, Friedrich Wilhem Raiffeisen, prefeito de uma cidade, de

---

<sup>24</sup> RICKEN, José Roberto. Cooperativismo. Curitiba, OCEPAR, 1990, p. 16.

criar associações de crédito para aliviar a situação.

Estas entidades eram associações voluntárias, a princípio limitadas a pequenas áreas rurais do interior da Alemanha. O que distinguia estas cooperativas das cooperativas de outros países era a administração honorífica, isto é, os dirigentes eleitos não recebiam qualquer remuneração pelos seus cargos.

Por sua vez, Hermann Schulze criou as sociedades de crédito na cidade de Delisch, com ótimos resultados e uma rápida multiplicação. A base destas associações era a ajuda mútua, não como esmola, mas como união, a união dos trabalhadores contra as dificuldades originadas pela Revolução Industrial, pela liberação de serviços e pela adoção da livre iniciativa. Estas sociedades urbanas tinham administrações e responsabilidades próprias<sup>23</sup>.

No início deste século, surgiram, em toda Alemanha, cooperativas nos diversos ramos de atividades, podendo ser singulares ou centrais, formando federações ou confederações.

Assim, na década de cinquenta, havia várias cooperativas em uma aldeia, tanto de consumo como de crédito rural, de produção rural, de leite e derivados, de classificação de ovos, de aprovação de frutas, de máquinas, de eletrificação rural, criação de animais, de irrigação, de sementes e outras. O ideal era tudo para a aldeia e nada para fora dela<sup>24</sup>.

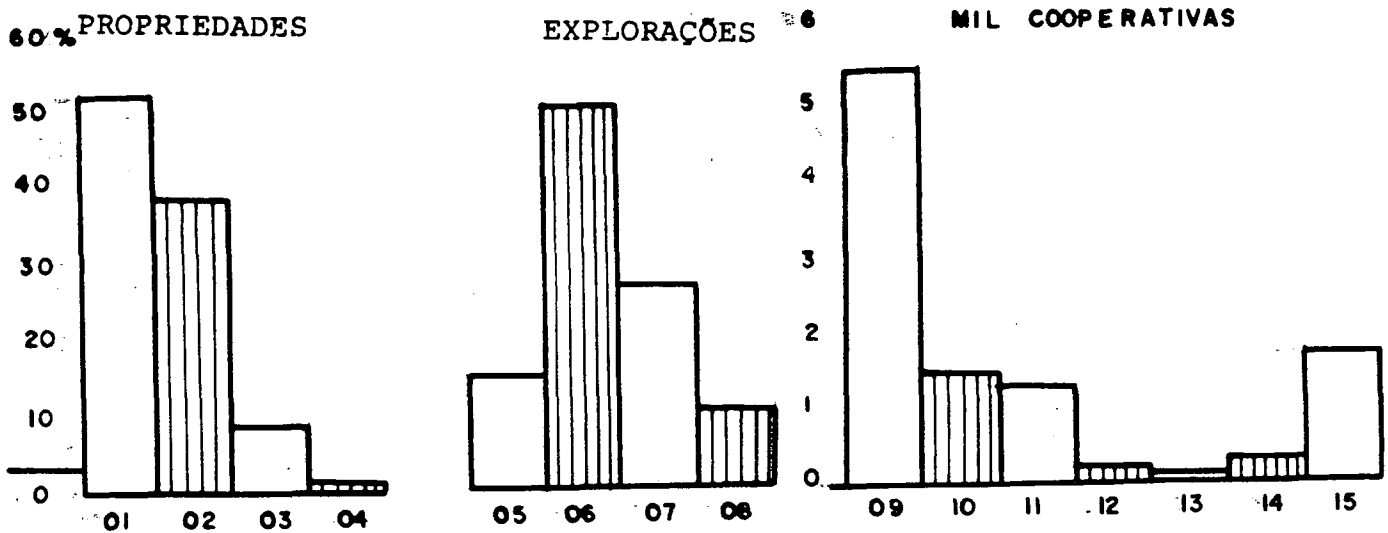
Já no decênio de oitenta, houve uma reorganização e racionalização deste setor. De vinte e seis mil cooperativas passou-se para nove mil e trezentas, com predominância das agropecuárias. O número de associados, porém, quase triplicou (Gráfico nº 06).

A situação fundiária pouco se alterou. Nos anos sessenta, a metade dos estabelecimentos rurais atingia até cinco hectares e só um por cento ultrapassava a cinquenta hectares. A produção agrícola

<sup>23</sup> PINHO, Diva Benevides. Dicionário de Cooperativismo. São Paulo, Gráfica da USP, 1962, p. 312

<sup>24</sup> *Idem*, p. 167. mil famílias rurais não possuíam terras. Além disto, trezentas mil cabellerias, equivalente

COOPERATIVAS NA ALEMANHA



- 01 - Estabelecimentos rurais de 00 a 01 hectares
- 02 - idem de 6 a 20 hectares
- 03 - idem de 21 a 50 hectares
- 04 - idem com mais de 50 hectares
- 05 - Pequenas empresas
- 06 - Famílias camponesas
- 07 - Grandes empresas rurais
- 08 - Grandes organizações
- 09 - Cooperativas agropecuárias
- 10 - idem de serviços
- 11 - idem de laticínios
- 12 - idem de inseminação
- 13 - idem de frutas e legumes
- 14 - idem de vinho
- 15 - idem diversas

FONTE: MINISTÉRIO DA AGRICULTURA DA ALEMANHA

proveniente destas pequenas propriedades rurais atendia em oitenta por cento as necessidades da população alemã.

### 3.4.2 - O cooperativismo em Cuba

Este pequeno país das Antilhas, que tem um pouco mais da metade da superfície do estado do Paraná, com uma população, porém, mais numerosa, tem um terço das propriedades rurais individuais e dois terços pertencentes ao Estado. Destaca-se por ser de regime socialista, único no continente americano.

Antes da Revolução Cubana dos fins dos anos 50, mais da metade das grandes propriedades pertenciam a empresas estrangeiras, enquanto mais de duzentos e quatro milhões de hectares não eram aproveitados. Três por cento dos proprietários possuíam cinquenta e sete por cento das terras, mais de cinco milhões de hectares, e oitenta por cento dos proprietários rurais detinham quinze por cento da superfície cultivável, divididos em pequenas propriedades rurais que mal davam para o sustento da família<sup>27</sup>.

Participavam da atividade agropecuária vinte e sete companhias estrangeiras de açúcar, que cultivavam um milhão e oitocentos mil hectares de cana, vinte e sete por cento do total.

A exportação ultrapassava cinco milhões de toneladas. Só para os Estados Unidos eram enviados três milhões de toneladas, principalmente de açúcar, tabaco e frutas.

O governo revolucionário fez, em 1959, uma reforma agrária. Permanecia com a terra o proprietário cujo estabelecimento não era latifúndio, isto é, inferior a quatrocentos hectares, ou minifúndio, menos de vinte e sete hectares e que trabalhava com sua família na propriedade, sem tê-la arrendada para terceiros.

Foram criados três tipos de empresas agrícolas: as cooperativas, as cooperativas de açúcar e as empresas de exploração

direta. Mesmo com o controle quase absoluto do governo, continuaram a existir alguns estabelecimentos individuais.

As cooperativas eram de caráter privado, mas necessitavam da autorização governamental para funcionar.

As explorações administrativas diretas, como órgãos do governo, assumiram os latifúndios de exploração pecuária.

As cooperativas de açúcar eram estatais. Embora existissem diretorias, estas não possuíam nenhum poder de decisão, pois tinham de se enquadrar na política econômica do Estado, de planificação global.

Também foram instituídas as granjas do povo, semelhantes aos sovkhoses soviéticos, com pagamento de salários aos seus trabalhadores. Não trouxeram os resultados desejados.

As cooperativas de açúcar e as granjas do povo foram extintas depois de certo tempo e passaram a se chamar Granjas de Estado.

O setor privado teve continuidade, não havendo a tentativa de coletivização à força como na União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Este setor era formado por cento e cinquenta mil pequenas propriedades individuais, com mais de cinco cabellerias ou sessenta e sete hectares. A metade destes lavradores não era proprietário antes da reforma agrária. Também existiam quatro mil médias propriedades, com até dez cabellerias, e seis mil grandes, com até trinta cabellerias<sup>27</sup>.

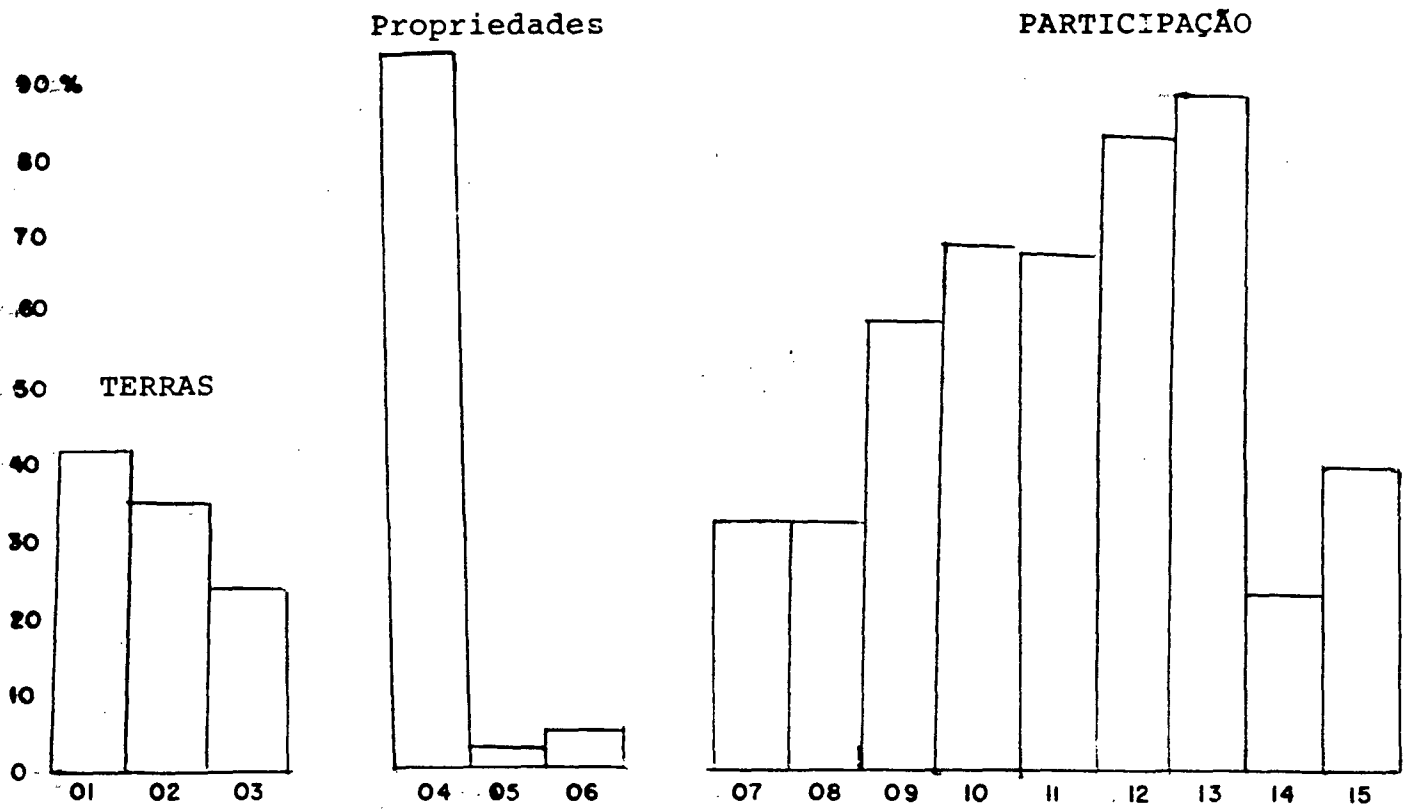
As pequenas e médias propriedades do setor privado participavam em trinta e dois por cento da produção de açúcar e café e da maior parte, em torno de oitenta por cento, da produção de tubérculos, legumes, frutas, café e tabaco. (Gráfico nº 7)

Nos dias de hoje, as cooperativas agropecuárias que aglutinam os pequenos proprietários rurais crescem cada vez mais, assim como as cooperativas de crédito, que já possuem mais de cinquenta

<sup>27</sup> GUTELMANN, Michael. A agricultura Socialista em Cuba. Lisboa, Prelo Editora, 1968, p. 45

<sup>28</sup> PREUS, p. 112

COOPERATIVISMO EM CUBA



- 01 -- Granjas de Estado
- 02 -- Terras incultas
- 03 -- Propriedades particulares
- 04 -- Pequenas propriedades
- 05 -- Médias propriedades
- 06 -- Grandes propriedades
- 07 -- Cana-de-açúcar
- 08 -- Arroz
- 09 -- Tubérculos
- 10 -- Frutas
- 11 -- Café
- 12 -- Tabaco
- 13 -- Carne
- 14 -- Leite

FONTE: AGRICULTURA SOCIALISTA DE CUBA



mil associados.

### 3.4.3 - Na Índia

A Índia é um país com quase metade do tamanho do Brasil. Sua população, porém, é várias vezes maior. Tornou-se independente em fins dos anos quarenta. Destaca-se por ter o segundo maior contingente trabalhando no meio rural, só perdendo para a China.

Neste país, as cooperativas ocupam importante lugar no programa de reforma econômica e social. O Congresso Nacional declarou que a finalidade deste programa é a formação de uma "Comunidade Cooperativa Socialista". De acordo com este ideal, os planos quinquenais elaborados visam "à programação geral de uma sociedade socialista, à elevação do padrão de vida do povo, ao aumento da renda nacional, à rápida industrialização, à supressão das desigualdades de rendimento e de riquezas e a uma mais justa distribuição de renda."<sup>7</sup>

Estes planos prevêem o desenvolvimento do setor privado através de cooperativas. Estas seriam destinadas a preencher a metade das atividades destinadas a transformação de produtos, armazenamento e comercialização. A metade das aldeias e um terço da população devem participar da esfera cooperativista.

A União Cooperativa Pan-Indiana é a organização federativa de plano nacional e representa todo o movimento cooperativo naquele país. Esta união é formada por membros, que são as uniões dos estados. Estas subunidades estaduais destinam-se à venda em comum e/ou a se transformarem em associações industriais. Suas atividades compreendem a organização da educação e da formação cooperativa, e a publicação de livros, revistas e impressos para a divulgação.

---

<sup>7</sup> PREUSS. p. 62

O movimento cooperativo tem base federativa. No plano da comuna ou da aldeia, encontram-se as cooperativas primárias de crédito, de vendas em comum e outros tipos, que se unem a uma organização central no plano distrital.<sup>30</sup>

Especialmente desenvolvidas são as cooperativas de crédito agrícola, que ultrapassam duzentas mil unidades, com quase quinhentas centrais. Sua principal função é financiar as cooperativas agrícolas.

As cooperativas agrícolas primárias ultrapassam nove mil unidades nas aldeias e distritos. Tratam direta e individualmente com os associados. Existem cooperativas que trabalham somente com a comercialização de um tipo de produto e outras que lidam com vários produtos ou de fins múltiplos.

As cooperativas especificadamente agrícolas chegam a quarenta mil, com mais de duas mil centrais no plano local e dezenove no plano estadual. Existem também cooperativas de culturas coletivas ou fazendas cooperativas.

#### 3.4.4 - Israel, o país de muitas cooperativas

No início da Era Cristã, os essênios, que eram um grupo religioso de Israel, viviam comunitariamente no meio rural, desprezando as riquezas, o conforto e o comércio. Igualmente, os primeiros cristãos, judeus convertidos, em seus ágapes e na sua vida cotidiana, tinham tudo em comum. Os essênios e os judeus convertidos deixaram um exemplo de cooperação e solidariedade muito importante na história da formação das cooperativas de Israel.

O povo judeu teve sua capital, Jerusalém, destruída pelos romanos e, mais tarde, no segundo século, foram dispersados por es-

---

<sup>30</sup> LUZ Filho, Fábio. As cooperativa e os Problemas da Terra. Rio de Janeiro, Ed. Melo, 1962 p.198

tes conquistadores. Peregrinaram por muitos lugares, espalhando-se por todos os continentes, continuando mesmo assim, a ser uma nação, pela sua tradição e seus ideais, e porque sempre aspiravam voltar à Palestina, "a Canaã dos hebreus", que consideravam a sua pátria.

No início do século vinte, o regresso começou a acontecer. Mas o longo tempo em que estiveram entre outros povos fez com que perdessem, em parte, a sua identidade, seus costumes e sua tradição.

Assim, os líderes israelenses planejaram um sistema comunitário onde os egressos pudessem praticar a sua religião, o judaísmo, a sua língua e seus costumes, até que tivessem condição de cidadãos arraigados. Este sistema comunitário ajudou também a resolver o problema de segurança, causado pela convivência com vizinhos hostis.

O atual Israel é muito pequeno, com dez mil quilômetros quadrados, cerca de cinco por cento do estado do Paraná. Para organizar sua economia, precisavam de um bom planejamento, a eliminação da especulação fundiária e a inovação de métodos e técnicas produtivas.

Surgiram, então, nos primeiros anos deste século, os kibbutz, associações voluntárias e democráticas, com adoção do coletivismo da produção, do consumo, da distribuição e dos serviços, do igualitarismo e onde cada um trabalha conforme a sua capacidade e recebe conforme a sua necessidade, o que não é feito em dinheiro, mas em bens e serviços. O excedente produzido não é distribuído aos associados, mas permanece na própria sociedade. Se alguém deixa o kibbutz, leva somente seus pertences pessoais<sup>91</sup>.

Os kibbutz são cooperativas integrais, adotadas por um determinismo ideológico, o socialismo reformista. Pratica-se uma interessante vida comunitária. Existe uma cozinha central, que serve

---

<sup>91</sup> PREUSS, Walter. El Cooperativismo en Israel en El Mundo. Madri, Centro de Estudios Cooperativos, 1962 p.97

a todos os associados uma refeição comum, uma creche, uma escola para a educação dos filhos. São privativos somente o quarto de dormir e os pertences individuais. Para execução das tarefas, faz-se um rodízio com a participação de todos os associados<sup>88</sup>.

A administração eleita não tem qualquer privilégio sobre os demais membros, inclusive, não recebendo remuneração pelo cargo. Põe-se em prática a plena igualdade.

Muitos imigrantes não se adaptaram a esta vida de cooperação completa e de igualdade. Foram estes encaminhados aos moshavs, cooperativas onde a exploração é individual e só a comercialização é comum. A vida transcorre para estes agricultores com maior privacidade e autonomia, embora, como nos kibbutz, também não sejam proprietários da terra, porque esta é arrendada por organismos particulares. Não podem vender, arrendar ou hipotecar o seu estabelecimento. Ao se afastarem do moshav, apenas recebem o valor do investimento em benefícios que tiverem feito na propriedade<sup>89</sup>.

Ainda há o moshav shituffi, uma empresa colonizadora de regiões muito necessitadas, que forma aldeias cooperativas.

As cooperativas que têm o maior número de unidades e associados e que vêm apresentando o maior índice de crescimento são os moshavs. Gráfico nº 08)

Os kibbutz, que foram previstos para terem curta duração, têm tido continuidade e, inclusive, estão diversificando suas atividades, englobando também o ramo industrial, com grandes perspectivas futuras.

---

<sup>88</sup> PINHO. Dicionário de Cooperativismo, p.197

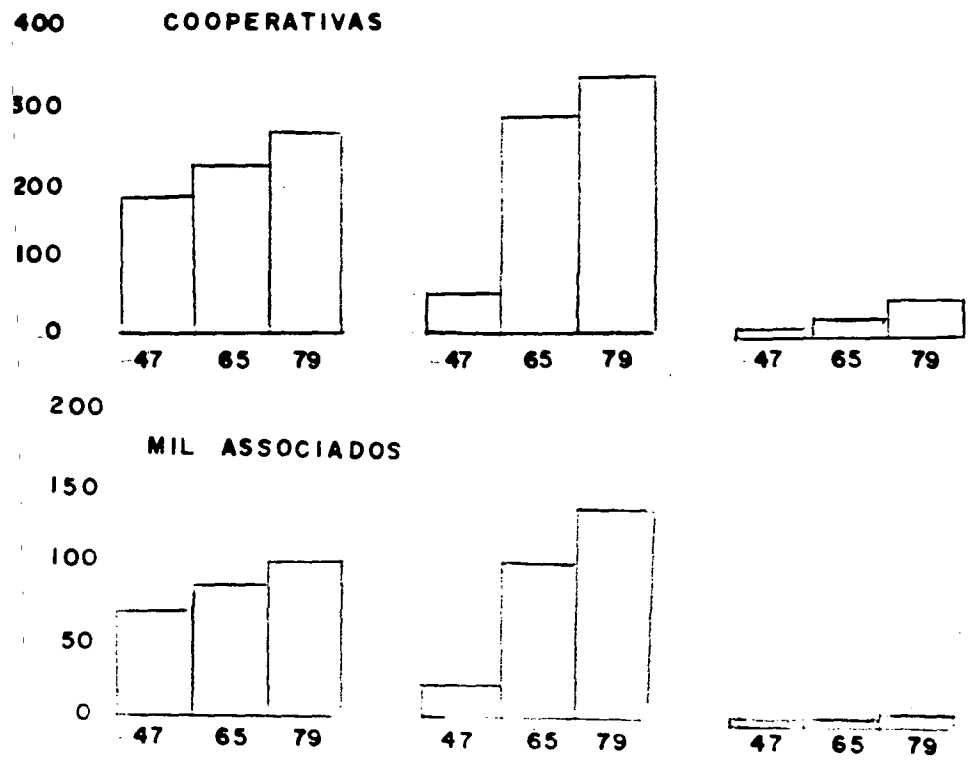
<sup>89</sup> PREUSS, p. 112

COOPERATIVISMO EM ISRAEL

KIBBUTZ

MOSHAV

MOSHAV SHITUFI



FONTE: EL COOPERATIVISMO EN ISRAEL

### 3.4.5 - Os ejidos do México.

Os astecas eram os nativos mais importantes no período pré-colombiano no México. O regime econômico destes nativos era sustentado pela atividade agrária. O governo central tinha a propriedade das terras e repartia-as entre seus habitantes, que deviam pagar tributos ao poder local e central, ficando o excedente com a família. Tinham as famílias estreita cooperação entre si, tanto na irrigação como no combate de pragas, na celebração das festas ou no embelezamento do lugar. Não eram assalariados, mas homens livres, que desfrutavam do produto do seu esforço.

Mais tarde em meados do século dezenove, houve no México, no setor rural, a exploração latifundiária, que empregava mão-de-obra servil. Aproximava-se muito do sistema feudal.

As primeiras cooperativas modernas do México foram cooperativas de consumo e surgiram antes de Revolução de 1910. Mas as grandes realizações neste setor tomaram impulso quando o presidente Lázaro Cárdenas tornou o cooperativismo num programa político e econômico do seu governo<sup>34</sup>.

Com a reforma agrária, a disposição fundiária ficou sendo de pequenas, médias e grandes propriedades e propriedades com explorações coletivas.

O modelo de cooperativismo foi o ejido, uma antiga prática de produção integral dos nativos mexicanos. Para a sua formação, era necessária a reunião de pelo menos vinte camponeses, mexicanos natos, agricultores de baixa renda e que não fossem proprietários de terra. Tinham a opção de colonizar a terra individual ou coleti-

---

<sup>34</sup> PINHO, Diva Benevides. Dicionário do Cooperativismo. São Paulo, OCB, Gráfica da USP, 1962, p. 165

vamente. A primeira opção foi mais aceita pela grande maioria<sup>35</sup>.

A adesão aos ejidos é livre e a sua administração é democrática, formada por três membros e um conselho fiscal, com mandato de três anos, enquadrando-se nos princípios rochdaleanos.

As terras dos integrantes, em torno de quinze hectares, com usufruto ao cedente, são emprestadas pelo governo. Estas terras são inalienáveis, intransmissíveis, indivisíveis e impenhoráveis, além de não poderem ser arrendadas para terceiros<sup>36</sup>.

Na década de quarenta, havia quinze mil destas associações, que abrangiam um quarto da população, com ascendência nas próximas décadas. Ocupavam quase a metade da superfície agrária e sessenta e cinco por cento da área da pecuária. (Gráfico nº 09).

O sistema coletivo foi usado para aumentar a produção, incentivar o crédito rural, promover a assistência técnica, a distribuição de sementes e implementar a irrigação.

Os ejidos são classificados em de primeiro e de segundo graus. Os primeiros são singulares e os últimos são a união de ejidos, tendo um departamento oficial, para assistência e supervisão, e sendo um órgão supremo, a Confederação Nacional Campesina.

Talvez o México tenha sido o único lugar em que a presença da pequena propriedade não trouxe resultados satisfatórios. Os pequenos produtores, por não serem proprietários de suas terras, não tinham condições de hipotecá-la e encontravam dificuldade em obter o crédito rural. Assim, a metade das explorações agrícolas eram ejidárias, mas a produção de todos os ejidos alcançou apenas um quarto da produção total do país<sup>37</sup>, não alcançando, portanto, muito sucesso em termos de resultados de produção (Gráfico n. 09).

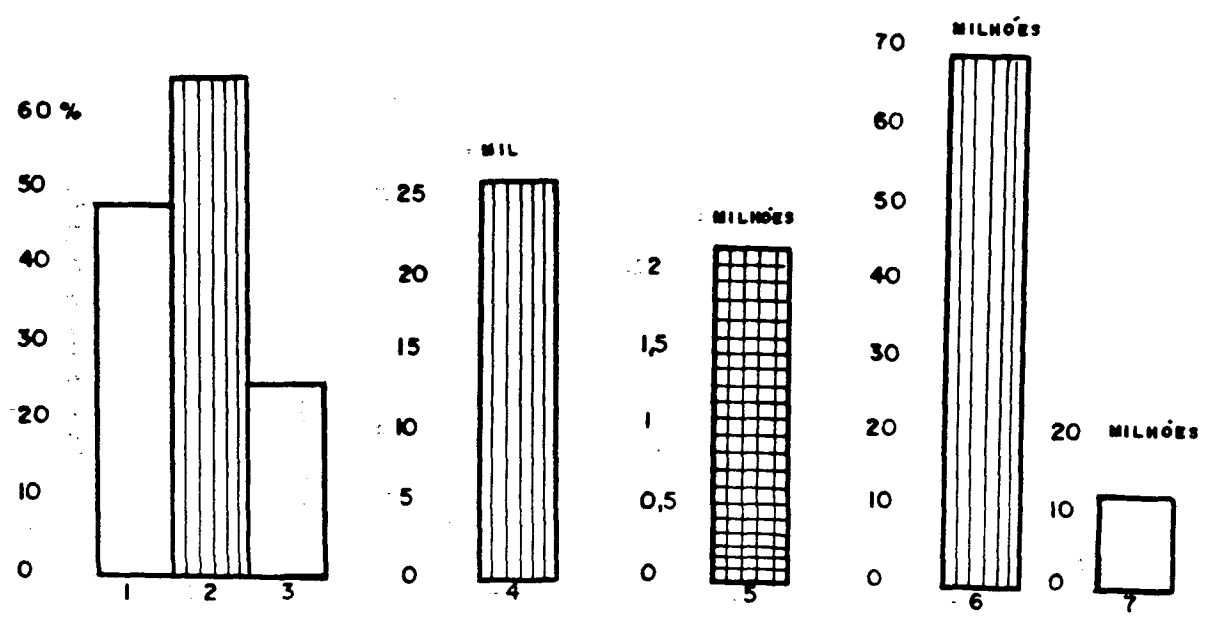
<sup>35</sup> PINHO. A doutrina Cooperativista nos Regimes Capitalista e Socialista. 2ª ed. São Paulo, Pioneira, 1972

p. 01

<sup>36</sup> LUZ Filho. As cooperativas e os Problemas da Terra. p.266

<sup>37</sup> FRANK, Wolfgang. Las Cooperativas em América Latina. p. 248

O COOPERATIVISMO DO MÉXICO



- 01 - SUPERFÍCIE DE AGRICULTURA
- 02 - SUPERFÍCIE DE PECUÁRIA
- 03 - PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO
- 04 - EJIDOS
- 05 - ASSOCIADOS EM EJIDOS
- 06 - HECTARES PERTENCENTES AOS EJIDOS
- 07 - HECTARES CULTIVADOS PELOS EJIDOS

FONTE: COOPERATIVAS NA AMÉRICA LATINA



### 3.4.6 - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

Na Rússia czarista já se conhecia o mir e o artel. O mir era um sistema coletivo de exploração das terras. As propriedades pertenciam às aldeias, destinando-se às atividades agropecuárias. Se o camponês deixasse a aldeia, não vendia o estabelecimento rural porque só tinha a posse e não o direito de propriedade. O artel era uma exploração agrária, semelhante à cooperativa, muito difundida na Rússia. Era uma reunião de famílias camponesas que trabalhavam comunitariamente a terra.

Teve grande importância para o povo russo a reorganização sócio-econômica da sociedade ocorrida com a Revolução de Outubro de 1917, que passou as fábricas, estradas de ferro, usinas, minas e empresas para as mãos do povo e liquidou a propriedade rural privada, principalmente o latifúndio dos kulag, dividido entre os pobres camponeses.

O governo revolucionário que se formou, o bolchevismo, meio-termo entre marxismo e anarquismo, adotou o cooperativismo como uma transição entre o capitalismo e o socialismo, uma fase preparatória para uma coletividade centralizada. Teve fim a propriedade privada e todos os meios e instrumentos de produção passaram a ser propriedade estatal<sup>37</sup>.

O grande ideal era a comuna agrícola, que englobava toda a produção e seus meios, tornando-os comunitários. Tudo pertencia a todos. Era semelhante aos kibbutz de Israel e diferente da comuna chinesa, ainda que neste país também imperasse a coletivização dos meios de produção. Apesar do grande incentivo oficial, este tipo de

---

<sup>37</sup> FRANK, Wolfgang. Las Cooperativas en América Latina. p. 248

<sup>38</sup> PINHO. Dicionário de Cooperativismo. p. 242

exploração, de grande expressão no início, decresceu e até quase se extinguir<sup>39</sup>.

O outro tipo de exploração coletiva era o artel. Os meios de produção eram coletivos e a terra era do Estado, que a cedia gratuitamente por tempo ilimitado. Sua administração era eleita por assembléia geral e tinha de ser do partido oficial. A economia tinha uma planificação geral formalizada pelo poder central, que ditava a quantidade e o tipo de cultura a produzir. Inicialmente, cada integrante recebia conforme a sua necessidade. Mais tarde, a mão-de-obra era remunerada por dia, remuneração designada de prododem. As sobras eram divididas pelos membros e só a grande exploração, as plantações principais, era coletiva. Cada camponês recebia uma pequena área onde podia produzir algumas culturas e ter algumas criações<sup>40</sup>.

O terceiro tipo era o T.O.Z., que tinha o trabalho em comum, embora os meios de produção fossem privados. Não recebia o apoio oficial, porque muito se aproximava do capitalismo. Certo número de horas era dedicado ao trabalho comunitário. Eram assentados nessas associações os camponeses avessos à produção coletiva<sup>41</sup>.

Estes três tipos de exploração agrícola, a comuna, o artel e T.O.Z, era o que se denominava de kolkhoses, fazenda coletiva. Para alguns, é o modelo perfeito de cooperativa<sup>42</sup>; para outros, não tem nem ao menos características de uma cooperativa.<sup>43</sup>

Apesar do grande número de tratores, de colheitadeiras, de caminhões e da formação de cento e trinta mil engenheiros agrônomos anualmente, tudo para atender às necessidades dos kolkhoses, a

<sup>39</sup> ILINE, S. & Motiliov. ABC dos conhecimentos sociais e políticos. RJ, Ed. Progresso, 1986. p. 113

<sup>40</sup> PINHO. p.123

<sup>41</sup> Idem. p. 123

<sup>42</sup> RIOS, Givaldo Sá Leitão. O que é Cooperativismo. 2a. ed. São Paulo. Brasiliense. 1989 p.33

<sup>43</sup> LUZ. As cooperativas e os Problemas da Terra. p. 208

produção agropecuária ficou aquém do desejado pelo regime soviético. (Gráfico nº 10)

Para se ter uma idéia deste problema, basta dizer que as pequenas áreas de exploração familiar que representavam de apenas três por cento do total das propriedades, eram responsáveis por trinta e dois por cento da produção agropecuária total.

A perestróica, uma tentativa de reforma do sistema soviético, pretendeu corrigir, em parte, esta situação e aumentar a produção, que era insuficiente, sem obter grande sucesso.

Os autores do golpe de Estado contra o idealizador da perestróica, previam, em seu plano de governo, a distribuição de quinze hectares a todos os camponeses para exploração familiar<sup>44</sup>.

Como este golpe não deu certo, não se pode saber qual os resultados que esta proposta traria para a produção agropecuária da União Soviética.

### 3.5 - O cooperativismo no Brasil

Introduzido em nosso país pelos imigrantes europeus e asiáticos, foi difundido pelos professores da disciplina de Economia Política dos cursos superiores que tratavam, em parte, do trabalho associativo, do conceito de cooperação e da doutrina e do sistema cooperativista<sup>45</sup>.

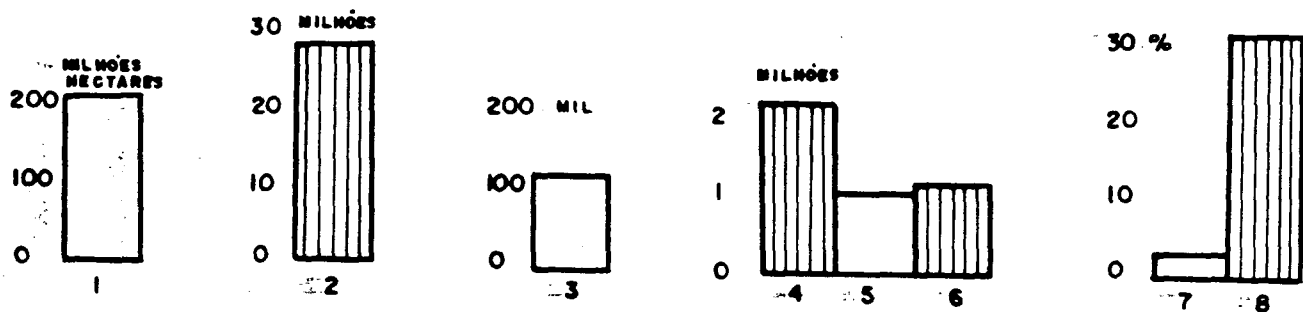
Um pequeno grupo de intelectuais e de idealistas apresentava os princípios de solidariedade, fraternidade e ajuda mútua e o equilíbrio entre o capital e o trabalho como a alavanca do progresso.

<sup>44</sup> URSS. Governo de Excessão. Os Dezesesseis Pontos do Governo. Ponto 13. Gazeta do Povo. Curitiba 20.08.91

p.07

<sup>45</sup> PINHO. p. 17

## COLETIVISMO NA UNIÃO SOVIÉTICA



- 01 - HECTARES CULTIVADOS
- 02 - POPULAÇÃO RURAL
- 03 - FORMAÇÃO DE AGRÔNOMOS POR ANO
- 04 - TRATORES
- 05 - AUTOMOTRIZES
- 06 - CAMINHÕES
- 07 - PROPRIEDADES PRIVADAS
- 08 - PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

FONTE: A AGRICULTURA E A MUDANÇA ESTRUTURAL

Mas, ao mesmo tempo que o pensamento coopeativo era difundido, era também dividido, pois uns divulgavam a cooperativa integral e sindicalista e outros o de espírito rochdaleano, com a ausência da participação do Estado. A última corrente tornou-se a vencedora, não ocorrendo experiências com o primeiro modelo.

A evolução cooperativista no Brasil teve cinco fases bem distintas, a implantação, a consolidação, o centralismo estatal, a renovação de estruturas e a autogestão<sup>46</sup>.

O primeiro período, mais idealista e de motivação sócio-religiosa, ocorreu entre o fim do século dezenove e os primeiros anos do século seguinte. As cooperativas eram urbanas, de consumo e de crédito e organizadas por profissionais liberais e operários ou pelos que tinham melhores condições econômicas, culturais e sociais, como os ferroviários e os militares.

Merece destaque, nesta fase, a atuação de Teodoro Amstadt, um líder religioso que, nas suas andanças pelo interior do Rio Grande do Sul, nas lides sacerdotais, viu muita miséria e exploração. Para sanar a situação, difundiu as idéias associativas de Raiffeisen no meio rural neste estado. Incentivou a fundação de várias cooperativas de crédito, muitas das quais subsistem até nossos dias. Estas entidades foram o núcleo da atual Caixa Econômica Estadual e da Cooperrural<sup>47</sup>.

No estado do Paraná, a atuação do ferroviário ucraniano Valentin Cuts foi importante, porque liderou a implantação de várias cooperativas de consumo.

Durante o Império, foi impossível a formação de associações rurais, porque a agricultura baseava-se no latifúndio, na monocultura de exportação e na mão-de-obra escrava. Estas só vieram a se e formar durante a República Velha (1890-1930).

---

<sup>46</sup> SERRA, Elpidio. Contradições entre a Teoria e a Prática Cooperativista.

<sup>47</sup> OCB. O que é Cooperativismo. Brasília, p.19

A primeira constituição republicana autorizou a organização de associações (poderiam ter diversas finalidades), mas não havia legislação específica para a organização das cooperativas, que se enquadravam mais como sociedades anônimas.

Os imigrantes, europeus e asiáticos, principalmente os italianos, alemães e japoneses, foram os que impulsionaram a idéia da implantação das cooperativas, pois quando começaram suas atividades agrícolas, sofreram com os intermediários, que impunham os preços segundo a sua vontade. Não havia armazéns para manter seus produtos, o que obrigava os colonos a vendê-los logo depois da colheita, sem conseguir uma remuneração justa<sup>46</sup>.

A primeira cooperativa agrícola somente surgiu no fim da década de vinte, sendo registrada como sociedade anônima, município de Cotia, interior de São Paulo, região de plantadores de batata, em sua maioria descendentes de japoneses que já conheciam esta associação no país de origem, uma vez que o Japão tem tradição em todos os ramos cooperativistas. A finalidade dos oitenta e três produtores rurais era fugir dos intermediários, que controlavam os preços na distribuição, manter armazéns e vender diretamente a sua produção<sup>47</sup>.

Esta cooperativa, com a sigla C.A.C. - Cooperativa Agrícola Cotia, tem milhares de associados e é a segunda em volume de comercialização no ranking nacional. Atua em oito estados, com uma diversidade muito grande de serviços.

Os imigrantes holandeses que se fixaram no interior do Paraná, no início deste século, depois de viverem inúmeras dificuldades, inclusive tendo de mudar de local para continuarem suas atividades, associaram-se numa cooperativa de fato, mas não de direito, no ramo de laticínios. Anos mais tarde, organizaram, legalmente, a Coope-

<sup>46</sup> BORTOLDI, Geccur Clóvis de. História das Cooperativas. São Paulo, Gráfica da USP, 1962, p. 165

<sup>47</sup> INQUE, D.T. CAC - Cooperativismo que deu certo. São Paulo, Gráfica da CAC, 198 p. 52 atividade, seus asso-

rativa Agrícola Batavo, em Carambeí, que é destaque nacional na industrialização de leite.

Por influência dos holandeses do Paraná, no fim da década de quarenta, alguns de seus conterrâneos vieram para o Brasil, instalando-se no interior de São Paulo, onde adquiriram uma enorme área de terras, que foi dividida em pequenos lotes rurais, de quinze hectares, destinados aos seus membros. Fundaram a Cooperativa Agrícola Holambra, destaque nacional em floricultura, com distribuição em vários estados. Além disso, dedica-se à pecuária, criação de aves e agricultura.

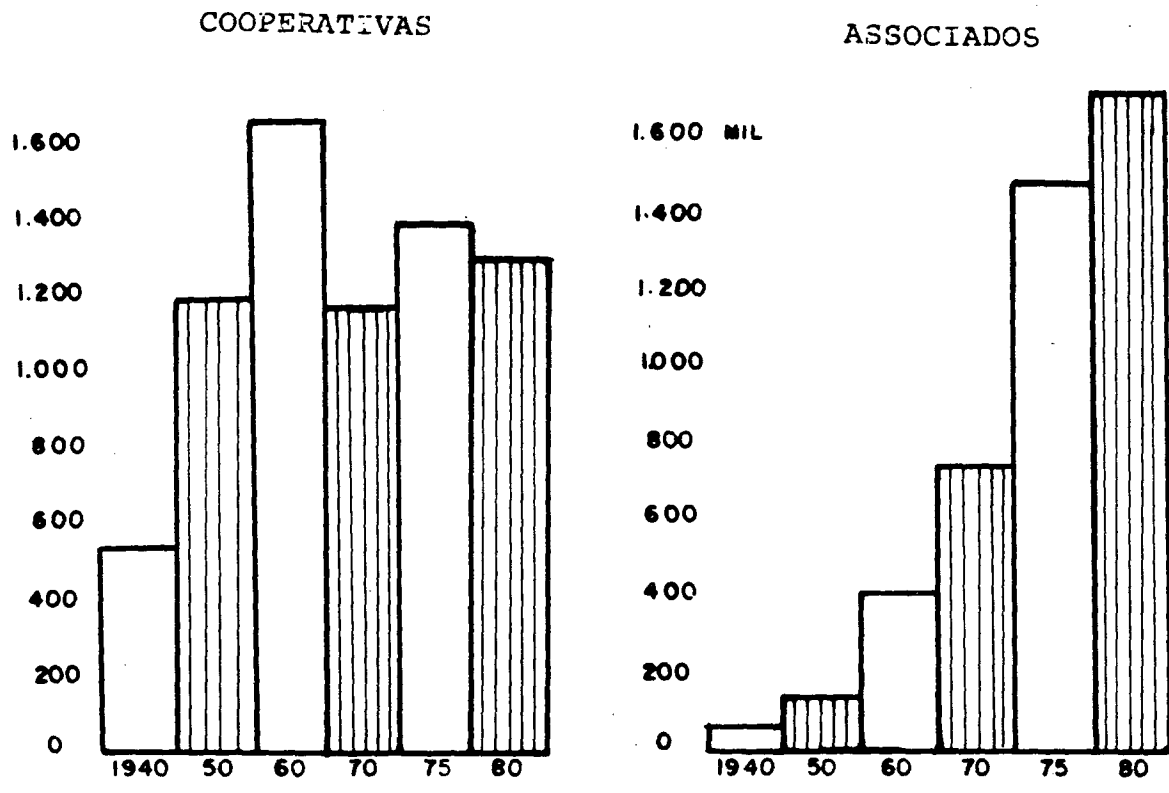
Até a década de trinta, a nossa economia se baseava na agricultura, principalmente na exportação do café. A indústria era incipiente. Com a crise de vinte e nove, que atingiu todo mundo ocidental, e a implantação de um governo à força, esta situação foi alterada, dando lugar a várias inovações. Entre elas, a regulamentação do funcionamento das cooperativas, que seguiam os moldes dos Pioneiros de Rochdale. Isto ocasionou a proliferação destes associados, chegando ao apogeu em 1960.

As regiões Sudeste e Sul lideravam a quantidade de sociedades e também de associados. Os estados do Rio Grande do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Paraná tinham o maior número de cooperativas.

Com o Golpe Militar de 1964, o cooperativismo teve, inicialmente, um retrocesso, porque o novo governo não via com bons olhos este movimento e não o estimulou. Extinguiram mais de quinhentas cooperativas até o fim daquela década (Gráfico n. 11). Mesmo assim, merece destaque a aprovação do Estatuto da Terra, que previa a criação de Cooperativas Integrais de Reforma Agrária - CIRA, ainda que sem nenhum resultado prático.

O milagre econômico que o Brasil parecia viver nos anos setenta, com grande incentivo para a industrialização, também teve seus reflexos no cooperativismo, pois foi criada uma legislação específica e normativa que reestruturou este sistema. Muitas coopera-

COOPERATIVAS AGROPECUÁRIAS BRASILEIRAS



FONTE: COOPERATIVISMO BRASILEIRO



tivas foram liquidadas, incorporadas ou houve a fusão de duas ou mais cooperativas. Foi estimulada a associação dos agricultores, que dobraram em número de associados, embora o número de cooperativas tivesse diminuído.

Havia, nesta época, uma megalomania, conseqüência do entusiasmo causado pelo milagre econômico, e as cooperativas sofreram também esta influência deste sentimento. Ao invés de serem criadas pequenas cooperativas, estimulou-se a criação de grandes cooperativas, cada uma delas com uma vasta área de atuação, muitas vezes até maior do que poderiam administrar. Além disso, eram criadas de cima para baixo e sofriam um excessivo controle do governo.

Neste tempo, também tentou-se resolver os problemas do campo através da modernização da agricultura, da eliminação dos intermediários na comercialização da produção e insumos e do aumento da capacidade de armazenamento, mas não houve preocupação em eliminar o problema da falta de alimentação para a maioria dos brasileiros. Quanto à modernização da agricultura e à industrialização, obteve-se um êxito relativo, como fora previsto nos Planos Nacionais de Desenvolvimento.

A reestruturação das cooperativas foi improvisada. Não havia um conhecimento dos princípios e da filosofia cooperativista nem ao menos pelos administradores destas sociedades. O espírito de humanismo, solidariedade e ajuda mútua estavam ausente. Nesta fase, as cooperativas só foram usadas pelo sistema econômico para a modernização da agricultura, para aumentar as exportações e substituir as importações, que causavam a dependência do capital estrangeiro.

Através de maciços empréstimos oficiais, as cooperativas se impuseram no panorama nacional, ficando caracterizadas pelo seu gigantismo. Inicialmente, só recebiam produtos dos associados e os comercializavam no mercado interno e externo. Também forneciam insumos, como adubo mineral, inseticidas, herbicidas e fungicidas para os associados.

Aos poucos, foram diversificando suas atividades, disputando

muitos ramos comerciais que não são típicos destas sociedades. Penetraram, inclusive, no ramo de supermercados, formando grande redes nos locais de sua atuação.

O mais importante passo das cooperativas foi a agroindustrialização, como esmagamento de soja, produção de álcool e açúcar, produção de ração para animais, beneficiamento de produtos agrícolas, produção de fios de algodão e seda, conseguindo um alto índice de participação nacional. (Gráfico nº 12)

A autogestão, deflagrada a partir da promulgação da atual constituição brasileira, é a contraprova do excessivo controle que o governo exercia nas atividades das cooperativas, embora os vícios, como o gigantismo e a tutela oficial, sejam difíceis de eliminar. Existe, porém, a esperança de um autêntico movimento de cooperação<sup>90</sup>.

### 3.6 - O cooperativismo do Paraná

Neste estado, houve a experiência de cooperação dos jesuítas na Província de Guayra, dos jesuítas que organizaram uma vida comunitária entre os selvícolas, baseada na ajuda mútua e na solidariedade. Havia propriedade e trabalho coletivo. Os religiosos ensinaram uma agricultura e pecuária mais avançada, bem como artesanato, para melhorar a vida dos nativos. Os religiosos não usavam nenhuma moeda e não praticavam o comércio, para não desvirtuar os costumes indígenas<sup>91</sup>.

Na época da imigração, houve um período de pré-cooperativismo, posto em prática nas colônias fundadas para o assentamento dos imigrantes, que, para se fortalecerem, se protegerem dos intermediários e sanarem as suas necessidades, provocadas pelas falhas da

<sup>90</sup> OCB. O que é cooperativismo. Brasília, Gráfica da OCB, 1988, p. 21.

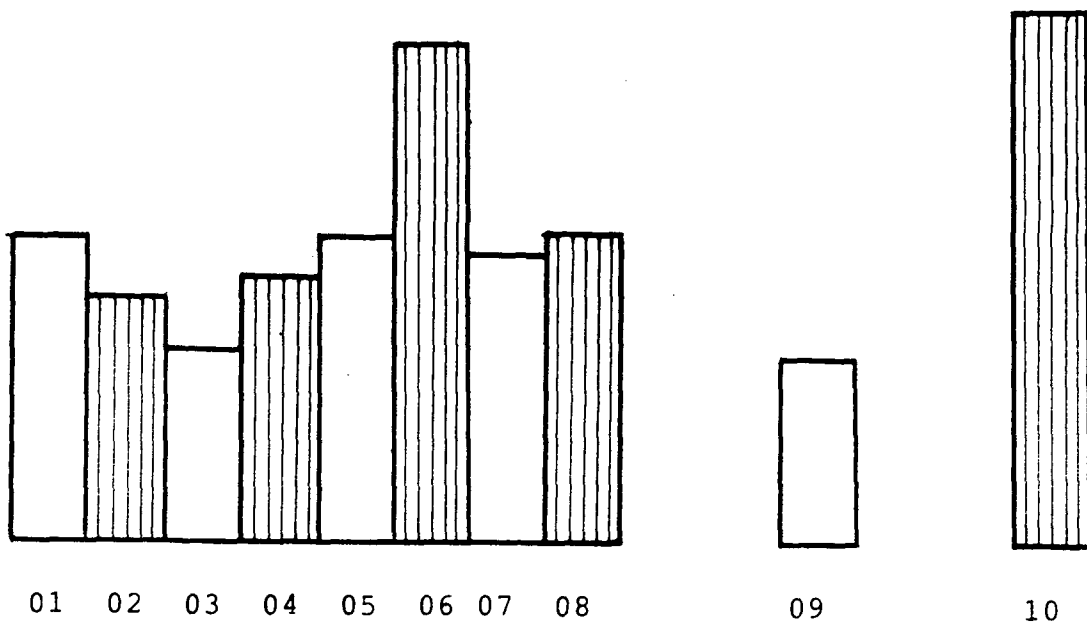
<sup>91</sup> PADIS, Pedro Calil. A formação de uma Economia Periférica: O caso do Paraná. São Paulo, Hucitec, 1981, p. 31

GRÁFICO Nº 12

## COOPERATIVISMO NO BRASIL

## PARTICIPAÇÃO NA AGROINDÚSTRIA

1 9 8 5



- 01 - AÇÚCAR
- 02 - ÁLCOOL
- 03 - LEITE EM PÓ
- 04 - QUEIJO
- 05 - IUGURTE
- 06 - FIAÇÃO DE SEDA
- 07 - VINHO
- 08 - MALTE
- 09 - ARMAZENAMENTO
- 10 - ESTABELECEMENTOS RURAIS COM MENOS DE 50 HECTARES

FONTE: COOPERATIVISMO BRASILEIRO - AÇÃO, ATUAÇÃO E DESAFIOS

política oficial de imigração, praticavam a ajuda mútua, a solidariedade e o trabalho em comum, a fim de vencer as vicissitudes iniciais do processo de implantação das colônias, sem que se organizassem legalmente em associações cooperativas tal como existem hoje<sup>88</sup>. Além de evitar a espoliação na comercialização de seus produtos, estas organizações tinham por objetivo o socorro de seus membros, a instrução e o aluguel de máquinas.

As idéias do cooperativismo foram introduzidas no Paraná pelos imigrantes europeus, principalmente os eslavos, alemães e italianos e as primeiras experiências foram de cooperativas de consumo no meio urbano, instituídas por ferroviários e outros trabalhadores, com resultados edificantes e duradouros.

Curiosa experiência ocorreu no interior do Paraná: a união de lavradores incentivada por clérigos locais, o que faz lembrar a atuação do religioso jesuíta, já citado anteriormente, no Rio Grande do Sul. A intenção era criar um meio de defesa para combater seus inimigos, entre eles o governo. O germe do cooperativismo estava lançado no interior do Paraná.

Digna de nota também é a iniciativa do ucraniano Valentin Cuts que, no início do século, organizou várias sociedades cooperativas de consumo, quatorze no estado do Paraná, duas em Santa Catarina e uma em São Paulo. Os nomes destas associações eram sugestivos, como *svitlo* (força) e *liberdade*<sup>89</sup>.

As dificuldades e oscilações dos preços da madeira motivaram a formação da Cooperativa Florestal Paranaense por madeireiros que queriam melhorar os preços e moralizar o mercado. Também foi fundada uma associação de empresas madeireiras. Era a união da sociedade de capital com a cooperativa.

---

<sup>88</sup> RICKEN, José Roberto. Breve História das Cooperativas. Curitiba, Ocepar, 1990. p. 123

<sup>89</sup> BORTOLDI, Geccur C. História das Cooperativas do Paraná. Curitiba, EMATER/ACARPA, 1984. p. 41

Para se defender dos juros extorsivos cobrados por entidades financeiras, vários grupos de pessoas, entre eles ferroviários da rede federal, organizaram cooperativas de crédito para socorrer os que precisassem dos seus membros.

A formação das cooperativas no setor da exploração da erva-mate merece uma atenção especial, uma vez que a exploração deste produto foi muito importante na história e na evolução econômica do Paraná.

O Paraná foi um estado coberto em grande parte pela Araucária, geralmente associada à erva-mate. O consumo da erva-mate como bebida estimulante foi divulgado pelos jesuítas e se alastrou pelos estados do Sul e países do Prata.

O Paraguai era o grande fornecedor da região Platina, mas, em virtude da luta pela sua independência do Vice-Reinado do Prata, teve enormes dificuldades para continuar exportando este produto aos seus vizinhos da fronteira sul. Ocorreu, assim, a interrupção da exportação deste produto.

Aproveitando-se desta oportunidade, o Paraná tornou-se o principal fornecedor de erva-mate para a Argentina e Uruguai. Isto teve grande significado histórico e econômico, pois foi a base do comércio do estado até o fim da República Velha.

A partir desta época, a retração da demanda do mercado externo, a superprodução dos ervateiros e a conseqüente queda dos preços foram os elos em cadeia que entravaram a comercialização da erva-mate.

A crise foi muito grande na produção interna, principalmente por causa da alta remuneração exigida pelos fornecedores da matéria-prima. Muitos ervateiros abandonaram sua atividade e foram procurar a sobrevivência em outros setores econômicos.

A solução para os que ficaram foi organizarem-se em cooperativas. Este trabalho foi realizado por pessoas que tinham experiências anteriores na formação destas associações. O governo federal, por sua vez, incentivou a formação destas cooperativas, pois tinha

interesse em defender a produção, elevar os preços, trazer financiamentos e ajudar a construir armazéns para melhorar a situação da indústria ervateira.

Tiveram lugar as seguintes medidas governamentais: a constituição da comissão para organização de cooperativas de erva-mate; registro de todos os ervateiros; a criação de cooperativas e instalação de postos de recebimento conforme a capacidade e as necessidades regionais.

Por mecanismo compulsório, foram organizadas quatorze cooperativas, com mais de dez mil associados no total. Estas cooperativas tinham uma rede de mais de cem armazéns, com a capacidade de depositar mais de vinte mil toneladas do produto. A garantia de preços mínimos, aliada ao financiamento do custo na entrada da produção, ao armazenamento apropriado e ao escoamento da produção, teve como consequência a triplicação dos preços, tornando a erva-mate um lucrativo negócio<sup>54</sup>.

Mas no fim da década de quarenta, novamente a crise se abateu sobre o setor. A paralisação da comercialização e a extinção das cotas de exportação, devido a auto-suficiência argentina, provocaram o acúmulo de grandes estoques que não encontrou demanda. Isto provocou o fim de entradas de divisas e a perda do mercado. Os ervateiros tiveram de procurar novos setores de atividades, como a cultura do café, da soja, do trigo e de outros produtos.

A cooperativa de erva-mate foi transformada em Cooperativa dos Produtos Rurais do Sul do Paraná, a Rural Sul, voltando os seus interesses para a agropecuária.

A partir do declínio das cooperativas ervateiras, começaram a ter importância as cooperativas agrícolas.

Essa ascensão das cooperativas foi longa e começou com os imigrantes europeus que se instalaram nos Campos Gerais, aprovei-

---

<sup>54</sup> BORTOLDI, p. 48

tando esta região tanto para a agricultura como a pecuária, dando especial atenção para a pecuária leiteira. Holandeses, alemães e eslavos fixaram-se em vários pontos do interior, surgindo, com isso, novos núcleos coloniais. Para organizar melhor a produção e a comercialização de suas atividades, fundaram várias cooperativas, como a BATAVO, CASTROLANDA, WITMARSUM e a AGRÁRIA.

Estas colônias tiveram notável desenvolvimento econômico, tornando-se verdadeiros bolsões de riqueza. Dedicam-se, hoje, ao beneficiamento do leite e a culturas específicas, como a cevada.

Com a formação de pastagens de rotação do rebanho, a introdução do gado leiteiro de raça, aperfeiçoado constantemente e em número cada vez maior, ganhou destaque nacional a produção de leite e a indústria de laticínios.

Na década de sessenta, o norte do Paraná conheceu a época de ouro da cafeicultura, que foi o produto de exportação mais importante depois do advento da República, permanecendo por muito tempo.

O Instituto Brasileiro do Café - IBC, visando melhorar a qualidade do mesmo para a exportação - era exigido café fino -, encontrou nas cooperativas a solução para a padronização, o beneficiamento e a armazenagem da produção. Em pouco tempo, um terço do café era comercializado por estas sociedades<sup>55</sup>.

Antes da organização das cooperativas, os cafeicultores que eram pequenos proprietários tinham os seus ganhos amortizados, porque dependiam de intermediários, donos das máquinas de beneficiamento. Isto dificultou a sobrevivência destes cafeicultores e tornou a atividade anti-econômica.

Os grandes produtores, que exportavam diretamente sua produção, tinham elevados lucros e tornaram as suas propriedades auto-suficientes. Mesmo assim, a comercialização do café dependia, nos

---

<sup>55</sup> BORTOLDI. p. 57

portos, dos comissários, que cobravam altas taxas pelos seus préstimos, o que suprimia boa parte do seu lucro.

As cooperativas puseram unidades móveis para beneficiar o café, o que diminuía o frete, além da vantagem do adubo vegetal, proveniente dos restos da limpeza do café, que ficava para o cafeicultor, dos restos provenientes da limpeza do café. A instalação da usina de beneficiamento do café permitia um ganho no peso, duplicando o valor do produto.

Mas, apesar de todo esforço do órgão oficial do governo, o IBC, a exportação decaiu nos anos sessenta. As intempéries, como a geada e a ferrugem, causaram a queda da produção e, paradoxalmente, houve a diminuição dos preços. Das mais de três dezenas de cooperativas que se dedicavam ao café desde os anos sessenta, só nove restaram. As demais dedicaram-se a outros produtos agrícolas<sup>66</sup>.

Na década de setenta, ocorreu a reestruturação das cooperativas no Paraná. O programa de Integração e Desenvolvimento das Cooperativas (PIDCOOP), comandado por órgãos oficiais do Estado e da União, fizeram a análise das cooperativas, inicialmente das do Sudoeste e Oeste do Paraná, depois das cooperativas outras regiões<sup>67</sup>.

Depois de feita a análise, o Paraná foi dividido em três regiões cooperativista: PIC, SULCOOP e NORCOOP. As cooperativas existentes tiveram sua área de atuação delimitada, a fim de evitar a confrontação. Com as cooperativas pequenas e inviáveis foi realizada a liquidação ou a incorporação ou a fusão. (Mapa 10)

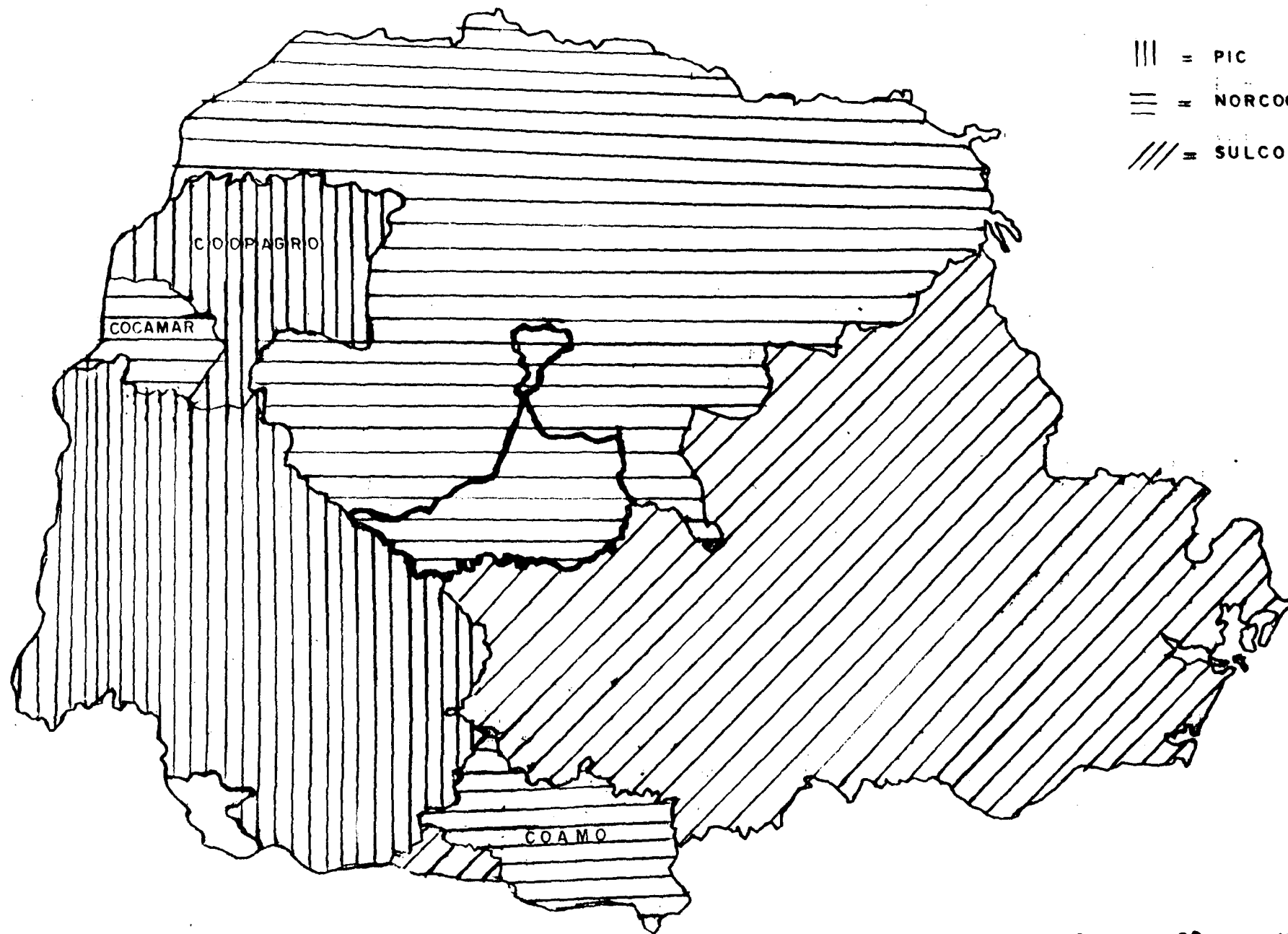
Assim, restaram em torno de setenta cooperativas agropecuárias. Entre elas estão verdadeiros gigantes, inclusive a maior singular do Brasil, a COAMO, de Campo Mourão.

Estas sociedades tiveram cada vez maior participação na co-

<sup>66</sup> RICKEN, 126

<sup>67</sup> KOSLOSKI, J.P. Cooperativas do Paraná. Progresso e Justiça Social. Curitiba, OCEPAR, 1987. 19





FONTE: BANCO DE DADOS DAS COOPERATIVAS

mercionalização de produtos agrícolas, na distribuição de insumos, na rede de armazenamento, principalmente a granel, e na assistência técnica agrícola e veterinária. (Gráfico nº 13)

Tornaram-se também mais diversificadas. No início, recebiam soja e trigo e outros produtos e comercializavam-nos. Mais tarde, instalaram supermercados e, por último, as indústrias, diretamente relacionadas com os produtos comercializados.

As cooperativas têm grande participação no Paraná, tanto na comercialização como na agroindústria, principalmente na área de laticínios, esmagamento de soja, beneficiamento do algodão, fabricação de fio de algodão e seda e fabricação de ração animal.

No setor agropecuário, formaram-se sete centrais cooperativas e federações, que têm importante atuação na exportação e industrialização.

### 3.7 - PIC - Programa Iguazu de Cooperativas

A partir dos anos vinte, migrantes oriundos do Noroeste do Rio Grande do Sul e Oeste de Santa Catarina, na grande maioria descendentes de italianos e alemães, desbravaram espontaneamente as regiões Sudoeste e Oeste do Paraná, sem qualquer auxílio oficial. O minifúndio, a produção de cereais e a criação de suínos foram práticas reproduzidas na nova região<sup>97</sup>.

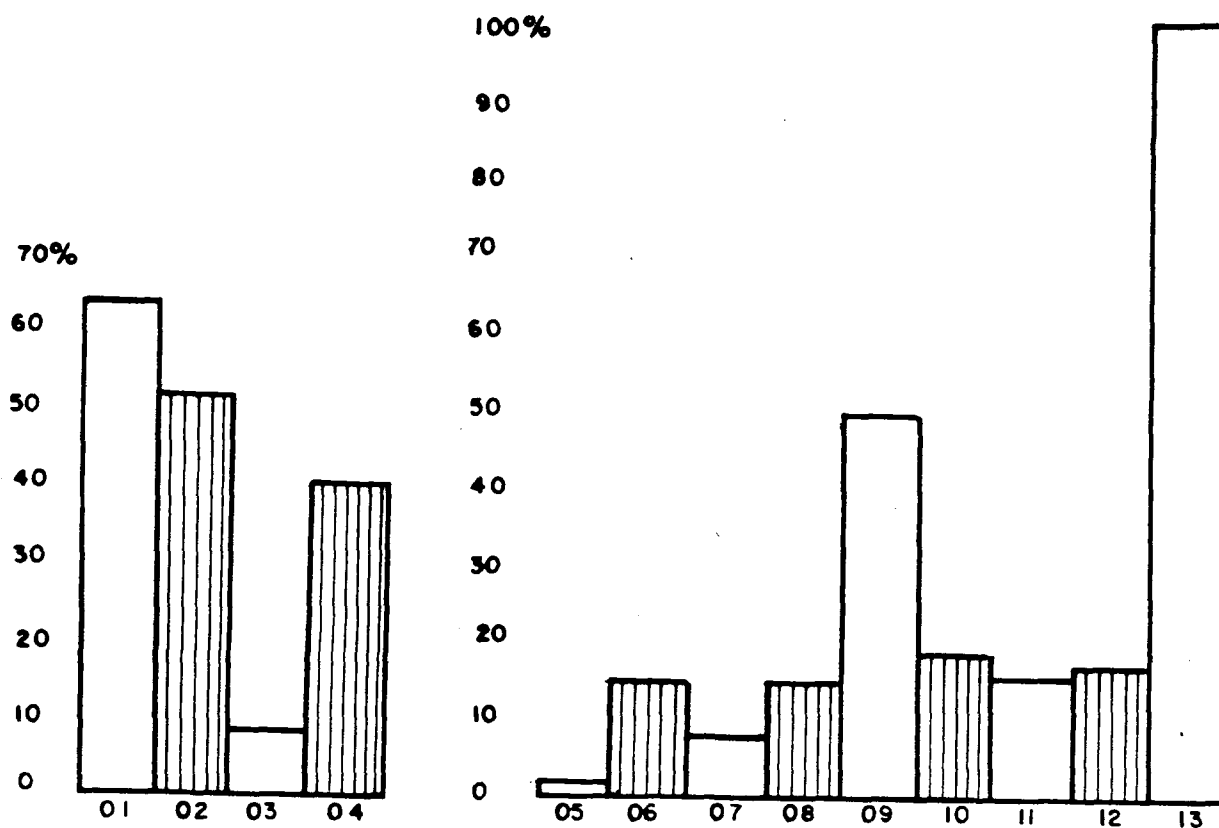
No fim da década de quarenta, várias companhias particulares colonizaram o Oeste do Paraná, através das vendas de pequenas propriedades, ou melhor, colônias de dez alqueires. Primeiramente, os proprietários destas terras adotaram uma agricultura de subsistência, evoluindo para a comercial, o que provocou um rápido cresci-

<sup>97</sup> BORTOLDI. p. 12

GRÁFICO Nº 13

## PARTICIPAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO PARANÁ

EM 1 9 9 0



- 01 - ALGODÃO EM PLUMA
- 02 - ALGODÃO EM CARROÇO
- 03 - FIO DE SEDA
- 04 - ÁLCOOL
- 05 - FARINHA DE TRIGO
- 06 - MILHO
- 07 - FARINHA DE MANDIOCA
- 08 - FÉCULA
- 09 - ÓLEO DE MILHO
- 10 - ÓLEO DE SOJA
- 11 - ÓLEO DE ALGODÃO
- 12 - REFINAÇÃO DE ÓLEO
- 13 - CEVADA

mento, exigindo a abertura de uma rede de estradas<sup>66</sup>. Notabilizaram-se pela adoção deste último tipo de agricultura, da suinocultura e das lavouras anuais, como feijão, soja, milho, mandioca e outras, que colocaram a região como grande produtora nacional.

Estes migrantes tinham conhecimento do sistema cooperativista. Mas este era mais entendido como fracasso do que como sucesso. Assim, tinham suas desconfianças e receios de novas tentativas.

A partir dos anos sessenta, foram surgindo cooperativas nas pequenas comunidades, tanto de comercialização como de consumo, mas sem grande expressão.

Muitas dessas primeiras sociedades dissolveram-se. Outras passaram por problemas sérios, mas acabaram permanecendo. Poucas prestaram bons serviços, principalmente quando eram idealizadas por um líder local. Um exemplo das poucas que tiveram sucesso é a que começou em Cafelândia, distrito então de Cascavel. Foi a Cooperativa Agrícola Consolata Ltda (COPACOL), inspirada pelo padre Luiz Luize. Atualmente, esta associação tem grande expressão em todo Oeste do Paraná<sup>67</sup>.

O grande desenvolvimento no setor ocorreu com o binômio "soja e trigo", que encontrou excelente comportamento de mercado. Além disso, estas duas culturas apresentavam duas grandes vantagens: podiam ser cultivadas o ano inteiro, alternadamente, uma vez que a soja é cultura de verão e o trigo, de inverno, e os produtores podiam ocupar os mesmo equipamentos e máquinas para as duas culturas.

Os principais problemas estavam nas infra-estrutura de armazenamento, na comercialização da produção, no seu beneficiamento e na distribuição de insumos. Procurou-se corrigir esta situação com

<sup>66</sup> DENARDI, Reni Antônio. O papel das Cooperativas do PIC. Curitiba. DESER, 1991. p.4 razão das cooperativas.

<sup>67</sup> CERNECK. p. 17

a criação e a reestruturação das cooperativas.

Vários órgãos oficiais como Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - INCRA, Departamento de Assistência ao Cooperativismo-DAC, Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná-ACARPA, uniram-se para modernizar as cooperativas, tornando-as mais eficientes e produtivas. O programa feito - chama-se Programa Iguazu de Cooperativas - PIC -, visava abranger todos os locais com cooperativas, bem como distribuir e delimitar a atuação nos quarenta e cinco municípios existentes<sup>66</sup>.

As cooperativas existentes consideradas inviáveis foram dissolvidas ou incorporadas às outras. As viáveis, mas pequenas foram transferidas dos distritos para as sedes municipais.

Depois da aplicação do plano, as treze cooperativas restantes tiveram demarcadas suas áreas de atuação, que deveriam ser respeitadas pelas demais. Era um acordo de cavalheiros. Estas cooperativas tinham, inicialmente, dezoito entrepostos. Dez anos depois, passaram para oitenta e sete, e os vinte mil associados neste tempo alcançaram cinquenta e cinco mil<sup>67</sup>. (Mapa nº 11)

Como previsto, anteriormente, pelos organizadores do PIC, surgiram as cooperativas de segundo grau, as Centrais Cooperativas. Uma das centrais da região Oeste é a Cooperativa Central Regional Iguazu Ltda - COTRIGUAÇU, com sede em Cascavel, com a adesão de sete cooperativas, destinada a coordenar a exportação de cereais, com terminal de embarque no porto de Paranaguá. Atualmente, esta central está presente na agroindustrialização e na colonização de vasta área no Mato Grosso<sup>68</sup>. (Gráfico nº 14)

Outra central é a Cooperativa Central Agropecuária Sudoeste Ltda - SUDCOOP, com sede em Medianeira, composta por cinco socie-

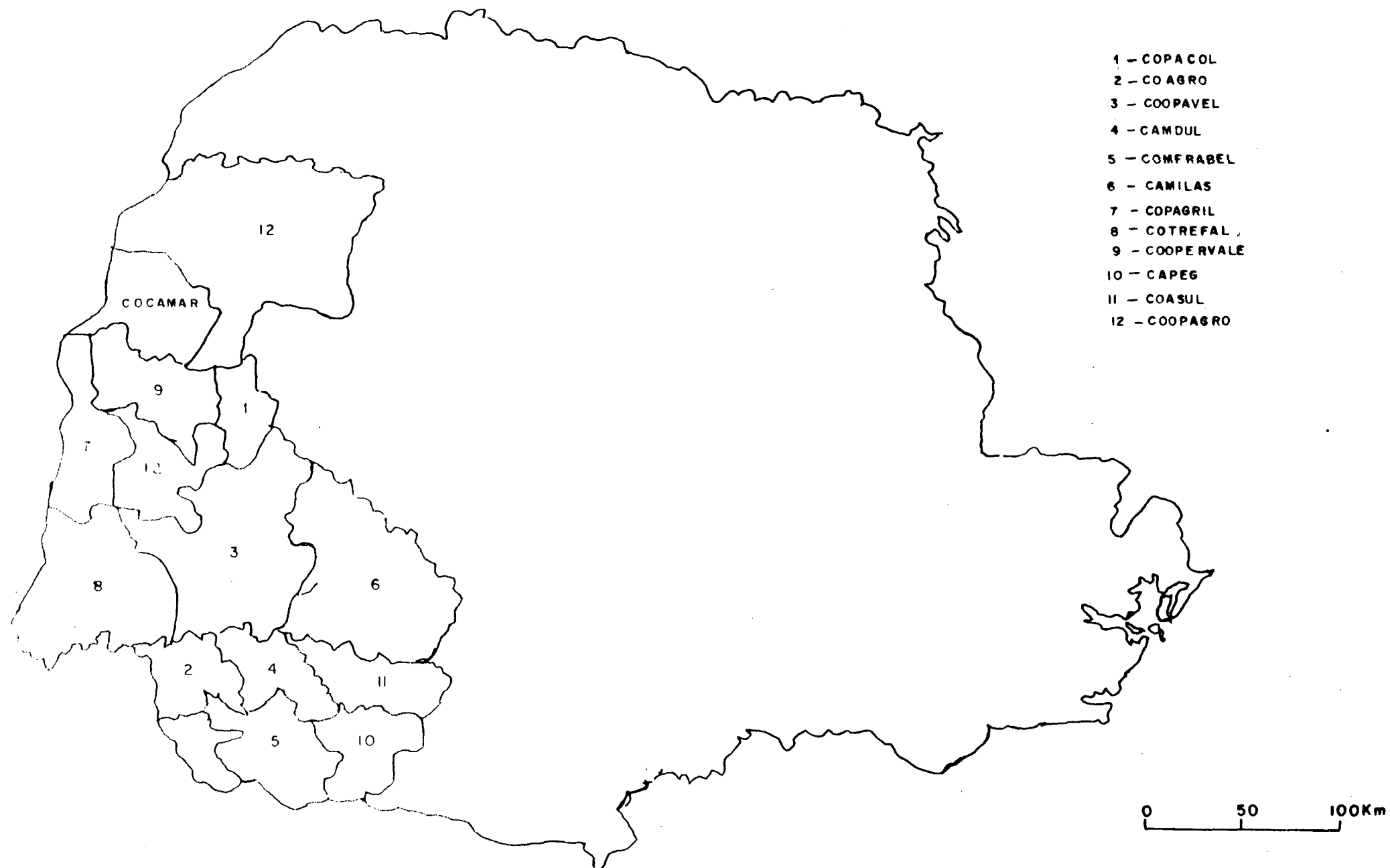
<sup>66</sup> BERNARDI. p. 5

<sup>67</sup> EMATER/ACARPA. Coopertécnico. Análise do PIC. Curitiba, Emater/Acarpa, 1975. P. 51

<sup>68</sup> BORTOLDI. p. 56 com a Cooperativa Mista Agropecuária Palmense Ltda (COPALMA).

PIC - PROJETO IGUAÇU DE COOPERATIVAS

MAPA 11



FONTE: BANCO DE DADOS DAS COOPERATIVAS

dades, tem como finalidade a agroindustrialização, mantendo frigorífico, atuando no esmagamento e refinação de óleo de soja, no beneficiamento do leite e na indústria de laticínios. É também proprietária de uma fábrica de queijo que é destaque nacional.

Apesar da tentativa de cobrir todo o Paraná isto, não foi conseguido com cooperativas em três municípios que fazem fronteira com Santa Catarina, pois estas estão integradas com cooperativas catarinenses.

Com o correr do tempo, algumas anomalias aconteceram com zonas delimitadas das cooperativas. A COOPAGRO, com sede em Toledo, incorporou a Cooperativa Agropecuária Piquiri Ltda (COAP), que abrangia vários municípios. A COAMO, de Campo Mourão procedeu da mesma maneira, adquirindo a Cooperativa Agrícola de Palmas (pertencente à região mais fria do Paraná), que comercializa principalmente maçãs.

### 3.8 - COPAGRIL - Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda

Os primeiros movimentos em prol do cooperativismo, em Marechal Cândido Rondon, não partiram de produtores rurais ou de consumidores urbanos, mas de profissionais da educação e da assistência rural.

O meio rural tinha na policultura e na criação de suínos a base de sustentação econômica. Não havia muitos problemas com a comercialização, pois concorria um bom número de comerciantes, que adquiriam seus produtos e pagavam razoavelmente pela sua produção.

Além destes, havia intermediários que ofereciam melhor preço pelos produtos, mas a falta de estabilidade e confiabilidade destes causavam grandes perdas aos agricultores, porque, muitas vezes, não pagavam a sua aquisição, fazendo uso de meios fraudulentos.

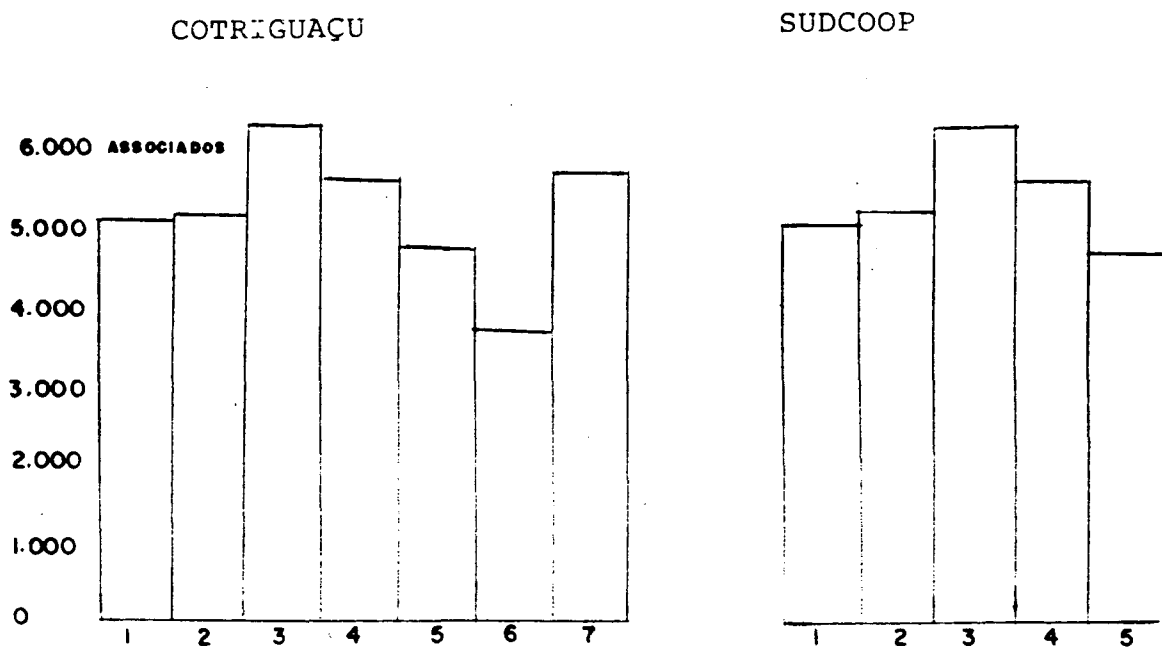
GRÁFICO Nº 14

## CENTRAIS COOPERATIVAS

DO

## PROJETO IGUAÇU DE COOPERATIVAS

EM 1 9 9 0



- 01 - COPACOL
- 02 - COPAGRIL
- 03 - COOPAGRO
- 04 - COOPERVALE
- 05 - COTREFAL
- 06 - COOPAVEL
- 07 - COAGRO

FONTE: BANCO DE DADOS DAS COOPERATIVAS



No início dos anos de 1960, o governo estadual, preocupado em aumentar e diversificar a produção, criou mecanismos de assistência técnica agrícola e veterinária por intermédio da ACARPA. Esta transmitiu aos produtores meios de melhoria da alimentação aos suínos e também o aperfeiçoamento da agricultura.

Foram engenheiros agrônomos e técnicos agrícolas que criaram os primeiros movimentos de cooperação. Divulgaram a doutrina cooperativista no meio agrícola e fundaram os clubes "Quatro S" (saúde, servir, saber e sentir)<sup>44</sup>.

Embora houvesse entusiasmo pelo cooperativismo por parte destes profissionais, nada de concreto foi assumido em prol da formação deste tipo de associação. Todavia, a propagação do pensamento cooperativo estava semeado, faltava apenas motivação para ser posto em prática.

O grande sustentáculo da economia agropecuária, a suinocultura, entrou em crise, em fins dos anos 60. Mesmo com a aprendizagem de novas técnicas, a suinocultura se mostrava inviável. Seus produtores começaram um movimento de protesto. Fecharam rodovias, bloquearam frigoríficos. Mas as ameaças e violências do governo federal e estadual, que mandaram o exército contra os colonos, desmantelaram a movimentação.

No entanto, os protestos geraram algumas providências para a melhoria da situação. Através da ACARPA foram realizados cursos e encontros de suinocultores. Nestas reuniões, os colonos, com o auxílio dos técnicos agrícolas e agrônomos, fizeram e divulgaram um manifesto com milhares de assinaturas sobre a situação que se encontrava a agropecuária<sup>45</sup>.

Isso gerou uma união de forças das lideranças rurais - à qual aderiram, mais tarde alguns dirigentes da prefeitura municipal - com o fim de solucionar as causas do descontentamento.

<sup>44</sup> ACARPA. Os clubes 4-S. Curitiba, Acarpa, 1966, p.5

<sup>45</sup> HERGENER, p. 42

No início dos anos setenta, vieram para a região representantes do DAC e do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário - INDA, com o objetivo de divulgar e despertar o interesse dos produtores rurais pelo cooperativismo. Difundiram os princípios cooperativistas e explicaram a razão da organização em cooperativas agropecuárias. Dezenas de palestras e reuniões foram por eles realizadas, havendo um progressivo interesse pelo assunto<sup>66</sup>.

A pedido do Sindicato Rural, foi enviado pelo INDA um técnico norte-americano, pertencente à Agência Norte-Americana de Desenvolvimento Internacional - USAID, que tinha conhecimentos práticos no setor cooperativista. Aos poucos, as dúvidas e temores dos interessados desapareceram, pois este técnico conseguiu demonstrar as vantagens da ajuda mútua e da solidariedade na produção e comercialização dos produtos agropecuários. Devido a seus bons préstimos, recebeu o título de cidadão honorário de Marechal Cândido Rondon<sup>67</sup>.

O passo seguinte foi visitar uma cooperativa em pleno funcionamento. Com um ônibus fretado, quarenta colonos conheceram a AGRÁRIA, de Entre Rios, a BATAVO, de Carambeí, a CASTROLANDA, de Castro, a WITMARSUM, de Palmeiras, prolongando sua viagem até o porto de Paranaguá, local da exportação dos produtos agrícolas.

Na volta, organizaram um comitê cooperativista para dar continuidade na organização de sua sociedade. Elaboraram um anteprojeto de estatuto e fizeram subscrições de quotas para a formação do capital social da empresa.

Em virtude da euforia provocada pelo "milagre econômico", surgiu a idéia de formar uma cooperativa regional que incluísse os municípios de Toledo, Marechal Cândido Rondon e Palotina. Neste último, havia uma cooperativa agropecuária organizada, a Cooperati-

<sup>66</sup> COPAGRIL. História da Copagril. Marechal Cândido Rondon, Datilografado. s.d p.03

<sup>67</sup> SAATKAMP, Venilda. Desafios, lutas e conquistas. Marechal Cândido Rondon, ASSOESTE, 1985, p. 153.

va Agrícola Mista Palotina Ltda - CAMPAL, fundada em 1968, mas inoperante. A idéia era aproveitar o seu registro para facilitar o andamento da constituição da cooperativa regional. O grande entusiasta deste movimento era um imigrante alemão, que entrou em contato com seu país de origem e conseguiu a promessa de ajuda financeira e de máquinas e equipamentos para este fim.

A grande polêmica foi o local para a futura sede desta cooperativa regional, denominada de Cooperativa Agropecuária Mista do Oeste Ltda - COOPAGRO, uma vez que, desde a emancipação de Marechal Cândido Rondon de Toledo, sobraram rivalidades entre os dois municípios<sup>66</sup>.

Para tentar conciliar a situação, os interessados de Toledo sugeriram que a sede fosse em Vila Nova, distrito deste município que ficava localizado exatamente entre as duas cidades. Os rondonenses, porém, queriam a sede na sua cidade e, para tanto, compraram logo uma chácara para a mesma, o que dificultou ainda mais a possibilidade de um acordo. Em resposta a esta atitude, os produtores de Toledo simplesmente fundaram, em 08 de agosto de 1970, a COOPAGRO, com sede em Vila Nova, desfazendo definitivamente a possibilidade da formação de uma cooperativa regional<sup>67</sup>.

### 3.8.1 - A fundação

A partir do momento em que se tornou inviável a formação de uma cooperativa regional, iniciou-se o movimento da constituição da Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda - COPAGRIL<sup>70</sup>.

<sup>66</sup> SAATKAMP, Venilda. Desafios, lutas e conquistas. Marechal Cândido Rondon, ASSOESTE, 1985.p.153

<sup>67</sup> LAMB, Arlindo Alberto. O Cooperativismo no Oeste. Marechal Cândido Rondon, Entrevista Realizada em

<sup>70</sup> MERCENER, Valmor. A História da Copagril. Mal. Cândido Rondon, Monografia UNIOESTE/FACIMAR, 1991 p.47

Para tanto, no dia nove de agosto de mil e novecentos e setenta, houve uma reunião num clube local com diversos líderes empresariais e rurais e agricultores. Para presidir os trabalhos foi aclamado o delegado regional do Instituto Regional de Desenvolvimento Agrário - INDA.

Tinha por objetivo esta nova sociedade associativa a defesa econômica e social dos seus associados por meio da ajuda mútua, atuando na comercialização de produtos agrícolas, no abastecimento do associado, no seu aprimoramento técnico-profissional, na expansão do cooperativismo, no fomento da agricultura e na modernização dos meios de produção.

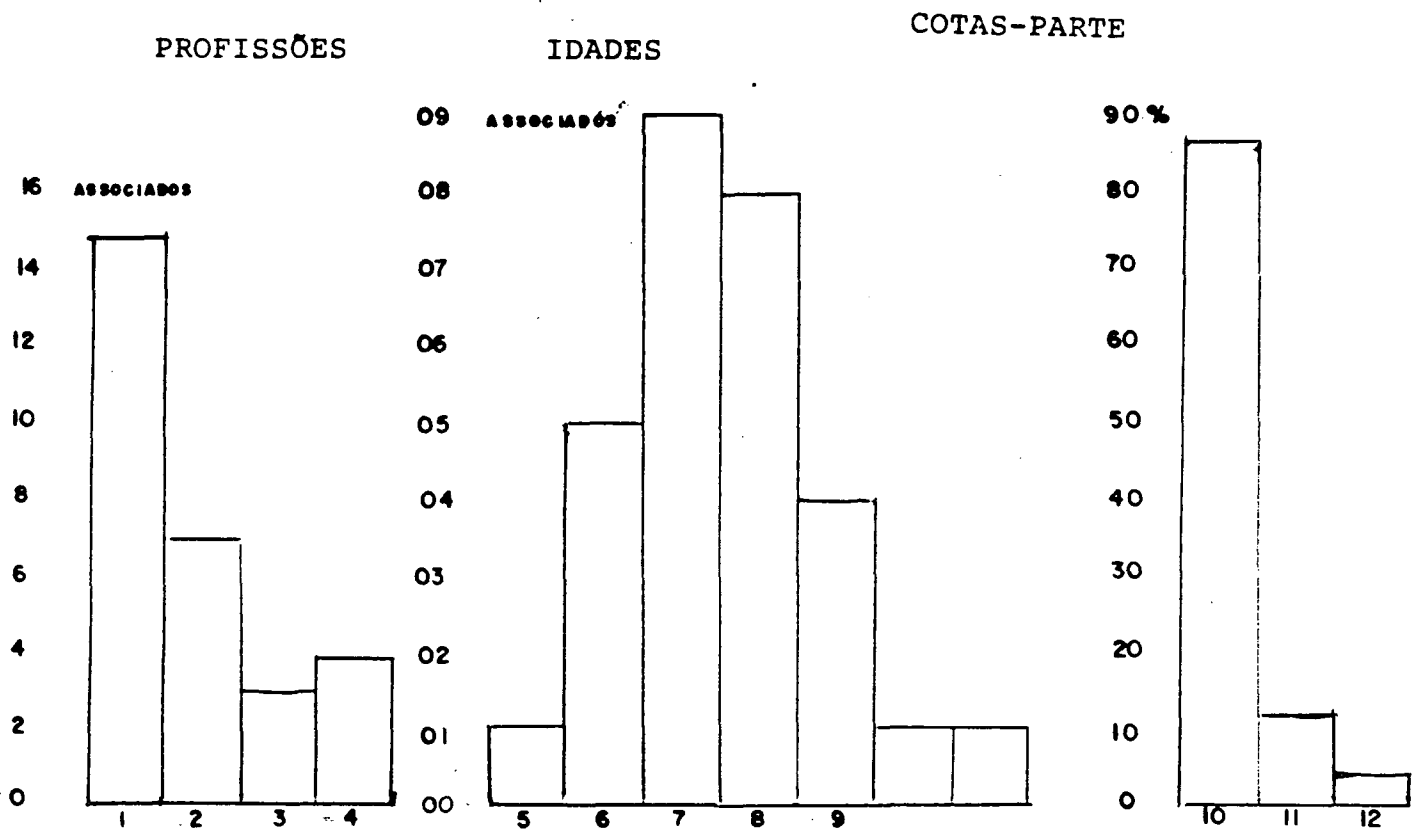
Constituíram esta cooperativa vinte e nove associados, que, até os dias atuais, recebem uma reverência toda especial. São considerados seus beneméritos por terem sido uma diminuta parcela de produtores rurais do município que teve a coragem de iniciar tal empreendimento.

Dos constituintes desta nova associação, a grande maioria era pessoas com menos de quarenta anos de idade, o que coincide com a afirmação de que este movimento é melhor aceito entre os mais jovens. (Gráfico nº 15)

Uma parte dos fundadores era formada por agricultores que trabalhavam diretamente na lavoura e a outra, por empresários do comércio e indústria ou profissionais liberais que tinham na agricultura um auxiliar de seus negócios.

Aprimorou-se o estatuto da cooperativa, que fora elaborado pelo comitê cooperativo responsável pela criação da COOPAGRO, realizando-se, em seguida, a primeira eleição. A única chapa inscrita, pré-estabelecida pelo emissário do INDA e lideranças presentes, foi a chapa Rondon, eleita por unanimidade. Era encabeçada pelo primeiro prefeito da cidade, que, apesar de não ter participado do movimento pré-cooperativista, era considerado por todos um bom administrador e capaz de encaminhar grandes empreendimentos. O man-

COPAGRIL FUNDAÇÃO



- 01 - AGRICULTORES
- 02 - COMERCIANTES
- 03 - PROFISSIONAIS LIBERAIS
- 04 - OUTRAS PROFISSÕES
- 05 - 26 a 30 ANOS
- 06 - 31 a 35 ANOS
- 07 - 36 a 40 ANOS
- 08 - 41 a 45 ANOS
- 09 - 46 a 50 ANOS
- 10 - 51 a 55 ANOS
- 11 - 56 a 60 ANOS
- 12 - SESSENTA QUOTAS-PARTE
- 13 - CEM QUOTAS-PARTES
- 14 - DYZENTAS QUOTAS-PARTES

FONTE : ATA DA FUNDAÇÃO

dato da diretoria era de dois anos. Ao término da gestão, era obrigatória a renovação de um terço de seus membros<sup>71</sup>.

Entre as competências da diretoria, que devia se reunir uma vez por mês, obrigatoriamente, estavam: planejar e traçar as normas para as operações e serviços, tomar providências para adquirir recursos financeiros e contratar o gerente e técnicos-administrativos.

Alguns dias depois da eleição, começaram as atividades desta cooperativa, que se tornaria a maior empresa do município.

### 3.8.2 - O início

O Programa Iguazu de Cooperativas (PIC) delimitou como área de atuação da COPAGRIL, além do município de Marechal Cândido Rondon, sua sede, o município de Guaíra e o de Santa Helena. Neste último, a COPAGRIL só atua até o rio São Francisco. A outra parte foi destinada à atuação da COTREFAL (Cooperativa Agrícola Três Fronteiras Ltda), de Medianeira.

A diretoria da COPAGRIL começou a pôr em prática suas atividades depois de concluídos os trabalhos de registro nos diversos órgãos competentes. Para gerenciar seus trabalhos, a diretoria contactou alguns administradores do interior do Rio Grande do Sul, que tinham conhecimento de comercialização de cereais. Apesar de ter chegado ao conhecimento de alguns associados de que estes administradores eram de capacidade duvidosa, a diretoria contratou-os, porque fora induzida a isso pelo então gerente do Banco do Brasil de Toledo.

A diretoria alugou algumas salas do prédio do sindicato rural patronal para poder atender o seu quadro social e receber novos associados, que até o fim do ano passavam de trezentos e cinquenta.

Na chácara, já adquirida antes da constituição pela Comissão

---

<sup>71</sup> COPAGRIL. Ata de Assembléia Geral nº 01 Marechal Cândido Rondon. Datilografado 1907, p.07 vol do CIBRAZEN (Cia

de Organização da COPAGRIL, a nova administração solicitou aos órgãos oficiais armazéns provisórios para o recebimento da safra de inverno que estava sendo colhida. Foi emprestado um armazém inflável da Companhia Brasileira de Armazenamento - CIBRAZEK. As cooperativas, entre elas a COPAGRIL, receberam do governo o monopólio de recebimento do trigo, que era, em seguida, comercializado por órgãos oficiais<sup>7e</sup>.

Após alguns meses, começou a construção do prédio para administração e dos escritórios para o atendimento dos associados, bem como dos primeiros gigantescos armazéns, casa de máquinas e moegas e a instalação de balanças para pesagem de caminhões. Em pouco tempo, a primeira fase da organização do espaço físico estava concluída. O financiamento para a realização deste empreendimento veio dos órgãos oficiais, entre eles o Banco Regional de Desenvolvimento Econômico (BRDE), o que consta nas atas das assembleias gerais. Apesar dos juros das entidades oficiais serem menores que os praticados pelos bancos comerciais, houve exigências, como, por exemplo, o aval pessoal dos diretores da sociedade.

Um pouco mais tarde, mas ainda dentro do primeiro ano de existência, foi instalada uma fábrica de ração e concentrado de razoável porte para atender aos suinocultores que continuavam com grande expressão econômica.

A primeira gestão teve, portanto, o mérito de se preocupar com as condições físicas da cooperativa, demonstrando também capacidade de previsão ao adquirir terrenos para as instalações de entrepostos em distritos e municípios vizinhos.

Na segunda eleição para a diretoria e conselho fiscal, novamente não houve disputa, pois só havia uma chapa. O presidente e seu vice foram reeleitos. Nos demais cargos houve alteração para atender exigências estatutárias.

---

<sup>7e</sup> HERGENER/, p. 76

O crescimento do quadro social no segundo ano de existência foi vertiginoso. O número de associados alcançou os dois mil. Além disso, foram concluídas e construídas novas instalações. O primeiro armazém graneleiro, onde os cereais eram depositados não-ensacados, foi concluído, com capacidade para vinte e sete mil toneladas, um armazém sementeiro, com condições especiais para a conservação da qualidade do produto, foi construído. Em Guaíra, foi instalado um entreposto com armazéns, casa de máquinas, balança e escritório para atendimento aos associados deste município e região.

Em virtude da fragilidade do conhecimento do cooperativismo, surgiram, no Paraná, organismos para remediar esta situação. Eram os Comitês Educativos. Estes comitês eram os órgãos de assessoramento da cooperativa que tinham por objetivo sedimentar a doutrina cooperativista e formar líderes capacitados para atuar no ramo. O primeiro comitê educativo da COPAGRIL foi organizado na sede, em Marechal Cândido Rondon, durante o segundo mandato de seu primeiro presidente, com o fim de divulgar as idéias cooperativistas e seus princípios e ser um elo de ligação entre a administração e o associado. Deveria ser apenas um órgão cumulativo, que auxiliaria a diretoria, mas acabou ganhando enorme importância mais tarde.

Outras atividades desenvolvidas pela COPAGRIL durante este segundo mandato foi o incentivo do reflorestamento - as matas nativas não existiam mais -, porque a crise do petróleo fez com que os secadores de armazéns, que eram dependentes de um destilado de petróleo, tivessem que ser transformados em secadores dependentes de lenha; a liberação de grande número de financiamentos, o que tornou a adesão dos colonos à cooperativa um tanto quanto compulsória; e o repasse de caminhões para seus associados, destinados para o transporte de produtos, com um longo prazo para a amortização da dívida.

No final do segundo mandato, o quadro social começou a demonstrar sinais de insatisfação com o gerente geral e seus auxiliares. As aquisições de insumos, principalmente de fertilizantes, não eram fei-



tas conforme a preferência dos associados, mas conforme a da gerência, sendo que as marcas adquiridas não tinham muita qualidade e não coincidiam com as preferidas pelos colonos. Surgiu a desconfiança de que alguns alguns componentes da gerência recebiam comissões para preterir produtos de qualidade superior. Além disso, começou a se espalhar a notícia de que a empresa de cereais no Rio Grande do Sul, que fora dirigida pelo então gerente da COPAGRIL, falira. Isto provocou temores pelo destino da associação. A isto se acrescentou o fato de que o gerente e pessoas ligadas a eles tinham uma série de vantagens, negadas aos demais associados, como, por exemplo, a aquisição de insumos com pagamento a longo prazo e sem acréscimo de juros.

Alguns líderes da situação sentiram o descontentamento e pediram ao presidente que demitisse o gerente e seus auxiliares para garantir a reeleição. Mas por falta de opção para substituir os mesmos e, em parte, por obstinação, isto não aconteceu.

Ao se aproximar o fim do mandato, parte da diretoria se dispôs a ser reeleita, mas muitos associados não queriam que isto acontecesse, porque desejavam alterar a administração da cooperativa. Um dirigente do Sindicato Rural, que tinha grande contato com os associados por ser médico veterinário, sentiu esta insatisfação e conseguiu com que alguns membros da diretoria anterior disputassem cargos pela nova chapa.

No dia da eleição, a chapa de oposição fez mais que o dobro de votos da situação. Na ocasião da transmissão dos cargos, ocorreram algumas indelicadezas para com o antigo presidente, como não dar-lhe o direito de usar a palavra para despedir-se e ameaçá-lo quanto à apuração de denúncias feitas em relação à administração durante o seu mandato. Não recebendo o direito de defender-se, o presidente anunciou o seu afastamento do quadro social. Os não reeleitos, sob vaias e apupos, saíram do local da assembléia geral<sup>79</sup>.

O primeiro presidente, apesar do pedido dos novos dirigentes

---

<sup>79</sup> MERGENER, Valmor. A história da COPAGRIL. Marechal Cândido Rondon, Monografia. UNIOESTE/FACIMAR, 1991. p.77

para que reconsiderasse sua decisão, fundou, juntamente com outros associados, na maioria grandes produtores, uma empresa comercial que tinha os mesmos objetivos da COPAGRIL: a comercialização de cereais e insumos.

### 3.8.3 - Altos e baixos

O segundo presidente, com grande vivência sindical, era uma grande promessa para a administração da COPAGRIL e para boa parte dos associados. A primeira questão a ser resolvida era o gerenciamento. O gerente e seus auxiliares tentaram continuar na administração, mas foram rechaçados até com bastante dureza. A nova diretoria contratou um novo gerente, que era apenas um estagiário da empresa. Não tinha experiência e nem as melhores condições para o cargo. Mesmo assim, conseguiu agradar por algum tempo aos associados. No entanto, com o tempo, as dificuldades financeiras, devido à sua imperícia, começaram a aparecer, criando entraves para o bom desenvolvimento econômico e financeiro da COPAGRIL por um bom tempo.

O novo presidente concentrou as decisões em suas mãos, acompanhando diariamente as atividades da cooperativa, pois tinha o exemplo dos erros advindos com a demasiada delegação de poder ao departamento executivo e com a falta de acompanhamento direto por parte do presidente.

Na primeira assembléia geral depois da posse, houve a proposição de um pró-labore, uma remuneração para os novos diretores, o que até então não tinha acontecido. A idéia era pagar bem e, em contrapartida, receber administração competente e bons resultados.

O início da segunda fase foi marcado por mostras de iniciativa e organização. Foi criado o entreposto no distrito de Entre Rios, com graneleiro, escritório, casa de máquinas, balanças e funcionários para o atendimento dos agricultores.

Na sede, foi aumentado o escritório da administração e instalado o laboratório de análise de sementes, o primeiro de caráter privado do estado do Paraná. Também foi concluído o terceiro graneleiro e a segunda casa de máquinas. As moegas, que servem para descarregar cereais, tiveram o seu número dobrado.

Também merecem destaque outras medidas, como a criação do jornal "Informativo Copagrill", com uma tiragem de cinco a sete mil exemplares mensais, e a contratação de jornalistas. Mais tarde, foi montada uma gráfica na própria COPAGRIL, onde todo o jornal era montado com impressão a cores<sup>74</sup>.

As novas realizações físicas planejadas ficaram prontas em um curto período de tempo, recebendo maciço financiamento de órgãos oficiais. Foram construídos o segundo armazém metálico e o posto de abastecimento de combustível, com todas as instalações necessárias.

Uma das realizações mais benéficas foi a contratação de especialistas na área agropecuária para a formação do Departamento Agrônomo e Médico Veterinário. Vários engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas e veterinários começaram a atender e a dar assistência aos associados.

Nesta época, também surgiu a Cooperativa Central Regional Iguazu Ltda (COTRIGUAÇU), com sede em Cascavel, formada, inicialmente, por oito cooperativas singulares, entre elas a COPAGRIL. Esta central tinha por objetivo a organização da exportação de cereais. Antes da formação da COTRIGUAÇU, estas oito cooperativas já haviam adquirido um terreno em Paranaguá para a construção de grandes graneleiros e de um terminal de exportação. Tudo foi feito com financiamento conseguido pelas cooperativas filiadas.

Os funcionários da COPAGRIL, em número de duzentos, organizaram a sua sociedade, a Associação Atlética Cultural Copagrill (AACC), que se instalou nas proximidades da cooperativa. Esta associação tornou-se forte participante nos esportes locais e tem excelentes insta-

---

<sup>74</sup> COPAGRIL. Ata da Assembléia Geral. K.C.Rondon. Datilografado 1975. p.4

lações para recreação. A manutenção da associação só é possível devido à contribuição do quadro funcional, descontado em folha de pagamento<sup>79</sup>.

O segundo presidente foi reeleito facilmente. Houve algumas alterações na diretoria e nos conselhos, tanto da administração quanto do fiscal, como exigia o estatuto. O número de associados ultrapassava a quatro mil e a COPAGRIL se destacava como uma das primeiras cooperativas em várias áreas entre as congêneres do Paraná.

Tiveram continuidade as construções, com novos graneleiros, sementeiras, armazéns de insumos e barracão para oficina mecânica. A novidade foi a aquisição de vinte caminhões pesados e uma carreta à parte, tipo Romeu-Julietta, para transportar os produtos. Esta frota era popularmente conhecida por "esquadrão da morte", porque, como os veículos andavam quase sempre juntos, causavam uma assustadora impressão nos habitantes da cidade.

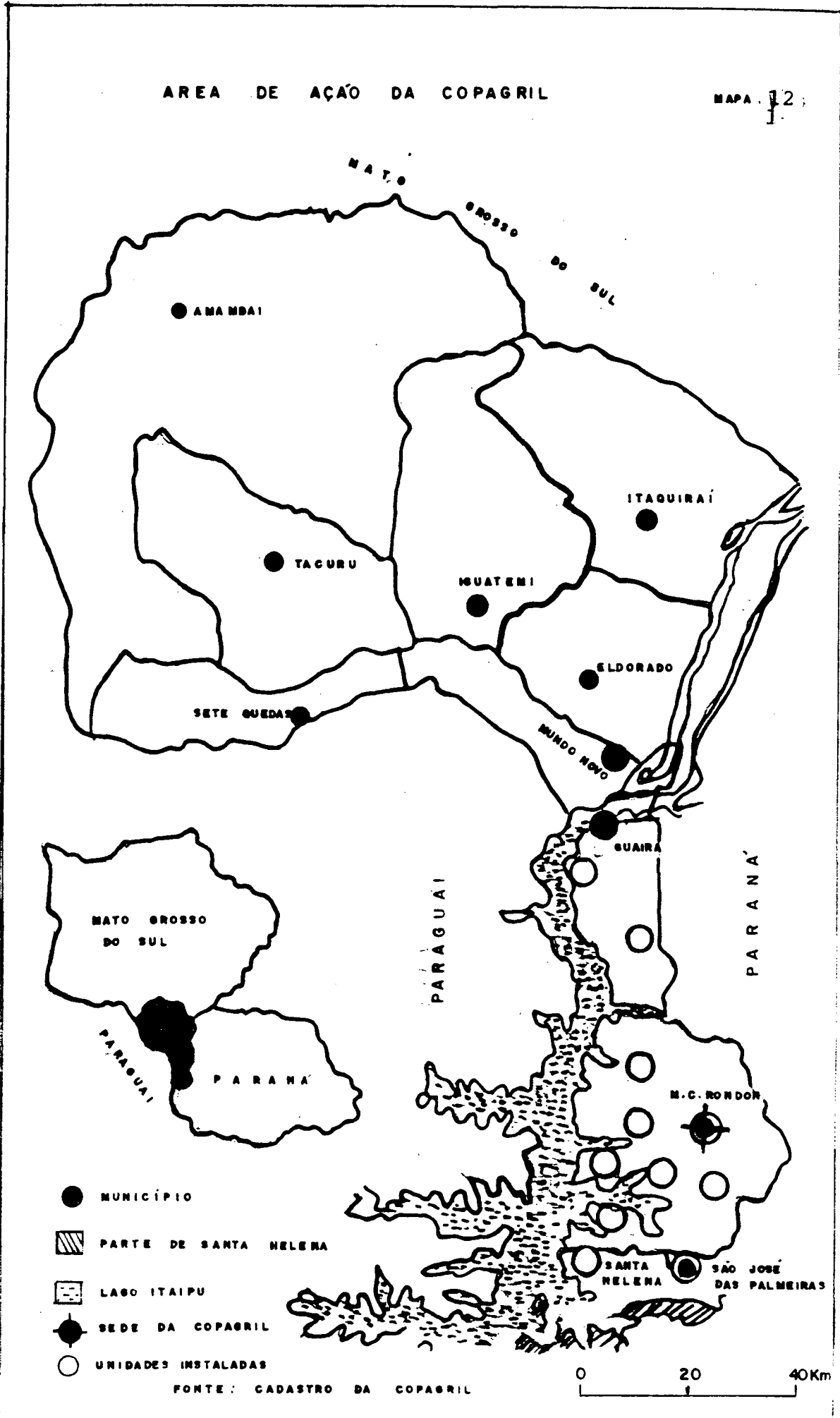
Surgiu um entreposto no município de Guaíra e postos de recebimentos em alguns distritos de Guaíra, de Santa Helena e de Marechal Cândido Rondon (Mapa ng 11).

No município-sede, a COPAGRIL fundou uma loja de artigos agropecuários, de peças para máquinas e implementos e produtos diversos, que funcionou, a princípio, no centro, em prédio alugado. Mais tarde, a loja foi transferida para uma construção própria, que ficava junto à sede da COPAGRIL.

Outra iniciativa muito benéfica foi a criação dos Clubes de Jovens Cooperativas (CJC), inicialmente seis, e a constituição de sua associação (ACJC). Visavam à motivação dos jovens, filhos de associados e não associados, para os esportes, cultura, recreação e também para o aumento da produtividade agrícola.

A instalação do primeiro supermercado, na sede de um distrito, foi uma inovação e uma mudança na ideologia inicial, que visava só à

<sup>79</sup> COPAGRIL. Informativo Copagri!. M.C.Rondon. Gráfica Copagri!, 1977 p.6



compra de produtos agrícolas e à venda de insumos aos agricultores associados. Com este empreendimento, houve uma abertura de atendimento para a comunidade, uma vez que qualquer pessoa poderia adquirir produtos nos supermercados da COPAGRIL. Mais tarde, a cooperativa instalou, ao todo, doze supermercados. A construção e instalação desta rede encontrou, a princípio, oposição por parte de alguns associados, mas acabou se tornando um grande sucesso, tornando-se, com mais cinco outras, uma das grandes redes a nível estadual e sendo incluída entre as trezentas maiores do Brasil<sup>76</sup>.

Tudo parecia ir muito bem. O segundo presidente fora reeleito pela terceira vez. Como novidade na chapa escolhida, constava como diretor-secretário um ex-prefeito interventor do município (Marechal Cândido Rondon era área de segurança nacional), que só chegou a este cargo devido às influências de um forte grupo político local.

Numa das assembléias gerais deste mandato, foi aprovado o relatório anual, de que fazia parte o balanço geral, devidamente aprovado pelos auditores, com parecer favorável, o que foi imitado pelo conselho fiscal. Se fosse mais seriamente examinado poder-se-ia ver as falhas, uma vez que os compromissos que venceram durante o exercício foram postergados para o próximo e o inverso foi feito com os créditos. Em pouco tempo, esta anomalia chegou ao conhecimento de muitas pessoas.

O presidente, eleito três vezes, teve de pedir demissão. Oficialmente, alegou motivos de saúde. Deixou uma situação financeira calamitosa para a cooperativa. O livro de ata das reuniões de diretoria desapareceu. Nele havia uma autorização dada pelo conselho de administração que permitia ao presidente e ao gerente trocar, em cada fim de ano, seus automóveis por um novo, sendo a diferença paga pela cooperativa. Também todo o combustível era pago pela COPAGRIL. Esta resolução não era nem mesmo conhecida por toda diretoria. O cará-

---

<sup>76</sup> SUPERMERCADOS DO PARANÁ INTEGRAM O RANKING NACIONAL. Gazeta do Povo. Curitiba, 09.07.1991. p. 42

ter duvidoso desta autorização, provavelmente, fez com que o livro desaparecesse.

A nova administração contratou uma empresa de auditoria que levantou minuciosamente a situação. O prejuízo chegou a setenta e oito milhões de cruzeiros na época, equivalente a 53.793 salários-mínimos, uma quantia bem alta. Mas os auditores se basearam muito em boatos, não se preocupando muito com uma investigação séria. No final da auditoria, fizeram um relatório de trinta e seis itens, embora só quatro mostrassem índices graves de irregularidades e talvez locupletação.

Foi convocada uma assembléia geral extraordinária para conhecer o resultado desta apuração. A reunião teve longa duração, estendendo-se pelo dia inteiro, porque havia quatro volumes, com mais de mil páginas, além da minuta. No final, foi aprovado que os culpados deviam devolver a importância devida à Cooperativa.

#### 3.8.4 - A recuperação

Devido à saída do presidente e de vários conselheiros, tanto administrativos como fiscais, foi convocada, no início de 1979, uma assembléia geral extraordinária para o preenchimento de cargos.

Como o presidente renunciou, era o vice-presidente quem deveria, conforme o estatuto, assumir a presidência, mas alguns associados, aliados a grupos políticos poderosos, queriam alijá-lo do cargo que, por direito, deveria assumir. Segundo as pretensões pessoais destes associados, quem deveria assumir a presidência era o secretário da cooperativa, ex-prefeito do município (1972-1978). Estas pretensões não foram realizadas porque a maioria dos votos foi para que o vice-presidente assumisse. Tomou posse neste mesmo ano, dedicando muitos anos de serviço a esta instituição.

A nova diretoria conseguiu empréstimos de entidades financeiri-

ras para saldar os compromissos atrasados. Nenhum associado teve de arcar com os prejuízos causados pela administração anterior. Por muito tempo, nas assembléias gerais, os presentes indagavam sobre a cobrança feita ao segundo presidente e ao ex-gerente pelos danos causados. Também pediam informações sobre a situação dos devedores, inclusive sobre as firmas internacionais que importaram cereais e pagaram com cheques sem fundos. Infelizmente, ninguém da administração conseguiu responder a estas inquirições dos associados. As dívidas nunca foram pagas.

Mesmo com o não recebimento das dívidas, muitos associados afirmavam, nas assembléias gerais, que não havia motivo para desânimo. A solução para evitar riscos na venda dos produtos seria vendê-los, tanto no mercado externo quanto no interno, apenas para empresas confiáveis, mesmo que, para isso, tivessem de abaixar os preços. Aprovaram também que os associados em débito com a cooperativa, que representavam um quinto do total, com uma dívida expressiva, deviam ser cobrados, mesmo que judicialmente. Estas medidas aliviaram muito a situação.

O ânimo e a credibilidade reapareceram. Os empreendimentos recommeceram. Mais quatro clubes de jovens foram criados e instalada uma moderna rede de rádio que melhorou o sistema de comunicações entre as unidades.

Em fins da década de setenta, novamente o quadro social foi convocado em sessão extraordinária para decidir uma nova proposta da diretoria da COPAGRIL: a associação à Cooperativa Central Agropecuária do Sudoeste Ltda (SUDCCOOP). Esta central tinha sua sede no Sudoeste do Paraná, na região de Francisco Beltrão. Em virtude da paralisação de vários frigoríficos e da fábrica de óleo vegetal na região Oeste, surgiu o interesse de se transferir esta central para as instalações vazias deste local. A grande motivação era a agroindústria. A primeira aquisição foi o Frigorífico Medianeira - FRIMESA, onde foi estabelecida a sede desta central. Após encaminhar o assunto, o presidente expôs as vantagens que a COPAGRIL e, conseqüentemente, os as-



sociados teriam com esta união. A maior delas era que os produtores, se se voltassem para a suinocultura e a pecuária de leite, teriam uma renda constante e não sofreriam as perdas causadas por estiagens prolongadas e geadas fortes. Após muita polêmica e sugestões, a filiação foi decidida em votação secreta, com pequena diferença de cinco votos a favor do projeto.

Quase no fim do terceiro mandato, a situação voltou a piorar. O conselho fiscal detectou irregularidades na transação com cereais, privilegiando o prefeito municipal da época, transação autorizada pelo diretor-secretário, o que provocou a renúncia deste último.

No início de mil novecentos e oitenta, houve eleição para diretoria e conselho fiscal. Formaram-se duas chapas, uma da situação e outra da oposição. A primeira ganhou com o dobro de votos. A reeleição do presidente era uma prova de confiança na diretoria. No balanço geral, as sobras do exercício amortizaram os prejuízos anteriores.

A novidade, neste ano, foi o início da comercialização de suínos e leite destinados para a SUDCOOP, a fim de serem industrializados. Os níveis de comercialização de cereais e insumos voltaram à normalidade. Novos empreendimentos tiveram lugar, como a Transcopagrill, uma subsidiária para o transporte de produtos.

O número de associados que ultrapassava os cinco mil antes da crise do final de setenta e oito - esta crise ocorreu depois da saída do segundo presidente e causou enormes prejuízos e uma diminuição drástica no quadro social - voltou a se elevar aos poucos.

Em 1982, a situação financeira estabilizou-se por completo. As boas safras e a diversificação de culturas trouxeram resultados positivos. Houve uma mudança nas metas da administração da cooperativa, pois, a partir deste mandato, o objetivo principal tornou-se o fortalecimento da cooperativa e não os interesses pessoais. Com a aplicação desta nova decisão, a eleição do conselho fiscal transcorreu tranquilamente, com voto a descoberto.

Neste ano, começaram a realização de novos investimentos. Um deles, que não visava retorno imediato, mas resultado a longo prazo,

foi a aquisição de dez alqueires de terra. Estes dez alqueires transformaram-se em um campo de pesquisa e experimentos. Nesta época, a cooperativa já contava com um bom número de agrônomos e técnicos agrícolas para pôr em prática experiências com diversos cultivares. Outro investimento importante foi a construção de um centro de treinamento, bem equipado, usado para melhorar o desempenho dos funcionários e também associados. Esta nova unidade também é cedida para outros órgãos, que lá podem realizar os seus eventos.

Uma nova cultura tornou-se importante na região, o algodão. O resultado do aumento de sua produção foi a implantação de uma unidade de beneficiamento que o transformava em plumas.

Surgiu um novo comitê educativo, que cada vez se tornavam mais importantes na divulgação das idéias cooperativistas e na preparação de líderes.

O número de associados ultrapassava a cinco mil e o de funcionários, a trezentos. Depois da Prefeitura Municipal, era a maior empregadora da cidade.

Em 1984, ocorreu a expansão para o estado do Mato Grosso do Sul, abrangendo sete municípios, vizinhos ao nosso estado. Neste estado, havia uma cooperativa que atendia a estes onze municípios. Esta cooperativa não foi fundida nem incorporada à COPAGRIL e sim adquirida do INCRA, já que este órgão havia assumido a cooperativa do Mato Grosso do Sul no momento de sua liquidação.

A COPAGRIL, neste ano, começou a atuar em onze municípios (antes eram dez), devido à emancipação do distrito de São José das Palmeiras do município de Santa Helena.

Uma iniciativa de grande repercursão foi a instalação, na sede, de uma loja de eletrodomésticos e outra de material de construção, o que acirrou a concorrência com as demais empresas, inclusive com outra cooperativa da cidade, a Cooperativa de Eletrificação Rural (CERCAR).

O quadro social alcançava nesta época cinco mil associados e o número de funcionários aproximava-se de mil. (Quadro nº 01)

A COTRIGUAÇU, central da qual faz parte a COPAGRIL, adquiriu uma enorme área de terra na Amazônia Legal para o assentamento do excedente de agricultores da sua área de abrangência. Mais de setecentos lavradores adquiriram lotes rurais e se instalaram nesta região do Mato Grosso (Aripuanã). Surgiu uma cidade, que recebeu o nome desta central, e também uma cooperativa local.

Em 1986, foi autorizado, em assembléia geral, um projeto avícola para a integração de centenas de aviários, construídos pelos associados, e também para a manutenção de matrizes, incubadoras e abatedouro. Isto não se concretizou, porque a diretoria resolveu suspender este projeto, sem dar nenhuma justificativa aos associados.

O último ano da gestão do terceiro presidente, em 1987, foi caracterizado por medidas de ajuda mútua e de solidariedade. Em assembléia geral, foi autorizado a implantação do Fundo de Capital de Giro Rotativo (FCGR). A partir disto, houve o desconto de um por cento do total da venda do leite e trigo e dois por cento do valor total da venda dos demais produtos para capital de giro. Do total arrecadado, um quinto foi devolvido anualmente para os associados.

Outro projeto aprovado em assembléia geral, e que teria efeitos imprevisíveis, foi o projeto de filiação na Cooperativa dos Produtores de Cana e Consumo de Alcool Margaridense Ltda - COAMAR, localizada no distrito de Margarida. Apesar das boas intenções e do incentivo oficial, houve pouco cuidado na aquisição dos equipamentos desta minidestilaria de álcool. Até o presente momento, não entrou em funcionamento e trouxe muitos dissabores para os seus associados, inclusive a ameaça de execução judicial pelo débito do empreendimento. O conselho de administração da COPAGRIL desaconselhou esta filiação, que não foi, por fim, concretizada.

No início de mil novecentos oitenta e oito, foi eleito o quarto presidente para o primeiro mandato. Era candidato de chapa única e teve o apoio dos comitês educativos, que cada vez teriam mais influência mais na formação de chapas e na eleição.

O presidente anterior, que dirigiu a COPAGRIL por oito anos,

recebeu várias homenagens e, como o primeiro presidente, recebeu um automóvel de presente, como recompensa pelos seus anos de dedicação na presidência. Foi designado para participar da diretoria da SUDCOOP, onde permanece até hoje.

Neste mesmo ano, foi inaugurado o centro administrativo, ainda iniciado na administração anterior. Moderno, elegante e funcional, este prédio com mil e quinhentos metros quadrados é a sede administrativa da cooperativa.

Teve início a integração com a COPAGRIL dos suinocultores e dos produtores de pecuária de leite, sistema já adotado por outras empresas comerciais. O produtor adquiriria vaca para leite ou criadeiras de suínos, bem como ração, via COPAGRIL e, em troca, se comprometeria a entregar o seu produto.

O grande empreendimento deste ano foi a aquisição da indústria de óleo da SOCEPAR. Esta fábrica localiza-se no município de Marechal Cândido Rondon, com uma área construída de quinze mil metros quadrados, armazéns graneleiros com capacidade para setenta e cinco mil toneladas de soja e farelo e reservatório de óleo bruto de soja com capacidade para três mil toneladas. A capacidade de esmagamento era de quatrocentas e vinte toneladas diariamente. O total pago foi em torno de setecentos e vinte e quatro mil Obrigações do Tesouro Nacional (OTNs), a curto prazo.

Esta indústria tem uma história. Quando o soja se tornou a principal cultura do Oeste do Paraná, em fins dos anos sessenta, chegou um ex-dirigente de uma indústria congênere de Santa Rosa, estado do Rio Grande do Sul. Conseguiu convencer o prefeito municipal de Marechal Cândido Rondon da época que seria um grande negócio um empreendimento desta natureza nesta região. Liderados por este político, pessoas de razoáveis posses se uniram e formaram a Comércio e Indústria Rondonense de Óleo Sociedade Anônima (CIROSA) para beneficiar o grão da soja. Como havia facilidade de financiamento e os juros eram baixos para os empreendimentos na área agrícola, os dirigentes da empresa conseguiram, com cumplicidade da gerência da entidade financeiri-

ra, vultuosos empréstimos em nome de terceiros, agricultores da região, sem o conhecimento e autorização destes. A administração destes recursos, porém, não foi feita com sobriedade. Todavia, adquiriram uma área de terra na região suburbana, construíram as instalações e compraram máquinas e equipamentos, sob os olhares atônitos da população em geral. Neste intervalo, vazou a maneira como foi feita esta transação. Houve um reboliço geral. A alta direção do banco interveio. Houve muito tumulto. O Banco do Brasil ofereceu o empreendimento ao primeiro prefeito da cidade, empresário consciente e dinâmico, que examinou a situação financeira e econômica da nova indústria e, apesar do longo prazo oferecido para o pagamento, não aceitou o negócio.

Depois de algum tempo, com prazo ainda maior e excelentes condições de pagamento, um grupo empresarial gaúcho comprou as instalações e pôs a fábrica para funcionar. Este grupo, por sua vez, revendeu a indústria para um grupo paranaense, que a administrou por diversos anos. Em dado momento, sua administração decidiu que a venderia ou a transferiria para o Mato Grosso. Para que permanecesse aqui e permanecesse dando mais de cem empregos diretos, além dos demais, a CDPAGRIL adquiriu esta fábrica.

Este vultuoso negócio teve como complemento uma vasta área de terras reflorestadas em Guarapuava, de onde vinha a lenha, combustível necessário para a extração do óleo bruto. Este empreendimento criou dificuldades financeiras para a cooperativa.

### 3.8.5 - A consolidação

Nos últimos cinco anos analisados nesta dissertação, 1985-90, o movimento cooperativo firmou-se na região. Não ocorreram mais crises que provocassem desconfiança dos associados. Houve pequenos deslizes provocados por funcionários, que não chegaram estremecer a estrutura da cooperativa. As atividades foram diversificadas e como a

mais importante entre as novas pode ser citada a agroindustrialização, que aconteceu em todas as cooperativas da região.

Este período compreendeu a administração do quarto presidente, que foi reeleito para mais um mandato. Na reeleição, a sua chapa teve de disputar com a chapa de oposição. Esta recebeu a metade dos votos em relação ao número de votos da chapa oponente. O número de associados que se fizeram presentes foi expressivo e, a partir de então, a tendência de assistir às assembleias gerais aumentou cada vez mais entre os associados. No término da apuração, foi declarado que "não houve nem vencido e nem vencedor". Esta união de forças é um exemplo a seguir.

Nesta época, foram adquiridas as instalações da CONTIBRASIL, uma multinacional de comercialização de cereais, que se localizava em Marechal Cândido Rondon. Esta empresa, antes de ser adquirida pela COPAGRIL e ainda antes de ser uma filiada de uma empresa estrangeira, teve uma longa e conturbada trajetória. A começar pelo sua fundação, pois quem organizou esta empresa foi o grupo do primeiro presidente da COPAGRIL, que perdera a reeleição. Faziam parte deste grupo fortes produtores rurais, que se desligaram da cooperativa e criaram a Organização Mercantil e Industrial do Oeste Ltda (ORGASOL). Negociaram uma chácara nas imediações da COPAGRIL, localizada, inclusive, na mesma avenida, e construíram graneleiros e todas as instalações necessárias. Estenderam a sua empresa até o vizinho município de Guaíra. Comercializavam cereais e insumos, rivalizando com a COPAGRIL<sup>77</sup>. As frustrações de safras, e a administração pouco eficiente, resultaram em dificuldades financeiras. O gerenciamento era feito pelos mesmos administradores que iniciaram a COPAGRIL. À revelia do presidente da empresa, pediram concordata, que foi concedida pelo Judiciário. O diretor-presidente, diante das desconfianças dos agricultores e da impossibilidade da ORGASOL de continuar em atividade, tomou uma resolução: a empresa teria de ser vendida, mesmo que com elevados prejuí-

<sup>77</sup> HERGENER, P. 67 205.

A filial da ORGASOL de Guaíra foi vendida à Cooperativa Agrícola Cotia - CAC, de Guaíra. A sede da empresa foi adquirida por uma multinacional e passou a se chamar CONTIBRASIL. Esta multinacional tentou operar no comércio de cereais, mas não conseguiu a simpatia dos produtores rurais e teve de vender esta propriedade, adquirida, como já foi citado anteriormente, pela COPAGRIL.

A COPAGRIL utilizou o espaço físico desta empresa para instalar a Unidade de Beneficiamento de Sementes (UBS), o laboratório de análise de semente, a sede da Transcopagril e o arquivo inativo.

No município de Mundo Novo, estado do Mato Grosso do Sul, a Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda adquiriu terrenos urbanos para a construção de armazéns, de instalações para o beneficiamento de algodão, a segunda unidade, a instalação de secadores, moegas e balanças. Tudo foi financiado por entidades oficiais.

Grande polêmica aconteceu quando houve a pretensão de criar um posto de recebimento no distrito de Pato Bragado, pertencente ao município de Marechal Cândido Rondon. Fora construída uma unidade assim entre este distrito e o de Margarida, para o atendimento aos dois lugares. O bairrismo dos margaridenses se fez sentir forte. O próprio dirigente teve de acalmar os ânimos. Por fim, a vontade da direção prevaleceu, sendo, então criado o posto de recebimento em Pato Bragado<sup>79</sup>.

Os dois últimos anos de mandato deste presidente foi a época em que a administração foi mais eficiente e tranquila.

Nestes dois últimos anos, foi criada a Credilago, cooperativa de crédito, com a associação da COPAGRIL, funcionando dentro de suas instalações.

Foi novamente investido em reflorestamento, com o fim de sanar a devastação dos primeiros anos de mecanização. Uma das realizações foi a unidade para multiplicação de mudas de árvores. Outra foi uma

<sup>79</sup> COPAGRIL. Ata de Assembléia Geral Ordinária. Marechal Cândido Rondon, Livro de Atas. 19/02/1983. p.36

uma campanha para incentivar o reflorestamento, a fim de fornecer lenha para os secadores da cooperativa. Houve a adesão de muitos associados nesta campanha. Começou uma maciça distribuição de espécies nativas e árvores diversas, por preços acessíveis, para recuperar pequena parcela da antiga mata.

Outra campanha efetuada pela cooperativa foi a conservação dos solos que estavam se degradando pela erosão, pelo uso indevido do maquinário. Centenas de produtores foram atendidos com projetos de execução de murunduns (vide glossário). Mais tarde, todas as propriedades rurais da região começaram a ser interligadas por murunduns. Esta interligação é mais conhecida por microbacias.

Uma iniciativa aprovada pela COPAGRIL, e que merece maior aprofundamento em outro estudo, foi a classificação dos associados em categoria A, B, C, e D, conforme suas operações. Os da categoria A e B tinham direito de receber assistência técnica agrícola e veterinária gratuita. Os das outras categorias deveriam pagar as despesas que a COPAGRIL viesse a ter com o prestamento destes serviços. Isto causou celeuma entre os associados e muitos se demitiram do quadro social por esta razão.

Nesta época, houve a reestruturação administrativa com a supressão de departamentos, órgãos e cargos, a fim de enxugar a máquina administrativa. Isto se deu para que a cooperativa se adequasse à realidade nacional, a recessão econômica, que já vinha se alastrando há vários anos.

Merece destaque a implantação de avicultura de postura, incentivada pela SUDCOOP. Mais de quarenta associados instalaram aviários com capacidade para mil e duzentas aves cada um. Em pouco tempo, havia uma enorme produção, que abastecia os supermercados filiados a esta central. Além de viabilizar o minifúndio, esta criação fornece boa quantidade de estrume, que é muito útil para o produtor.

Para aumentar a diversidade de culturas, a Coopagrill filiou-se à Coopersedá, um consórcio de cooperativas, que promove a criação de



bicho da seda e a fição da seda. Em pouco tempo, a sericicultura penetrou no município de Marechal Cândido Rondon, oferecendo mais uma opção ao associado da COPAGRIL. A criação do bicho da seda é algo relativamente novo na região Oeste do Paraná, mas trouxe com resultados compensadores. As cooperativas paranaenses têm grande participação na produção do fio de seda.

A promoção da doutrina cooperativa teve resultados cada vez mais efetivos. A contratação de um técnico, com formação superior em cooperativismo, deu grande expressão à divulgação dos princípios e da doutrina cooperativista. Foram implantados vinte e seis núcleos cooperativos na área de abrangência da COPAGRIL, que se integram a cinco comitês educativos, possuindo um órgão central. Também houve o incentivo para o surgimento de novos Clubes de Jovens Cooperativistas, que promovem a cultura, os esportes, a produtividade agrícola e outras atividades. Também as senhoras dos associados têm diversas associações, onde participam de cursos de economia doméstica, corte e costura e trabalhos artísticos.

Desde a fundação, a COPAGRIL conquistou o seu lugar na economia e na sociedade do Extremo-Oeste, evoluindo cada vez mais através do tempo.

#### IV A REVOLUÇÃO VERDE

#### IV A REVOLUÇÃO VERDE

Desde o advento da Revolução Industrial, a agricultura perdeu, a nível mundial, o primado da economia. No Brasil, os latifundiários dominaram o poder econômico e político desde o fim da República Velha até esta época. As exportações, neste período, estavam baseadas nos produtos agrícolas, como o açúcar e o café.

Durante esta revolução, um temor se abateu sobre a humanidade, o temor de que a fatídica previsão de Malthus se concretizasse, pois a população aumentava em progressão geométrica enquanto a produção de alimentos, em progressão aritmética. Também causou receio a baixa reserva de alimentos estocados, que não duravam de uma colheita para outra.

Levados por estes temores, várias organizações internacionais como a Ford, Fundação Rockefeller, Banco Mundial e outras, procuraram soluções para aumentar a produtividade no setor de alimentos.

Estas entidades enviaram ao México e Filipinas pesquisadores para incentivar a melhoria da produção, principalmente do milho e do trigo. Através de tecnologia genética, estes cientistas conseguiram melhorar e selecionar sementes destes cereais, surgindo o milho híbrido, o asteca e o trigo anão. Conseguiram quintuplicar a produtividade destes cereais.

Para aumentar ainda mais a produção agrícola, era necessário repassar esta tecnologia aos países subdesenvolvidos. Este repasse recebeu a designação de "pacote de insumos". Toda esta inovação recebeu a denominação de Revolução Verde\*.

O Brasil começou a industrialização a partir da Primeira Guer-

ra Mundial, mas ganhou esta só teve maior velocidade com a Segunda. Tivemos, a partir de então, uma nação com duas sociedades. De um lado, o Brasil moderno, o industrializado, a oitava potência do planeta; do outro, o primitivo, a agricultura que mal produzia para a subsistência. Enquanto a indústria cresceu, nos últimos vinte anos, mais de cinquenta por cento, a agricultura não atingiu nem a metade deste índice neste mesmo período<sup>1</sup>.

Os grandes entraves eram os minifúndios e os latifúndios. Os primeiros porque, formados por pequenas áreas, não produziam o suficiente para a sobrevivência de duas pessoas. O acesso à propriedade foi sempre um apanágio de uma minoria. Os latifúndios porque estavam em mãos de uma pequena quantidade de pessoas, em torno de três por cento, mas apenas a metade da área era ocupada para a produção de alimentos. A produção destes era pequena mesmo que comparada com a da pequena e média propriedade<sup>2</sup>.

Toda a agricultura vivia um enorme atraso. O lavrador aqui produzia várias vezes menos que o da Europa Ocidental ou da América anglo-saxônica. A grande maioria dos estabelecimentos agrícolas não usava o arado tracionado por animal e, muitas vezes, sequer tinha animais que pudessem puxar um arado. Apenas vinte por cento dos agricultores aplicavam adubo nas suas lavouras e só dois por cento tinham tratores<sup>3</sup>. (Gráfico ng 16)

Além disto, a grande massa em atividade rural não era formada de proprietários, mas de arrendatários, meeiros, parceiros, trabalhadores permanentes ou temporários.

O número total de agrônomos que atuavam no setor agrícola não alcançava o número que se formava anualmente nos Estados Unidos e a maioria deles se concentrava nos grande centros, desempenhando fun-

<sup>1</sup> BAGGIO, Adelar F. Elementos de cooperativismo e administração. Cascavel, Assoeste, 1981. p.31

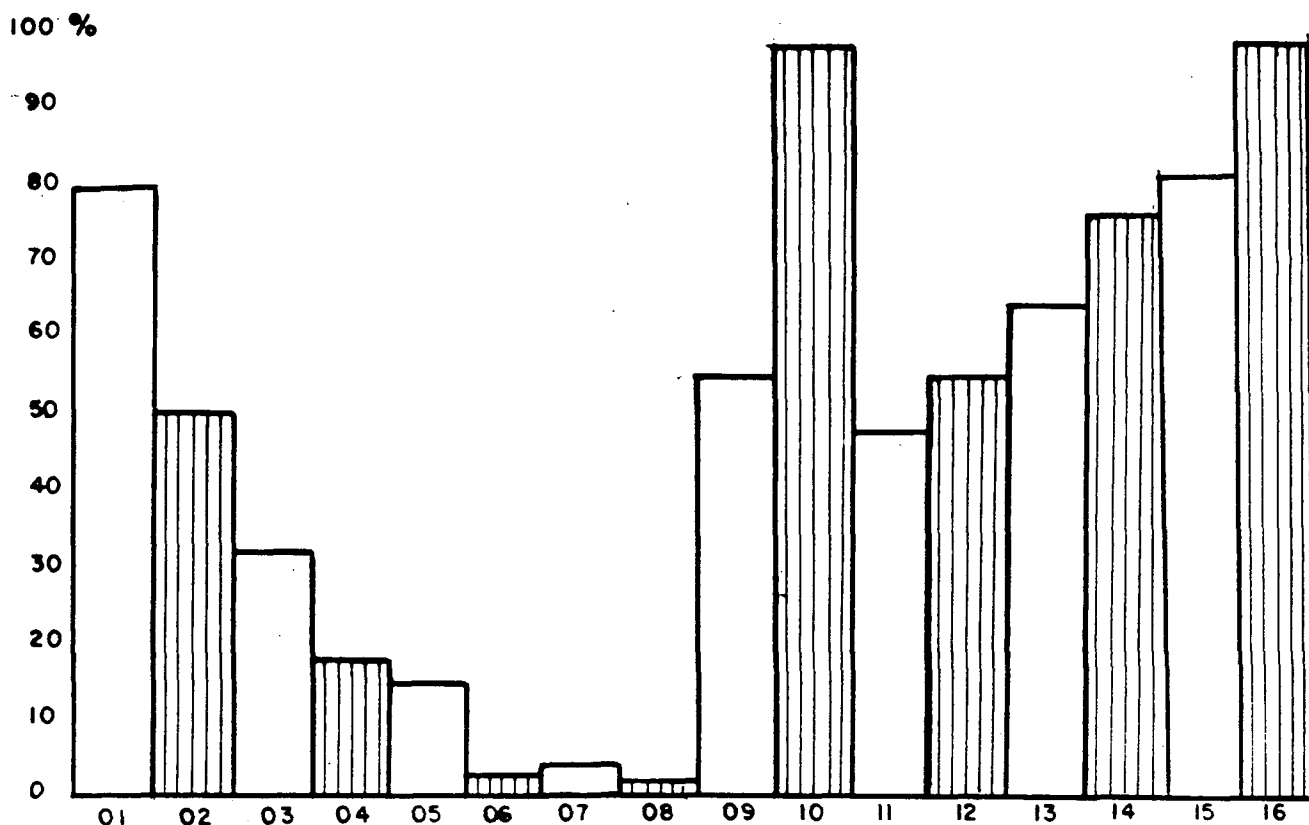
<sup>2</sup> BRUK, Argeiro J. O desenvolvimento Econômico Brasileiro. Petrópolis-RJ, Vozes, 1982 p.33

<sup>3</sup> FURTADO, Celso. Um projeto para o Brasil. Rio de Janeiro, Editora Saga, 1968. p. 112' usava o arado tracionado

<sup>4</sup> LUZ FILHO, Fábio. As cooperativas e os Problemas da terra. Rio de Janeiro, Editora Melo, s.d. p. 44

GRÁFICO Nº 16

## A SITUAÇÃO DA AGRICULTURA NO BRASIL - 1970



- 01 -- TERRAS APROVEITÁVEIS PARA AGRICULTURA
- 02 -- TERRAS DEVOLUTAS
- 03 -- PROPRIEDADES PRIVADAS
- 04 -- GRANDES PROPRIEDADES
- 05 -- PEQUENAS E MÉDIAS PROPRIEDADES
- 06 -- APROVEITAMENTO PARA AGRICULTURA
- 07 -- IDEM PARA PECUÁRIA
- 08 -- GRANDES PROPRIETÁRIOS
- 09 -- GRANDES PROPRIEDADES
- 10 -- PEQUENOS E MÉDIOS PROPRIETÁRIOS
- 11 -- PEQUENAS E MÉDIAS PROPRIEDADES
- 12 -- PROPRIEDADES QUE TEM BOVINOS
- 13 -- PROPRIEDADES QUE USAM SÓ MÃO-DE-OBRA HUMANA
- 14 -- PROPRIEDADES QUE NÃO USAM ARADOS
- 15 -- IDEM QUE NÃO APLICAM ADUBOS
- 16 -- IDEM QUE NÃO TEM TRATORES

FONTE: GUIMARÃES, Alberto Passos. ~~A-erise-agrária~~ A-erise-agrária. São Paulo: Editora Paz e Terra. 1979. p 90

ções burocráticas. Além da baixa produtividade da agropecuária, devido à má distribuição fundiária, à absurda situação dos que trabalhavam neste meio, na sua grande maioria em miséria, ainda existia o problema de um monopólio da comercialização, os temíveis intermediários que auferiam as maiores vantagens do setor, prejudicando aqueles que realmente produziam.

Muitos se preocupavam com esta situação. Os trabalhadores rurais, reunidos em um congresso nacional, em mil novecentos e sessenta e um, aprovaram a organização de cooperativas, entendendo que estas poderiam alterar o quadro agrícola. Não definiram, porém, qual a modalidade a ser adotada, se integral, de comercialização ou de colonização<sup>3</sup>, o que prejudicou a implantação de um modelo único no Brasil. As soluções que foram encontradas neste congresso, infelizmente, foram, ao final do encontro, pouco aplicadas.

A estrutura agrária, no ecossistema brasileiro, também não era nada animador. Apenas sete por cento dos solos eram de boa qualidade para culturas anuais e o dobro, para permanentes. Com técnicas modernas, a área de solos aproveitados para a agricultura poderia se multiplicar por cinco vezes<sup>4</sup>.

O uso adequado da terra daria condições para uma agricultura com menor custo e maior eficácia. Nos países desenvolvidos, pequena parcela do total da área aproveitável, inferior a cinco por cento, produz para subsistência de toda população, conseguindo-se, ainda um excedente, que é exportado. Nos países do terceiro mundo, produz-se para exportar e só uma pequena parcela da área é cultivada. A porcentagem da produção agrícola destinada ao mercado interno é bastante baixa, dificultando a sobrevivência de sua população.

A política agrícola oficial prevista seria um conjunto de providências de amparo à propriedade, com desempenho de função so-

---

<sup>3</sup> PRADO Junior, Caio. A questão agrária. São Paulo, Brasiliense, 1987, p. 151.

<sup>4</sup> FURTADO, Celso. O Brasil Pós-Milagre. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p. 21

cial, resultando em bem-estar para a população, maior produtividade, aumento do consumo e justas relações de trabalho. Mas, na prática, a aplicação desta política deixou muito a desejar.

Para alguns teóricos da questão agrária, o trabalhador rural não deseja ser proprietário, mas apenas ter uma melhor situação e condição de trabalho. Estes teóricos preconizaram a transformação das grandes propriedades em cooperativas de produção integral. Se fosse feita uma experiência séria neste sentido, teria-se melhores condições de uma análise objetiva sobre este tipo de experiência. A priori, esta afirmação se contradiz com os milhares de acampados, ávidos pelo seu pedaço de terra<sup>7</sup>.

A pequena propriedade foi a base do trabalho e esforço que trouxe benefícios individuais e sociais também no Extremo-Oeste do Paraná, onde o princípio do Direito Romano de "omni agro deserto" era aplicado, porque a grande maioria que tinha a posse da terra, o poder de fato, também tinha o direito, isto é, era proprietário<sup>8</sup>.

No começo dos anos setenta, a agricultura desta região foi intensamente mecanizada e modernizada. Em curto espaço de tempo, a enxada, a carroça, o arado de tração animal, a trilhadeira e o triturador deram lugar ao trator, colheitadeira, uma diversidade de implementos, o pacote de insumos, com sementes selecionadas, fertilizantes com dosagem específica, análise e correção de solos, assistência técnica, rotação de culturas e uso de agrotóxicos. Este processo de transformação usou como meio as cooperativas e, em pouco tempo, a paisagem mudou. (Gráfico nº 17)

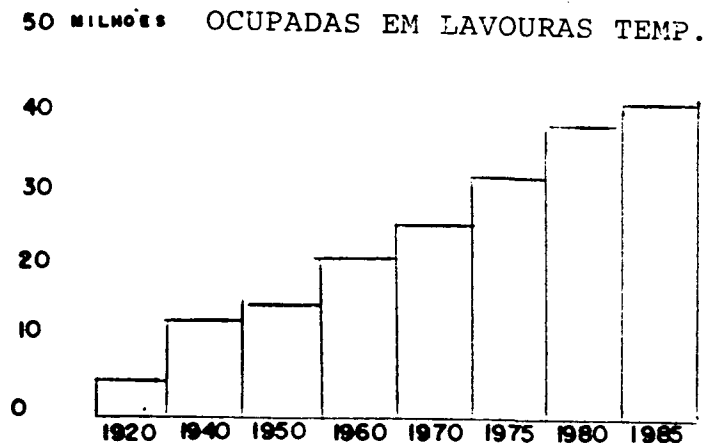
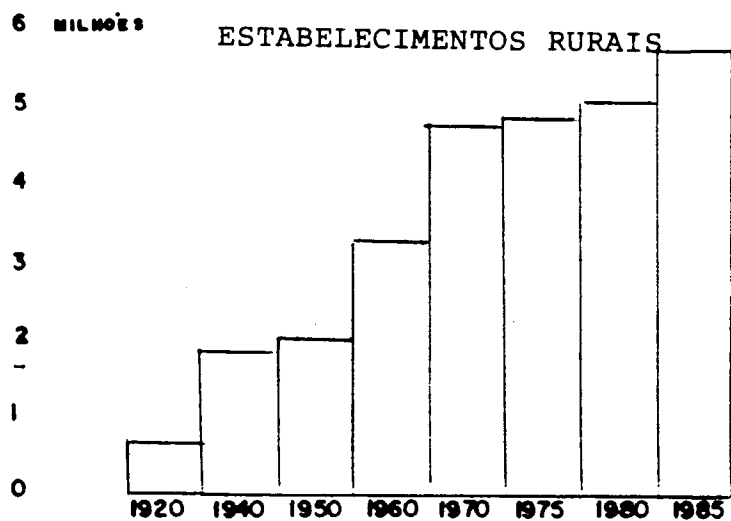
---

<sup>7</sup> PRADO JUNIOR, Caio. A questão agrária. São Paulo, Brasilienses, 1987, p. 121

<sup>8</sup> BADESCHI, Brasil. A origem do latifúndio no Brasil. São Paulo, s.d., Ed. Obelisco, p. 52

## EVOLUÇÃO FUNDIÁRIA NO BRASIL

1920 - 1990



FONTE: I.B.G.E



#### 4.1 - A devastação

Havia, já no início da década de sessenta, no Extremo-Oeste do Paraná, alguns focos de mecanização. Um destes focos aconteceu na propriedade de um imigrante alemão. Este imigrante, ao se mudar para a região Oeste do Paraná, trouxe consigo todo o maquinário e equipamentos necessários para a prática de uma agricultura moderna. A sua pretensão ficou nos meandros da alfândega nacional<sup>7</sup>.

Somente em fins dos anos cinquenta, conseguiu adquirir o primeiro trator e também alguns implementos, como semeadeira. Conseguiu também uma colheitadeira automotriz, através dos órgãos oficiais. Outros equipamentos foram fabricados em ferrarias e oficinas mecânicas.

Para fazer a destoca, não havia máquinas pesadas. Teve que contratar uma centena de trabalhadores paraguaios para tal fim. As primeiras safras de trigo foram beneficiadas pelos moinhos coloniais do local e consumidas na região. Para o plantio de soja não havia adubo mineral, a produtividade era baixa, um pouco acima de novecentos quilos por hectare. Para sanar a baixa qualidade da semente, trouxe dos Estados Unidos seis variedades de semente de soja que serviram para fazer experiências de produtividade. Algumas destas sementes mostraram-se de boa qualidade e foram largamente usadas pelos produtores mais tarde.

Conseguiu sementes de sorgo de uma entidade estrangeira, com excelentes resultados. Na suinocultura, usou novas técnicas, como, por exemplo, usar na alimentação dos suínos mandioca fervida em banho maria e o sorgo.

Assim, com maquinário e equipamento importados, e alguns aqui

---

<sup>7</sup> ISENBERG, F.P.A. Toledo. 1992. Entrevista realizada em 12 março de 1992.

fabricados, foi desenvolvendo a mecanização da lavoura. Mas a sua iniciativa não encontrou boa ressonância entre os demais lavradores, sendo vista com um misto de inveja e desconfiança. Por trabalhar no domingo, depois de alguns dias de chuva, o pároco do local advertiu seus fiéis para olharem para outra direção quando passassem ao lado da sua propriedade.

Teve também o mérito, este mesmo imigrante, de divulgar o cooperativismo, influenciado pelo modelo Raiffeisen, vendo-o, mais tarde, concretizado na Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda - COPAGRIL<sup>10</sup>.

Muitos colonos de Marechal Cândido Rondon visitaram a sua propriedade, que ficava a vinte quilômetros da cidade. Ao verem os resultados da mecanização, procuraram imitar o seu exemplo.

No fim da década de sessenta, o panorama da agricultura na região começou, rapidamente, a se alterar. Repentinamente, os agricultores tiveram crédito para adquirir máquinas e equipamentos, que seriam utilizadas para o plantio e a colheita.

Alguns empresários da região também adquiriram algumas máquinas, mais especificadamente, possantes esteiras. Estas esteiras eram alugadas aos agricultores que as utilizavam para fazer a destoca e, mais tarde, para a retirada da mata nativa. Esta última foi tão intensa que, em pouco tempo, quase não havia mais mata, apesar de, legalmente, ser obrigatória a preservação de pelo menos vinte por cento em cada propriedade. Anos mais tarde, na relação das dívidas dos agricultores, este desmatamento continuava a ter um dos maiores pesos.

Tudo o que era derrubado e arrancado era empurrado pelas enormes esteiras e amontado nas entrelinhas. Esta aglomeração chamavam de leiras. Depois disto, colocavam fogo, que, por dias e noites consumia o que era a antiga mata.

---

<sup>10</sup> GERHER, Claus H. O progresso técnico na Agricultura. Paranaense. Curitiba, s.d. p. 72

Outro equipamento muito usado nesta época era a moto-serra, que retalhava enormes toras em poucos minutos, enquanto que, com o traçador, levavam horas para fazê-lo. A madeira boa era aproveitada e o resto virava cinzas.

Outro trabalho necessário antes da plena utilização da área era o de catação. Quando aravam pela primeira vez, vinha à superfície uma enorme quantidade de raízes e galhos, que eram ajuntados por pessoal contratado e familiares, jogados sobre um veículo e, mais tarde, queimados.

Muitos proprietários de terras, mais acomodados ou por não quererem risco arrendavam, por alguns anos, parte de suas terras, em troca da destoca e depois reassumiam as atividades de sua propriedade, quando estas terras já haviam passado pelo processo de terraplenagem.

O financiamento pelas entidades financeiras oficiais de máquinas, como tratores e colheitadeiras, e equipamentos, como arados, grades e pulverizadores, bem como do custeio da plantação, alterou os costumes dos pacatos colonos. Já não se preocupavam mais em plantar para a sua subsistência, porque tudo o que precisavam, inclusive frutas, verduras, ovos e leite, podia ser comprado nos supermercados locais.

A meta, daquele momento em diante, seria produzir grãos para o mercado externo, como a soja, ou produzir cereais, como o trigo para substituir as importações.

Para se ter uma idéia da transformação que a região sofreu, basta comparar as vendas de colheitadeiras. No ano de mil novecentos e sessenta e cinco, foram vendidas treze unidades no total, em todo o Brasil uma de fabricação nacional. Dez anos depois, este número atingiu mais de duas mil unidades por ano.<sup>44</sup>

Nesta época, houve, a nível nacional, um acréscimo de quase dois milhões de propriedades e, igualmente, a ocupação de terras para a agropecuária teve um aumento superior a setenta milhões de hecta-

res. Foi a época em que a média de hectares por estabelecimento rural foi a mais baixa em todos os tempos. Enquanto as propriedades rurais que tinham mais de cem hectares elevaram-se em torno de oito por cento, as que tinham menos que cem hectares elevaram-se em torno de noventa por cento. A média destas últimas girava em torno de quinze hectares. Se o número de estabelecimentos rurais aumentou, a área de grandes propriedades duplicou nesta época. As pequenas propriedades tiveram uma elevação de quinze milhões de hectares enquanto as grandes atingiram trinta milhões.

Na região Oeste, o número de hectares por propriedade subiu, em vinte anos, de dezessete para dezenove. O tamanho das propriedades permaneceu equivalente. Apesar disso, começaram a aparecer algumas diferenças sociais entre os proprietários rurais. Isto se deu porque alguns produtores, de maior ímpeto ou sorte, encaminharam pedidos aos bancos para financiamento de máquinas e implementos e, por pressão das empresas vendedoras, conseguiram sua aprovação. Outros, mais precavidos ou com problemas com os bancos, não tentaram ou não conseguiram a aprovação do financiamento. Os empréstimos eram a longo prazo, com juros subsidiados e fixos, o que favoreceu aqueles que fizeram as aquisições.

#### 4.2 - O Binômio Soja e Trigo

O Brasil teve, na monocultura agrária, o sustentáculo da economia. Primeiro foi a plantação de cana-de-açúcar, que teve a liderança da produção agrícola durante todo o período colonial, sendo baseada no latifúndio e no trabalho escravo. A decadência veio devido à forte concorrência com o açúcar das Antilhas e com o surgimento do açúcar de beterraba.

Depois da independência política, um novo produto destacou-se,

---

<sup>44</sup> MERCEDES BENZ. Tecnologia na colheita. São Paulo, Mercedes, 1991. p. 16.

o café. Este produto provocou a mudança do eixo econômico do Nordeste para o Centro-Sul. A abolição da escravatura obrigou a introdução do imigrante para trabalhar nas grandes fazendas. Durante a República velha, o café era a base da economia e do poder político.

A partir da Segunda Guerra Mundial, iniciou-se, no Brasil, um forte movimento de industrialização. No quinquênio do governo do presidente Juscelino Kubitschek, isto se tornou mais evidente. Mas foi o governo militar que levou este movimento até as últimas conseqüências, com forte participação de subsidiárias multinacionais e empresas estatais.

Toda a industrialização precisa de mão-de-obra e mercado. A mecanização e modernização da agricultura solucionaram os dois problemas. A mecanização porque criou, no meio rural, um excedente de mão-de-obra, que teve de se mudar para as cidades e trabalhar nas fábricas. A modernização porque trouxe aos produtores rurais melhores condições de vida e, portanto, de consumo.

As culturas que melhor se adaptaram à mecanização foram a do soja e do trigo. O trigo é uma cultura milenar. Houve tentativas de plantio, anteriormente, nesta região, em escala comercial, mas com resultados negativos. Novas variedades, que se adaptaram às condições locais surgiram, tornando esta cultura um grande êxito. Além disso, havia o incentivo governamental para tornar o país auto-suficiente em relação à produção deste cereal.

O soja foi introduzido Brasil na década de quarenta, sendo originário do Extremo-Oriente da Ásia. Era usado como complemento da alimentação de suínos. A explosão aconteceu quando esta cultura oleaginosa teve seu óleo extraído e beneficiado, tornando-se uma preferência na culinária e substituindo a gordura animal.

Basicamente, o soja é aproveitado como produto sólido, integral e oleaginoso. O sólido é o beneficiamento do grão em proteína crua, como farinha e granulado, assim empregado como produto comestível ou para uso industrial. O produto integral é utilizado para a fa-

bricação de alimentos para gado e como semente, entre outros usos. O produto oleaginoso é extraído por solventes, fornecendo o óleo bruto. Do óleo bruto são derivados três tipos de óleo: o cru, o refinado e a leticina. O óleo cru destina-se para fins farmacêuticos. O óleo refinado tem uso culinário e uso técnico. A leticina tem os mesmos usos que o óleo refinado.

Quando iniciou a maciça produção de soja, muitos se indagavam se não haveria semelhança com o café, isto é, teve uma superprodução e, mais tarde, a queda vertiginosa dos preços. Todavia, a soja tem mais de cem subprodutos, utilizados para múltiplos fins, enquanto o café é basicamente utilizado como bebida estimulante. Além disto, o maior produtor, e que fixava o preço internacional na Bolsa de Chicago, era os Estados Unidos, com quarenta e dois milhões de toneladas. Além do preço, também existia a expectativa da produção deste país. Qualquer contratempo climático ou de outra natureza que pudesse acontecer nos Estados Unidos, estimulava a produção nacional<sup>12</sup>.

No início da produção de soja e trigo, em começos da década de setenta, os produtores rurais começaram a comprar mais tratores para mecanizar sua lavoura. Enquanto o arado puxado por animais conseguia lavrar um alqueire em vinte e quatro dias, com a mecanização, este serviço era feito em poucas horas. Adquiriram, além do trator, outros implementos, como: arado de disco, grade de disco, pulverizador, carreta e outros.

Nesta época, houve também uma maciça importação de colheitadeiras polonesas e de outros países. O Ministério da Agricultura, através de acordos comerciais, trocava produtos nacionais para conseguir estas máquinas e as revendia, a longo prazo, aos agricultores.

A suinocultura caiu a níveis muito baixos neste tempo, assim como certas culturas, como mandioca, milho e feijão, que eram pouco incentivadas pela impossibilidade de se aplicar a mecanização. Era o tempo da monocultura do soja e do trigo.

---

<sup>12</sup> BAGGIO, p. 43.

O colono, que estava preso a uma jornada de doze a quinze horas diárias, ocupava-se, com o novo sistema de cultura e com a mecanização, por poucos meses durante o ano, com um horário diário irregular. Sobrava-lhe bastante tempo para outros fins.

Muitos líderes viram esta grande mudança e já alertavam para o perigo desta nova situação. Os colonos já não produziam para a sua subsistência. Adquiriam dos supermercados parte daquilo que antes colhiam. Esta ociosidade gerou muitos problemas familiares. Também o número da prole reduziu drasticamente, porque já não necessitavam tanto de mão-de-obra. Assim, a taxa de fecundidade se tornou menor. O clamor pela diversificação das culturas que os mais lúcidos reclamavam não se fez sentir até os meados deste decênio.

O uso descontrolado de insumos modernos, como: herbídicidas, fungicidas e inseticidas, causou enormes danos à natureza. Conforme levantamento feito, cem por cento dos mananciais de água foram contaminados.

O grande entrave, porém, era o comprometimento do produtor rural com o mercado externo e com as instituições financeiras. As culturas de subsistência, que alimentavam a grande massa da população, foram deixados num plano inferior. Assim, tornaram-se dependentes da produção para a exportação e dos seus financiadores.

#### 4.3 - A diversificação

Em meados dos anos setenta, as safras de soja estavam sendo muito boas, os preços dos produtos estavam elevados no mercado externo e havia facilidade de crédito para os agricultores. Os revendedores de máquinas, tratores e implementos não tinham o suficiente para fornecer aos seus clientes. Nesta época, noventa por cento da área do município era plantada por soja e trigo. A rentabilidade do produtor rural, no básico declarado na ficha cadastral da COPAGRIL, era superior a cinco salários mínimos por hectare em mil novecentos e setenta e seis.

As geadas que ocorriam anualmente, principalmente a de setenta e cinco, que foi extremamente forte, não permitiram uma safra regular da produção de inverno. Todavia, o Programa de Garantia de Atividades Agropecuárias (PROAGRO), um seguro parcial de agricultura, dava condições para que os agricultores não tivessem prejuízos, cobrindo o total do Valor Básico de Custeio (VBC) <sup>19</sup>.

Mas, nos anos seguintes, houve duas longas estiagens seguidas, que prejudicaram as culturas de verão. Houve uma queda sensível na produção de soja. O reflexo destas dificuldades foi a percepção de que a monocultura não era tão vantajosa como se imaginava.

A partir de então, a COPAGRIL, a prefeitura e a Secretaria da Agricultura começaram um maciço movimento para diversificar as atividades rurais, no que foram bem sucedidas.

A rotação de culturas e a adubagem orgânica ou organo-mineral resolveram o problema das pragas da soja, como a broca, provocadas pelo uso constante de fertilizantes químicos. A rotação de culturas também ajudou a resolver o problema da conservação do solo, que já começava a dar mostras de erosão.

---

<sup>19</sup> COPAGRIL. Informativo Copagrill no 80 Marechal Cândido Rondon, Gráfica da Copagrill, 09.85 p. 7



Uma cultura que era tradicional nos primeiros tempos, o milho, e que era na época da soberania da monocultura, plantado apenas em pequenas áreas, foi novamente valorizado. O grande problema era sua colheita, que não era possível de ser feita com as plataformas de corte normal das máquinas de colher, sendo necessário um modelo de plataforma diferente. Este equipamento era muito caro e por isso poucos podiam adquiri-lo. Alguns compraram esta plataforma e ceifavam para os demais. Aos poucos, a produção de milho começou rivalizar com a da soja.

A mandioca, que fora a base de alimentação na suinocultura, teve sua produção reduzida ao mínimo, porque exigia muita mão-de-obra e era pouco mecanizável. Mas se instalaram várias fábricas para o aproveitamento deste produto e, assim, nos anos oitenta, esta cultura ganhou razoável expressão.

Muitas experiências foram realizadas para substituir o trigo como cultura de inverno. Houve tentativas com a colza, girasol, aveia, cevada e milhete, sem que houvesse resultados satisfatórios. O que deu certo foi o milho safrinha, que era plantado depois de colhida a soja. Essa cultura amadurecia em meados do ano, substituindo o trigo.

Os próprios murunduns, que são as elevações para a conservação do solo, onde as plantações devem ser feitas manualmente, são aproveitados para o milho.

O sorgo teve também o seu lugar. Muito resistente às secas, era uma grande esperança, mas sua cultura rapidamente decresceu, porque não se adaptou às condições climáticas e às do solo.

A suinocultura teve novamente projecção, tendo, em algumas propriedades, uma produção em pequena escala e, em outras, em grande escala. A criação, constituída de animais de raça, tipo carne, adquiridos em exposições ou em granjas especializadas, deu destaque nacional à região. As instalações foram modernizadas. Começaram a ser feitas de alvenaria com repartições de maternidade,

creches e outras. A construção de esterqueiras, onde são recolhidas as fezes dos suínos, que depois são deixadas para fermentar, permitiu aos suinocultores terem um adubo de excelente qualidade. A utilização dos distribuidores de esterco, equipamento que foi fabricado mais tarde, facilitou e tornou mais eficiente o aproveitamento deste adubo.

A pecuária de leite tornou-se muito importante a partir dos anos oitenta. A região do PIC, que participava em cinco por cento da produção de leite do estado, passou, em vinte anos, para quase a metade da produção de todo o Paraná. As cooperativas procuraram melhorar, principalmente, os plantéis dos seus associados. Grande número de produtores tem estábulos modernos, máquinas de ordenha, animais de raça e inseminação. Quando a cooperativa faz o pagamento do produto e entrega o cheque do leite, todo o comércio se aguçava e se anima. São feitas promoções para atrair os fregueses produtores de leite. O transporte de leite da propriedade ao local do beneficiamento provocou uma especialização no setor e uma melhoria nas condições das estradas<sup>14</sup>.

O algodão é outro produto que ganhou projeção regional. A produção é bem expressiva. Com isto, surgiu a Cooperfios, uma associação de cooperativas que transforma o algodão de pluma em fios e os fornecem às tecelagens.

A avicultura de corte, integrada a grandes empresas, também ganhou notoriedade. As aves são tratadas em enormes instalações automatizadas. O lote de doze mil unidades, em pouco mais de um mês, está pronto para o abate. Parte da produção é consumida na região e parte é destinada para a exportação. Existem cooperativas operando no setor e projetos de outras para iniciar as atividades neste setor.

Onde os frangos estão instalados, é depositada a maravalha, a cama das aves, que armazena o excremento. Após algumas trocas de

---

<sup>14</sup> COAMO. A eficiência é a chave do sucesso. Curitiba, Gazeta do Povo, 23.09.90 p.15

aves, este esterco é retirado para adubo nas plantações.

A postura de galinhas teve seu lugar também em fins da década de oitenta. A SUDCOOP, por intermédio de suas cooperativas integrou, neste tipo de produção, os seus associados, que adquiriram as instalações para produção de ovos. No município de Marechal Cândido Rondon, participaram quarenta produtores, com sessenta e quatro galpões. A produção é suficiente para o suprimento de todos os supermercados ligados à SUDCOOP. O esterco é, como na avicultura de corte, utilizado como fertilizante<sup>15</sup>.

Um dos últimos projetos para a diversificação foi a sericultura, embrionária na região Oeste. A Coopersedra, formada por várias cooperativas, está expandindo esta atividade, própria para pequenas áreas, com mão-de-obra familiar.

#### 4.4 - A agroindustrialização

Havia uma época em que a agricultura comandava a economia. Nos dias atuais, porém, isto não acontece mais. A indústria tornou-se primazia e colocou a agropecuária na sua dependência.

A ligação direta da agricultura com a indústria chama-se agroindustrialização. Este período iniciou-se fora das cooperativas, quando grandes grupos mantiveram a integração de produtores rurais, fornecendo-lhes tanto insumos como ração e prestando-lhes assistência técnica. Em troca, o integrado era obrigado a entregar os seus produtos a esta empresa.

Mais tarde, as cooperativas também se voltaram para a agroindustrialização. A primeira área atingida foi a pecuária leiteira dos Campos Gerais. As cooperativas daquela região reuniram-se em central a fim de investirem na industrialização de leite.

---

<sup>15</sup> COPAGRIL. Jornal Informativo nº 56, data 07/86.

A fabricação de ração e concentrados para alimentar bovinos, suínos e aves foi outro empreendimento de muitas destas sociedades, sem que, a princípio, houvesse a integração com os associados. A COPAGRIL, desde o início, tinha sua fábrica de ração, que foi melhorando e aumentando com o passar do tempo.

Na década de oitenta, desenvolveu-se mais profundamente a agroindustrialização na área de atuação do PIC, principalmente no Extremo-Oeste do Paraná. Mas as iniciativas não foram isoladas, pois todas as outras regiões também investiram nesta nova modalidade de atuação.

A primeira etapa das cooperativas para ingressar no processo de agroindustrialização foi a aquisição do complexo físico de algumas indústrias, como frigoríficos de abates de suínos e bovinos, fábricas de óleos vegetais e laticínios. Foram favorecidas porque grandes grupos paralisaram suas atividades e porque já tinham uma boa capacidade de armazenamento e assistência técnica. Foi dessa forma que surgiu a SUDCOOP, criada no município de Francisco Beltrão, região Sudoeste do Paraná, que transferiu, dali a algum tempo, sua sede para Medianeira. Foi integrada por cinco cooperativas e tinha a finalidade de assumir a área fabril da região.

A SUDCOOP e outras cooperativas começaram a atuar no abate de suínos e bovinos. Adquiriam os animais dos associados, que os transportavam para a indústria em caminhões. Não era um sistema de ajuda mútua e de troca e sim um acordo comercial comum. Mas, com o tempo, foram trazendo experiências de outras indústrias e começaram a integrar os associados que se dispusessem a trabalhar com a suinocultura, fornecendo a eles insumos e reprodutores.

Começou, mais tarde, uma divisão das atividades da produção. Na suinocultura, alguns apenas cuidavam da reprodução do rebanho, vendendo os leitões, em seguida, aos que os engordavam. A ração e assistência técnica vinham da cooperativa, que, em troca,

recebia o rebanho para o abate na sua central.

Na área do beneficiamento do leite, o monopólio era das centrais cooperativas e também das singulares, que comercializavam oitenta por cento deste produto no Paraná. Adquiriram novilhas de outras regiões do Paraná e até do exterior, vendendo-as aos associados em troca de parte da produção de leite. Também implantaram a inseminação artificial, inicialmente, através de órgãos oficiais, por convênio. Depois, esta atividade tornou-se responsabilidade da própria cooperativa.

Algumas cooperativas adquiriram fábrica de esmagamento de soja e uma já tem uma fábrica de refinamento deste produto. Além do óleo bruto, estas indústrias fornecem o farelo, que é matéria prima para a fabricação de ração, a outras indústrias e para o mercado externo. A COOPAGRIL entrou neste ramo em fins da década de oitenta, com uma fábrica que tem uma capacidade de esmagar quatrocentas toneladas de soja por dia. Todavia, esta indústria tem dois grandes problemas: a capacidade de produção é razoavelmente pequena, embora os dispêndios quase se igualem aos de uma indústria de porte maior, e o mercado externo remunera melhor a soja in natura do que a beneficiada<sup>16</sup>. A fábrica tornou-se inviável. (Gráfico 18)

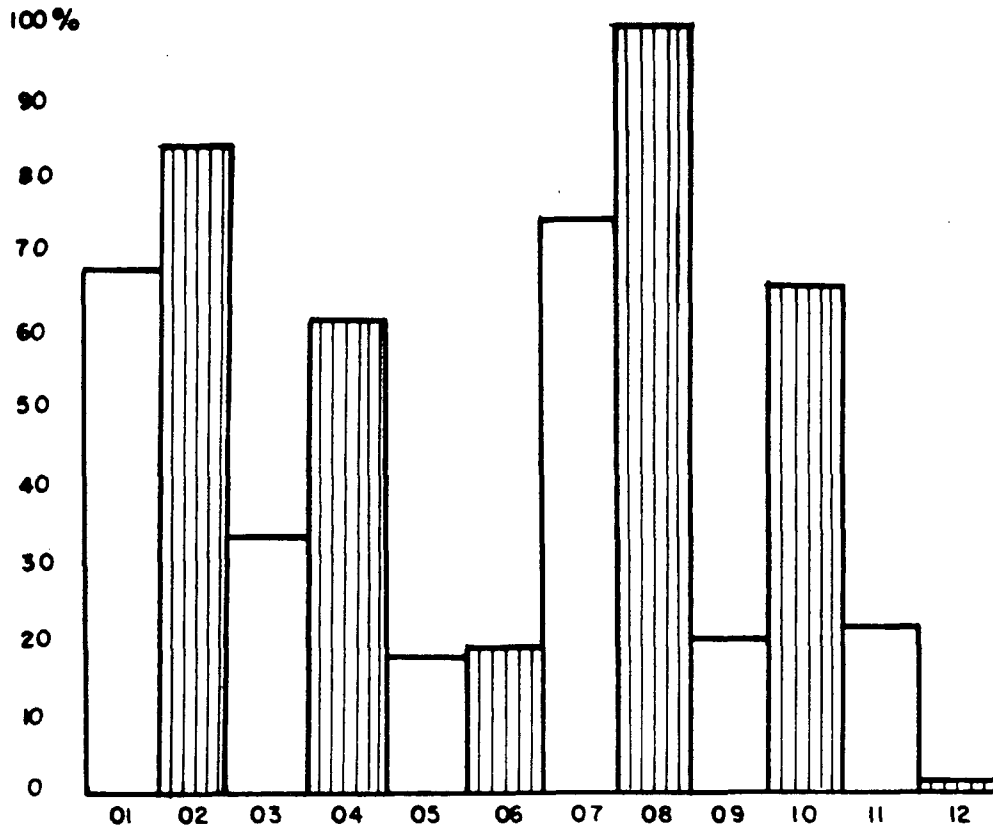
Com a crise do petróleo, houve a implantação do projeto do álcool. Muitas cooperativas instalaram usinas para sua produção e detêm, atualmente, um quarto da mesma. Fornece os subprodutos para a fertilização dos solos e a alimentação de gado. No município de Marechal Cândido Rondon, ocorreu, igualmente, a instalação de uma mini-usina de álcool por uma cooperativa, a COANAR, sendo aprovado um projeto de associação com a COOPAGRIL, o que acabou não acontecendo. Esta fábrica teve vários problemas e não entrou em funcionamento. Grande parte dos seus associados são avalistas do passivo desta sociedade, o que lhes trará dificuldades se não houver uma

---

<sup>16</sup> Entrevista com o gerente da unidade.

## PARTICIPAÇÃO NA COMERCIALIZAÇÃO - PARANÁ

EM 1985



- 01 - SOJA
- 02 - TRIGO
- 03 - MILHO
- 04 - ALGODÃO
- 05 - FEIJÃO
- 06 - ARROZ
- 07 - CAFÉ
- 08 - CEVADA
- 09 - CANA-DE-ACÚCAR
- 10 - CARNE DE AVES
- 11 - SUINOS
- 12 - BOVINOS

FONTE: COLEÇÃO: HISTÓRIA DO COOPERATIVISMO

uma solução no futuro.

Foi construída pela central SUDCOOP uma moderna fábrica de queijo em Marechal Cândido Rondon, com capacidade de produção de vinte toneladas por dia. Para tanto, precisa absorver duzentos mil litros de leite diariamente. Nas suas imediações, a CONFEPAR instalou uma fábrica de leite em pó, aproveitando a mesma matéria-prima da fábrica de queijo.

As cooperativas assumiram, em grande parte, a fabricação de algodão em pluma. A COPAGRIL tem duas unidades para este fim e está projetando a terceira. Fizeram um consórcio de várias sociedades, a Cooperfios, para industrializar o algodão em pluma e fabricar os fios que são a matéria-prima da indústria têxtil. Também entraram na área de sericicultura, quebrando o monopólio de algumas empresas e introduzindo a criação do bicho-da-seda entre seus associados. Implantaram a Coopersedas para beneficiar os casulos, a fim de fornecer os fios de seda para o mercado interno e externo.

Outro empreendimento de vulto é a instalação de moinhos para a fabricação de farinha de trigo. A COTRIGUAÇU construiu uma unidade que já está fornecendo o produto ao mercado da região. Outras cooperativas têm projeto para este fim, que poderão vir a não ser concretizados se, com a saída do governo federal da comercialização do trigo, houver dificuldades em adquirir a matéria-prima.

As cooperativas estão presentes ainda na indústria de fertilizantes, na moagem de calcário, no abate de aves, no beneficiamento de arroz e em outros setores.

As atividades das cooperativas tornaram-se bastante complexas. Com a inovação provocada pela agroindustrialização, estatutariamente, os seus associados foram obrigados a entregar toda a sua produção para a cooperativa, o que poderia ter causado descontentamento em alguns associados. Mas, com a estrutura física, o quadro funcional, a assistência técnica agropecuária e a segurança na comercialização que as cooperativas oferecem, não houve problemas

na entrega de produtos e nem diminuição do quadro social. Com a entrega de soja, do algodão, do trigo, do milho, do leite e dos suínos para suas próprias indústrias, certamente, há vantagens para toda a sociedade.



## V AS CONTRADIÇÕES

## V - AS CONTRADIÇÕES

### 5.1 - A empresa

A COPAGRIL surgiu no período da reestruturação das cooperativas<sup>4</sup>. Era o momento do auge do "milagre econômico". Todas as iniciativas oficiais caracterizaram-se pela sua grandiosidade.

Nos planos Nacionais de Desenvolvimento (PND), o governo previu as cooperativas como instrumentos da modernização da agricultura, do aumento da capacidade de armazenamento, da exclusão ou disciplina dos intermediários na comercialização dos produtos agrícolas e da capacitação para enfrentar os grandes grupos econômicos e as programou para serem grandes instituições.

Por esta razão, existem, atualmente, cooperativas que abrangem quase uma centena de municípios, com um quadro social com mais de quatro mil dezenas de associados, um corpo funcional com milhares de funcionários e negócios estendidos a vários estados brasileiros.

O melhor exemplo é a cooperativa Agropecuária Mourãoense Ltda (COAMO), de Campo Mourão, que foi criada depois da maioria do Extremo-Oeste do Paraná. Esta cooperativa é a maior das singulares do país, a segunda, incluindo todas as cooperativas singulares e as respectivas centrais, a terceira em número de filiais e a quarta empresa nacional na atividade agropecuária, com um faturamento de setecentos milhões de dólares por ano. Classifica-se em décimo

---

<sup>4</sup> COPAGRIL. Informativo Copagrill no 88. Marechal Cândido Rondon, Gráfica da Copagrill. 09-85 p.6

sétimo lugar entre as empresas privadas e está entre as quarenta maiores do Brasil<sup>2</sup>.

Entre as suas atividades, presentes em oitenta e cinco municípios, contando com três mil e seiscentos funcionários no total, tem grande destaque a agroindustrialização. Conta com uma indústria pioneira de fiação de algodão, outra de processamento de soja e uma usina de álcool. Sua capacidade de armazenamento de cereais é superior a um milhão de toneladas. (Quadro nº 01)

A COPAGRIL, em proporções menores, apresenta o mesmo panorama. Atua em onze municípios e em dois estados, seu rol de membros ultrapassou a cinco mil membros e o quadro funcional a mil integrantes. Seu leque de atividades, além da comercialização de cereais, insumos, peças, equipamentos e administração de supermercados, incluem a agroindústria, com esmagamento de soja, beneficiamento de algodão em pluma, fábrica de ração e concentrado. Tem a maior participação de quotas-capital na SUDCOOP, que trabalha com a recepção de leite e sua industrialização - pasteurização, embaçamento e fabricação de queijo. O frigorífico desta central abate centenas de suínos diariamente.

O faturamento da COPAGRIL era de de quase cem milhões de dólares e a capacidade de armazenamento de cereais superior a trezentas mil toneladas<sup>3</sup>.

A COPAGRIL tem ainda o monopólio do recebimento do leite e trigo. Uma das áreas em que não atua é no recebimento e industrialização da mandioca, o que é feito por cinco grandes fábricas da região, inclusive, uma delas, a menor, teve início como indústria comunitária.

Um outro exemplo deste gigantismo é a Cooperativa Agropecuária Mista de Entre Rios Ltda (AGRÁRIA), no interior de Guara-

---

<sup>2</sup> COPAGRIL. Informativo Copagril no 80. Marechal Cândido Rondon, Gráfica da Copagril. 09-85 p.7

<sup>3</sup> COAMO. A eficiência é a chave do sucesso. Curitiba, Gazeta do Povo. 23-09-90

**QUADRO Nº 01**  
**EVOLUÇÃO DO QUADRO SOCIAL, FUNCIONAL E**  
**DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA - 1970 a 1990**  
**DA COPAGRIL**

ANO	ASSOCIADOS	FUNCIONÁRIOS	AGRÔNOMOS	VETERINÁRIOS	TÉC.AGRÍC.
1970	352	05	-	-	-
1971	1.278	42	01	-	-
1972	1.998	72	02	01	-
1973	3.155	65	03	01	-
1974	3.372	199	04	01	-
1975	4.380	220	04	02	02
1976	4.680	325	04	03	09
1977	5.004	305	04	03	11
1978	4.470	248	04	-	16
1979	4.363	305	08	01	18
1980	4.335	371	08	02	17
1981	4.906	411	08	02	17
1982	4.962	584	09	02	18
1983	4.521	736	08	06	18
1984	5.005	854	10	06	30
1985	5.313	940	06	06	11
1986	4.828	847	13	09	28
1987	4.814	984	11	09	36
1988	4.704	1.100	13	08	22
1989	4.664	1.129	14	09	22
1990	4.342	941	14	05	19

FONTE: RELATÓRIOS DA COPAGRIL - 1970-1990

puava, que tinha, até a época da reestruturação, cinco cooperativas, e, na aldeia maior, uma central. Depois da reestruturação, as quatro menores foram transformadas em entrepostos e a antiga central tornou-se a sede.

Assim, as cooperativas sobressaem-se pelo seu gigantismo. O pretexto era fazer frente aos grandes monopólios e oligopólios nacionais. Todavia, aconteceu com estas empresas o mesmo que com a situação fundiária desde a época colonial. O fato do Brasil ser colonizado por grandes propriedades, os latifúndios, não foi por acaso, mas uma estratégia do governo daquela época para poder controlar melhor o setor agrícola. As cooperativas agropecuárias foram grandes desde o início porque o governo não perderia, dessa forma, o controle do setor. Se o Brasil fosse colonizado por pequenas propriedades, como aconteceu em alguns municípios do Extremo-Oeste do Paraná, seria muito difícil o controle sobre os produtores rurais e o mesmo aconteceria se houvesse uma proliferação de pequenas cooperativas.

No Paraná, com duzentos mil quilômetros quadrados e uma pujança econômica na agricultura, existem apenas setenta cooperativas agropecuárias. Se fosse proporcional a alguns países que têm uma área territorial quase idêntica à deste estado, como a Alemanha ou a Índia, este número iria ultrapassar a milhares de unidades.

As cooperativas foram de tal maneira burocratizadas que pouco se distinguem das entidades públicas. Eram sempre vistas como entidades semiprivadas e semipúblicas. Em publicações estatísticas, encontra-se sempre a classificação das empresas em públicas, privadas e cooperativas.

Atualmente, exercer um cargo nestas sociedades equivale a ocupar um cargo público, como prefeito ou vereador de um município médio, tão bem remunerados são os postos administrativos e tão alto o prestígio que desfrutam.

O controle de atuação e de administração de uma grande cooperativa é de difícil execução, pois, muitas vezes, os municípios de sua área de abrangência estão separados por grandes distâncias, podendo, até mesmo, pertencer a estados diferentes. Por esta razão, grande parte dos associados destas grandes cooperativas não conhece o diretor-presidente ou os gerentes de unidades.

Outra desvantagem das grandes cooperativas é a demora em se descobrir os desvios de dinheiro ou de produtos. Na COPAGRIL, houve o desvio de várias cargas de suínos e levou-se muito tempo para notar este desaparecimento. Talvez a única ou maior vantagem de ser grande seja a excelente capacidade de recuperação quando ocorre um abalo financeiro. Algumas cooperativas estavam em precária situação e, em pouco tempo, conseguiram regularizá-la. Aumentando o índice de descontos de impurezas, da umidade ou da qualidade dos produtos agrícolas, conseguem recursos para sanear suas finanças a curto prazo.

As cooperativas menores, em número de associados, e não no valor de produção e circulação, têm maior possibilidade de fiscalização pelos seus associados, porque se conhecem, tendo, inclusive, instalações para fazer suas assembléias gerais e uma boa participação dos associados.

Nas grandes cooperativas, não existe nenhum mecanismo de delegação de votos para as reuniões, como em outros países. Sobre tudo, não existem condições ideais e nem possibilidades, pela sua área de abrangência, para deliberar com a maioria do quadro social.

Outro problema é o sentimento do associado da grande cooperativa com a sua sociedade. Pelo que se tem notado, ele não se considera proprietário/usuário, nem luta por isto, pois trata a si mesmo e é tratado como se fizesse parte de uma empresa comercial qualquer.

Existem proposições para descentralizar estas organizações, como transformar suas sedes em centrais e os entrepostos em sedes,

mas as chances de isto acontecer são muito remotas.

Todavia, é mister reconhecer que estas sociedades, apesar das imperfeições, tiveram grande evolução nas atividades e na representatividade, através da criação de Comitês Educativos, Núcleos Cooperativos e Clubes de Jovens Cooperativistas.

A maior virtude de uma cooperativa é a segurança que dá aos associados quanto ao pagamento de seus produtos agrícolas. Isto acontece porque é vedada à cooperativa a possibilidade de pedir concordata ou falência. Muitas firmas comerciais, inclusive de renome, receberam os produtos e depois conseguiram a decretação da concordata, o que lhes dava um prazo para pagar sem juros e correção monetária aos seus credores, ou da falência, o que piora ainda mais a situação dos credores. Muitos exemplos podem ser citados como o da Cerealista Gresele, da Marialva, dos óleos Pacaembu e de muitas outras. Apesar de poderem receber menos do que se vendessem o produto para empresas comerciais, os associados em cooperativa estão isentos deste risco.

## 5.2 - A Expansão

Para aqueles que viram a Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda, há vinte anos atrás, iniciar suas atividades, em salas alugadas e com um armazém inflável arrendado, e não viram o seu desenvolvimento, ficariam assombrados nos dias atuais se vissem as instalações desta cooperativa.

Prevista inicialmente para prestar serviços aos seus associados apenas na sede do município, pelo loteamento feito pelo PIC, coube-lhe ainda os municípios de Guaira e parte de Santa Helena como nova área de atuação. Este último foi motivo de grande disputa com a COTREFAL, com sede em Medianeira. Por fim, prevaleceu uma decisão salomônica, com a divisão para as duas cooperativas, em áreas divididas pelo rio São Francisco, um afluente do Pa-

raná.

No município de Guaira, a COPAGRIL competia com outra cooperativa, a CAC, que já estava atuando principalmente na comercialização de cereais e insumos. Mais tarde, quando adquiriu as instalações da ORGASOL, entrou também na agroindustrialização. A CAC também instalou um entreposto no distrito de Mercedes, do Município de Marechal Cândido Rondon, onde comprou armazéns e instalações.

Em mil novecentos e oitenta e quatro, houve a reforma do estatuto, que autorizou a expansão da área de atuação da COPAGRIL, que começou a abranger, a partir de então, sete municípios do Mato Grosso do Sul, próximos ao município de Guaira, a saber: Mundo Novo, Eldorado, Itaquiraí, Iguatemi, Tucuari, Sete Quedas e Amambai. Atua nestes municípios através de um entreposto e postos de recebimento, que aproveitam instalações de uma antiga cooperativa da região, cuja aquisição já foi descrita neste trabalho (vide item 3.8.4). (Mapa nº 12) O trabalho que lá se iniciou tinha uma perspectiva de bom desenvolvimento, mas, em parte, o previsto não transcorreu, porque houve a retração em número de unidades. Uma das primeiras providências nesta região foi a instalação de uma fábrica de beneficiamento de algodão, que é a base da produção nesta região.

A COPAGRIL começou a atuar em mais um município, São José das Palmeiras, alargando seu território de atuação para onze municípios e dois estados, Paraná e Mato Grosso do Sul.

Além da expansão horizontal da área de atuação, houve também o crescimento vertical em número de entrepostos e unidades, secadores, moegas, área de terrenos urbanos e suburbanos, construções. Atualmente, os seus graneleiros, têm uma capacidade de armazenamento de trezentas mil toneladas de grãos e mais de sessenta mil toneladas de insumos. Embora a capacidade de armazenamento nacional tenha dobrado várias vezes nas últimas duas décadas, principalmente devido às cooperativas, ainda assim, a capacidade de



armazenamento é para meia safra no Brasil. Enquanto isso, nos países modernos, é para três safras. Isto obriga os produtores brasileiros a comercializar os cereais fora das condições ideais. (Quadro nº 02) As cooperativas do Paraná, inclusive a COPAGRIL, se aproximam mais das condições dos países modernos, pois conseguem, ao menos, armazenar as safras que ocorrem durante um ano.

Na área de supermercados, a COPAGRIL destaca-se entre as trezentas maiores redes brasileiras, entre as trinta maiores do estado do Paraná e a quarta entre as suas irmãs do PIC, ultrapassada em faturamento, número de lojas e funcionários apenas pela COTREFAL, COOPAGRO e COOPERVALE. As doze lojas, que abrangem a maior parte dos distritos e os municípios vizinhos, tinham, em novembro, um faturamento superior a meio bilhão de cruzeiros, sendo o atendimento feito por cento e vinte funcionários no total. Embora escapem das características das cooperativas agropecuárias, estas atividades equilibram o mercado de consumo, são as mais justas na recepção de mercadorias dos produtores rurais para a venda aos consumidores e obrigam as redes particulares a moderar os seus preços<sup>4</sup>.

A formação da receita modificou-se sensivelmente desde 1985. A comercialização de cereais que, neste ano, alcançou a metade da receita, chegou a apenas um quinto em 1990. A produção industrial, que englobava cinco por cento, triplicou neste período. Mas no ano de mil novecentos e noventa, o mais representativo em termos de formação de receita eram as receitas diversas, principalmente a prestação de serviços, como conservação de solos, escavações de açudes e uma infinidade de outros serviços, e a renda financeira.

Todos os dados são impressionantes. Na receita com insumos, a comercialização de sementes recebidas dos associados ocupa o ápice, junto com a comercialização de rações e concentrados, que

---

<sup>4</sup> HERGENER, p. 91

## QUADRO Nº 02

## EVOLUÇÃO DA CAPACIDADE FÍSICA DA COPAGRIL

ANO	ARMAZEM	TERRENOS URB./SUBURB.	SECADORES	MOEGAS	ENTREPOSTOS
1970	900 ton.	38.318 m <sup>2</sup>	01	-	-
1971	900 ton.	77.636 m <sup>2</sup>	01	-	-
1972	31.800 ton.	134.793 m <sup>2</sup>	03	01	-
1973	81.900 ton.	174.041 m <sup>2</sup>	05	03	02
1974	128.100 ton.	230.697 m <sup>2</sup>	07	06	02
1975	167.820 ton.	230.697 m <sup>2</sup>	07	08	03
1976	212.480 ton.	343.397 m <sup>2</sup>	08	12	07
1977	224.244 ton.	391.597 m <sup>2</sup>	08	14	07
1978	233.600 ton.	391.597 m <sup>2</sup>	08	14	08
1979	233.600 ton.	391.597 m <sup>2</sup>	08	14	08
1980	233.600 ton.	391.597 m <sup>2</sup>	07	14	08
1981	233.600 ton.	391.597 m <sup>2</sup>	14	21	07
1982	233.600 ton.	544.997 m <sup>2</sup>	16	24	08
1983	233.600 ton.	548.596 m <sup>2</sup>	16	32	07
1984	233.600 ton.	558.196 m <sup>2</sup>	14	34	12
1985	233.600 ton.	558.796 m <sup>2</sup>	16	38	11
1986	233.600 ton.	645.083 m <sup>2</sup>	20	42	27
1987	266.215 ton.	759.508 m <sup>2</sup>	22	45	29
1988	348.215 ton.	968.708 m <sup>2</sup>	24	47	30
1989	348.215 ton.	1.000.499 m <sup>2</sup>	26	47	30
1990	348.215 ton.	1.000.499 m <sup>2</sup>	24	47	30

FONTE: RELATÓRIOS DA DIRETORIA DA COPAGRIL

são fabricados pela própria cooperativa. O que se destaca neste crescimento vertiginoso é a produtividade de cereais para a exportação. (Quadro nº 03)

A filiação em centrais e em consórcios abriu um grande leque de possibilidades para esta cooperativa, assim como a participação na Cooperativa de Crédito (CREDILAGO) e na TRANSCOPAGRIL.

Pelas informações apresentadas pelo Banco de Dados das Cooperativas da EMATER, até meados dos anos oitenta, a COPAGRIL era uma das dez maiores em número de funcionários, associados, capital integralizado, imobilizado, faturamento e patrimônio líquido. Também a capacidade de armazenamento, até esta época, tinha grande destaque, bem como a produção recebida.

A partir de então, outras cooperativas começaram a se expandir mais que a COPAGRIL, principalmente a COAMO, COCAMAR e COCARI que são as gigantes do setor atualmente. A COPAGRIL não apareceu mais na classificação que tinha anteriormente. Isto se deu porque ela não se expandiu mais vertical e nem horizontalmente.

### 5.3 - A COPAGRIL e os Princípios Cooperativistas

Desde os Pioneiros de Rochdale, estão estabelecidos os princípios de cooperação, que foram reformulados pelos mentores da doutrina e adotados pela Associação Internacional das Cooperativas.

O primeiro princípio, a livre adesão, refere-se à participação voluntária e, da mesma maneira, ao desligamento destas sociedades. Em virtude de serem repassadoras de crédito e manterem o monopólio na comercialização de certos produtos agrícolas, como o trigo e leite, esta adesão está longe de ser assim como o prescrito pelos seus idealizadores, uma vez que a adesão se torna um tanto quanto compulsória.

Para se associar à COPAGRIL, o proponente deve ser proprie-

## QUADRO Nº 03

QUADRO EVOLUTIVO DA AGROINDUSTRIALIZAÇÃO  
DA COPAGRIL

ANO	RAÇÃO	ALGODÃO PLUMA	FARELO	ÓLEO BRUTO	SUÍNOS	LEITE
1970	-	-	-	-	-	-
1971	255	-	-	-	-	-
1972	7.055	-	-	-	-	-
1973	11.990	-	-	-	-	-
1974	18.700	-	-	-	-	-
1975	14.637	-	-	-	-	-
1976	13.188	-	-	-	-	-
1977	11.000	-	-	-	-	-
1978	-	-	-	-	-	-
1979	22.836	-	-	-	-	-
1980	7.936	-	-	-	-	-
1981	-	-	-	-	916	4.649
1982	6.649	-	-	-	1.489	11.625
1983	15.896	1.161	-	-	2.895	15.473
1984	17.067	844	-	-	5.413	18.377
1985	22.217	3.707	-	-	-	18.914
1986	23.018	1.397	-	-	9.041	19.450
1987	20.424	1.792	-	-	10.578	19.248
1988	19.992	5.297	21.717	5.098	13.579	21.036
1989	28.350	4.797	72.052	17.690	13.012	22.094
1990	24.150	5.535	45.704	11.446	10.325	23.631

FONTE: RELATÓRIOS DA DIRETORIA DA COPAGRIL - 1970-1990

tário de terras ou ter um contrato de parceria ou arrendamento. Precisa ainda comprovar certidão negativa de protesto e do distribuidor da vara cível, além dos documentos individuais. São pedidas informações ao Serviço de Proteção ao Crédito em relação ao encerramento de contas nos bancos ou à execuções judiciais. Qualquer deslize neste sentido é um impedimento para se associar.

Uma vez feita a proposta para ser associado, deve participar de um curso de dois dias para aprender o básico em cooperativismo, o organograma da empresa, a participação das centrais, os seus direitos e deveres e assistir a fitas de vídeos sobre o assunto. Depois disto, sua proposição é encaminhada para várias instâncias até que, finalmente, seja decidida ou não sua aceitação.

Quanto ao desligamento da sociedade, acontece de três maneiras: a eliminação, a demissão e a exclusão. A primeira é de iniciativa da administração, quando o associado infringiu alguma norma estatutária. A segunda é pela vontade do próprio associado, geralmente ocorrendo por mudança de endereço, por não mais exercer a atividade inerente ou por seu descontentamento com a empresa. A exclusão ocorre com o falecimento do associado. (Gráfico nº 19)

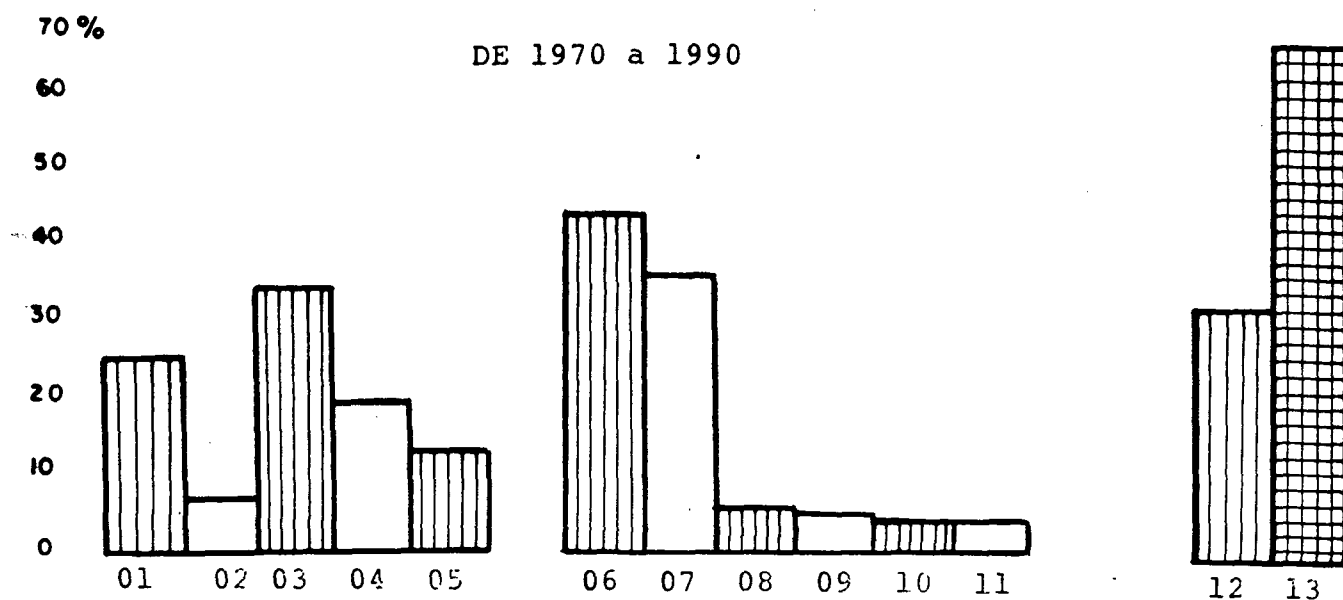
Todos os associados são inscritos nos livros de registro de matrícula e o desligamento tem um espaço reservado, inclusive para a citação do motivo.

A eliminação, nesta cooperativa, geralmente acontecia porque o associado deixava de operar com a empresa. Estatutariamente, está estabelecido que seus membros têm a obrigação de vender tudo para e comprar tudo de sua associação. Se não houver movimentação por parte do associado num período de dois anos, a diretoria administrativa executa a eliminação. Todavia, o associado eliminado tem amplo direito de recorrer da decisão na assembléia geral. Este mecanismo foi mais usado de mil novecentos e oitenta e três a oitenta seis, períodos de relativa calma e prosperidade.

Sob o título de demissão, o maior número aconteceu por mudança de endereço, seguindo-se os que deixaram de operar com a

## ASSOCIADOS QUE DEIXARAM A COPAGRIL

DE 1970 a 1990



01 - ELIMINADOS

02 - DEDITIDOS

03 - MUDANÇA DE ENDEREÇO

04 - NÃO OPERAM MAIS COM AGRICULTURA

05 - FALECIDOS

06 - VENDERAM A PROPRIEDADE

07 - PASSARAM A PROPRIEDADE PARA OS FILHOS

08 - APOSENTADORIA

09 - ARRENDAMENTO DAS TERRAS

10 - PELA IDADE

11 - OUTROS MOTIVOS

12 - POR DESCONTENTAMENTO

13 - NÃO ALEGARAM O MOTIVO

FONTE: LIVRO DE REGISTRO DE MATRICULA DA COPAGRIL

agricultura e os demais por outros motivos. (Gráfico n. 19)

A mudança de endereço dos ex-associados foi mais acentuada no fim dos anos setenta e início dos oitenta. Nesta época, dezesseite por cento dos estabelecimentos rurais foram indenizados por causa da formação do Lago de Itaipu e os proprietários transferiram-se para outros municípios do Paraná, para o Mato Grosso, República do Paraguai ou retornaram aos estados de origem, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A maioria dos estados da Federação recebeu agricultores do Extremo-Oeste do Paraná nesta época. (Gráfico n. 20)

Dos que deixaram de operar com a agricultura, a maioria vendeu a propriedade e iniciaram outras atividades. Outros passaram as atividades para os filhos, arrendaram suas terras para terceiros ou se aposentaram.

Os que se demitiram sem apresentar nenhum destes dois motivos o fizeram por descontentamento. Apresentaram um leque muito grande de razões. Mesmo que houvesse descontentamento por parte de alguns associados, um levantamento feito sobre a aprovação do desempenho da COFAGRIL, demonstra que a maioria aprovou o bom atendimento dos funcionários, a assistência técnica e os preços oferecidos pelos produtos.

O quadro social teve seu momento culminante em setenta e sete, quando ultrapassou a cinco mil associados, e decresceu com os problemas que ocorreram por causa do segundo presidente. Novamente, ascendeu em oitenta dois, para se tornar descendente até os dias atuais. (Quadro n. 01).

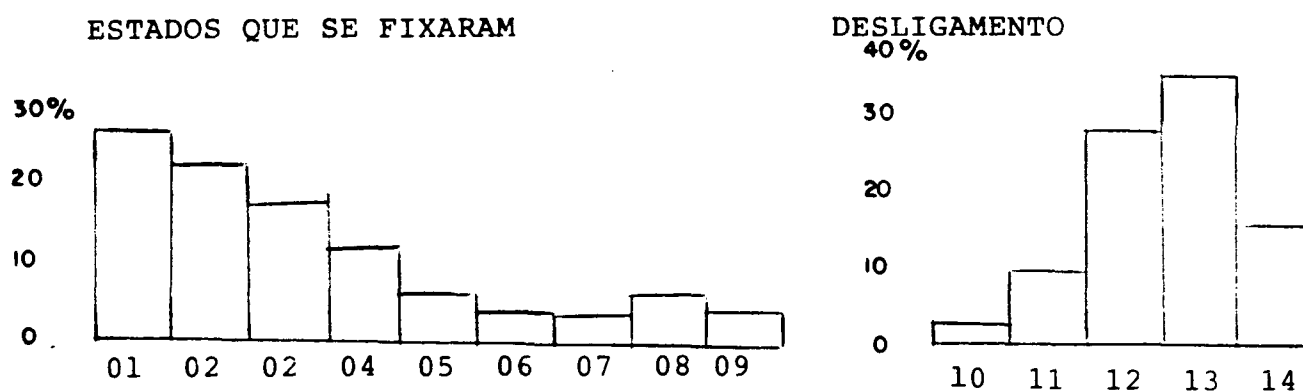
O segundo princípio, o controle democrático, refere-se às decisões que são tomadas em assembleias gerais, órgão supremo das cooperativas, onde são deliberados, democraticamente, os assuntos referentes à cooperativa. As decisões da maioria - são manifestadas pelo voto majoritário - são as que prevalecem.

As assembleias gerais podem ser ordinárias, previstas pelo estatuto para a realização da aprovação do relatório da adminis-

GRÁFICO Nº 20

## ASSOCIADOS QUE DEIXARAM A COPAGRIL

DE 1970 A 1990



- 01 - OUTRO MUNICÍPIO DO PARANÁ
- 02 - MATO GROSSO
- 03 - REPÚBLICA DO PARAGUAI
- 04 - SANTA CATARINA
- 05 - RIO GRANDE DO SUL
- 06 - BAHIA
- 07 - PARÁ
- 08 - OUTROS ESTADOS
- 09 - NÃO DECLARARAM NOVO ENDEREÇO
- 10 - ELIMINADOS EM 1975
- 11 - IDEM EM 1982
- 12 - IDEM EM 1983
- 13 - IDEM EM 1986
- 14 - IDEM EM 1990

FONTE: LIVRO DE REGISTRO DE MATRÍCULAS DA COPAGRIL



tração, da eleição do conselho de administração e do conselho fiscal, do destino das sobras, da aprovação do pró-labore dos diretores e dos planos de metas para o exercício, ou extraordinárias, previstas para a reforma dos estatutos e outros assuntos, podendo ser convocadas pela diretoria, pelo conselho fiscal ou por parte dos associados.

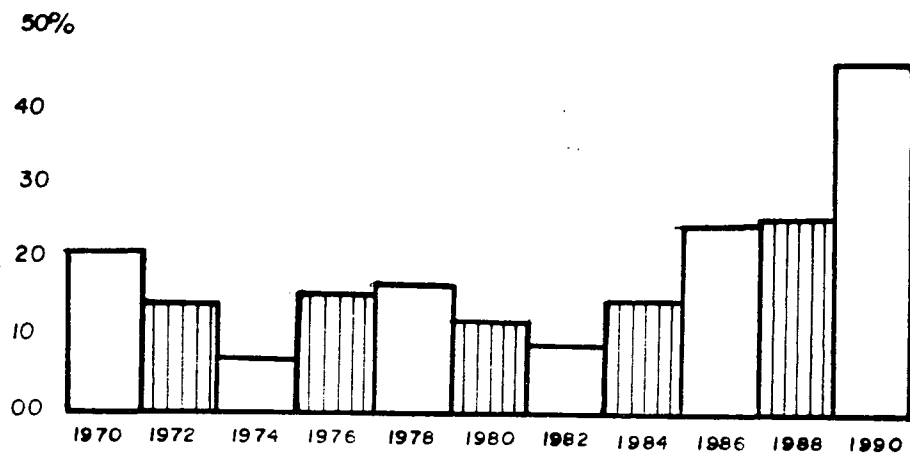
A participação dos associados nas reuniões das cooperativas que pertencem ao PIC está muito aquém do desejado. Conforme levantamento feito, não chega a dez por cento. Na COPAGRIL, esta frequência oscila muito. As menores, em torno de dez por cento, foram nos anos em que a situação era problemática, de 1974-1982, quando deveria ser o inverso. A partir daí, a participação começou a aumentar, chegando a pouco mais de quarenta por cento em 1990. (Gráfico n. 21)

Quanto à ausência nas assembleias, a grande maioria respondeu que não está regularmente presente por falta de tempo, pela distância, pela falta de interesse, dificuldade de expressar suas idéias e porque pensam que só os grandes produtores são ouvidos e que só a minoria toma as decisões.

Apesar do grande esforço da diretoria para atrair os associados para suas assembleias, com almoço gratuito e distribuições de brindes e premiação, a assistência ainda não está em um patamar ideal. (Gráfico nº 21). Através de um levantamento das atas das reuniões, verificou-se que todas as assembleias iniciaram em terceira convocação. Nesta, só é necessária a presença de poucos associados.

Ao iniciar a assembleia, primeiramente eram convidados para uma mesa de honra uma média de vinte pessoas de destaque, estranhas ao corpo dos associados. Assim, em todas as reuniões, havia representantes do Banco do Brasil e da ACARPA. Em menor número, mas com boa assiduidade, os representantes das outras cooperativas próximas, das centrais, da OCEPAR, do INCRA, da Prefeitura Municipal, da Câmara Municipal, dos sindicatos rurais e da Secretaria da

PRESENCAS DOS ASSOCIADOS NAS ASSEMBLÉIAS GERAIS  
DE 1970 A 1990



FONTE: LIVROS DE PRESENCAS NAS ASSEMBLÉIAS GERAIS

Agricultura. (Gráfico nº 22). O problema era que, na hora da discussão e das decisões, os convidados permaneciam na mesa de honra e até participavam dos debates. Isto inibia os associados, lavradores com uma escolaridade baixa, em média até o quarto ano primário.

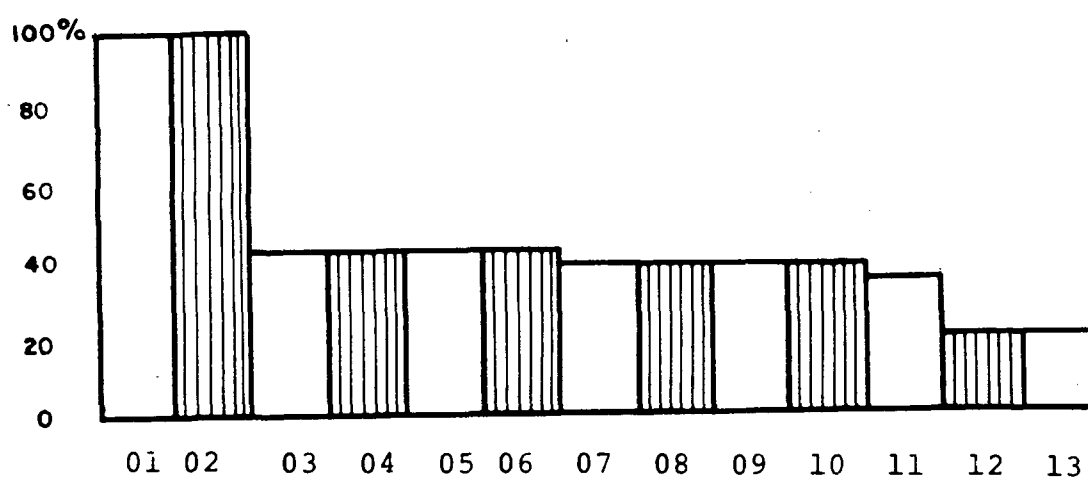
Em determinada assembleia, foi aberta a pauta para decidir o destino do saldo excedente. O gerente de um banco sugeriu que era melhor que este fosse aplicado na capitalização. Como todos dependiam do crédito do banco para o qual este gerente trabalhava, ninguém o contradisse. Noutra ocasião, um dos associados indagou o que estava fazendo certa pessoa na assembleia. Explicaram-lhe que era o representante do INCRA, órgão fiscalizador das cooperativas de produção agropecuária, e que tinha o direito de participar na assembleia, o que, na verdade, não é permitido.

Outra grande dificuldade era a excessiva intervenção estatal. Os associados conheciam este controle e, por isto, pensavam que as suas opiniões não tinham grande valia. Se eles realmente soubessem que as eventuais perdas são cobertas pelo quadro social, as atitudes seriam bem diferentes. A autogestão possivelmente corrigiria muitas anomalias, através de uma participação e de um controle mais efetivos.

Quanto ao terceiro princípio, o da neutralidade política, racial e religiosa, pode-se dizer que o referente à neutralidade política não foi plenamente aplicado, pelo menos não durante o regime militar. Além disso, nesta época os grupos políticos tinham certa influência nas decisões da cooperativa. Quando um deputado estadual procurou impor a presença de um ex-prefeito no conselho de administração, teve um certo êxito, pois o ex-prefeito foi incluído na chapa única como diretor-secretário.

Quando houve a abertura política, principalmente a primeira eleição direta para governador, a COPAGRIL abriu suas portas para todos os candidatos a vereador falarem ao seu quadro funcional, independente da sigla partidária.

## PRESENCAS NAS ASSEMBLÉIAS GERAIS DA COPAGRIL - 1970 a 1990



- 01 - GERENTE OU REPRESENTANTE DO BANCO DO BRASIL
- 02 - ACARPA
- 03 - OCEPAR
- 04 - OUTRAS COOPERATIVAS
- 05 - INCRA
- 06 - SUDCOOP
- 07 - BRDE
- 08 - COTRIGUAÇU
- 09 - ASSOCEP
- 10 - PREFEITURA MUNICIPAL
- 11 - SINDICATO RURAL
- 12 - SECRETARIA ESTADUAL DA AGRICULTURA
- 13 - PRESIDENTE DA CÂMARA DOS VEREADORES

FONTE: ATAS DAS ASSEMBLÉIAS GERAIS DA COPAGRIL

Quando o poder político federal passou às mãos dos civis, o presidente da cooperativa deixou o partido a que pertencia e filiou-se na sigla do partido que se encontrava no poder. Dentro da assembléia, notava-se que os detentores do governo municipal, nas reuniões que aprovavam os relatórios anuais, sempre sugeriam um voto de louvor pelo trabalho da diretoria.

Quanto ao princípio da neutralidade racial, não existem evidências de discriminação. A região foi colonizada por migrantes gaúchos e catarinenses, na grande maioria descendentes de alemães, seguindo-se os descendentes de italianos e de eslavos. O primeiro e terceiro presidentes eram de descendência germânica, o segundo era de origem eslava e o quarto, descendente de italianos. Ainda ocupou o cargo de vice-presidente um associado de origem nipônica. Também na admissão e afastamento dos associados não se verifica qualquer discriminação deste tipo.

Na parte religiosa, embora seja um município de predominância de protestantes, em nenhum momento transparece qualquer preconceito contra católicos ou de outra religião qualquer. Nas assembléias ou reuniões de jovens cooperativistas, é feita a leitura da Escritura Sagrada, o que não causa nenhum tipo de problema, uma vez que este livro é aceito por todos os grupos religiosos locais.

A educação permanente, o quarto princípio, é o estímulo à educação e ao aprimoramento dos associados e de seus dependentes, fundamentais nos meios cooperativistas. A própria participação num movimento cooperativista é uma forma de educação prática das pessoas para a vida em coletividade.

Desde 1976, já havia, na COPAGRIL, uma preocupação com a doutrinação cooperativista dos associados. Atualmente, esta doutrinação é obrigatória para a adesão do agropecuarista.

A obrigatoriedade de destinar parte do excedente obtido no exercício para o Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social (FATES) é algo notável nestas sociedades e, inclusive, diferen-

cia-as ainda mais das empresas comerciais, que não têm interesse algum neste sentido.

Na COPAGRIL, destina-se para este fundo cinco por cento das sobras e três por cento sobre as operações de não associados. Com estes recursos, foram realizados muitos cursos e palestras para funcionários, associados, jovens, senhoras e mães pertencentes ou não ao quadro social da cooperativa.

Estes cursos visam ao aprimoramento da atividade agropecuária, ao estímulo do reflorestamento ou ao investimento em novas atividades, como, por exemplo, a apicultura. Os cursos para o setor feminino, como corte e costura, artes culinárias, tricô, pintura em tecidos, artesanato e indústria caseira, com participação de centenas de pessoas, visam ao aperfeiçoamento das donas de casa. Em diversas ocasiões, a administração contratou pessoas especializadas para ensinar noções de relacionamento familiar, educação dos filhos e assuntos relacionados a esta área.

Nesta área da educação, uma grande atuação é a da Associação dos Clubes de Jovens Cooperativistas (ACJC), que realiza, anualmente, concurso de produtividade das culturas básicas, maratonas culturais com apresentações artísticas e esportivas e disputa de oratória.

Também houve a participação da COPAGRIL na implantação do curso Básico em Agropecuária, a nível de Segundo Grau, e na criação do curso superior de Agronomia da faculdade local.

O quinto princípio das cooperativas são os juros limitados sobre as quotas-partes dos associados. O fim único deste princípio é dar às cooperativas condições de realizar suas operações de prestação de serviços, mesmo que os associados não consigam altos juros sobre suas quotas-parte.

Nos últimos anos, as assembleias gerais da COPAGRIL aprovaram a correção monetária plena do capital social, o que estabilizou o valor das quotas-parte, embora não alcancem o valor que tinham no início da criação da sociedade.

O retorno das sobras aos associados é o sexto princípio. Depois de apurado o resultado do exercício financeiro, faz-se as deduções do Fundo de Reserva Legal, do Fundo de Assistência Técnica, Educacional e Social e outros, e o resultado líquido auferido é distribuído aos associados, funcionando como uma espécie de retorno, porque é, efetivamente, uma devolução daquilo que se obteve nas diversas operações realizadas pela cooperativa.

Este princípio é o mais polêmico interna e externamente no cooperativismo. No plano interno, a distribuição destas sobras sempre foi motivo de muita discussão, pois cada vez que vai se fazer esta distribuição é preciso definir qual a porcentagem que vai ser distribuída e qual a que vai ser capitalizada. No plano externo, esta distribuição das sobras não é aceita por muitos intelectuais porque afirmam que a sobra do saldo da receita é lucro, e que o lucro é algo que não deveria existir dentro das sociedades cooperativas.

No relatório anual do conselho de administração da COPAGRIL, que se compõe do balanço geral e outras apurações contábeis, é discriminado o resultado líquido do exercício, que fica à disposição da assembléia geral ordinária, que lhe dá o destino devido, que pode ser a capitalização, em parte ou totalmente, e/ou a distribuição aos seus associados. Na maioria das vezes, a diretoria fazia a proposição, em assembléia geral, de capitalizar os saldo credor. Isto quer dizer que seria adicionado um certo valor à quota-parte de cada associado, conforme as suas operações com a mesma. Esta proposição foi aceita algumas vezes; outras vezes, o saldo credor foi rateado: metade para a capitalização e metade para a distribuição aos associados; em outras ocasiões, o saldo credor foi todo distribuído aos associados.

Os resultados obtidos pela rede de supermercados são sempre capitalizados, porque o atendimento é para toda a população. Além disso, a COPAGRIL não tem controle das compras feitas por seus associados, a não ser pelas ordens de adiantamentos que lhes são

fornecidas.

A capitalização de todos os lucros obtidos no início dos anos oitenta colocou esta cooperativa entre as maiores em patrimônio líquido entre as agropecuárias.

Para se ter uma noção exata dos saldos da receita contábil em cada exercício, fez-se a divisão das sobras líquidas pelo número de associados. O resultado da divisão foi, por sua vez, dividido pelo salário mínimo da época. Os números alcançados apresentam um quadro muito interessante. As maiores rentabilidades aconteceram nos exercícios de 1972, 1973 e 1983, sendo que os dois primeiros fazem parte do primeiro mandato do primeiro presidente e o de 1983 faz parte do último mandato do terceiro presidente. (Gráfico nº 23). As menores rentabilidades aconteceram em 1978, 1979 e 1990, sendo que em 1978 e em 1990 a COPAGRIL teve prejuízos. Pelo sexto princípio, estes prejuízos deveriam ser pagos pelos associados, mas isto não aconteceu porque o resultado negativo de 1978 foi amortizado pelo saldo excedente de 1979 (este ano ficou com uma rentabilidade mínima e sem a distribuição de sobras aos associados porque todo o saldo foi usado para esta amortização) e o de 1990 foi amortizado pela utilização do Fundo de Reserva Legal. Os anos de setenta e oito, setenta e nove e noventa não constam no gráfico por serem negativos. (Gráfico nº 23)

O direito de cada associado ao voto, independente do valor de sua quota-parte ou do volume de operações, é o sétimo princípio das cooperativas, sendo plenamente aplicado na COPAGRIL.

O oitavo princípio, o de vendas somente à vista, só é considerado para as cooperativas de consumo. Portanto, as cooperativas agropecuárias não praticam este princípio e vendem também a prazo. Neste sistema de vendas a prazo, é preciso ser feito um cadastro financeiro e patrimonial dos associados.

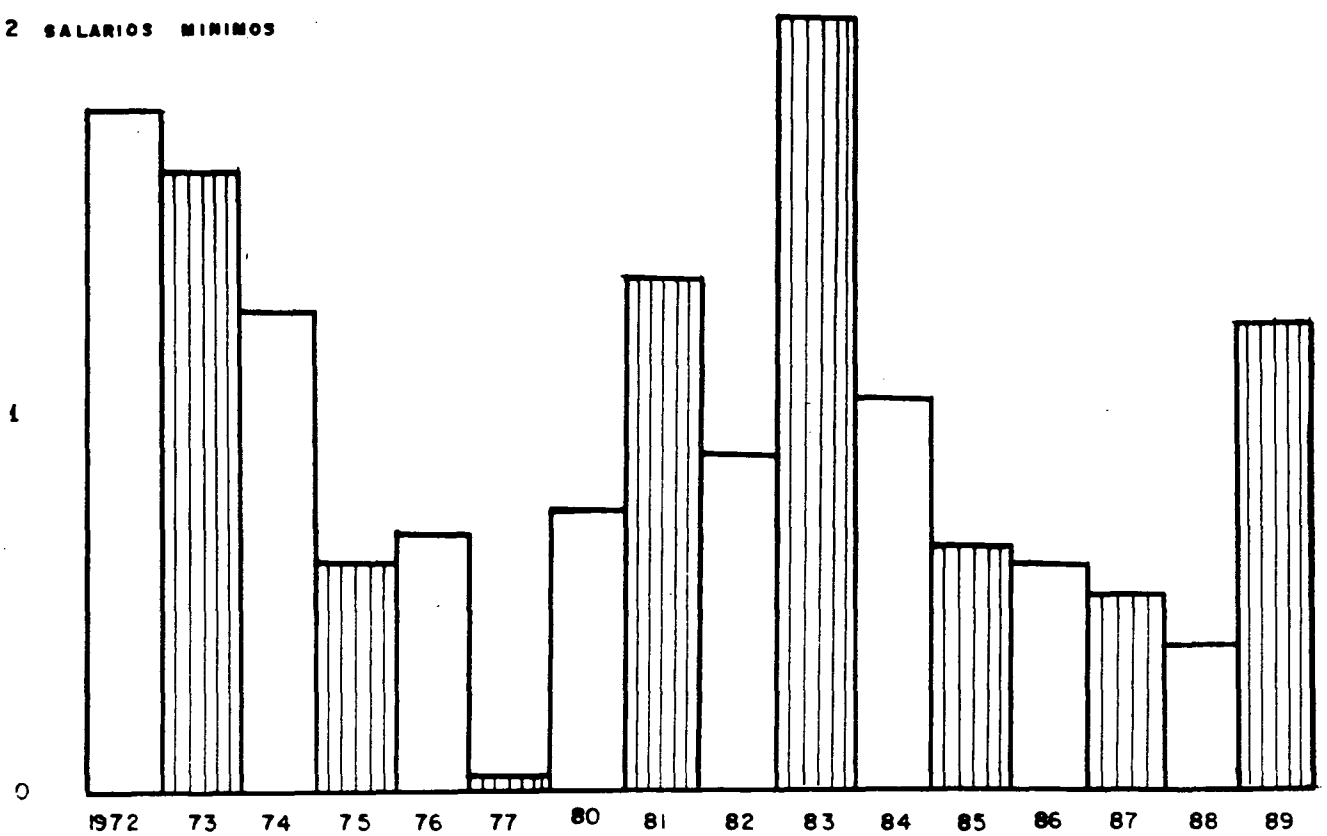
Assim, como em todas as empresas, as cooperativas têm crédito de seus associados e de terceiros, e também débito para com os fornecedores, as instituições bancárias e diversos. Estas con-



RESULTADOS DAS SOBRAS DA COPAGRIL

DE 1970 A 1990 -

2 SALÁRIOS MÍNIMOS



FONTE: BALANÇOS GERAIS DA COPAGRIL

tas quase sempre se equivalem, mas, muitas vezes, pendem para um ou outro lado.

Na COPAGRIL, houve uma época em que o passivo do quadro social tornou-se quase insuportável, o que se pôde comprovar pela análise das fichas cadastrais. Os associados devedores chegaram, em alguns períodos, a um quarto do quadro social, com um montante considerável, causando transtornos para a cooperativa.

Se o oitavo princípio fosse aplicado também nas cooperativas agropecuárias, a COPAGRIL não teria, certamente, passado por estas dificuldades financeiras.

O nono princípio adotado pelos pioneiros foi o princípio do justo preço. O justo preço não quer dizer que as cooperativas devam vender com prejuízos os seus produtos, mas que as diferenças entre as compras e as vendas devem cobrir as despesas desta sociedade e deixar uma pequena sobra. Mais tarde, o nono princípio foi renegado pela ACI.

Mesmo assim, nas lojas e supermercados da COPAGRIL, não existe uma remarcação tão rápida como nas empresas comerciais, o que, por si só, é um aspecto positivo e uma forma de tentar aplicar o princípio do justo preço.

Por fim, o décimo princípio, o da colaboração entre cooperativas, que, em parte, é praticado pela COPAGRIL. Nos relatórios anuais, verifica-se que entre os dez maiores fornecedores da COPAGRIL encontra-se a COTRIGUAÇU, SUDCOOP, COPACOL E COOPAVEL, o que demonstra a solidariedade entre estas sociedades. Ocorreu a colaboração igualmente em nível de assistência técnica, ações conjuntas e representação pela OCEPAR.

Mas dentro do sistema econômico existente, a competição faz parte da regra do jogo. Assim, as cooperativas não deviam só competir com as empresas comerciais, mas também com outras cooperativas, o que, certamente iria aperfeiçoar a prestação dos seus serviços. Mas isto não acontece porque os associados, embora saibam que existe uma diferença dos preços pagos pelos produtos nas

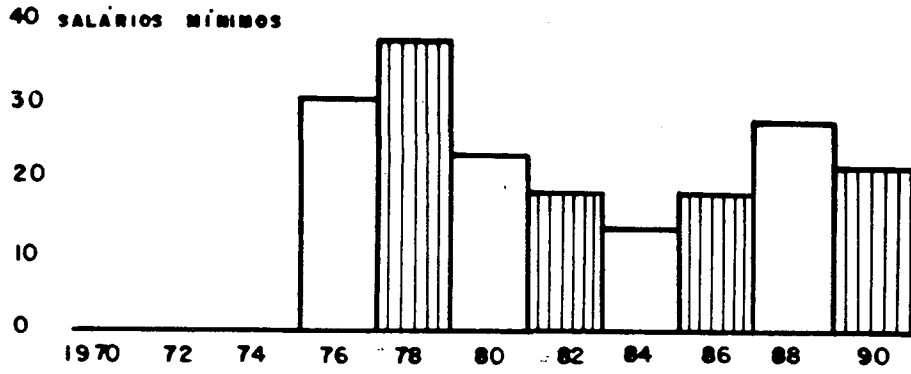
cooperativas congêneres próximas e conheçam o valor das sobras distribuídas pelos principais produtos, geralmente permanecem na mesma cooperativa, o que não estimula a concorrência entre elas.

Além destes dez princípios, que privilegiam geralmente os associados, as cooperativas, como sociedades de pessoas que são, deveriam incluir mais dois: remuneração justa para seus funcionários e preocupação com os consumidores.

Um dos grandes males da vida econômica, principalmente do Terceiro Mundo, é a disparidade entre os salários dos vários escalões da administração de uma empresa e o descaso com os seus trabalhadores. Nas empresas e nas cooperativas brasileiras isto também acontece. Na COPAGRIL, enquanto o conselheiro presidente, em algumas ocasiões, chegou a receber até cinquenta e cinco salários mínimos e o gerente de departamento, quinze, os auxiliares de serviços gerais, que são a grande maioria, recebiam apenas um salário mínimo. (Gráfico nº 24) A COPAGRIL também age com descaso em relação a seus funcionários. Nas várias vezes em que esta empresa esteve em dificuldades, a primeira providência dos planos de recuperação foi a demissão de funcionários, muitos deles com família para sustentar, para diminuir as despesas com a folha de pagamento, que geralmente não têm o maior peso nas rubricas do seu balanço. Esta solução, nos países modernos, é a última a ser implementada.

As cooperativas não deveriam colaborar para confirmar a injusta situação e sim tomar a iniciativa para que estes problemas fossem sanados. Se assim quisessem, teriam o exemplo dos kibbutz, onde os dirigentes não têm qualquer remuneração a mais pela sua responsabilidade (Gráfico nº 24), das zadrugas, onde os funcionários têm o direito de votar nas assembléias e participar das sobras, e até de uma cooperativa brasileira, a Cooperativa Agrícola Mista Duovizinhosense Ltda (CAMDUL), que reformou os seus estatutos para dar condições a seu quadro funcional de participar, no final do exercício, em vinte por cento do excedente.

PRÓ-LABORE DO DIRETOR PRESIDENTE DA COPAGRIL  
de 1970 - 1990



FONTE: ATAS DAS ASSEMBLÉIAS GERAIS

Como sociedade de pessoas, igualmente os associados das cooperativas agropecuárias deviam ser conscientizados de que a sua produção é vital para a sobrevivência do seu próximo.

Nos seus protestos, nos seus jornais, nas suas próprias publicações e nos seus programas, os associados da COPAGRIL sempre reclamam de que não recebem o preço justo pelo seu produto. Um caso interessante é o do leite, essencial para a alimentação das crianças. As invés do preço deste produto ser comparado com os preços dos de primeira necessidade, são comparados com o preço da água engarrafada ou da cerveja. Muitas vezes, estas reclamações e protestos são atendidos e o leite tem o seu preço aumentado, prejudicando os que não têm boas condições sócio-econômicas.

Outra iniciativa das cooperativas devia ser a produção de mais alimentos para a população e não só a preocupação com a exportação e obtenção de divisas. O bem geral deve estar acima de qualquer interesse particular.

#### 5.4 - O Associado

Nas publicações provenientes de organismos que têm o cooperativismo como realização de suas aspirações, o associado é, geralmente, denominado de cooperado, e isto representa, em parte, a sua condição. O associado deve ser cooperado mas, sobretudo, cooperador. Deveria ter em vista a ajuda mútua, e não somente a ajuda própria, o que não acontece porque este associado vive num ambiente contraditório, entre a competição, de um lado, e a cooperação, de outro. Enquanto a competição é a luta entre os indivíduos para aquisição de mais riquezas e poder, a cooperação visa à subsistência, ao crescimento, à reprodução, ao altruísmo e à solidariedade.

O cooperativismo foi responsável por muitas mutações na agricultura e na vida dos agropecuaristas no Oeste do Paraná.

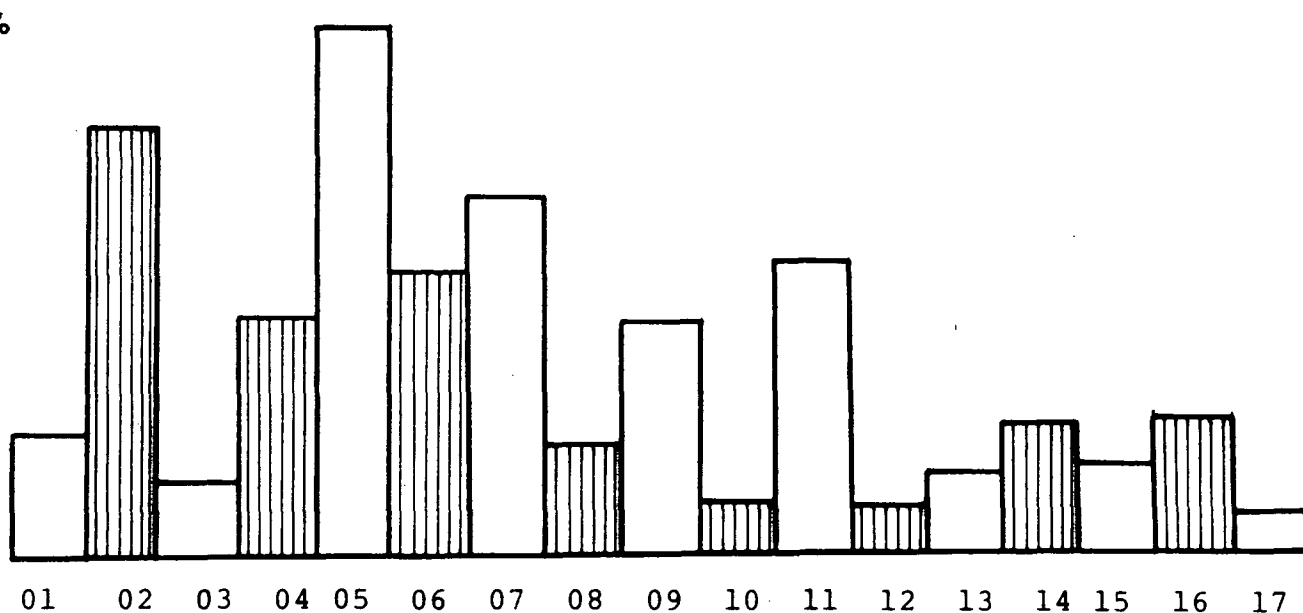
É notável como as cooperativas conseguiram transformar o antigo colono da região Oeste, proprietário de uma pequena área de terra, que usava a carroça, arado de tração animal, enxada, máquina manual de plantar e alguns equipamentos, como a trilhadeira e o triturador, em um empresário rural que lida com colheitadeiras sofisticadas, tratores modernos, arados de disco, pulverizadores, cultivadores, subsoladores e outros equipamentos modernos. (Gráfico no 25) O que mais alterou, porém foi a visão de mercado deste lavrador, homem simples e de pouca informação, geralmente com primeiro grau incompleto. Aos poucos, foi se transformando em um agricultor muito bem informado do valor da moeda estrangeira, do preço da soja na Bolsa de Chicago, da tendência do mercado, do preço diário dos produtos, dos vários tipos de insumos e das melhores aplicações financeiras.

Qual é a origem deste fluxo de informações e desta metamorfose na região Oeste? As cooperativas investiram em cursos para melhor aprendizagem de seus princípios, do manejo de maquinário agrícola e da aplicação de técnicas modernas na agricultura. Para isto, tinham a verba do FATES. Editaram, igualmente, jornais, com distribuição gratuita, com uma grande gama de informações sobre assistência técnica agrícola e veterinária e tudo que o produtor rural devia saber no seu cotidiano. Adquiriram espaços da programação das emissoras de rádio locais, com uma audiência elevada, que, diariamente, pulverizava informações de interesse dos associados. Contrataram bom número de agrônomos, veterinários e técnicos agrícolas que transmitiam as técnicas para a melhoria da produtividade, para a manutenção dos solos e para a correta aplicação dos insumos. Mesmo que mais da metade dos associados nunca tenha participado de uma eleição e que sessenta por cento não tenha lido os estatutos, sobre o que os interessava pessoalmente dentro das cooperativas estavam suficientemente informados.

A motivação dos agricultores era conseguir melhores preços, mais crédito, melhor assistência técnica, maior capacidade de ar-

## MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS DOS ASSOCIADOS DA COPAGRIL

1 9 9 0



- 01 - COLHEITADEIRAS
- 02 - TRATORES
- 03 - CAMINHÕES
- 04 - CARRETÕES
- 05 - VEICULOS DE PASSEIO E TRANSPORTE
- 06 - ARADO PARA TRATOR
- 07 - GRADE DE DISCO
- 08 - GRADE DE ARRASTÃO
- 09 - PULVERIZADOR
- 10 - SUBSOLADOR
- 11 - SEMEADEIRA/PLANTADEIRA
- 12 - ESPALHADOR DE ESTERCO
- 13 - TODOS OS IMPLEMENTOS
- 14 - CULTIVADOR
- 15 - TRILHADEIRA
- 16 - TRITURADOR
- 17 - CARROÇA

FONTE: FICHAS CADASTRAIS DOS ASSOCIADOS

mazenamento de seus produtos e segurança na comercialização e como isto era oferecido pelas cooperativas, muitos se associaram a elas.

O associado da COPAGRIL enquadra-se em todas as características apresentadas até agora. Mas, para melhor compreender sua situação e sua evolução sócio-econômica e como produtor rural, foi realizado um levantamento que abrange os meados dos anos setenta e o início dos anos noventa.

No levantamento feito nas fichas cadastrais dos associados da COPAGRIL em mil novecentos e setenta e seis, constatou-se que mais de oitenta por cento eram proprietários das terras, que praticavam a cultura temporária e que os pastos plantados para a pecuária e a reserva de matas eram menos de dez por cento da área das propriedades (Gráfico nº 26).

Nestas fichas cadastrais, verificou-se também que 85% associados eram de origem germânica, 10%, de origem italiana, 5%, de origem eslava e 5%, de outras origens. A grande maioria era oriunda do Rio Grande do Sul, 68%, e Santa Catarina, 27%, com pequena participação de outros estados, 5%. (Gráfico nº 26)

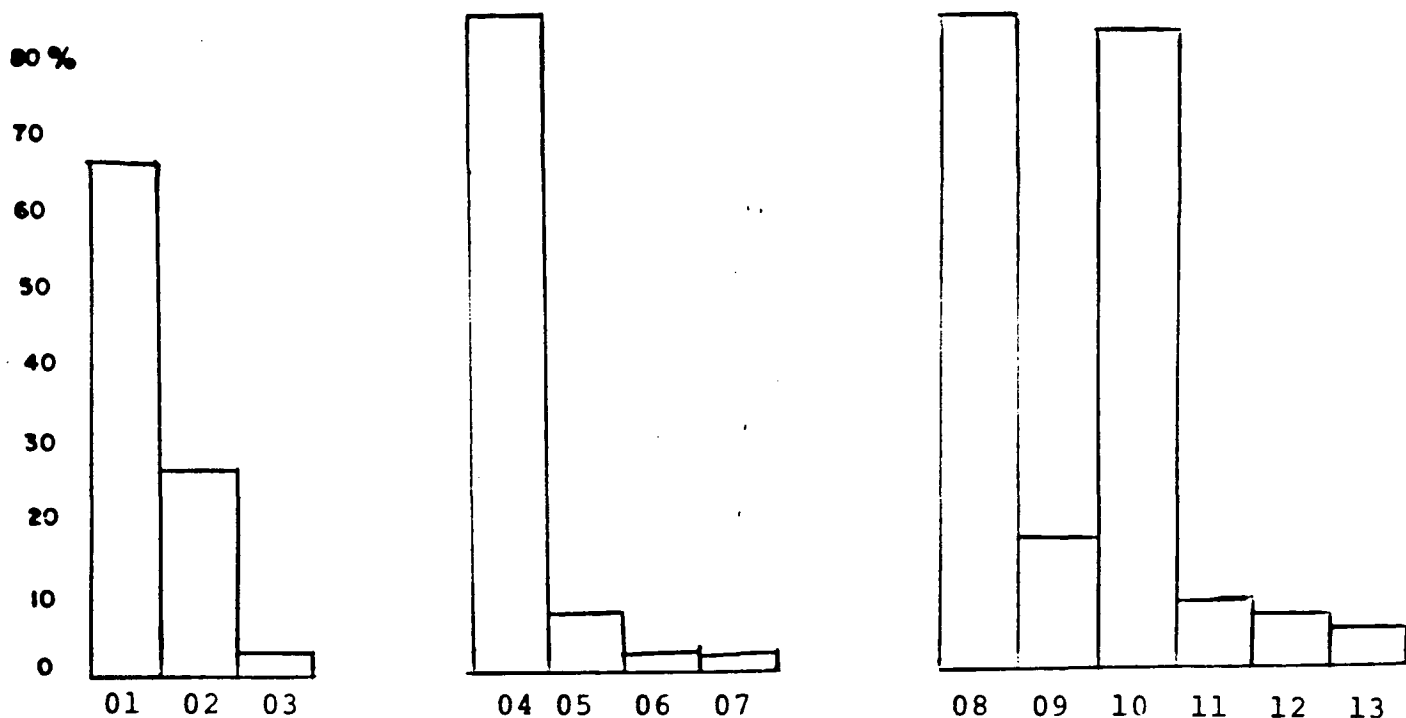
Nove de cada dez dos associados plantavam soja e um menor número, o trigo. A cultura de milho, que já fora destaque nacional na década de sessenta, baixou aos níveis de trinta por cento. As outras culturas eram insignificantes. Também a pecuária bovina e suína baixaram a níveis inferiores à metade de sua produção anterior. O número de pocilgas, contudo, era ainda muito alto, em torno de oitenta por cento.

Oitenta e sete por cento das habitações dos agricultores eram de madeira, e apenas um pequeno número, treze por cento, de alvenaria. O número de habitações era superior à de famílias habitantes.

Em torno de sessenta por cento dos produtores rurais tinham tratores, que em parte, eram acompanhados de equipamentos, mas ainda era forte a presença de antigos equipamentos e utensílios.



SITUAÇÃO DOS ASSOCIADOS DA COPAGRIL - 1976



- 01 - RIO GRANDE DO SUL
- 02 - SANTA CATARINA
- 03 - OUTROS ESTADOS
- 04 - DESCENDENTES DE ALEMÃES
- 05 - IDEM DE ITALIANOS
- 06 - IDEM DE POLONESES
- 07 - OUTROS
- 08 - PROPRIETÁRIOS
- 09 - ARRENDATÁRIOS
- 10 - CULTURAS TEMPORÁRIAS
- 11 - PASTAGENS PLANTADAS
- 12 - MATAS
- 13 - OUTRAS OCUPAÇÕES

FONTE: FICHAS CADASTRAIS DE 1976

As colheitadeiras ultrapassavam em número os tratores, em virtude do incentivo oficial, o que se inverteria na década seguinte. No mesmo nível do número de tratores, estava o número de automóveis adquiridos pelos colonos para se locomoverem para as sedes urbanas.

Quanto à situação fundiária, a grande maioria dos proprietários rurais tinha entre dez a cinquenta hectares, tipicamente pequenas propriedades, e só um de cada cem possuía mais de cem hectares. O número de não proprietários alcançava cinco por cento. Já era considerável o número dos que possuíam mais de um estabelecimento rural.

Em 1976, mais de sessenta por cento tinham compromissos financeiros, não só com as cooperativas, mas também com as instituições de crédito, por serviço de destoca, aquisição de terras, máquinas e implementos. Embora o endividamento fosse alto, não ultrapassava a metade do valor das máquinas e implementos. (Gráfico n. 27)

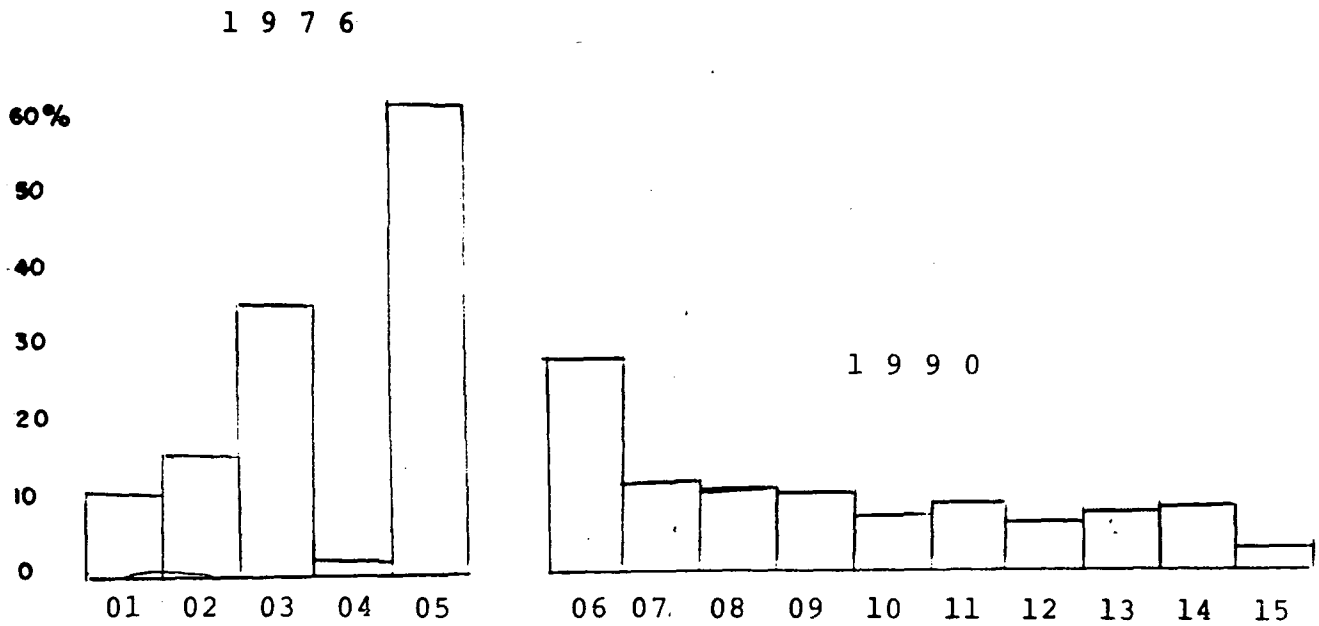
A rentabilidade dos produtos alcançava mais de cinco salários mínimos por hectare, isto só contando a comercialização do soja e do trigo.

No fim da década de noventa, foi realizado um novo levantamento nas fichas cadastrais, que apresentavam um quadro de dados mais amplo que as anteriores. Este levantamento foi feito com cerca de trinta por cento dos associados, proporcionalmente ao número de matrículas.

Não constava mais o estado de origem do associado, mas pelo nome era possível identificar a descendência dele, não se alterando a situação anterior. Relacionava também os filhos e dependentes. Mais da metade tinha até dois filhos. Em torno de trinta por cento dos associados morava nas cidades e se locomovia sempre que precisasse ao seu estabelecimento rural para supervisionar os serviços, realizados por trabalhadores contratados.

Na parte da exploração de terra, houve sensível alteração

DÍVIDAS DOS ASSOCIADOS DA COPAGRIL



- 01 - DIVIDAS DIVERSAS
- 02 - DESTOCA
- 03 - MAQUINÁRIO
- 04 - TERRAS
- 05 - TOTAL DE DEVEDEORES
- 06 - DEFENSIVOS AGRICOLAS
- 07 - RAÇÃO E CONCENTRADOS
- 08 - EM DOLAR
- 09 - NOTAS PROMISSÓRIAS RURAIS
- 10 - FERTILIZANTES
- 11 - SEMENTES
- 12 - SERVIÇOS
- 13 - DIVERSOS
- 14 - PRODUTOS VETERINÁRIOS
- 15 - MILHO COMERCIAL

FONTE: CADASTRO DA COPAGRIL

quanto ao arrendamento, que decaiu, tornando-se cinco vezes menor. A quase totalidade dos estabelecimentos rurais eram administrados pelos seus proprietários.

Ainda era maioria os imóveis rurais com dez a cinquenta hectares. Porém, havia uma pequena tendência para os menores de dez hectares e os maiores de cem, que aumentaram proporcionalmente.

Quanto às benfeitorias, o número das habitações de alvenaria triplicou nos últimos quinze anos. As de madeira, porém, permaneceram no mesmo nível. As pocilgas de alvenaria ultrapassavam as de madeira e, na mesma proporção, os estábulos. Os galpões ou paióis existiam na maioria das propriedades, embora tenham sido transformado, em boa parte, em armazéns e graneleiros, inclusive com secadores.

Quanto à lavoura agrícola, a produção dominante era a de milho, com a de soja ocupando o segundo lugar e o trigo, bem abaixo, em terceiro. Foi notável a ascensão da produção de mandioca, que serve de matéria prima para cinco indústrias. A produção pecuária foi reativada, com mais da metade dos colonos se dedicando à suinocultura e três quartos, à bovinocultura, inclusive leiteira. Também é boa a presença da avicultura de corte e postura. São freqüentes os açudes para piscicultura e houve o renascimento da apicultura.

Uma grande alteração aconteceu com o número de maquinários, com sensível queda do número de colheitadeiras. Uma em cada seis propriedades eram servidas por estas automotrizes, agora nacionais, e por graneleiras, cada vez mais aperfeiçoadas. Mais da metade dos estabelecimentos rurais tinham ao menos um trator e sete em dez um veículo de passeio e/ou utilitário.

Em relação ao primeiro levantamento, o número de trilhadeiras, trituradores, carroças e arados de tração animal caiu a níveis muito baixos. O número de equipamentos tracionados pelos tratores equivaleram-se ao número de tratores. Surgiram, nesta

época, em matéria de implementos rurais, algumas novidades, como os subsoladores, as semeadeiras/plantadeiras para o plantio direto, os espalhadores de esterco e de calcário. Isto pode ter causado alguns dados equivocados, pois muitos agricultores afirmavam que tinham todos os implementos, sem especificar seus tipos.

Todo este maquinário e equipamentos eram bastante caros. Uma colheitadeira nova tinha um custo equivalente a quase novecentos salários mínimos, mais de setenta anos de serviços para quem ganhasse um salário mínimo por mês; o trator novo tinha um custo equivalente a quinhentos salários mínimos, ou mais de quarenta anos de serviço para quem ganhasse apenas um salário mínimo por mês. Os implementos também seriam inacessíveis a um trabalhador deste nível salarial. (Gráfico nº 28)

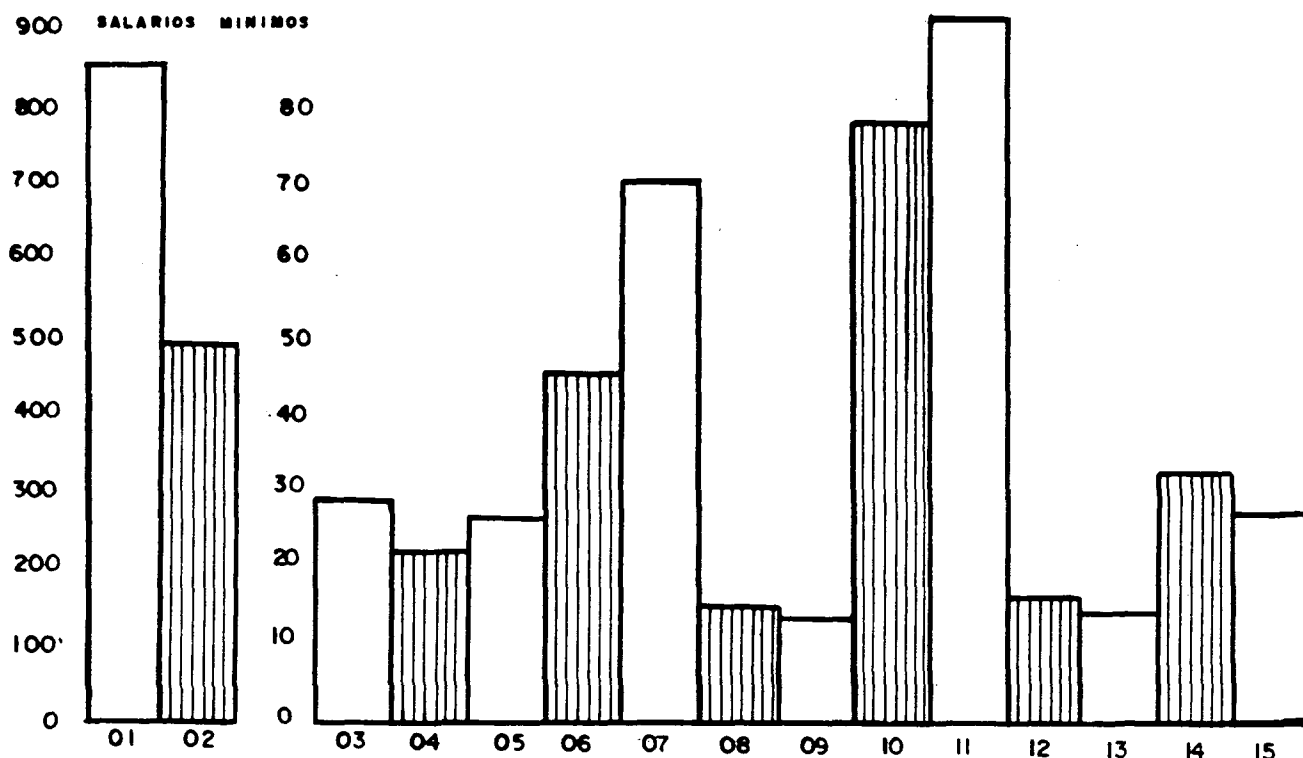
Em 1990, só sete por cento dos associados acusavam débitos em suas fichas cadastrais. As maiores dívidas eram em relação à aquisição de agrotóxicos, com a aquisição de rações e concentrados ficando em segundo lugar. (Gráfico n. 27)

Fazendo um comparativo das fichas cadastrais dos associados de 1976 a 1990, verificou-se que um bom número adquiriu novas terras, mais veículos, mais tratores e implementos, que houve uma melhoria nas suas benfeitorias, construção de casas de alvenaria e eletrificação rural, e que o solo estava mais conservado.

Mesmo assim, o produtor rural continuava a ser um eterno pedinte de um melhor tratamento por parte do governo, pois queriam melhorar ainda mais a disponibilidade de seus recursos e as suas condições econômicas. Toda vez que o governo fixava o preço mínimo dos produtos, os Valores Básicos do Custeio (VBC), os Empréstimos do Governo Federal (EGF) e as Aquisições do Governo Federal (AGF), havia muitas reclamações. A mais constante era devido aos índices do VBC, que consideravam muito baixos. Os termos que mais apareciam nas reclamações em relação ao que era fixado oficialmente eram defasagem, calote, migalhas.

Faziam comparações entre o valor de um trator no início de

COMPARAÇÃO CO MAQUINÁRIO E EQUIPAMENTOS COM O VALOR  
DO SALÁRIO MÍNIMO - 1990



- 01 - COLHEITADEIRAS
- 02 - TRATORES MÉDIOS
- 03 - ARADO DE DISCO
- 04 - GRADE DE DISCO
- 05 - GRADE ARRASTÃO
- 06 - PULVERIZADORES
- 07 - CARRETÕES PARA TRATOR
- 08 - CULTIVADORES
- 09 - DISTRIBUIDORES DE ESTERCO
- 10 - SEMEADEIRAS/PLANTADEIRAS
- 11 - SUBSOLADORES
- 12 - CLASSIFICADORES DE SEMENTES
- 13 - FORRAGEIRAS
- 14 - ENSILADEIRAS
- 15 - ROÇADEIRAS

FONTE: EMPRESAS VENDEDORAS

oitenta, quando equivalia a setecentos sacas de soja, e o valor do trator três anos mais tarde, quando equivalia a dois mil e oitocentos sacos de soja. Comparavam também o preço de seus produtos ao preço de produtos industrializados, como o automóvel. Nestas comparações, julgavam-se sempre prejudicados.

Mas, no geral, pelos levantamentos feitos, a situação sócio-econômica dos associados, e dos produtores em geral, melhorou muito deste mil novecentos e setenta e seis. Se houvesse uma agropecuária em iguais condições a nível nacional, a fisionomia do Brasil seria bem diferente.

Não existe um levantamento confiável quanto à parte religiosa, mas, pelo número de templos existentes, supõe-se que a grande maioria é protestante. Estão muito presentes conceitos como "tempo é dinheiro", "o crédito é tudo", "o cuidadoso e o honesto tem mais crédito", "a mendicância é o pecado da preguiça", "a pobreza não glorifica a Deus" e "a agricultura é importante e propicia a fé". Existe também um grande zelo por parte dos agropecuaristas na manutenção de sua propriedade<sup>5</sup>.

A nova tecnologia e o inconveniente uso de agrotóxicos causaram enormes danos à natureza local, principalmente devido ao uso de inseticidas e herbicidas, já proibidos há longo tempo em outros países. Todas as águas de fontes e poços estavam contaminadas. Muitos córregos, além dos nocivos elementos químicos, recebiam, devido ao processo de erosão, grande quantidade de terra, o que acabou por os aterrar. Era alta a taxa de intoxicações, que chegaram, inclusive, a provocar muitas mortes. Algumas providências foram tomadas, como a exigência do receituário agrônomo para a aquisição de insumos, a construção de abastecedouros comunitários pelo poder público municipal e a implantação das microbacias, que, a longo prazo, remediarão este problema. Mesmo assim, o Brasil

---

<sup>5</sup> WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo : Livraria Pioneria, Edit 1985. p.55

ainda é o líder mundial em utilização de agrotóxicos. (Quadro nº 05)

A situação que se formou no meio rural na década de noventa foi esta: os pequenos produtores tornaram-se dependentes dos grandes produtores rurais, principalmente dos maquinários e implementos destes, indispensáveis para as várias etapas da produção, e a agricultura tradicional, baseada na pequena propriedade, na mão-de-obra familiar e na produção de subsistência, deu lugar a uma agricultura que privilegia os grandes investimentos, os grandes lucros, o trabalho assalariado e uma produção voltada para o mercado externo e não para o mercado interno.

O rendimento das colheitas, comparado ao salário mínimo e ao valor das máquinas e implementos, decresceu enormemente da década de setenta para a de noventa, demonstrando que os grandes beneficiados com a modernização da agricultura não foram os agricultores, mas sim a indústria de máquinas e equipamentos agropecuários, o capital internacional e as entidades financeiras.



**QUADRO Nº 04**  
**QUADRO EVOLUTIVO DA PRODUÇÃO**  
**DA COPAGRIL**

ANO	ALGODÃO (toneladas)	ARROZ (toneladas)	MILHO (toneladas)	SOJA (toneladas)	TRIGO (toneladas)	SORGO (toneladas)
1970	-	-	-	-	-	-
1971	-	0,03	1.986	7.242	7.499	-
1972	-	0,06	12.750	25.560	5.718	-
1973	-	12,17	13.620	46.680	30.547	38,62
1974	-	0,37	22.098	73.200	73.920	0,23
1975	-	0,22	11.872	115.439	23.241	-
1976	-	1,38	14.435	141.951	72.660	-
1977	-	0,75	19.748	109.449	90.463	-
1978	-	0,25	102	50.989	70.911	-
1979	-	0,06	7.475	39.653	74.326	-
1980	-	2,16	11.867	90.631	69.927	-
1981	182	1,17	26.518	126.399	35.902	0,90
1982	425	0,47	48.714	93.165	41.662	3,52
1983	3.278	0,54	49.523	92.755	26.755	8,51
1984	2.383	0,05	60.211	84.986	26.604	8,72
1985	10.545	0,48	94.112	79.466	64.412	5,95
1986	3.944	422,00	88.359	12.632	55.105	8,31
1987	5.054	686,00	116.271	60.388	112.451	5,25
1988	14.562	0,34	49.958	86.334	93.620	0,45
1989	13.403	0,55	47.488	90.749	106.059	0,82
1990	15.892	0,96	37.832	92.006	27.158	4,24

FONTE: RELATÓRIOS DA DIRETORIA DA COPAGRIL - 1970-1990

## QUADRO Nº 05

EVOLUÇÃO DA COMERCIALIZAÇÃO DE INSUMOS  
DA COPAGRIL

ANO	FERTILIZANTES (toneladas)	SEMENTES (toneladas)	CALCÁRIO (toneladas)	INSETICIDA (toneladas)	TOTAL MOV.
1970	-	-	-	-	-
1971	2.250	800	-	-	22 *
1972	4.725	4.500	-	-	59
1973	7.800	6.325	-	204	114
1974	5.715	6.665	-	504	201
1975	12.232	11.177	-	657	189
1976	18.681	17.000	-	966	280
1977	23.513	22.476	-	1.054	279
1978	18.077	40.580	-	663	186
1979	6.103	6.570	-	479	238
1980	10.172	18.946	-	295	237
1981	8.081	12.451	-	183	225
1982	4.375	12.296	-	247	236
1983	4.414	8.340	-	215	235
1984	3.811	9.240	-	197	234
1985	6.964	10.836	-	290	218
1986	11.037	12.090	1,5	228	286
1987	14.709	15.102	6	296	384
1988	16.053	14.914	12	234	334
1989	11.757	12.042	4,5	176	358
1990	12.114	12.642	8	129	263

\* mil toneladas

FONTE: RELATÓRIOS DA DIRETORIA DA COPAGRIL - 1970-1990

## CONCLUSÃO

O cooperativismo não deve ser um fim em si mesmo, mas um meio para o aprimoramento da comercialização, do consumo, da assistência, da ajuda mútua e da solidariedade entre os seus membros. Está longe de ser a panacéia de todos os males, mas é um movimento que pode evoluir, dinamizar-se e se aperfeiçoar.

O cooperativismo deve visar ao bem do homem, da pessoa humana. Isto inclui o associado, o funcionário, o consumidor e a sociedade em geral. Não deve ter apenas no seu discurso que é o símbolo da justiça social, da distribuição de renda e da cooperação, mas deve realizar este intento de maneira prática. Igualmente não deve ter a pretensão de ser a terceira via, entre o liberalismo econômico e o totalismo ou estatismo. O cooperativismo sempre vai ser o que se faz dele, podendo servir tanto a bons quanto a maus fins.

Os mecanismos de controle social e de dominação são tão sutilmente usados, que a maioria das pessoas não os percebe. Exemplos concretos desses mecanismos são a divisão fundiária em grandes propriedades e o gigantismo das cooperativas agropecuárias. O primeiro favorece o controle e a manipulação dos setor agrícola, uma vez que poucos proprietários respondem pela grande parte da produção. Se, ao contrário, fossem um grande número de pequenas e médias propriedades, que se articulassem na produção e na comercialização, as dificuldades de controle seriam maiores ou até impossíveis. O último confirma este controle e esta dominação no setor agrícola, pois como as cooperativas existem em pequeno número,

a exemplo do que acontece no Paraná, e possuem um grande número de membros, são mais fáceis de controlar, permitindo também um amplo controle dos seus associados.

A grande diferença entre os salários do quadro funcional das cooperativas faz com que, neste ponto ao menos, estas sociedades se igualem às empresas comerciais. Não existe a participação do funcionário na distribuição dos excedentes ou dos lucros nem nas cooperativa e nem nas empresas comerciais, embora seja o trabalho a grande fonte da riqueza. Uma melhor adequação do capital ao trabalho deveria ser uma das metas do cooperativismo, uma vez que este é apregoado como um movimento humanístico.

Para muitos teóricos, a doutrina que sustenta a idéia cooperativista no Brasil é conservadora, principalmente pelo fato de que ela se baseia nos princípios dos Pioneiros de Rochdale. Mas estes pioneiros, que puseram em prática a primeira sociedade cooperativa, tiveram idéias muito progressistas, avançadas até para a época atual.

Estes teóricos afirmam ainda que foi inadequado o traslado do modelo da cooperativa dos Pioneiros de Rochdale para as cooperativas agropecuárias brasileiras, isto porque pensam que a cooperativa destes pioneiros estava voltada apenas para o consumo. Esta afirmação também não tem muito fundamento porque estes pioneiros não tinham nos seus planos apenas o consumo, mas também a produção industrial, a solução habitacional de seus membros e o suprimento agrícola.

Porém, a acusação de que as cooperativas agropecuárias preferem destinar a sua produção para exportação do que suprir o mercado interno é procedente. Na região Oeste, por exemplo, foi notável o aumento da produtividade de produtos para a exportação, como o soja, ou substituição das importações, como o trigo, em detrimento de produtos que diariamente são consumidos pela população, como, por exemplo, o feijão. A falha, porém, está na orientação da política econômica oficial. O produtor rural projeta a sua pro-

dução para os produtos que têm melhor preço e que têm financiamento para o custeio da produção. Se os financiamentos dos custeios deixassem de ser vinculados apenas à produção de soja e de trigo, certamente a produção de alimentos que suprem o mercado interno cresceria.

Alguns vícios das cooperativas, como o gigantismo, possivelmente serão difíceis de corrigir. Mas outros, como a gestão democrática dentro das grandes cooperativas, pode ser solucionado com uma maior conscientização. O grande número de associados torna difícil a representatividade, mas esta poderia ser restabelecida por um sistema de representação proporcional feita através de delegados.

Uma indagação que se faz sobre as cooperativas paranaenses é esta: será que a ausência das cooperativas de produção agropecuária iria impossibilitar a modernização da agricultura? A resposta é não. Tal fato iria acontecer de qualquer maneira porque havia vontade política para este fim e porque o financiamento externo dava condições para que isto acontecesse. Mas o cooperativismo facilitou todo este processo, uma vez que eliminou a atuação dos intermediários, aumentou a capacidade de armazenamento, consolidou a assistência técnica agropecuária e repassou financiamentos para os produtores rurais.

Já nos fins da década de setenta, as cooperativas foram as grandes responsáveis pela contratação dos serviços de agrônomos, veterinários, técnicos agrícolas e outras especialistas na área agrícola para orientarem os seus departamentos agrícolas e pecuários. Assim, nos seus relatórios, são citados dezenas de milhares de atendimentos aos seus associados. Desta maneira, foi se implantando a conservação dos solos, a rotação de culturas, a adubação orgânica, a análise de solos, a dosagem de fertilizantes, a germinação de sementes, o combate mais eficiente a doenças e pragas e com menos prejuízos à saúde e, por fim, o aumento da produtividade.

As cooperativas deram condições, principalmente pelo incentivo da diversificação de atividades, como a pecuária leiteira, avicultura, suinocultura, sericicultura e agroindustrialização, para a sobrevivência da pequena propriedade, porque a monocultura certamente iria transformar a região em grandes latifúndios.

O cooperativismo na região do Extremo-Oeste vem ao encontro do materialismo dialético que afirma que tem valor não o sentimento ou a razão, mas o resultado prático. Embora este resultado, no caso das cooperativas do Oeste do Paraná, seja discutível - sob o prisma de alguns foi benéfico e sob o prisma de outros, nefasto -, não se pode negar que está delineado ao longo do seu transcurso.

As principais conseqüências da modernização da agricultura, incentivada pelas cooperativas, na região Oeste foram: a implantação de uma agricultura dependente do mercado externo e do sistema financeiro, o surgimento de um grande desnível sócio-econômico entre os associados das cooperativas e demais agricultores (de um lado, estão os que têm várias propriedades, que mantêm vários trabalhadores assalariados e que têm maleabilidade para conseguir o custeio e o financiamento de sua produção; de outro, existem aqueles que só têm uma propriedade, cuja mão-de-obra é a família, e que não têm conseguido condições técnicas e econômicas para um bom desenvolvimento) e a dependência dos pequenos lavradores da prestação de serviços dos grandes, proprietários de máquinas e equipamentos, indispensáveis na agricultura moderna.

Um grande problema enfrentado pelos produtores rurais é a enorme rapidez com que os problemas financeiros sobrevêm em atividades que, a princípio, se mostravam rentáveis. Isto acontece porque os produtores não conseguem ter uma noção exata do resultado dos seus investimentos que, muitas vezes, são altos, principalmente quando é iniciada uma nova atividade.

Ao longo deste estudo, se verificou que o poder público sempre tem certa letargia no atendimento aos produtores rurais.

Estava sempre presente a apreensão destes produtores quanto à liberação do custeio para o plantio e para as diversas etapas até a colheita. Também a demora na liberação dos recursos para a comercialização da safra (AGF e EGF) tem feito com que o colono venda o seu produto por valores muito aquém do que foi fixado como mínimo pelo governo federal.

Como atuação positiva, a COPAGRIL foi fator determinante na modernidade do setor agropecuário, no proporcionamento aos moradores de Marechal Cândido Rondon de um melhor desenvolvimento sócio-econômico, de melhores condições de vida, de maior integração e de maior conscientização entre os associados e na ampliação das atividades da agricultura.

A atuação da cooperativa nas diversas áreas não diretamente ligadas ao setor de produção agropecuária favoreceu aos seus associados e à comunidade em geral uma maior participação social e a aprendizagem de novas técnicas para melhor utilização de suas potencialidades domésticas, através da realização de cursos e de atividades diversas.

Este trabalho apresentou resultados positivos quanto às respostas das hipóteses, que foram confirmadas na sua totalidade quanto à profunda diferenciação sócio-econômica entre os agricultores e também quanto à imposição aos produtores rurais da submissão ao mercado externo e ao sistema financeiro.

O cooperativismo não tem encontrado a ressonância merecida e nem a aplicação desejada, mas tem todas as condições teóricas e filosóficas para que este sistema possa ser usado não só no setor agropecuário como nas demais atividades econômicas.

## SUMMARY

The region of Extreme West of Paraná are colonized across small and middle propriety. In the first twop decend practised a tradional agricultrua and zwineculture. The appearing of the co-operative associaton of society are transformad the relation of trade and the production in the country sector. Had a duration of time of the before co-operative sitem. The firste modern mutual company are the Pioner of Rochdale. After, are formed the doctrine of mutual companu founded in help and solidarity. This model of organization are present in al continents. The co-operative association of integral prodution who are prominence are the kibbutz, ejidos and kolkhoses. In Brasil, this moviment taked impulsio with the european immigration. Had stage much distinguised. Had excessive intervention of the State, At present are in the trail of the auto-management. The mutual society of Paraná had on peridiocition similyrty on the production of the epoch. Were divided the atuation of the same in distinet project and restricted the atuation of everu on in the are of perfomenance. The Southwest and West of Paraná understand the Iguacu Projecto of Co-perative. In this context ist enclosed the Coperativa Agrícola Mista Rondon Ltda. Had little members in the foundation and the majority were not husbandmen or farmer of trade. The first administration seeked to give infra-structure phisical for the undertaking. The second, began with godd expectanxy, but went in great financial difficultu. The trhird, had the work to recuperate the credibility. For last, are consolidated the society. The modernization of the agriculture had consequence ominous in this beginnigg. Most late, had the recuperation of the general cultivation. The Copagril had onde great expansion what your associate. The aplication of the principle of co-operative society had good luck and turning away. The members of the mutual society were single colonist, are transformed in country manager.



## GLOSSÁRIO

**ADUBAÇÃO VERDE:** espécies de plantas cultivadas para incorporação no solo, durante o estágio de floração.

**ADUBOS ORGÂNICOS:** Adubos provenientes de resíduos orgânicos fermentados ou parcialmente desintegrados da sua forma original em restos orgânicos mais simples.

**AGRICULTURA ALTERNATIVA:** Conceito amplo de métodos não convencionais para a produção de culturas alimentícias.

**AGRICULTURA BIODINÂMICA:** Uso de produtos dinamizadores no desenvolvimento das plantas, além de ser também uma agricultura orgânica.

**AGRICULTURA MODERNA:** Diz-se da agricultura que utiliza os insumos químicos sintéticos, as sementes híbridas e capital intensivo para o aprimoramento da produção estabelecimento de culturas.

**AGRICULTURA ORGÂNICA:** Produção orgânica de produtos, sem uso de qualquer insumo químico sintetizado e/ou industrializado.

**AGRICULTURA PRIMITIVA:** Agricultura que não utiliza instrumentos e equipamentos, extrativa, com preparo do solo feito com a utilização do fogo. Praticada pelo indígenas.

**AGRICULTURA TRADICIONAL:** Agricultura de subsistência, de baixo custo, que, no entanto, também pode ser utilizada para produzir culturas modernas.

**ALQUEIRE:** Medida de área equivalente a vinte e quatro mil e duzentos metros quadrados. O mesmo que alqueire paulista.

**AGROTÓXICOS:** Venenos diversos, como inseticidas, fungicidas e herbicidas para controlar pragas, combater doenças e eliminar ervas daninhas.

**ANÁLISE DE SOLO:** Análise laboratorial de amostras de solos para determinar o grau de nutrientes químicos, teor de matéria orgânica e acidez do solo.

**ASSISTÊNCIA TÉCNICA:** Trabalhos desenvolvidos por técnicos, agrônomos e veterinários junto aos produtores rurais, visando orientá-los para o aumento da produtividade, conservação do solo e manutenção do meio ambiente.

**ASSOCIADO:** Pessoa que é sócia em uma cooperativa, que possui quota-parte de uma sociedade de ajuda mútua.

**CHÁCARA:** Pequena propriedade que se localiza na região suburbana, utilizada para a produção de alimentos para suprir o meio urbano. Geralmente possui de um a

dois alqueires de extensão.

**COIVARA:** Método empregado pelos indígenas, com derrubada e queimada da mata, e que traz grandes prejuízos para os solos. Foi adotado pela maioria dos produtores rurais.

**COLÔNIA:** Propriedade pequena, típica de imigrantes, que possui dez alqueires, sendo utilizada para a agricultura de subsistência, agricultura comercial e pecuária.

**COOPERADO:** Designação do associado de uma cooperativa, usada nas publicações das organizações de ajuda mútua.

**COOPERATIVA:** Uma sociedade de ajuda mútua, que visa à cooperação e à solidariedade entre seus membros. Uma organização voluntária e democrática que não visa lucros. É uma sociedade de pessoas, em que cada membro tem direito a um voto, independente do valor da quota-parte. Dedicase a prestar serviços aos seus associados. Quando mista, explora vários ramos de atividades.

**COOPERATIVA CENTRAL:** Formada por várias cooperativas para prestar serviços específicos. É a cooperativa das cooperativas.

**CURVAS DE NÍVEL:** Linhas que seguem a mestra de cota de altitude, que apresentam curvas quando acompanham o relevo de uma área.

**DEFENSIVOS AGRÍCOLAS:** O mesmo que agrotóxicos. Termo usado na propaganda pelos fornecedores para tentar disfarçar os seus efeitos.

**FEDERAÇÃO:** A união de várias centrais e cooperativas singulares de um determinado ramo de atividade.

**HECTARE:** Área de terra equivalente a dez mil metros quadrados.

**LEIRA:** Linhas amontoadas com terra, palhas e madeiras, toras, galhos e raízes.

**MICROBACIA:** Todo o relevo que converge para um mesmo curso de água, considerando-se que as águas de chuvas afluem da parte mais alta (espigão) para os cursos de água.

**MURUNDUNS:** Terraços feitos com tratores de esteiras, com altura de até dois metros. Contruídos para barrar o escoamento de água pluvial pela superfície do solo.

**PACOTE DE INSUMOS:** é uma tecnologia previamente estabelecida para a melhoria da produção que, teoricamente, necessita de diversos insumos como agrotóxicos, adubos e máquinas e equipamentos.

**PLANTIO DIRETO:** Plantio de culturas numa área sem aração ou gradagem, sobre o solo coberto pela palha da cultura anterior.

**REVOLUÇÃO VERDE:** Pacote tecnológico produzido principalmente pelos países desenvolvidos com o objetivo de aumentar a produtividade com a utilização de insumos quí-

nicos, sementes aperfeiçoadas em laboratórios e equipamentos modernos.

**ROTAÇÃO DE CULTURAS:** Alteração do plantio de culturas na mesma área agrícola. Espécies de uma mesma família só podem ser plantadas na mesma área a cada quatro ciclos.

**SEMENTES HÍBRIDAS:** Sementes produzidas artificialmente pelo cruzamento entre diversas linhagens de uma mesma espécie e que concentram as melhores características de cada uma delas.

**SEMENTES SELECIONADAS:** Sementes de variedades selecionadas devido a características de alta qualidade ou produtividade.

## FONTES DE PESQUISA

### COOPERATIVA AGRÍCOLA MISTA RONDON LTDA - COPAGRIL

- Estatutos da Cooperativa;
- Livros de atas de assembléias gerais ordinárias e extraordinárias. 1970-1990
- Livros de atas das reuniões de diretoria e do Conselho de Administração.
- Fichas cadastrais dos associados. 1970-1976; 1988-1990.
- Relatórios anuais das diretorias. 1970-1990
- Balanços Gerais. 1970-1990
- Fichas de entregas da produção. 1988-1990
- Listas de sócios desligados. 1970-1990
- Listas de classificação de associados.
- Listas das propriedades rurais dos associados.
- Cadastros da Copagril.
- Jornal Informativo Copagril. 1977-1990

### UNIOESTE/FACIMAR

- Entrevistas do Projeto Memória.

GERKE, Arno. A situação dos associados da Copagril. Pesquisa. Entrevistas com, produtores rurais, dirigentes e ex-dirigentes.

## EMATER/ACARPA - Curitiba

- Banco de Dados das Cooperativas. 1976-1990

INSTITUTO DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - Curitiba. Arquivo da documentação das cooperativas de Produção/ Grupo Cooperativismo. 1970- 1990

JUNTA COMERCIAL DO PARANÁ - Curitiba. Livros de registros de cooperativas. Fiscalização de armazenamento.

SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA E ABASTECIMENTO. Curitiba. Relatório da Produção Agropecuária.

## INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - Curitiba

- Censo agropecuário de 1920-1985
- Censo da população - 1920-1990

## IPARDES

- Listagem da produção agropecuária, a participação da comercialização das cooperativas.

## INDUSTRIAL MADEIREIRA COLONIZADORA RIO PARANÁ S.A. - MARIPÁ

- Estatuto da Empresa
- Mapa da divisão da Fazenda Britânia

## COMPANHIA DE MADERAS DEL ALTO PARANÁ

- Estatuto da empresa
- Mapa da Fazenda Britânia

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Obras Citadas:

- 1 - ARAÚJO, Sílvia Maria Pereira de. Eles: a cooperativa. Curitiba : Editora Projeto. 1982
- 2 - AZEVEDO, Aroldo de. As regiões Brasileias. São Paulo : Editora Nacional. 1968
- 3 - BAGGIO, Adelar Francisco. Elementos de Cooperativismo e Administração Rural. Cascavel : Assoeste, 1984.
- 4 - BESSELAAR, José van den. Introdução aos estudos históricos. São Paulo : E.P.U. EDUSP, 1974.
- 5 - BLANSCKY, Teutônio A. Paraná Geográfico e Histórico. Curitiba : Arco íris. s.d.
- 6 - BORTOLI, Geccur Clovis de. História das cooperativas do Paraná. Curitiba : EMATER/ACARPA, 1984.
- 7 - BRUM, Argemiro J. O desenvolvimento econômico brasileiro. Petrópolis-RJ : Vozes, 1982.
- 8 - CARDOSO, Jayme Antônio & WESPHALEN, Cecília M. Atlas Histórico do Paraná. Curitiba : UFPR. s.d.
- 9 - CARNEIRO, Palmyos Paixão. Cooperativismo. Belo Horizonte : FUNDEC. 1984.
- 10 - COAMO. Está entre as maiores empresas. Estado do Paraná. Curitiba : 23.11.91 p. 14
- 11 - COCAMAR. Funcionários de Cooperativa param. Estado do Paraná. Curitiba : 09.04.91. p.16
- 12 - ———. Novagéssima segunda maior empresa do Brasil. Estado do Paraná : 15.09.91 p.31
- 13 - CERNECK, Nilo Urbano. A história e a evolução da COPACOL. São Paulo : Monografia USP, 1986.
- 14 - CONTADOR, Cláudio Roberto. Tecnologia e desenvolvimento agrícola. Rio de Janeiro : LPEA. 1973
- 15 - DADOS HISTÓRICOS DA COPAGRIL. Mimeografado. Marechal Cândido Rondon : s.d.
- 16 - DENARDI, Reni Antônio. O papel das cooperativas do PIC. Curitiba : DESER. 1991.



- 17 - DESCHAMPS, Luiz Henrique. O relacionamento da COPAGRIL com seus associados. Marechal Cândido Rondon : Monografia. UNIOESTE/FACIMAR. 1991.
- 18 - DOCUMENTÁRIO DA COLONIZAÇÃO SUÁBIA. Entre Rios. Guarapuava : 1982.
- 19 - DORFMUND, Luiza F. Geografia e História do Paraná. São Paulo : Ed. Brasil. 1963.
- 20 - ELFES, Alberto. Estudo da colonização dos Campos Gerais. Curitiba : Mimeografado. 1968.
- 21 - ———. Estudos agrô-econômicos e sociais. Rio de Janeiro : INDA. 1970.
- 22 - ESTATUTO DA TERRA. Lei nº 4504. Brasília : 30.11.1964.
- 23 - FERRINHO, Homero. As cooperativas e o desenvolvimento rural. São Paulo : Editora Clássica. 1976.
- 24 - FRANCO, Arthur Martins. Recordações de viagens ao Alto Paraná. Curitiba : UFPR. 1975.
- 25 - FRANK, Wolfgang. Las cooperativas en América Latina. México, Zagagoza : Feder. Nacional de Cooperativas na España. 1975.
- 26 - COOPERATIVA CONSEGUE FATO INÉDITO. Estado do Paraná. Curitiba : 02.10.91 p. 15.
- 27 - FURTADO, Celso. Análise do Modelo Brasileiro. 82.ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira. 1986.
- 28 - ———. O Brasil "Pós-Milagre". Rio de Janeiro : Paz e Terra. 1981.
- 29 - ———. Formação Econômica do Brasil. São Paulo : Nacional, 1974.
- 30 - ———. Um Projeto para o Brasil. Rio de Janeiro : Saga, 1968.
- 31 - GANCHO, Cândida Vilarés & Outros. A posse da Terra. São Paulo : Editora Ática. 1991.
- 32 - GAYOTTO, Adelaide M. Formação Prática de Cooperativas e Participação. São Paulo : DAC, 1974.
- 33 - GERMER, Claus M. O progresso técnico na agricultura do Paraná. O caso soja. Curitiba : s.ed. 1981.
- 34 - GUNTELMANN, Michel. A agricultura socializada em Cuba. Lisboa : Editora Prelo. 1963.
- 35 - ILINE, S & MOTILIOV, J. ABC dos Conhecimentos sociais e políticos. Rio de Janeiro : Editora Progresso. 1986.
- 36 - ILHA, Paulo César da Silva. Cooperativismo. Conhecimento para sua prática. Marechal Cândido Rondon : COPAGRIL. 1989.
- 37 - ———. Modelos organizacionais de Cooperativas. Marechal Cândido Rondon : Monografia, UNIOESTE/FACIMAR. 1991.
- 38 - INOUE, G. T. CAC. O Cooperativismo que deu certo. São Paulo : CAC. 1982.

- 39 - KOOJ, Hendrik Adrianus. Carambei. Setenta cinco anos. Castro: BATAVO. 1987.
- 40 - KOSLOVSKI, J.P. As Cooperativas do Paraná. Curitiba : OCEPAR, 1981
- 41 - KROETZ, Lando Rogério. As estradas de Ferro do Paraná. 1880 - 1940. São Paulo : Tese de Doutorado. USP. 1985.
- 42 - LEVENE, Ricardo. História das Américas. São Paulo : Editora Brasileira. 1965.
- 43 - LUGON, Clóvis. A república "Comunista Cristã" dos Guaranis. São Paulo: Paz e Terra. 1976.
- 44 - LUZ Filho, Fábio. As cooperativas e os problemas da terra. Rio de Janeiro : Meslo. 1962.
- 45 - ———. Teoria e Prática das sociedades cooperativas. Rio de Janeiro : Pongetti. 1961.
- 46 - MANTEGA, Guido. A economia política brasileira. Petrópolis-RJ : Editora Vozes, 1987.
- 47 - MERCEDES BENZ. SLC. Tecnologia na Colheita. São Paulo : 1992. nq 25.
- 48 - MERGENER, Valmor. A história da COFAGRIL. Marechal Cândido Rondon : Monografia UNIOESTE/FACIMAR. 1991.
- 49 - MORUS, Thomas. A Utopia. Rio de Janeiro : Tecnoprint. s.d.
- 50 - MOURA, Margarida Maria. Componesses. São Paulo : Editora Ática. 1986.
- 51 - NIEDERHAUER, Ondy Hélio. Assim começou Toledo. Maripá um exemplo de Reforma Agrária. Toledo : No Prelo. 1991.
- 52 - ———. O plano de colonização da Maripá. Toledo : Mimeografado. s.d.
- 53 - OBERG, Kalervo & JABINE, Thomaz. Toledo: um município da Fronteira Oeste do Paraná. Rio de Janeiro : Edições SSP. 1962
- 54 - NORONHA, Adolfo V. e outros. O Cooperativismo. São Paulo : Faculdade Integrada de Guarulhos. 1981.
- 55 - ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO BRASIL. O que é, o que faz e o que pode fazer. O Cooperativismo no Brasil. Brasília : OCB. 1988.
- 56 - OCEPAR. Cooperativismo e Agroindústria. Curitiba : OCEPAR. 1991.
- 57 - ———. Cooperativismo do Paraná. Curitiba : OCEPAR. 1990.
- 58 - ———. História do Cooperativismo do Paraná. Curitiba : OCEPAR. 1990
- 59 - ———. Série Cooperativismo. Propostas Cooperativistas.
- 60 - PADIZ, Pedro Calil. A formação de uma economia periférica. O Caso do Paraná. São Paulo : Hucitec. 1981.

- 61 - PARANÁ, COOPERATIVISMO AVANÇADO. \_ Estado do Paraná. Curitiba : 09.12.84 p. 17
- 62 - PARANÁ, Governo. Atlas do Estado do Paraná. Curitiba : Imprensa Oficial, 1987.
- 63 - FAWELKE, Joachim. Ficando rico no Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon : s.ed. 1970
- 64 - PERIUS, Virgílio. Problemas Estruturais do Cooperativismo. Porto Alegre : Cia Riograndense de Artes Gráficas. 1983.
- 65 - OLIVEIRA, Nestor Braz de. O cooperativismo. Guia Prático. Porto Alegre : FERH, 1979.
- 66 - PIMENTEL, Renato. Princípios Cooperativistas. Brasília : IN-CRA. 1971
- 67 - PINHO, Diva B. Doutrina Cooperativista nos regimes capitalista e socialista. 2a.ed. São Paulo : Livraria Pioneira. 19. 1976.
- 68 - ----. Dicionário de Cooperativismo. São Paulo : Gráfica da USP. 1962.
- 69 - ----. Que é cooperativismo. São Paulo : DCB, 1976
- 70 - PRADO Junior, Caio. Formação do Brasil Contemporâneo. 18a ed. São Paulo : Brasiliense, 1983.
- 71 - ----. História Econômica do Brasil. São Paulo : Brasiliense, 1959.
- 72 - ----. A questão Agrária. São Paulo : Brasiliense, 1979.
- 73 - ----. A revolução Brasileira. São Paulo : Brasiliense, 1968.
- 74 - PREUSS, Walter. El Cooperativismo en Israel e en el Mundo. Madri : Centro de estudo Cooperativismo e Trabalho. 1981.
- 75 - RICKEN, José Roberto. O Universo das cooperativas. Curitiba : OCEPAR. 1991
- 76 - RIOS, Givaldo Sá Leitão. O que é cooperativismo. São Paulo. Brasiliense. 1989.
- 77 - RODRIGUES, Laerte P. Cooperativismo. Análise do PIC. Curitiba : EMATER/ACARPA. 1976.
- 78 - SAATKAMP, Venilda. Desafios, lutas e conquistas. História de Marechal Cândido Rondon. Marechal Cândido Rondon : ASSOESTE, 1985.
- 79 - SERRA, Elpídio. As contradições entre a teoria e prática cooperativista. Maringá -PR - UEM : 1985.
- 80 - SILVA, Oscar e outros. Toledo e sua história. Caxias do Sul : Gráfica da Universidade. 1988.
- 81 - SUPERMERCADO DO PARANÁ INTEGRAM O RANKING NACIONAL. Gazeta do Povo. Curitiba : 09.07.1991. p. 42
- 82 - URSS. Governo de Excessão. Estado do Paraná : Curitiba.
- 83 - WACHOVICZ, Ruy C. História do Paraná. Curitiba : Editora

Gráfica Vicentina. 1988.

- 84 -           . Obrages, Mensus e Colonos. Curitiba : Editora Gráfica Vicentina 82.
- 85 - WEBER, Max. â ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo : Livraria Pioneira Editora. 1985.
- 86 - WESPHALEN, Cecília M. & BALHANA, Altiva Pilatti. Nota Prévia da expansão agrícola do Paraná moderno. Boletim nº 07 do Departamento de História da UFPR. 1977.
- 87 - WONS, Laroslaw. Geografia do Paraná. Curitiba : Ensino Renovado. 1978.

#### BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 - AGUDO, J. Dias. Cooperação e cooperadores. Lisboa : Livros Horizonte. 1980
- 2 - ALBUQUERQUE, J. Arruda de. Cartilha de Cooperativismo. Rio de Janeiro : Ministério da Agricultura. 1965.
- 3 - BANDECHI, Brasil. Origem do latifúndio no Brasil. São Paulo : Editora Obelisco. s.d.
- 4 - BENEVIDES, Cezar. Camponeses em marcha. Curitiba : Dissertação. UFPR. 1986.
- 5 - BORNSTEIN, Claudio Thomaz. A reforma agrária na Nicarágua. São Paulo : Editora Brasileira. 1982.
- 6 - BENECKE, Dieter. Cooperação e desenvolvimento. Porto Alegre : Assocene. 1980
- 7 - BRASIL, Ministério da Agricultura. ABC do cooperativismo. INCRA. 1978.
- 8 - BRAUDEL. Derrand. A dinâmica do Capitalismo.
- 9 - BUENO, Ricardo. Por que faltam alimentos no Brasil? Petrópolis - RJ : Editora Vozes, 1986.
- 10 - CAMARGO, Lenita Correa. Cooperação e cooperativismo. São Paulo : USP. 1960
- 11 - CARDOSO, Ciro Flamarion S. Uma introdução à história. São Paulo : Brasiliense. 1982.
- 12 - COPAGRIL. Dados história da COFAGEIL. Marechal Cândido Rondon : Mimeografado s.d.
- 13 - CORREIA, Sérvulo. Cooperação, cooperativismo e doutrina cooperativista. Rio de Janeiro : Estudos sociais e cooperação 1975.
- 14 - COLODEL, José A. Obrages e companhias de colonizações. Cascavel : Assoeste. 1988.
- 15 - COSTA, Fernando Ferreira. As cooperativas e a economia social. Lisboa : Livros Horizonte, 1984.
- 16 - DAC. Dez lições da cooperação. São Paulo : DAC. 1968.
- 17 - DINIZ, Eli. Empresário, Estado e capitalismo. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.
- 18 - DOWBOR, Ladislau. A formação do capitalismo dependente. São Paulo : Brasiliense. 1982.

- 19 - FAORO, Raymundo. Os donos do poder. Porto Alegre : Editora Globo, 1959.
- 20 - FIGUEIREDO, Lima. Oeste do Paraná. São Paulo : Cia. Editora Nacional. 1937
- 21 - FLEISCHFRESSER, Vanessa. Modernização tecnológica da Agricultura. Curitiba : Livraria Chain Editora, 1988.
- 22 - FLEURY, Maria Teresa Leme. Cooperativas Agrícolas e Capitalismo no Brasil. São Paulo : Editora Global, 1983.
- 23 - FRANKE, Walmor. Contribuição ao cooperativismo. Brasília : INCRA. 1978.
- 24 - GREGORY, Valdir. Capitalismo, latifúndio e migrações. Porto Alegre : Dissertação PUC-RS 1988.
- 25 - GUIMARÃES, Alberto Passos. A crise Agrária. São Paulo : Editora Paz e Terra, 1979.
- 26 - ———. Quatro séculos de latifúndio. São Paulo : Editora Paz e Terra. 1981.
- 27 - HAMMOND, J. R. Integração: política cooperativa unificada, controle democrático e educação. São Paulo : DAC. s.d.
- 28 - HAWLEY, Pius. Dez lições básicas da cooperação. Curitiba : DAC. 1968.
- 29 - GANCHO, Cândida Vilares e outros. A posse da terra. São Paulo : Editora Ática, 1991.
- 30 - HUNT, E. K. & SHERMANN, H.J. História do pensamento econômico. Petrópolis : RJ/Vozes, 1982.
- 31 - IANNI, Octávio. Ditadura e Agricultura. São Paulo : Civilização Brasileira. 1979.
- 32 - ———. A luta pela terra. Petrópolis-RJ : Vozes, 1978.
- 33 - JAGUARIBE, Hélio. Alternativas do Brasil. Rio de Janeiro : Editora José Olímpio, 1989.
- 34 - JOHNSTON, Bruce & KILBY, Peter. A agricultura e transformação estrutural. Rio de Janeiro : Zahar, Editores, 1970.
- 35 - LECLERC, Yvez. Teorias de Estado. Lisboa : Edições Setenta. 1977.
- 36 - LIMA, Marcos Augusto Texeira de. O Cooperativismo Paranaense. Curitiba : DAC, 1988.
- 37 - MARCHIONE, Giuseppe. Cooperativismo. IV Concurso Paranaense sobre cooperativismo. Curitiba : OCEPAR. s.d.
- 38 - MARTINS, Romário e outros. História do Paraná. Curitiba.
- 39 - MARX, Karl. O Capital. Crítica da Economia Política. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1968.
- 40 - ———. A origem do capital. Curitiba : Edições Guaira Ltda, s.d.

- 41 - MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Rio de Janeiro : Zahar, 1965.
- 42 - MAURER, Junior, Theodor Henrique. O cooperativismo: uma economia humana. São Paulo : Editora Cortez, 1966.
- 43 - MOURA, Clóvis. Os quilombos e a rebelião Negra. 5a ed. São Paulo : Editora Brasil 1981.
- 44 - MELO, José de Campos. Cooperativismo ou controlado. Brasília : OCB, 1985.
- 45 - MOURA, Margarida Maria. Campeonesas. Rio de Janeiro : Serviço Social Rural, 1958
- 46 - OCB. Ação, atuação e desafios. Desafios. Brasília : OCB, 1988
- 47 - ———. Cooperativismo no Brasil. Brasília : ASSOCEP, 1987.
- 48 - ———. A caminho da Auto-Gestão. Curitiba : Ocepar, 1991.
- 49 - OLIVEIRA, Carlos Claro. Cooperativas de Produção Agropecuária e cooperativismo. Rio de Janeiro : Dissertação. FGV. 19.1982
- 50 - PENTEADO, Marcílio C. A Reforma Agrária. São Paulo : Revista da Sociedade Rural, Brasileira 1958.
- 51 - PERIUS, Virgílio. Problemas estruturais do cooperativismo. Porto Alegre : Cia. Riograndense de Artes Gráficas, 1983.
- 52 - PETRONE, Maria Thereza Schorer. O imigrante e a pequena propriedade. 2a ed. São Paulo : Editora Brasil, 1982.
- 53 - PARANÁ, Sebastião. Chorographia do Paraná. Descrição da Viagem às Sete Quedas. Curitiba : Typografia da Livra Econômica, 1899.
- 54 - PINHO, Diva B. Administração de cooperativas. São Paulo : CNPQ, 1982.
- 55 - ———. Economia e cooperativismo. São Paulo : Edições Saraiva, 1977.
- 56 - ———. A situação atual do cooperativismo no Brasil. São Paulo : DAC, 1965
- 57 - PINHO, Ruy Rabeloo & NASCIMENTO, Mauri M. Instituição de direito público e Privado. São Paulo : Atlas, 1958.
- 58 - REGO, José de Jesus Moraes. Cooperativismo Nacional. São Paulo : BSA, 1979.
- 59 - SANTOS, José Vicente Tavares dos. Os colonos do vinho. São Paulo : Editora Hucitec, 1984.
- 60 - SANTOS, Manuel Luiz dos e outros. Regradação ambiental do Extermo-Oeste do Paraná. Brasília : Ministério da Agricultura, 1982.
- 61 - SCHNEIDER, José Odelfo & LAUSCHNER, Roque. Cooperativismo no Brasil. Enfoques, Análises e Contribuições. Curitiba : ASSOCEP, 1979.

- 62 - SCHILLING, Kurt. História das Idéias Sociais. Rio de Janeiro : Zahar, 1974.
- 63 - SCHUMACHER, C. F. O negócio é ser pequeno. Rio de Janeiro : Zahar, 1981.
- 64 - SILVA, José Graziano de. A modernização dolorosa. Rio de Janeiro : Zahar, 1982.
- 65 - SILVEIRA NETO. Do Guairá aos Saltos de Louassu. São Paulo : Cia. Editora Nacional, 1939.
- 66 - SIMONSEN, Roberto. História Econômica do Brasil. São Paulo : Cia Editora Nacional, 1978.
- 67 - SODRÉ, Nelson W. A coluna Prestes. São Paulo : Edição Civilização Brasileira, 1980.
- 68 - SILVA, Hélio. História da República Brasileira. 6o vol. Começa a Revolução: 1923-1926. São Paulo : Milssi Editora, 1975.
- 69 - SOUZA, João Gonçalves de. Reforma Agrária. São Paulo : Observador Econômico e financeiro. N.º 248, 1956.
- 70 - SAVOROVA, M & ROMANOV, B. ABC dos conhecimentos sociais e políticos. Que é propriedade. Rio de Janeiro : Zahar, 1982.
- 71 - UNIOESTE: Descrição do Oeste do Paraná. Marechal Cândido Rondon : Mimeografado, s.d.
- 72 - VANDERLINDE, Tarcísio. A dinâmica do Capitalismo do município de Marechal Cândido Rondon e suas conseqüências no uso do solo. Marechal Cândido Rondon : Monografia, FAFIG, s.d.
- 73 - VEJA. As cooperativas Mostram sua força. São Paulo : Editora Abril, 1991.
- 74 - ———. Do Paraná. Os segredos das cooperativas. Curitiba : Editora Abril, 1991.
- 75 - VINHAS, M. Problema Agrário. Camponeses do Brasil. São Paulo : Zahar, 1972.
- 76 - WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalismo Histórico. Rio de Janeiro : Zahar 1972.
- 77 - WESPHALEN, Cecília M. História documental do Paraná. Curitiba : SBTH, 1987.